

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ROSSANA MARTINS FURTADO LEITE

(FURTADO, R.)

DIÁLOGOS DO COTIDIANO NAS REDES SOCIAIS:
A LIQUIDEZ DISCURSIVA NOS MEMES

VITÓRIA

2019

ROSSANA MARTINS FURTADO LEITE

DIÁLOGOS DO COTIDIANO NAS REDES SOCIAIS: A LIQUIDEZ
DISCURSIVA NOS MEMES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Linguística, na linha de pesquisa de Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F992d Furtado, Rossana Martins, 1975-
Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: : a liquidez discursiva nos memes / Rossana Martins Furtado. - 2019. 219 f. : il.

Orientador: Luciano Novaes Vidon.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Redes sociais on-line. 3. Diálogos. 4. Cotidiano. 5. Filosofia. 6. Análise do Discurso. I. Vidon, Luciano Novaes. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80|

Rossana Martins Leite Furtado

DIÁLOGOS DO COTIDIANO NAS REDES SOCIAIS: A LIQUIDEZ DISCURSIVA NOS MEMES

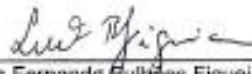
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 14 de junho de 2019.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Lúcio Novaes Vidon (UFES)
Orientador e Presidente da Comissão



Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)
Examinador Interno



Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Examinador Interno



Profa. Dra. Michele Freire Schiffler (PPCL/UFES)

Examinadora Externa



Profa. Dra. Simone de Jesus Padilha (UFMT)
Examinadora Externa



Melhores do Twitter

Aug 2 at 19:09 • 🌐

LIKE PAGE



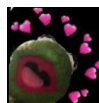
Paula Napolião
@paulanapoliao



eu odeio que absolutamente tudo em pesquisa acadêmica tu tem que justificar. eu escolhi esse tema porque eu QUIS, anjo. é relevante porque eu GOSTO. a metodologia foi a que DEU pra fazer.

Estas páginas de estudo e reflexão são dedicadas à minha filha maravilhosa, que, não somente me inspirou, mas me deu aulas e aulas sobre memes. Laura, a minha

doutora em memes.



AGRADECIMENTOS

Papai do Céu e amigos do plano espiritual, obrigado por estarem sempre comigo!

Vidon, você é mais que um orientador maravilhoso, é uma pessoa maravilhosa. Obrigada por ter me orientado nessa jornada e ter acreditado em minhas ideias muitas vezes malucas. Sem o seu discernimento e acolhimento, nada disso estaria sendo concluído. Você é o cara!!!

Amiga Geysa, nossas conversas regadas a vinho e queijos foram muito inspiradoras e divertidas. Seu apoio me pondo pra cima sempre foi muito importante. Você é a cara!!!
kkkk

Papai e Augusto, amo muito vocês!

Família de sangue e família Soprani, vocês são a luz da minha vida!

Renato, obrigado pelo seu apoio e carinho sempre. O brilho nos seus olhos quando falava para as pessoas com o maior orgulho “Ela está fazendo doutorado na UFES.” me enchia de inspiração.

Dan (ou, para a academia, Prof. Daniel Ferraz), valeu cada conversa que tivemos, acadêmica ou não. Você é uma fonte de inspiração e modelo de pessoa e professor para mim. Sua generosidade é do tamanho do mundo!!!!


Luís Fernando Bulhões, pelas suas maravilhosas discussões que muito me engrandeceram desde o mestrado. Você é parte de mais essa vitória!

Michele Schiffler, ou Mi, valeu por ter me “aturado” todo esse tempo de doutorado e ter me socorrido cada vez que eu pedi um heeeeeeeelp. A sua sabedoria é proporcional ao seu imenso coração. Linda!!

Simone Padilha, a mais nova integrante da patotinha! Obrigada pelos maravilhosos conselhos para a tese e por todo conhecimento compartilhado conosco no Gebakh. Suas falas engrandeceram minhas reflexões.

Jú (ou Prof. Dr. Júlia Almeida), por ter me dado a mão e caminhado comigo nos meus primeiros passos acadêmicos no mestrado. Orientadora é para sempre!!!

Isadora, eu te adotei e é pra sempre!! Obrigada por compartilhar sua vida comigo e com

Laurinha!!! 

Pessoas lindas do Gebakh, obrigada por terem aturado meu falatório nos encontros do grupo e no Zap: eu sempre colocava meme no meio! kkkk

Kaká e Zi, minhas amigas lindas, irmãs, que estão sempre do meu lado para tudo!

Ivan, querido, foi massa todas as conversas sobre a tese. Usufruir do seu conhecimento me fez crescer academicamente e sua companhia, como pessoa!

Amigos de estrada (os doutorandos), obrigada por cada ajuda no nosso grupo de Zap e pelas conversas desabafadoras que tivemos.

Queridos “sobrinhos” emprestados, os amigos da Laurinha, vocês me ajudaram muuuuuuuuuuuuuito com os memes!! Vlw!

Google, obrigada por me salvar sempre!!!!

E a mim, por ter tido a coragem e a dedicação! kkkk

RESUMO

Os diálogos do cotidiano, assim como o riso, se mostram um importante campo a ser estudado conforme orientações encontradas em diversas obras do Círculo de Bakhtin. Coadunando com esse direcionamento, este trabalho visa a pesquisar como as conversas do dia a dia, principalmente as que ocorrem através dos memes, se organizam no plurilinguismo dialogizado acentuado pelas redes sociais invocando ao riso. Em tempos de Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001) e de espetacularização (DEBORD, 1967), os discursos do cotidiano preenchem rapidamente vários espaços, tomam formas variadas nas mídias e nas redes sociais, tempo e espaço parecem não intimidá-los alcançando quase todos os lugares. Tão rapidamente como surgem, também se esvaem e dão espaço para outros discursos, numa dinâmica híbrida e plurilíngue, que proponho chamar de liquidez discursiva. Elegi os memes como atores de cenas sociais cotidianas, lembrando sempre que há a relativa estabilidade dos gêneros, como propõe Bakhtin (2006). O humor é *sine qua non* para o acontecimento dos memes; e a carnavalização e a paródia são contempladas como características da maioria desses discursos. Importante ponto também, é a questão de como as ideologias do cotidiano agem nos embates do dia a dia, de modo a refletir, refratar, chegando até a implodir a ideologia formal (VOLÓCHINOV, 2013, 2017; BAKHTIN, 2017a). Tomando o discurso como acontecimento, num movimento heterocientífico (BAKHTIN, 2006, 1998; GERALDI, 2012; VOLÓCHINOV, 2013), no meu ato responsável e sem alibi no ser, faço uma incursão na filosofia marxista da linguagem sob o viés do Círculo de Bakhtin, de modo que se torne a base de minhas reflexões. Num movimento dialético, discuto as teorias do Círculo Bakhtiniano ao mesmo tempo em que trago exemplos que demonstrem o que está sendo posto. O dialogismo aparece como mister quando estudamos os discursos, aqui considerados no acontecimento das interações singulares intersubjetivas. O diálogo com a Análise do Discurso Francesa pecheutiana (PÊCHEUX, 1997, 2000, 2015) também se faz presente, mesmo que modestamente, de modo a contribuir com a ideia de discurso como acontecimento e nas questões da ideologia como cerne das práticas sociais. A escolha metodológica é a qualitativa/interpretativa com a qual me proponho refletir dialogicamente a partir de dados extraídos do meu *corpus*, os memes; e a textualização da tese é construída articulando teoria e análise. O que percebi, salvo as devidas proporções, é que as redes sociais parecem permitir que uma segunda vida, não-oficial (BAKHTIN, 2013), pode ser vivida na praça pública contemporânea, aqui considerada as redes sociais. O gênero meme tem características muito peculiares devido à variedade de formas nas quais ele pode se materializar, a partir de diferentes projetos de dizer. Nesta pesquisa pudemos ver quão importantes são os diálogos do cotidiano para a organização tanto da base quanto da superestrutura, uma vez que eles são os alicerces da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogos do Cotidiano; Liquidez Discursiva; Meme; Ideologia do Cotidiano; Carnavalização, .

ABSTRACT

Daily dialogues, as well as laughter, are an important field to study according to the orientations found in several works of the Bakhtin Circle. In line with this direction, this work aims to investigate how everyday conversations, especially those that occur through memes, are organized into dialogized plurilingualism accentuated by social networks invoking laughter. In times of Liquid Modernity (BAUMAN, 2001) and 'spectacularization' (DEBORD, 1967), everyday discourses quickly fill various spaces, take various forms in media and social networks, and time and space seem not to intimidate them by reaching almost all places. As quickly as they arise, they also fade and make room for other discourses, in a hybrid and plurilingual dynamic, which I advocate calling 'discursive liquidity'. I chose memes as actors in everyday social scenes, always remembering that there is relative stability of genres, as proposed by Bakhtin (2006). Humor is *sine qua non* for the event of memes; and carnivalization and parody are contemplated as characteristics of most of these discourses. An important point, too, is the question of how everyday ideologies act in everyday clashes to reflect, refract, and even implode formal ideology (VOLÓCHINOV, 2013, 2017; BAKHTIN, 2017a). Taking discourse as an event in a heteroscientific movement (BAKHTIN, 2006, 1998; GERALDI, 2012; VOLÓCHINOV, 2013), in my responsible act and without alibi in being, I make an incursion into Marxist philosophy of language under the Bakhtin Circle, so that it becomes the basis of my reflections. In a dialectical movement, I discuss Bakhtinian Circle theories while bringing examples that demonstrate what is being posed. Dialogism seems to be essential when we study the discourses, considered here in the event of singular intersubjective interactions. The dialogue with the Pecheutian French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1997, 2000, 2015) is also present, although modestly, in order to contribute to the idea of discourse as an event and the questions of ideology as the core of social practices. The methodological choice here is the qualitative/interpretative one with which I promote reflecting dialogically from data extracted from my corpus, the memes; and the textualization of the thesis is constructed by articulating theory and analysis. What I realized, except for the right proportions, is that social networks seem to allow an unofficial second life (BAKHTIN, 2013) to be lived in the contemporary 'public square', here considered social networks. Meme genre has very peculiar characteristics due to the variety of ways in which it can materialize from different projects of saying. In this research we could see how important everyday dialogues are for the organization of both the base and superstructure, since they are the foundations of society.

KEYWORDS: Daily Dialogues; Discursive Liquidity; Meme; Daily Ideology; Carnivalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Start to care.....	16
Figura 2 – Que absurdo!.....	23
Figura 3 – Isso não é de Deus!.....	29
Figura 4 – Demérito do presidente.....	35
Figura 5 – Trenzinho Carreta Furacão.....	36
Figura 6 – NASA – Fora/Bora Dilma.....	37
Figura 7 – Mas Marx?!.....	40
Figura 8 – E-mail amigável.....	48
Figura 9 – Zap descontraído.....	48
Figura 10 – Ata.....	52
Figura 11 – Conversa mãe e filha.....	53
Figura 12 – Homem-Aranha refletindo.....	54
Figura 13 – Abajur cor de carne.....	58
Figura 14 – Ted no banho.....	61
Figura 15 – Os mal-entendidos.....	66
Figura 16 – Mãe e filha Blz.....	68
Figura 17 – Bom dia, Lula!.....	70
Figura 18 – Língua presa.....	70
Figura 19 – Subversão.....	84
Figura 20 – Obama focado.....	97
Figura 21 – Bauman Reclamão.....	97
Figura 22 – Educação líquida.....	103
Figura 23 – Bakhtin na rede.....	106
Figura 24 – Todo dia um meme diferente.....	109
Figura 25 - Universidade Federal de Memes.....	109
Figura 26 – Memes históricos.....	110
Figura 27 – Bolt feliz.....	114
Figura 28 – Medalhas consoladoras.....	114
Figura 29 – Seleção da moda.....	114
Figura 30 – Perna longa vai na fé.....	118
Figura 31 – Mensagem de bom dia.....	124

Figura 32 – Meme RuPaul.....	124
Figura 33 – Tô dentro!.....	127
Figura 34 – Os macaquinhos.....	133
Figura 35 – Laranja 1.....	135
Figura 36 – Laranja 2.....	135
Figura 37 – Laranja 3.....	136
Figura 38 – Laranja 4.....	136
Figura 39 – Doutorandos antenados.....	139
Figura 40 – Julhinho da van: Posso falar?.....	141
Figura 41 – Got excited.....	146
Figura 42 – Quem você pensa que é?.....	146
Figura 43 – Rindo de nervoso.....	149
Figura 44 – Mal-estar.....	150
Figura 45 – Trancando os incomodados.....	151
Figura 46 – Temer emburrado.....	152
Figura 47 – Menino do Mimimi.....	154
Figura 48 – Mimimi come e dorme.....	155
Figura 49 – Quanto mimi.....	155
Figura 50 – Temer mimimi.....	157
Figura 51 – Bela Gil natureba.....	159
Figura 52 – Ixi Neymar.....	161
Figura 53 – Sou 100% Jesus	161
Figura 54 – Foto de perfil Face.....	161
Figura 55 – Rossana assustada.....	162
Figura 56 – Oh yeah.....	163
Figura 57 – Lula Blz.....	168
Figura 58 – Pai Ciro.....	168
Figura 59 – Chaves encurralado.....	170
Figura 60 – Willy egoísta.....	170
Figura 61 – Cuidado com o hetero.....	173
Figura 62 – Arco-íris sorridente.....	173
Figura 63 – Feliciano esquecido.....	174

Figura 64 – Moda curagay.....	175
Figura 65 – Pau no cú.....	176
Figura 66 – Jean Willys homofóbico.....	178
Figura 67 – Saio muito!.....	179
Figura 68 – Manota.....	181
Figura 69 – Melhor não!.....	181
Figura 70 – Jim Carry irônico.....	181
Figura 71 – Kiko nervoso.....	182
Figura 72 – Riso sarcástico.....	183
Figura 73 – Camisa de força pra Ministra.....	184
Figura 74 – Põe louca nisso!.....	184
Figura 75 – E agora?.....	185
Figura 76 – Cabeça bolsovazia.....	188
Figura 77 – Keep calm o cacete!.....	194
Figura 78 – Keep Calm.....	194
Figura 79 – Primeiramente.....	198
Figura 80 – Golpe sincronizado.....	200
Figura 81 – Hããããããã?!.....	205
Figura 82 – Empoderada.....	209
Figura 83 – Tati Quebra Barraco em: Bate palma?.....	213

SUMÁRIO

ABRINDO AS CORTINAS DO ATO RESPONSÁVEL	16
CAPÍTULO 1: DIALOGANDO COM O CÍRCULO	29
1.1 Heterociência: muito além de uma metodologia, uma concepção	30
1.2 A filosofia marxista da linguagem sob as lentes bakhtinianas: que lugar é esse?..	40
1.3 Língua/linguagem/enunciado/discurso: as relações dialógicas	54
1.3.1 A significação e os sentidos	66
1.3.2 A subjetividade e a produção de sentido	75
1.4 Ideologia e as ideologias	84
1.4.1 Ideologia: que palavra é essa?	86
CAPÍTULO 2: A SOCIEDADE LÍQUIDA E SEUS NOVOS GÊNEROS DO DISCURSO	96
2.1 A Modernidade Líquida como contexto sociológico.....	97
2.2 A nova cultura discursiva advinda das redes sociais: a liquidez discursiva	106
2.3 Vamos falar de gêneros?	115
2.3.1 Um passeio pelo assunto	116
2.3.2 Os gêneros: o discurso como acontecimento social	118
2.4 A linguagem do cotidiano nas redes sociais: o diálogo do dia a dia mediatizado pelas tecnologias	127
2.5 O que estão falando sobre os memes?	141
CAPÍTULO 3: A QUESTÃO DOS MEMES E SUAS ESPECIFICIDADES DISCURSIVAS	146
3.1 O meu ato responsável de falar sobre os memes sob uma visão de discurso como acontecimento	146

3.2 Os memes e a espetacularização	163
3.3 Os memes refletindo e refratando as ideologias do cotidiano	169
3.4 O riso como prática social libertadora	179
3.5 Agora vamos carnavalizar: paródia e carnavalização nos memes	189
(In)conclusão.....	205
Referências.....	214

ABRINDO AS CORTINAS DO ATO RESPONSÁVEL



Figura 1 – Start to care

(eu deixo você saber quando eu começar a me importar)

Coloco-me aqui, do lugar da responsabilidade sem álibi do meu ato de ser pesquisadora, sabendo que o que está escrito nesta tese é de minha responsabilidade, é o meu existir-evento, a minha vivência e a minha convivência do meu lugar singular e sem álibi. A minha verdade singular, apoiada pelos diálogos constantes com meu orientador, é que será exposta nestas páginas a partir de minhas experiências singulares com toda a bibliografia lida, com toda a verdade singular que foi me apresentada em cada obra do Círculo de Bakhtin¹ e dos demais autores que são citados nesta pesquisa, e, também, a partir das minhas experiências singulares com meus pares, com meu orientador, com meus colegas, meus alunos e meus amigos. Enfim, tudo que está aqui escrito leva a minha assinatura que confessa minha responsabilidade no meu existir-evento doutorado sem álibi no meu ser.

Meus leitores encontrarão aqui três vozes verbais: a primeira pessoa do singular quando eu assumo inteiramente o que estou escrevendo e constatando algo a partir do

¹ O Círculo de Bakhtin situa-se no contexto da episteme soviética, especialmente nas décadas de 20 e 30 do século 20. Inicialmente, não podemos falar do Círculo sem mencionar a importância da amizade entre seus membros (Bakhtin, Volochínov e Medvedev, entre outros não menos importantes) e seus escritos teórico-filosóficos, às vezes construídos a mais de duas mãos e, alguns, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos, como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo (PAULA, L., 2013).

meu ato singular subjetivo² e responsável, sem álibi – compondo a minha estética; a primeira pessoa do plural, quando me refiro ao que eu e meu orientador pensamos juntos sobre as considerações postas nesta tese e, também, quando me refiro à sociedade em geral, ao ‘nós’ enquanto sujeitos conviventes em um grande grupo e que compartilham de uma mesma vivência e convivência social, do existir-evento dos sujeitos sócio-históricos e ideológicos que somos – do mundo da ética; e a terceira do singular ao me referir às teorias, àquilo que assume um lugar mais objetivo – que se encontra no campo do conhecimento. A quebra das rusgas do politicamente correto na academia já será percebida nesta introdução, que não segue uma ordem formal de apresentação dos Capítulos, mas vai sendo construída de maneira fluida, deixando desaguar a minha subjetividade, com meu estilo, meu conteúdo e minha forma composicional, minha arquitetônica. É o gênero tese sendo construído no âmago do relativamente estável.

O caminho pelo qual desenvolvo meu trabalho é baseado na heterociência (BAKHTIN, 2006), através da qual assumo meu ato responsável de me misturar com meu objeto de pesquisa, cognoscente e cognoscível, numa relação mútua de envolvimento, como será explicitado no Capítulo 1. Assim, escolhemos, eu e meu orientador Luciano Vidon, imbricar teoria e análise na textualização deste trabalho: à medida que levanto as questões teóricas, vou trazendo exemplos que as ilustram de modo a tentar sair do teorismo puro e trazer para a conversa fatos e diálogos que justifiquem o que estou dizendo. Uma maneira bem bakhtiniana de ser. Acredito que esta escolha favoreça uma leitura que dialogue mais com meus interlocutores, permitindo que eu demonstre o meu olhar sobre a visão do Círculo e de outros teóricos de forma mais concreta, facilitando a compreensão. Tento, assim escapar da análise como descrição e me voltar para a análise como interpretação (PÊCHEUX, 2015).

Com essa escolha, de não termos um capítulo exclusivo de análise, esclareço meus leitores que elas vão sendo construídas de modo a exemplificar e aplicar a teoria de cada item; então, não gostaria de que meus leitores tivessem uma percepção de que uma análise é menos completa do que a outra, pois cada uma vai depender da discussão teórica daquele momento; e ainda, seguindo a ideia de Bakhtin (1998) de que o leitor completa a

² Esclareço que mesmo a subjetividade singular de cada sujeito é relativa, uma vez que ninguém pode ser puxado pelos próprios cabelos – como o Barão de Munchausen – e viver isolado. Toda subjetividade é construída nas relações de alteridade com o outro, na arquitetônica da vida e na exotopia.

obra com seu olhar e sua singularidade, tentei fugir da obviedade, da repetição desnecessária, indo direto ao ponto. Espero que vocês, num movimento dialógico, elevem minhas análises com seus conhecimentos e com a sua ética. A estética da obra só pode ser contemplada a partir do olhar do outro, que retorna a mim por intermédio da responsividade e me renova, num ato de alteridade contínua.

Quero deixar claro que esta tese não é sobre memes³ exclusivamente, é sobre o discurso como prática social, como acontecimento, como ato responsável e sem álibi, ponto chave do *ser* humano. Principalmente e acima de tudo é sobre os diálogos do cotidiano mediatizados pelas redes sociais. Aqueles que usamos todo o tempo em nossas interações informais, soltas, relaxadas, por assim dizer. Esta escolha vem de uma tentativa de valorizar esses discursos, muitas vezes abandonados pelos “analistas do discurso” que preferem escolher *corpora* mais institucionalizados (midiático, jornalístico, publicista) ou sobre discursos das minorias (como o do movimento negro, o feminista, o do LGBTQIA++⁴ entre outros) – e isto não é um julgamento, apenas uma consideração. Esta desvalorização dos discursos do cotidiano e a importância de estudá-los sob uma ótica discursiva e dialógica está sinalizada em quase todas as obras do Círculo de Bakhtin. O riso popular e suas formas, outro campo que trago nesta tese, também é apontado por Bakhtin (2013, p. 3) como um campo que necessita de mais atenção e estudos quando se fala em criação popular.

Mas quem disse que questões sérias de cunho social, político e econômico não habitam os diálogos do cotidiano? Com isso, o que me proponho a fazer é aproveitar a escolha do *corpus* para trazer à tona discussões que se instalam em nossa sociedade e que precisam ser discutidas. Nada é em vão, tudo é uma questão de ótica, de posicionamento ideológico.

Digo, então, que esta é uma tese que fala sobre os memes sobre o ponto de vista de que, para além de serem “atores de cenas sociais”, eles são réplicas dialogais da

³ Aproveito para esclarecer que quando não houver a fonte do meme analisado é porque pertence ao meu acervo pessoal.

⁴ Hoje já não podemos nos prender ao binarismo heterossexual x homossexual, pois há um grande espectro de orientações sexuais. A sigla que antes era GLS (gays, lésbicas e simpatizantes, hoje, de acordo com o site da USP Diversidade, já abrange Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais (LGBTQIA+) e eu acrescentei o sinal de + devido a outras possibilidades, como os não binários. Fonte: <http://prceu.usp.br/uspdiversidade/LGBTQIA+/o-que-e-LGBTQIA+/>.

comunicação cotidiana e que possuem a ironia como ponto crucial. Defendo a ideia de que essa é uma realidade a ser considerada e respeitada. Essa esfera da comunicação tão importante acaba por ficar subjugada nos estudos de analistas do discurso, conforme veremos no Capítulo 3. Como salienta Volochínov (2013), para se estudar o discurso na arte é preciso antes estudar o discurso na vida. Desejo, então, voltar meus olhos para os diálogos do cotidiano que são estabelecidos nas redes sociais, e promovo o meme como o exemplo deste fenômeno, pois percebi, no meu caminho investigativo, que não seria prudente me debruçar exclusivamente sobre um fenômeno discursivo quando ele ainda se encontra em estado de ebulição. Portanto, não esperem encontrar aqui categorias de análise de memes; que memes são isso ou são aquilo e pronto. Já adianto aos meus interlocutores que eles são de tudo um pouco e um pouco de tudo; que são acontecimentos discursivos espetacularizados na roda dialógica das conversas do cotidiano, mediadas ou não pela internet. SIM! Os memes hoje já fazem parte da oralidade, e a maioria dos pesquisadores que elegem os memes como objeto de estudo desprezam essa forma composicional. Os memes já transbordaram da rede virtual para a interação face a face, numa enxurrada impulsionada pela liquidez discursiva, como falarei no Capítulo 2.

A internet é vista por mim como um império no sentido de que ela exerce um papel extremamente importante nas práticas sociais da modernidade líquida⁵. A expressão *império da internet* é cunhada não sob um ponto de vista autoritário e arrogante, mas sob a condição de alcance ao pensar que uma grande quantidade das pessoas hoje tem na internet um lugar de agir, de se conectar com o mundo e de realizar muitos de seus afazeres neste espaço que tende para hegemonia, refletindo práticas sociais e discursivas dominantes; mas que também oferece espaço para as práticas não-hegemônicas oferecendo inúmeras possibilidades de reação à ideologia oficial/dominante. Assim, quando digo *império da internet*, é esse o sentido que lhe atribuo.

Explico a vocês, meus leitores ativos e responsivos, a forma como eu e meu orientador estamos entendendo a questão da ideologia: apesar de, nas obras do Círculo, nos depararmos com vários adjetivos (formal, enformada, dominante, constitutiva, oficial, entre outras), nós desenvolvemos o seguinte pensamento: A Oficial que provém

⁵ Hoje temos 47% da população mundial com acesso à internet, o que duplicou desde dez anos atrás. O que demonstra um altíssimo crescimento do uso dessa tecnologia. Fonte: <<https://www.tracto.com.br/quantas-pessoas-tem-acesso-a-internet-no-mundo/>> acessado em 03/07/2019.

das instituições do Estado Democrático de Direito⁶ (se é que podemos falar em democracia hoje, mas vá lá). Esta é a ideologia que conta nos documentos oficiais, como a Constituição Brasileira. Só que, nem sempre, a ideologia dominante coincide com a oficial, por exemplo, na Constituição diz que:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

E não é isso que vemos na prática, principalmente em tempos de extrema direita. Assim, a ideologia dominante em relação aos direitos humanos, por exemplo, na questão de promover o bem sem PRECONCEITO DE ORIGEM, RAÇA, SEXO, COR não é a que estamos vivenciando, na maioria das práticas sociais o que vemos é uma postura preconceituosa. Nesses casos, então, podemos ver que a ideologia dominante contraria a oficial: geralmente, a dominante é aquela que se coloca a favor de quem está no poder e seus seguidores que pode ou não coincidir com a oficial. Assim, assumo colocar em vários pontos da minha discussão, ideologia oficial/dominante de forma a ser mais abrangente. E, para além dessas duas, temos as ideologias do cotidiano, aquelas das relações do dia a dia, como será explicado *a posteriori*.

No Capítulo 1, exponho a teoria sobre discurso cunhada pelo Círculo de Bakhtin. Busco marcar o lugar de onde falo, a Teoria Marxista da Linguagem sob o viés do Círculo, com suas especificidades⁷. Para tal, proponho uma retomada de como essa teoria se

⁶ Aqui explicitamos numa democracia, mas não podemos esquecer que em países autoritários também têm a ideologia oficial.

⁷ A “teoria” bakhtiniana, como um todo, não é apenas uma teoria marxista. Os trabalhos de Volochínov, de Medviédev, ao que tudo indica em sua totalidade, e, em parte, os trabalhos de Bakhtin têm uma base materialista histórico-dialética (aqui incluiríamos Marx, Engels, Jakubinskij, entre outros). No entanto, há uma outra base epistemológica, especialmente nos trabalhos de Bakhtin. Essa base é difícil de compreender, porque ela dialoga com filósofos como Heidegger, Husserl, Nietzsche, o próprio Kant e os neokantianos. Portanto, há um certo diálogo tenso no interior do pensamento do círculo entre o materialismo histórico-dialético e uma episteme idealista, como discute o Prof. Craig Brandist (2012b).

apresenta na Rússia no início do século XX e quais são suas intenções ao se contrapor com as tendências do estudo da linguagem à época. Depois, num movimento axiológico de idas e vindas, no acontecimento do meu discurso, e na incompletude do meu ato, reflito sobre o que vem a ser essa teoria com os seus pormenores. Após as minhas leituras, percebi que o dialogismo sempre vem à tona. Ele é a espinha dorsal da Filosofia da Linguagem nos dada pelo Círculo.

Ponto crucial é que somos constituídos pela linguagem em todos os átomos do nosso corpo, em todos os segundos de nossas vidas. Fazer uma tese sobre o discurso de maneira ampla seria tentar atingir o inatingível, superar o insuperável, completar a incompletude. Por isso, elegi falar sobre os discursos do cotidiano, campo de estudos muito exaltado pelo Círculo em suas obras. A todo momento nos deparamos com passagens em que seus teóricos nos dizem da importância desse tipo de interação, uma vez que é ela que dá base para os discursos das esferas mais formais (gêneros primários como fonte dos gêneros secundários). Os discursos do cotidiano são o poço que fornece a água vital para todos os campos da atividade humana.

Tanto é que o Círculo propõe chamar a ideologia que floresce e se movimenta nas interações subjetivas do dia a dia como “ideologia do cotidiano”, que Bezerra (2017), de maneira muito interessante coloca como *uma sutil modalidade de ideologia*, e acaba por se desmembrar em ideologia interior e exterior, que pode ou não coincidir com e das ideologias oficiais e dominantes. É essa ideologia, vivida no cotidiano pelos sujeitos concretos, que alimenta a ideologia oficial/dominante, e no aflorar de suas contradições, pode implodir essa ideologia.

Assim, percebo que a linguagem cotidiana e suas nuances na vida real e na vida virtual carregam consigo as ideologias do cotidiano, que são o adubo que fornece os nutrientes para os sistemas ideológicos formados, os quais, inversamente, exercem uma força excepcional na ideologia cotidiana. É uma mútua influência que acaba por instituir e ordenar a vida socioeconômica de uma dada sociedade, como defendo no Capítulo 3.

A linguagem do dia a dia é um reflexo do plurilinguismo que ressoa nas diversas camadas da sociedade – aqui pensando, como Bakhtin, que dentro de uma mesma língua nacional há várias línguas (plurilinguismo). Em cada época, a linguagem vem carregada de seus acentos e visões de mundo. Através da palavra que é enunciada nos diálogos do cotidiano, podemos sentir as mudanças na vida verboideológica seja da sociedade como um todo, seja de grupos sociais específicos. O discurso é um fenômeno social e assim

precisa ser considerado em sua vivacidade, nas diversas esferas em que circula. Quando vamos pensar sobre o plurilinguismo que ecoa nas interações virtuais, como mostro no Capítulo 2, não podemos perder de vista as práticas sociais que a envolvem, “especialmente por causa das constantes mudanças, do aprendizado contínuo e da fluidez dos textos” (BARTON & LEE, 2015, p. 25).

Me proponho a dialogar, principalmente, sobre os discursos do cotidiano que circulam nas redes sociais virtuais e que pertencem à ideologia do cotidiano, mais precisamente os pertencentes à vida não-oficial⁸, com um recorte mais voltado para os memes, mesmo sabendo que há toda uma gama de conversas nas redes sociais que se encontram na vida oficial, como os tuítes de jornalistas consagrados, de políticos, de pesquisadores, páginas oficiais no Facebook, Twitter, Instagram⁹, entre outros. O foco na vida não-oficial se deu em função de querer discutir como a linguagem é regida pelas forças centrípetas que tendem a estabelecer uma língua nacional única, em favor da elite simbólica dominante, mas, em contrapartida, há uma forte pressão das forças centrífugas que esparramam novas formas de dizer em cada época e cada grupo social.

Apesar de os gêneros de discursos sempre terem sido inovados pelas práticas sociais e motivados pelas necessidades de cada época, a internet fomenta uma intensa desestabilização dos gêneros circulantes e uma aceleração na criação de novos gêneros, refletindo e refratando a organização social que se instala na Modernidade Líquida, como discuto no Capítulo 2. Fato é que hoje podemos perceber, principalmente nas redes sociais virtuais, uma nova cultura discursiva que se baseia na liquidez para ganhar forma (e para mudar de forma), se esparramando pelo *cronotopo*¹⁰ *desordenado* – uma vez que o tempo e o espaço na internet não se atém a uma ordem sequenciada, permitindo que os interlocutores interajam de forma “desorganizada” no tempo e no espaço das redes sociais, sendo os memes um grande exemplo desta nova forma de dizer, de se portar discursivamente frente às novidades e às facilidades que as redes sociais proporcionam. Com seus enunciados parodiados, carnavalizados, ironizados, e espetacularizados, os

⁸ A opção pela hifenização foi para ser coerente com a obra de Bakhtin: A Cultura na Idade Média e no Renascimento.

⁹ Optamos por usar os nomes das redes sociais e de palavras em inglês que se referem à vida virtual sem o itálico por acreditarmos que essas palavras já se encontram no dia a dia dos brasileiros de forma natural, assim como “e-mail”.

¹⁰ Cronotopo é uma teorização de Bakhtin para se referir ao espaço/tempo.

memes possuem uma dinâmica híbrida que têm no humor, na ironia e na sátira suas bases constitutivas e podem ser considerados como um fenômeno discursivo que inunda as redes sociais e as conversas do cotidiano, fazendo parte da vida verboideológica de grande parte dos sujeitos líquido-modernos, como expressado nesse meme:



Figura 2 - Que absurdo!¹¹

Os memes incluem-se na psicologia social, que, segundo Plekhánov (apud VOLOCHÍNOV (CÍRCULO DE BAKHTIN) 2017, p. 106) “é um elo transitório entre o regime sociopolítico e a ideologia em seu sentido estrito (ciência, arte etc.)” que se realiza sob forma de gêneros que vão refletir e refratar todas as nuances e os fios ideológicos que acompanham a transitoriedade e o caráter mutável da língua. Os gêneros são vivos, como é viva a língua. Não é possível decantar os sujeitos de sua historicidade e de suas ideologias. As condições sociais são determinantes para a concretização dos enunciados em todos os seus estilos, formas e temas. O que trago como episteme então é que, tomando como aceita a liquidez dos tempos modernos (BAUMAN, 2001), também considero que há uma liquidez discursiva, que oferta a base para compreendermos como alguns gêneros se fluidificam num emaranhado de múltiplas possibilidades, relativizando ainda mais sua estabilidade, conforme discuto no Capítulo 2.

As inovações tecnológicas são estopim de mudanças que atingem vários espectros da vida individual e da vida em sociedade ao longo da história. As ferramentas inventadas pelo homem produzem, a seu tempo, uma nova forma de viver, começando pelos martelos

¹¹ Fonte: < <https://ballmemes.com/i/meu-niveldeironiadepende-sempre-do-graudeabsurdo-que-eu-fui-obrigada-aescutar-14129177>> acessado em 11/05/2019.

e lanças na pré-história, passando pelas técnicas de fundição do metal, pela invenção do vidro e da roda, o surgimento da imprensa de Gutenberg, a lâmpada de Thomas Edison, o plástico totalmente sintético de Baekeland, o telefone de Graham Bell que começou a encurtar distâncias, o rádio que oferece lazer e informação, a estreia da televisão no século passado, o computador projetado pelo professor norte americano Howard Aiken durante a Segunda Guerra Mundial, e a internet que começa a ser explorada na década de 80 do século XX.

Todas as invenções (são muitas além das que citamos), sem dúvida, foram revolucionárias, mas não há como negar que, ao nosso olhar, a internet é das que mais impulsionou mudanças tanto em caráter de velocidade como de reestruturação da vida individual, social, política e econômica. A sociedade e, por assim dizer, o sujeito, passa a se organizar em torno das múltiplas tarefas possíveis (re)orientadas com advento da internet: as cartas deram lugar aos e-mails; os trabalhos acadêmicos em grupos agora podem ser feitos através de sites de compartilhamento de arquivos e pelo WhatsApp; as transações bancárias podem ser feitas de qualquer lugar em que se tenha acesso à rede tanto por aplicativo quanto por computador; seus usuários não precisam mais guardarem uma dúvida sobre qualquer assunto, pois os sites de buscas não só substituíram as enciclopédias mas as superaram incomensuravelmente no quesito facilidade e quantidade de informações diferenciadas sobre um mesmo tema; não precisamos mais sair perguntando a pessoas nas ruas para achar um endereço, basta colocar nos aplicativos ligados ao GPS que somos guiados até o lugar de destino. Esses são alguns dos poucos dentro dos incontáveis exemplos das transformações que a internet trouxe (e traz) nas atividades cotidianas, a vida se tornou mais fácil para quem utiliza a internet, mais ágil, enfim, mais tecnológica.

Barton & Lee (2015), ao analisarem as mudanças da era tecnológica digital, refletem como a tecnologia mudou, praticamente, todas as áreas da vida e que cada vez mais as pessoas tratam como normal a tecnologização das atividades cotidianas. Como exemplo, os autores falam sobre as práticas de fotografia, que tiveram uma guinada em seus modos de produção, armazenagem e compartilhamento. Os álbuns com fotografias impressas que faziam parte de encontros de família, de amigos, de colegas de trabalho etc. agora são substituídos por sites de postagens de fotos, como o Instagram e o Facebook, por exemplo.

Há um conflito de gerações que causa uma certa tensão que vai dos mais novos aos mais velhos, por assim dizer. Aqueles que já nasceram imersos nas novas tecnologias com suas múltiplas possibilidades de interação, como as redes sociais, fazem uso delas com mais facilidade. Porém, é visível o esforço das gerações anteriores em frequentarem essas praças públicas da modernidade líquida.

Concordo com Barton & Lee (2015) que a linguagem atua como protagonista nas mudanças contemporâneas, que se identificam principalmente como transformações de comunicação e de construção de sentidos. Se consideramos que somos seres sócio-históricos e ideologicamente marcados, e que é através da linguagem que nos colocamos *na* e *para* a sociedade, como não pensar que toda essa revolução tecnológica catalizadora de uma nova forma de comunicação e interação entre os sujeitos é a desaguadora de uma arquitetura discursiva que remodela as relações interpessoais?

Não dá para fechar os olhos para essa nova cultura discursiva que vem emergindo no século XXI com a institucionalização da internet. Quando a internet se populariza e os aparatos tecnológicos, como smartphones, notebooks, tablets etc. passam a fazer parte do cotidiano das pessoas que se utilizam das redes, um boom de redes sociais eclode transformando sensivelmente a atividade discursiva de vários grupos sociais.

Não só novos gêneros de discurso surgem como também uma nova forma de dizer, mais solta, na qual os enunciadores se sentem livres para dizer o que querem dizer e como querem dizer, principalmente no que tange as ideologias do cotidiano. As regras normativas da língua se esvaem na fluidez das redes sociais. A interação verbal entre os locutores, nos ambientes virtuais mais popularizados e que não exigem o uso formal da língua, maneja a língua sem amarras, quase que brincando com as palavras, como veremos nos memes do “laranjo” no Capítulo 2. Posso dizer, assumindo todos os riscos, que é como se estivéssemos em outro lugar, com uma língua outra, que usa e abusa de abreviações, neologismos, gírias, sinais gráficos, imagens, sons e tudo mais que for útil para que seu discurso dialogue com o interlocutor e, assim, crie uma rede de interação discursiva com regras próprias: é o ápice do plurilinguismo. É a língua como caleidoscópio, se tornando fluida para inundar a vida das pessoas de modo que todos possam se encontrar na liquidez das práticas discursivas das redes sociais.

Também no Capítulo 2, levanto uma discussão que tem atraído muitas pessoas, estudiosos da língua/linguagem ou não: a questão do “internetês”, como tem sido popularmente chamada esta nova linguagem usada na internet, como nos indica Komesu

e Tenani (2009). A grande questão é se ela veio para “destruir” a Língua Portuguesa ou se veio simplesmente como reflexo e refração de um novo modo de uso, que tem seu lugar e seu momento histórico.

Assumo pensar que a liquidez discursiva, termo proposto nesta tese, detalhada no item 2.2, vem da reflexão de que, a partir do século XXI, estamos testemunhando uma nova cultura discursiva em grande parte da sociedade: basta repararmos à nossa volta para constatar que os olhos estão vidrados nos aparelhos celulares; as mãos, em movimentos rápidos pela tela; e um comportamento que parece em estado de hipnose. Mas não podemos colocar neste balaio apenas os jovens protagonistas do século XXI, pessoas de todas as gerações se utilizam dessas ferramentas, seja de maneira contida, seja de maneira desenfreada. Fato é que hoje podemos perceber essa nova cultura discursiva que se baseia na liquidez para ganhar forma. Elencarei aqui algumas de suas características, o que não quer dizer que essa seja a ordem de importância e que sejam apenas essas. Também temos que considerar que estamos nos referindo à parcela da população mundial que tem acesso à internet.

Primeiro posso citar a quantidade de discursos que são produzidos por minuto, ou melhor, por segundo nas redes sociais. Acompanhar o que acontece ao nosso redor e no mundo parece estar cada vez mais difícil, não por que não temos a informação, muitíssimo pelo contrário, temos informações demais e não conseguimos dar conta de ler todos os enunciados aos quais podemos ter acesso; estamos numa enchente discursiva e tentamos nos apoiar para não sermos levados por ela; muitos sujeitos passam horas a fio mergulhados nas redes sociais e na internet de modo geral. Nenhum momento de espera se torna um martírio caso se tenha um *smartphone* conectado à internet.

Segundo, o altíssimo nível de interação. As pessoas estão interagindo mais, até aqueles cuja timidez os afastava do convívio social participam ativamente nas redes sociais virtuais. Isto é provado se pensarmos, por exemplo, nos grupos de WhatsApp: várias pessoas têm a possibilidade de conversarem umas com as outras a qualquer momento de forma individual ou coletiva e colaborativa: com um celular na mão conectado a uma rede de internet, pode-se interagir com várias pessoas e com vários grupos, inclusive ao mesmo tempo. Fazendo um trocadilho com o jargão do cinema novo: basta um celular na mão e uma conexão com a internet.

Terceiro, a interação verbal via redes sociais está fazendo surgir uma linguagem característica deste meio: além do vulgarmente chamado “internetês”¹², os emoticons, os emojis e outras linguagens simbólicas têm ganhado força e novos gêneros têm se formado nos meios digitais, como o meme, o gif, o tuíte, o post, mais alguns que ainda nem sabemos identificar e tantos outros que possivelmente surgirão.

Quarto, além da elevação exacerbada da produção discursiva, elevou-se muito a distribuição e a recepção. Os discursos tornaram-se fluidos e inundam a imensidão discursiva criada pelas redes sociais e alcançam um número bem maior de pessoas do que os meios tradicionais de comunicação que tínhamos até então. Dessa forma, muito mais pessoas têm acesso aos enunciados, e a possibilidade de replicá-los por intermédio das ferramentas disponibilizadas em cada rede social potencializa essa distribuição e a recepção.

O que temos, então, é um dia a dia permeado por interações discursivas fluidas que se esparramam pelas redes sociais estabelecendo uma nova cultura discursiva, que tende para a rapidez e a fluidez dos discursos. Importante pontuar que o que estou chamando de liquidez discursiva não se contradiz com a teoria do enunciado concreto proposto pelo Círculo. A concretude a que se referem os teóricos russos diz respeito ao acontecimento discursivo, o discurso sendo analisado no ato concreto do seu existir-evento, o encontro do grande tempo (a questão da memória) com o pequeno tempo (o ato enunciativo). O adjetivo “concreto” não se refere a algo inerte, parado, estagnado, muito pelo contrário, o discurso é algo que precisa ser compreendido nas interações subjetivas do dia a dia, na sua materialidade histórica. Portanto, a questão da liquidez discursiva leva em consideração que os enunciados concretos são concebidos de forma mais intensa e mais fluida, e que o dialogismo é intensificado pelas inúmeras possibilidades de comunicação propostas pelas redes sociais.

Para os interlocutores do século XXI, que estão acostumados a ficarem conectados, não há como conceber um mundo sem internet, um mundo em que a interação verbal não seja qualquer coisa de imediata e intensa, um mundo em que não se consiga conversar com o outro a qualquer momento, de qualquer lugar e de variadas formas

¹² Coloco novamente este termo aqui, mas de modo simplificado, pois considero que ele possui um julgamento equivocado do plurilinguismo que se exagera na internet, conforme discutirei no item 2.4.

linguageiras. Para esses interlocutores, ficar em um ambiente que não tenha conexão é estar isolado do mundo inteiro; é um suplício que nem todos conseguem suportar.

Partimos, então, das considerações que os memes refletem e refratam a liquidez discursiva que recheia as redes sociais virtuais. E essa liquidez discursiva se materializa na produção, na recepção e na circulação desse fenômeno discursivo. Uma questão importante nesse cenário é que a autoria também se torna líquida: é a morte do autor para além da perspectiva de Barthes (1984) de que “todo texto é escrito aqui e agora” (p. 61) e de que o sentido está na interpretação que o leitor faz do texto. Nos tempos de liquidez discursiva, em que os elos da ininterrupta cadeia discursiva se movimentam mais intensamente, pregamos que a autoria também se torna líquida pela rapidez em que um discurso é apropriado por qualquer sujeito que se afine com o enunciado e o replica rapidamente em seus perfis e/ou grupos dos quais faz parte nas redes sociais virtuais. Nessa concepção, não há a morte do autor e sim o nascimento de vários autores para um mesmo discurso que os assume como se deles fossem, numa atitude ativa e responsiva.

Convido agora a adentrar pelos caminhos aos quais percorremos, na esperança de que seja uma leitura prazerosa e elucidativa; de que nós possamos, de alguma forma, contribuir para os estudos de texto e discurso com a nossa visão singular. Assumo, como já disse o meu ato responsável neste existir-evento, embalado pelas considerações e reflexões do meu orientador. Desejo que a arquitetura desta tese venha a cumprir seu objetivo, quer seja, a de ser um trabalho de pesquisa e reflexão sobre o discurso e suas nuances refletidas e refratadas no dia a dia nas redes sociais, com suas ideologias e suas materialidades históricas e sociais dialogando com meus autores/leitores em suas compreensões ativas num gesto de responsabilidade.

CAPÍTULO 1 – DIALOGANDO COM O CÍRCULO



Figura 3 – Isso não é de Deus!

Começo meu ato trazendo as reflexões feitas a partir das leituras tanto das obras do próprio Círculo, assim como de outras vozes que se debruçam a estudar a teoria bakhtiniana e também outras teorias convergentes. De forma sempre dialógica, procuro imprimir neste capítulo o conhecimento que ficou impregnado após tantas leituras, nos debates durante as disciplinas cursadas; nos encontros tanto presencias de nosso grupo Gebakh¹³ como nas nossas trocas diárias de mensagens pelo WhatsApp; nas rodas de conversas informais; enfim, busco aqui trazer a minha visão, como ato responsável e sem alibi, do que se constitui esta corrente teórica que se encontra nos entremeios das ciências humanas, principalmente da filosofia com a linguagem.

O Círculo de Bakhtin situa a filosofia da linguagem como um campo que se localiza nas fronteiras das ciências humanas e situa o texto/discurso como um dado primário do pensamento nos campos do saber das ciências humanas. Para Bakhtin, essa ciência possui sua especificidade que é “se voltar para os pensamentos, sentidos e significados dos outros” (2006, p. 308), sempre realizados por intermédios de textos (enunciados)¹⁴, que tem um sujeito realizador, um autor que o produziu.

¹³ Grupo de Estudos Bakhtinianos sediado na Universidade Federal do Espírito Santo e coordenado pelo Professor Doutor Luciano Novaes Vidon.

¹⁴ Nesta obra, Bakhtin situa o texto como enunciado, que se dá por dois elementos básicos: a intenção e a realização dessa intenção, colocando o texto como muito além de mera estrutura linguística. O texto é visto como acontecimento: “(...) cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado)” (BAKHTIN, 2006, p. 310).

1.1 A Heterociência: um novo olhar para as ciências

Cumpra reconhecer a simbologia não como forma não científica, mas como forma *heterocientífica* do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão (AVIERINTSIEV apud BAKHTIN, 2006, p.399).

Fazer ciência com as lentes do círculo bakhtiniano transcende/transgride o que costumamos ver na academia. Isto porque a proposta que nos é oferecida por esta corrente teórica não é a do teorismo puro, muito menos a do cientificismo positivista, nem a do estruturalismo, nem outra posição qualquer que coloque a teoria como precedente do objeto de estudo de forma a dissecá-lo enquanto objeto; mas, ao contrário, é uma proposta científica mais ampla, que humaniza o objeto, que o coloca como ponto central numa relação de alteridade e de dialogicidade com o ser pesquisador - transpondo-o para além de um caminho com ponto de partida e de chegada – de modo que reflitamos sempre dialeticamente com o objeto e através dele, para além das teorias científicas já postas, enudecendo-o¹⁵ com o olhar enquanto sujeito/autor/pesquisador. Toda teoria científica só tem valor quando tomada, assumida por um sujeito que lhe banhe de valor através de sua singularidade responsável e responsiva. A teoria absoluta é abstrata, sem vida. Como um Jano Bifronte¹⁶, o ato em sua totalidade no existir-evento é capaz de unir o mundo da cultura e o mundo da vida: “tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento do evento singular do existir, embora não mais, é claro, em termos teóricos e estéticos” (BAKHTIN, 2017b, p. 43).

Na pesquisa, ou em qualquer outra forma de fazer científico, ou ainda em qualquer relação em que há comunhão de conhecimentos (sem mencionar aqui as relações humanas que se estabelecem em qualquer interação social), os campos éticos, estéticos e do conhecimento precisam se unir a fim de que possamos atingir a arquitetura do saber *na* vida e *para* a vida, dado que a vida não se separa da arte, como também não se separa do conhecimento; não há uma fronteira peremptória, mas sim fronteiras tênues que são transpassadas a todo momento. Em cada ato do existir-evento, devemos nos colocar como

¹⁵Uso este neologismo buscando uma relação dialógica com a palavra “nu”, não no sentido de retirar tudo que envolve o objeto, mas no sentido de tentar conseguir “enxergar” o objeto de maneira mais íntima, numa relação mais próxima entre o cognoscente e o cognoscível.

¹⁶ Jano Bifronte é um deus romano que olha simultaneamente para os dois lados e representado imageticamente por um homem com duas cabeças colocadas coladas olhando em direção oposta.

responsáveis por aquilo que nos tornamos, por aquilo que atingimos, pelas relações que estabelecemos, por aquilo que, em nós, é transformado e que nós transformamos no outro, numa relação de alteridade. Esta, para Bakhtin (2006, p. 23), se faz, também, pela exotopia, quando eu saio do meu centro e entro em empatia com o outro, vendo “axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina dele (...)”. Assim, a arquitetônica do ato responsável segue em dois centros simultaneamente ativos: o do *eu* e o do *outro*, em todas as relações dialógicas que daí advêm – o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o outro.

É no momento do existir-evento que se tem a plenitude da palavra (viva), mas mesmo assim, há de se considerar a dificuldade da plena adequação da linguagem, porque ela está carregada tanto de conteúdo-conceito quanto do tom emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2017b). Enquanto eu enuncio, o outro me escuta, e nesse evento é que as relações recíprocas permitem que se estabeleça a verdade concreta (*pravda*), a partir do ato responsável e responsivo. A singularidade do ser está no fato de que não há alibi para suas decisões, elas são de responsabilidade daqueles que as realizam. E na pesquisa não é diferente, o valor da verdade só é possível a partir do lugar singular que cada um de nós, pesquisadores, ocupa; e apenas na vivência é que determinamos e reconhecemos um valor (que deixa de ser universal – *istina* – e passa a ser singular – *pravda* – através do ato responsável). Não há a verdade absoluta e sim a verdade que é expressa no ato, como “entonação do ato” (PONZIO, 2010a, p. 17).

A metodologia a qual propõe Bakhtin (2006) para as Ciências Humanas é olhar para o próprio cognoscente e perguntar-lhe a que veio, quais são suas tensões e seus desafios, o que há para ser “descoberto”, para ser percebido. É uma ciência dialógica, que conversa com seu objeto; não pode ser uma ciência muda: “A investigação se torna interrogação e conversa” (p. 319). E as respostas estão na relação entre o pesquisador e seu objeto, que no meu caso são os discursos estabelecidos no cotidiano, em particular os memes, situados nas conversas do dia a dia e concretizadas por sujeitos sociais, que falam e exprimem a si mesmos. E o “critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração” (BAKHTIN, 2006, p. 395). Assim, o que eu pretendo com minha pesquisa não é dar conta de dissecar o que é meme e nem dar conta de todos os tipos de meme, de categorizá-los e colocá-los em caixinhas, mas de compreendê-los como

enunciados concretos, responsivos de e responsáveis por um tempo líquido (no sentido proposto por Bauman, 2001), já que estou falando a partir da Filosofia da Linguagem proposta pelo Círculo, ou seja, estou neste lugar das Ciências Humanas com a visão bakhtiniana do fazer científico, uma visão heterocientífica.

E antes de o objeto desta pesquisa ser os diálogos do cotidiano, o primeiro objeto é o *ser* que é *expressivo e falante* e só por isso já me posiciona em um ponto crítico, pois nós, seres humanos, não somos exatos. A exatidão não cabe ao *ser*, talvez caiba à natureza. Contudo, as Ciências Exatas também têm seus percalços (é preciso saber aonde se quer chegar para se analisar o resultado). Nem tudo é tão claro, ou melhor, quase nada é tão claro. O fazer científico tende a tentar buscar os padrões, a metodizar os objetos, a ajuizar o que permanece imutável. Só que quando pensamos na área de Humanas, principalmente, precisamos exceder nossa visão. Partir do que é individual para o que é coletivo (sabendo que tudo que é individual já é social por natureza) e, num processo ininterrupto de inversão, voltar do coletivo para o individual. Só esse movimento dialético e dialógico pode nos permitir a possibilidade de compreendermos um fenômeno social, no nosso caso, o discurso do cotidiano. Mais especificamente, o eixo deste trabalho é adentrar no universo discursivo do cotidiano com seus gêneros primários¹⁷ em enunciados concretos, com suas singulares relações dialógicas e ideológicas de forma a compreender dialogicamente, responsiva e responsavelmente os memes enquanto réplicas dialogais, no sentido estrito e amplo do termo, nas suas relações com o outro (seja o outro enquanto discurso ou o outro enquanto sujeito).

Acredito que essa proposta de olhar as Ciências Humanas com outro(s) olhar(es) também foi proposta por Pêcheux ([1988] 2015), quando de seu último trabalho publicado – *O discurso: estrutura ou acontecimento* –, no momento em que esse autor, ao que me parece, fazia uma autoavaliação sobre a disciplina de Análise do Discurso Francesa, e colocava os enunciados como uma possibilidade de pontos de deriva, permitindo lugar à interpretação “porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência” (p. 53 – grifo do autor). Ou seja, são nas relações intersubjetivas, nos elos

¹⁷ O Círculo diferencia os gêneros primários dos secundários, sendo os primários aqueles que são utilizados no dia a dia e se constituem de maneira menos formal, como as conversas familiares e entre amigos, e os secundários os que se materializam de maneira mais formal, mais instituídos, como os jurídicos, os jornalísticos, os científicos.

de encontro dos discursos e dos sujeitos que se abrem as portas das possibilidades de interpretações. “É porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes” (p. 53), ou seja, abrem-se os efeitos de sentidos.

Volóchinov (2013), em seu ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia*, escrito originalmente em 1926, também sinaliza a importância de um método sociológico para se estudar as ciências humanas ao criticar o método marxista dos estudiosos daquela época. Para este autor, “por suposto, tampouco o método marxista pode pretender a busca de uma fórmula: na esfera da ciência da ideologia, pela própria natureza do objeto de estudo, resulta impossível o rigor e a precisão das ciências humanas”. Os objetos de estudo das ciências exatas e biológicas existem independentemente da esfera social, “enquanto que todos os produtos da criação ideológica se cultivam somente pela e para a sociedade” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 73). Medviédev (2016, p. 49) coloca que “todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação [social] e são seus componentes dependentes, e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende com um todo”. O que provém do social, das relações humanas, não pode ser estudado através de fórmulas rigorosas e, sim, sob o olhar atento e dialético do pesquisador que coloca em diálogo o objeto pesquisado. Diferentemente do que acontece nas ciências exatas e biológicas que decompõem seus objetos sistematicamente.

Bakhtin (2006, p. 395) nos ensina que o ser não pode ser tolhido, que é livre e por isso não pode oferecer garantias. Quando o cognoscente e o cognoscível estão na mesma esfera, a pesquisa tende para a abertura de pensamento a fim de penetrar no conhecimento e não para o fechamento em categorias e em teorismo, na pura repetição. A teoria precisa ser uma ponte que nos leva ao objeto e, ao chegarmos a ele, temos que abrir nossa mente, a nossa alma, para entendermos a alma do nosso objeto num ato responsável e responsivo de conhecimento. É esse movimento de interior e exterior que se faz necessário nas ciências humanas, o movimento dialógico. Ao estudar o homem social (não o biológico) é inevitável que fissuras fiquem abertas, até porque o cognoscente também é um homem social, com sua história, com sua ideologia, com sua personalidade interior. “O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio” (p. 394).

Sobre a perspectiva da dialogia enquanto fundamental para a heterociência, Geraldi nos diz que

Necessariamente [a perspectiva dialógica] deve reconhecer a infinitude do processo dialógico, em que todo dizer e todo dito dialogam com o passado e o futuro, e paradoxalmente deve reconhecer a unicidade e a irrepetibilidade dos enunciados produzidos em cada diálogo. Aceitar esta fórmula paradoxal: todo enunciado é único, mas nenhum isolado. (SERIOT, p. 12) implica abandonar a posição epistemológica que somente admite como científico (e verdadeiro dentro de cada teoria) o enunciado relativo àquilo que se repete, àquilo que é imutável, àquilo que é produto das abstrações deduzidas todas as peculiaridades, todas as singularidades como “desvios” não significativos da realidade concreta (GERALDI, 2012(sic)).

Acredito que o melhor caminho para se estudar as Ciências Humanas é pensá-las como uma heterociência, uma ciência que se abre em outros campos para fora de si mesma. Para Geraldi (apud NALON, 2014) “Bakhtin nos ensina [a fazer pesquisa] a partir da forma com que ele próprio trabalhou: não nos fechemos num só campo sob pena de não conseguirmos enxergá-lo”. Por isso, os três campos da cultura humana: a ciência, a estética e a ética precisam se integrar de modo a adquirir unidade e passarem a fazer sentido a partir da relação interna estabelecida entre eles pelo indivíduo na singularidade de sua vida. Separar o sujeito do dia a dia do sujeito pesquisador, como se fossem duas instâncias em patamares diferentes, é um erro, pois é no dia a dia que temos a maior fonte de inspiração e de riqueza de conhecimento devido às relações intersubjetivas. A responsabilidade é que garante o nexos interno do sujeito, como sugere Bakhtin (2006, p. XXXII), e o que eu vivencio na ciência e na arte devo trazer para a vida e vice-versa. Olhar o humano com olhar humano e não apenas com o olhar científico. Não há ciência fora da vida. Não estou partindo da heterociência como um alibi para a incompletude de minha tese, pelo contrário, estou assumindo a responsabilidade da falha, da falta, do olhar contaminado pelo que eu sou.

As Ciências Humanas, justamente por não serem exatas, algumas vezes são menosprezadas, tanto na sociedade em geral como na própria amplitude da academia devido ao julgamento de que há falta de precisão. Alguns não as consideram como uma ciência respeitável, capaz de se autossustentar numa época em que ainda estamos relativamente presos ao positivismo científico (ainda que não queiramos), época de múltiplos saberes tecnológicos, de aparatos técnicos cada vez mais precisos, de cientificismo demonstrativo, de necessidade de autoafirmação e de insegurança (segundo Bauman com sua obra *Medo Líquido* (2006)). Isso se reflete e refrata na sociedade, tanto

na esfera científica quanto na esfera cotidiana e, neste momento no Brasil, também no âmbito político. Podemos observar esse fato na vida de vários jovens que saem do ensino médio e escolhem ir para a área de Humanas e a família e amigos já olham de *nariz torcido*: “Humanas”?¹⁸. Ou, antes disso, nas escolas que dividem os alunos em áreas no 3º ano do Ensino Médio: os que escolhem a de humanas são menosprezados pelos alunos que escolhem a de exatas e os que vão para a de biomédicas¹⁹. Quanto ao âmbito político, no dia 25/04/2019, pudemos ver claramente esse demérito pelo próprio presidente em exercício, Jair Bolsonaro, que tuitou os seguintes enunciados:

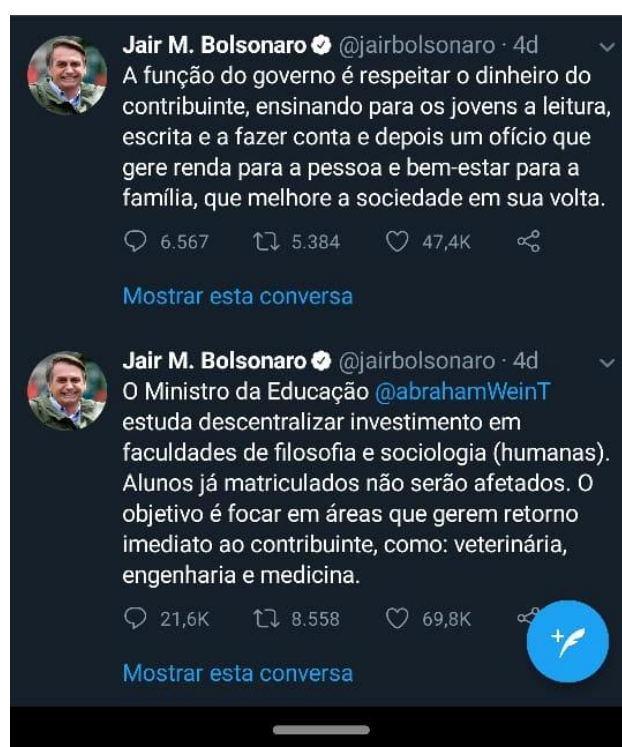


Figura 4 – Demérito do presidente

Se o próprio governo, que orienta o sistema educacional, não valoriza as Ciências Humanas, estamos caminhando para uma situação de calamidade pública, afinal, é nas

¹⁸ Falo aqui pelo meu existir-evento, pela minha experiência vivida com minha filha que escolheu fazer História e teve muita resistência de outros familiares, que a julgaram pela escolha sugerindo que ela buscasse outras áreas do conhecimento.

¹⁹ Estas afirmações são feitas a partir de minha vivência enquanto estudante, mãe, professora e sujeito social que circula em várias esferas da comunidade e pertencente a diferentes grupos sociais.

Humanas que se encontram todas as licenciaturas, ou seja, que se formam todos os professores, além de essa área ser responsável por 38% da comunidade de ciência, tecnologia e inovação no Brasil. Vale lembrar que são três as finalidades da educação estabelecidas pela nossa Constituição: “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Nesse sentido, o ensino e a pesquisa nas áreas das humanidades são indispensáveis para a formação integral do cidadão”²⁰.

Podemos também notar este não reconhecimento das ciências humanas nos vários memes que circulam nas redes sociais incitando que o ser humano, no caso o brasileiro, deve ser estudado, como se já não o fosse.



Figura 5 – Trenzinho Carreta Furacão²¹

²⁰ Esse trecho foi retirado da nota de repúdio da Associação Linguística Aplicada do Brasil, em 01/05/2019, sobre as declarações do atual Presidente da República e de seu Ministro da Educação. Ressalto que tamanha é a complexidade desse fato, que escolho, no meu ato responsável, parar a análise por aqui, uma vez que não é foco deste trabalho uma discussão mais ampliada das atuais questões políticas do meu querido Brasil.

²¹ O Trenzinho Carreta Furacão é um fenômeno na internet com milhões de visualizações em vídeos no Youtube e uma enxurrada de memes que se espalham pelas redes sociais com a mesma força do fenômeno da natureza que carrega no nome. **Fonte:** <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/05/carreta-furacao-faz-sucesso-em-meio-memes-engracados-e-polemicas.html>> acessado em 20/03/2017.

Nasa confirma que estudará os brasileiros



Figura 6 – NASA – Fora/Bora Dilma²²

No primeiro meme, há uma referência jocosa às pessoas que se fantasiam de personagens infanto-juvenis famosos a fim de entreterem as crianças nos chamados “Trenzinho da Alegria”, que circulam pelas cidades com um som relativamente alto, enquanto essas pessoas fantasiadas sobem e descem do veículo fazendo coreografias e brincando com o público. Sugerindo que quem se propõe a isso, ou seja, quem se fantasia não seria “normal”, o meme indicia que eles precisam ser estudados para compreender como se sujeitam a essa situação. Já no segundo, mostra-se uma sequência de enunciados pichados que foram alterados subvertendo os sentidos: a frase de protesto “Fora Dilma” é transformada em uma de incentivo “Bora Dilma” acrescido de um desenho de um coração com a frase “te amo” criando um enunciado de apoio, e, por fim, outra mudança discursiva acontece com a adjeção de “VÁ EM”, o riscado no coração e escrita da sigla “SQN” (só que não) o que faz com que o enunciado já volte a ter a conotação de protesto “Vá embora Dilma – te amo SQN”. A jocosidade (Figura 5) e a criatividade (Figura 6) dos brasileiros são tidas como uma fonte de estudo que, na prática, estaria sendo

²²Fonte: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/16-razoas-pelas-quais-a-nasa-deve-mesmo-estudar-os-brasileiros/> > acesso em 15/01/2018.

menosprezada. Vários memes com essa proposta circulam na internet. Interessante que, em muitos desses memes, como os dois exemplificados aqui, é atribuída a responsabilidade de se estudar os brasileiros, enquanto seres sociais, à NASA, que é uma das maiores referências em estudos das áreas de exatas, e não a instituições relacionadas à área de Humanas. Essa atitude demonstra que, no imaginário popular, essa instituição é vista como *locus* privilegiado da Ciência, de forma geral, e mostra, também, a falta de credibilidade de uma gama da sociedade aos estudos sociais, refletindo uma visão monológica de ciência.

Por que surgem memes com esse tema e não surgem, por exemplo, dizendo que os prédios devam ser estudados? Ou que os pulmões devam ser estudados? Arrisco a dizer que é pelo motivo desse não reconhecimento das ciências humanas por uma gama da sociedade (inclusive pelo nosso próprio presidente). Não estou dizendo com isso que os estudos sociais não são reconhecidos de maneira nenhuma, mas, sim, que as pessoas que não se ligam à área de Humanidades acabam por menosprezar os sérios trabalhos desenvolvidos pela academia na nossa área. A Engenharia Civil é reconhecida, a Medicina também, mas diversos cursos na área de Humanas ainda são questionados por grande parte da sociedade. Acredito que isto acontece pelo fato de que o olhar para o campo científico ainda é muito tecnicista e metódico, ainda que em pleno século XXI, com todas as multiplicidades de possibilidades. O saber precisa ser exato, sem falhas, sem fissuras. O homem se distancia do seu objeto e o estuda, o anatomiza, o disseca, o calcula. E quando o objeto de estudo é o próprio homem? Esse distanciamento que é proposto pelo saber científico – e na maioria das vezes tentado nas ciências humanas – torna o homem e suas práticas apenas como objetos, sem vida, sem cor, sem perfume. Essa proposta de ciência não cabe no pensamento bakhtiniano²³; a compreensão só pode vir do diálogo, da alteridade, da troca de duas consciências, do eu para o outro e do outro para mim. Há de haver um dialogismo constante entre o cognoscente e o cognoscível.

Bakhtin considera que o sujeito que fala nas ciências exatas e a sua palavra não entram na composição da obra científica, pois a metodologia das ciências exatas e naturais “se orienta para o domínio do objeto reificado, mudo que não se revela na palavra, e que não comunica nada a respeito de si mesmo” (BAKHTIN, 1988, p. 150). O conhecimento, sob esse prisma, não tem ligação com a interpretação, não há a compreensão responsiva

²³ Sabemos que em outras teorias também não, mas nosso foco principal é a teoria proposta pelo Círculo.

que escuta e fala. Já nas Ciências Humanas, ressaltando a Linguística e a Filosofia da Linguagem nas quais o objeto principal é o discurso na concretude da vida, é necessário o processo ininterrupto do diálogo constante entre cognoscente e cognoscível, para que a interação possa ser produtiva, permitindo uma compreensão ativa (vamos aos enunciados buscando entendê-los) e responsiva (voltamos ao nosso lugar e lançamos nossa palavra) das palavras de outrem. A heterociência, como ciência *das* e *nas* fronteiras, com suas proposições transgredientes, não visa metodificar o sujeito enquanto objeto de pesquisa, mas inseri-lo na grande roda dialógica da vida, sob o olhar de um outro sujeito, com sua historicidade e sua inscrição sócio-histórica e ideológica, com o seu ato no existir-evento da pesquisa, sem álibi.

O estudo das Humanidades abrange considerar os lampejos de todo indivíduo. Só é possível entender o humano a partir do humano. “A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas” (BAKHTIN, 2006, p. 399). A minha proposta para esta pesquisa, então, parte da interseção de três eixos: o querer saber, buscar conhecer e procurar compreender, sem a presunção da exatidão do conhecimento; mas, na certeza da incompletude, viso ao aprofundamento da penetração no que estudo – os diálogos do cotidiano nas redes sociais – e no recorte dentro do que me proponho (os memes).

Quando o olhar se volta para o estudo da língua/linguagem, Volóchinov (Círculo de Bakhtin), propõe como metodologia uma ordem de análise vertical, começando do todo, social-verbal, para depois chegar na parte linguístico-verbal (que não deixa de ser social) e faz a seguinte proposta de estudo:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) formas do enunciado ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (2017, p. 220).

Das formas e tipos de interação discursiva (1), reflito sobre as relações concretas que se estabelecem discursivamente nas redes sociais (mas não só), enfatizando os diálogos do cotidiano e buscando alargar as teorias do Círculo que trataram deste tema numa época em que eles se realizavam quase que exclusivamente no contato face a face;

na questão dos gêneros (2), penso em como os memes surgem como discursos singulares determinados por essa nova forma tecnológica (e para além dela) de interação na vida e na criação ideológica; por fim (3), atento para os enunciados completos, não como estrutura fixa, mas como estrutura/acontecimento em movimento, aberto às influências do plurilinguismo, no movimento dialético entre as forças centrípetas e centrífugas. Olhar a língua com as lentes do Círculo não é negar que há algo de sistemático na língua, de estrutural, mas isso é apenas uma parte subjacente, para eles, que definem a língua a partir do amplo diálogo social, histórico, cultural, concreto, ideológico, carregado de valores; é esse lado da língua o que mais importa: a língua na vida. Daí a metodologia partir do todo - social, histórico, cultural -, para o singular - o enunciativo/discursivo.

A heterociência, então, me incita a pensar os diálogos do cotidiano com um olhar dialógico e dialético, que se instituem como uma grande base ideológica cotidiana que reflete e refrata *a e na* ideologia oficial/dominante. Aviso aos meus navegantes que seguirei a rota do diálogo entre mim, como cognoscente, e a vida verboideológica ordinária/primária como cognoscível, enfatizando os memes. Assim, não pretendo sistematizar, mas abrir um caminho de análise inacabado, incompleto, como a minha incompletude no ser, como um ato responsável e sem alibi, sempre com o dever, porque o que é humano não pode ser outra coisa senão um rio de possibilidades.

1.2 A Filosofia Marxista da Linguagem sob as lentes bakhtinianas: que lugar é esse?



Figura 7 - Mas Marx?!

A Linguística é considerada ciência autônoma com os postulados de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, que, a partir de princípios positivistas, rompe com a linguística histórica comparativa e define um objeto e um método de estudos próprios para a Linguística: a língua, que, neste momento, é vista como um sistema arbitrário e estável, retirando a fala por ser individual e mutável. São colocados no centro da teoria os aspectos fonológicos, sintáticos e lexicais. Para o teórico, o sentido é percebido apenas no interior do sistema linguístico, como algo imanente, abstrato e comum a todas estruturas linguísticas, pois um elemento do sistema só adquire valor por pertencer justamente a ele e estabelecer relação com os outros elementos dentro do próprio sistema. O signo linguístico, nessa teoria, é separado do seu conteúdo exterior, pois a permanência se dá apenas no domínio da *langue* e não da *parole*. As figuras vocais, ou seja, os fones, são do domínio da fala, diferentemente dos fonemas, que são do domínio da língua. O que interessa à linguística da via saussureana (pelo menos no que diz respeito ao CLG) é o sistema de signos linguísticos, em um nível abstrato de análise. A *parole*, o domínio dos usos, da concretude enunciativa, não interessa. Portanto, o discurso não interessaria à Linguística (com l maiúsculo, cf. VIDON, NO PRELO²⁴), porque ele estaria no domínio da *parole*.

A partir dos anos 1920, na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a visão saussureana de língua/linguagem, que se expandia tanto no ocidente como no oriente, encontra uma contrapalavra em alguns teóricos russos como Jakubinskij, Bakhtin, Volochínov, Medvedev, entre outros, que consideram a língua dentro da concepção histórico-material dialética, tendo como base as teorias marxistas. Segundo Sériot,

De Marr a Stalin, de Volosinov a Danilov, várias concepções da relação de linguagem do indivíduo com o grupo se confrontam, às vezes em debates violentos, às vezes em silêncio. Porém, esse período crucial do discurso sobre a língua na URSS apresenta o interesse de levantar questões fundamentais sobre a relação língua/sociedade, língua/espço político, poder/instituições linguísticas e levar, assim, a um questionamento antropológico: todo grupo só é grupo (e não um conjunto de indivíduos) pelo vínculo – forte ou fraco, seguidamente mais heterogêneo do que homogêneo – de uma prática singular: a língua (2012, p.18).

²⁴ Trata-se de um Capítulo de um livro que está sendo organizado pela Simone Padilha, que deve ser publicado em 2018. Posteriormente ao lançamento, revejo esta citação.

Muitos teóricos russos passam a conceber um outro olhar sobre a língua, destoando dos estruturalistas, dando ênfase ao potencial sociológico da pesquisa em Linguística, que teve, a partir de 1926/1927, com os membros do Círculo de Linguística de Moscou, um delineamento sistemático da abordagem sociológica da língua (BRANDIST, 2012a, p. 75)²⁵. Sob o ponto de vista de Jakubinskij ([1923]2015, p. 52) faltava, ao estudar a língua como um “fenômeno situado e de interação situada”, entender até que ponto o enunciado verbal e a comunicação verbal “são determinados, do ponto de vista *psicológico e morfológico* (no sentido amplo do termo), pelas condições da comunicação em uma situação habitual específica”. Jakubinskij parece apontar que havia uma lacuna entre o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista, havendo a necessidade de se formular uma orientação analítica que se fundasse na fronteira entre as duas tendências, na qual tanto os aspectos psicológicos (e, portanto, individuais e sociais) quanto os aspectos das formas fossem contemplados para que se compreendesse a língua como um fenômeno de interação entre os sujeitos em uma dada situação.

Ainda na década de 1920, surge o que hoje chamamos de Círculo de Bakhtin, cuja base para os estudos da língua/linguagem se dá para além da Linguística, considerando o materialismo histórico dialético como episteme fundamental para se estudar e compreender fenômenos de natureza social, como a linguagem. Inquietos com os caminhos que a Linguística percorria naquele momento, seus membros passam a se posicionar criticamente:

Após o medo positivista de qualquer intransigência na colocação dos problemas científicos e da hostilidade em relação a todas as questões de visão de mundo, esta própria do positivismo tardio, na própria linguística despertou uma consciência aguda das suas premissas filosóficas gerais e das suas ligações com os outros campos do conhecimento. Em decorrência disso surgiu a sensação de que *a linguística*, incapaz de atender todas essas exigências, *está vivendo uma crise* (VOLÓCHINOV (CÍRCULO DE BAKHTIN), 2017, p. 86 – grifo meu).

²⁵ Não vou adentrar em maiores detalhes, caso seja de interesse do leitor, cf. “A emergência da sociolinguística soviética das cinzas da psicologia do povo” de Craig Brandist (2012a).

Interessante pensar que justamente quando a Linguística ganha *status* de disciplina autônoma, reconhecida pelo ocidente após os postulados de Saussure, para os teóricos russos do Círculo de Bakhtin, a Linguística estava vivendo uma crise. Crise, esta, que considero termos vivido no ocidente nos finais dos anos de 1960, quando os estudos sobre a língua/linguagem sofrem algumas rupturas em relação ao sujeito, ao sentido, à ideia do texto transparente e à noção de contexto que se amplia para fora do texto, com o começo da Análise do Discurso, como nos orienta Possenti (2009), e, também, com as teorias foucaultianas²⁶.

Medviédev (2016, p. 43), em seu texto original, publicado em 1928, “O método formal nos estudos literários”, critica a crise simultânea do idealismo e do positivismo ao qual se debruçava o pensamento científico europeu da época. E relata que “até hoje, o estudo detalhado das particularidades específicas, da peculiaridade qualitativa de cada campo da criação ideológica – ciência, arte, moral, religião –, encontra-se ainda em estado embrionário”. Para o autor, o que faltava era “um estudo sociológico elaborado sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo ideológico” (p. 44). E desprezar as linguagens que cada um dos campos tem e suas peculiaridades de refração ideológica, nivelando suas diferenças é não adotar o marxismo de forma correta. Para Medviédev, o problema da ciência das ideologias estava em não considerar a diferenciação das particularidades dos objetos ideológicos quanto: “1) aos corpos físicos e, em geral, aos corpos naturais, 2) aos instrumentos de produção e, finalmente, 3) aos produtos de consumo” (p. 51). Ou seja, a significação dos ideogramas (produtos ideológicos) se encontra no exterior, na relação entre os sujeitos, na reação que as pessoas têm diante do signo. Qualquer tentativa de uma análise isolada do psiquismo é igual a zero, no sentido ideológico (p. 53).

Não é por acaso que uma das primeiras questões que esse grupo problematiza seja a do signo, situando a Filosofia da Linguagem dentro da corrente marxista. Eles não estavam nem um pouco satisfeitos com o tratamento desse tema dado pelos seus contemporâneos²⁷ e fizeram uma crítica forte às duas principais orientações do

²⁶Estou aqui relativizando ao focar apenas no surgimento da disciplina Análise do Discurso, que considero como a grande ruptura dos estudos em Linguística, conforme discuti em minha dissertação de mestrado (FURTADO, 2015).

²⁷Inclusive vários teóricos russos, principalmente pós ascensão de Stalin, tanto que o livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” foi recolhido por motivo de censura logo após a 2ª edição.

pensamento filosófico-linguístico: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Para o Círculo de Bakhtin, o signo é tido como ideológico por natureza e a dialogia é um princípio elementar para compreender as relações estabelecidas nas interações verbais.

O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio circundante ocorrem na experiência externa.

Essa tese é de extrema importância. Por mais que ela seja elementar ou pareça óbvia, até o presente momento a ciência das ideologias não tirou dela todas as devidas conclusões (VOLÓCHINOV (CÍRCULO DE BAKHTIN), 2017, p. 94).

A linguagem extrapola a realidade a qual ela representa, vai além de uma função apenas mediadora e passa a ser pensada como uma arena onde se estabelecem as lutas de classe. A proposta do constructo da Filosofia Marxista da Linguagem sob o viés do Círculo vem alicerçada pela questão da ideologia e é intrínseca a ela. Volochínov (Círculo de Bakhtin) (2017, p. 91) relata que “as próprias bases da ciência marxista da criação ideológica, isto é, os fundamentos dos estudos sobre a ciência, a literatura, a religião, a moral, etc. estão ligadas de modo mais estreito aos problemas de filosofia da linguagem”. Por isso se faz necessário interligar o signo à ideologia e considerar que o significado de um signo está associado ao seu exterior; é um produto ideológico, que se coloca não apenas como reflexo da realidade, “mas também uma parte material dessa mesma realidade” (VOLÓCHINOV (CÍRCULO DE BAKHTIN), 2017, p. 94).

Ponzio nos oferece uma explicação muito interessante a respeito do signo:

O signo representa (e organiza) a realidade (sínica e não sínica) a partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo uma determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração, determinado plano de ação e uma determinada perspectiva na práxis (PONZIO, 2016, p. 109).

Nesta perspectiva materialista, reflete Zandwais (2014, p. 52), busca-se investigar “como a linguagem está a serviço de interesses contraditórios e de que modo as relações entre língua e ideologia se interpenetram” de forma que se conclui que a palavra não possui um sentido unívoco e “se constitui no *ator principal* da arena social onde se travam as lutas de classes”. A essência da linguagem é social e se fundamenta nas interações

sociais concretas, nas quais a língua se faz atuante na mudança de valor dos objetos enquanto produtos de consumo inscritos numa ordem simbólica: o domínio ideológico se integra (entra) na língua por intermédio das relações sociais. A palavra, por conseguinte, é o ponto chave da dialética discursiva: neutra em essência, irá refletir e refratar as tensões e as contradições a partir da incorporação do valor ideológico.

As palavras são consideradas como discurso a partir do rompimento das fronteiras entre língua e ideologia. De caráter mutável e flexível, a palavra ressoa orientações ideológicas, seu valor não é dado nem instituído por relações internas à própria língua, mas, sim, possui um significado em potencial, que será construído, compartilhado, entre os sujeitos no palco da arena discursiva. A palavra é signo, e enquanto signo, é ideológica por natureza. “Assim, de acordo com este enfoque, as palavras que compreendemos e suscitam reações em nós são aquelas que produzem ressonâncias ideológicas” (ZANDWAIS, 2016, p. 97).

A vida da língua movimenta a *cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas* e faz com que um signo remeta a outro e a outro e a outro num processo suscetível ininterrupto e responsivo. “Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 34). E essas consciências estão imbuídas de signos ideológicos, que afloram no processo de interação entre consciências individuais, ou seja, são nas interações sociais, sob os pontos de vistas dos interlocutores, sob seus horizontes sociais, que os signos se impregnam de sentidos: eles podem tanto manter quanto subverter a ordem simbólica. Importante considerar que há, no corpo social, relações dialéticas entre a superestrutura (as forças sociais que estão em jogo nas instituições sociais constituídas, como igreja, família, escola etc.) e a infraestrutura (relações econômicas de produção).

A superestrutura exerce uma força centrípeta com a intenção de tentar uniformizar e monologizar os discursos que trafegam nas vias sociais; mas uma outra via também é seguida pelos discursos no sentido de transgredir e, num movimento centrífugo, se multifacetam em um plurilinguismo ressoando as variadas vozes sociais que dialogam em constantes transformações. Bem nos orienta Volóchinov (2013, p. 260) que “cada palavra viva contém uma *avaliação social ativa*. É esta avaliação social que transforma cada palavra-enunciação (...) num ato social significativo (por mais insignificante que seja, por exemplo, a significação de alguns enunciados cotidianos)”. O discurso se funda como uma arena ideológica, na qual os embates são travados fazendo fluir diferentes

visões de mundo a depender dos horizontes sociais e das vivências de cada indivíduo inserido na grande corrente da vida social.

A questão da relação entre superestrutura e infraestrutura para o Círculo sempre foi de grande importância. A reflexão parte de uma nova ótica à época que sai da relação mecânica, de causalidade simples direta e unilinear, e passa a considerar que a infraestrutura determina a superestrutura através “de mediações muito finas e complexas”, conforme nos orienta Fiorin (2017, p. 20). O Círculo propõe que “a realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica” (VOLOCHÍNOV [CÍRCULO DE BAKHTIN], 2017, p. 98) e que não é a consciência individual que concebe a superestrutura ideológica, mas sim que transita por ela por intermédio dos signos ideológicos. Instala-se um jogo entre as verdades universais (*istinias*) e as verdades singulares (*pravdas*).

A vivacidade do signo é justamente aquilo que lhe permite refletir e refratar a existência. E no palco das interações discursivas, “a classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior” (VOLOCHÍNOV [CÍRCULO DE BAKHTIN], 2017, p. 113) com o intuito de retirar do signo a multiacentuação e tensioná-lo como monoacentual num movimento centrípeto de reforço à ideologia dominante. É a dialética interna do signo, que, como um jano bifronte, sempre pode dizer o contrário do que aparenta. Na intenção de manter as relações de dominação e garantir que as *istinias* sejam replicadas a cada dia, a classe dominante impõe ao signo um caráter um pouco reacionário. Os embates se dão na base e são refletidos e refratados na superestrutura. A ideologia do cotidiano, ou seja, essa ideologia que permeia as relações diárias, alimenta, sustenta, tensiona, questiona, reflete, refrata, influenciando diretamente a ideologia oficial/dominante e vice-versa²⁸.

Antes de conquistar seu espaço na ideologia oficial organizada, as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos nas camadas superiores da ideologia do cotidiano. É claro, no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as

²⁸ Como discutirei mais detalhadamente no Capítulo 3, item 3.3.

A relação de causalidade direta entre a infraestrutura e a superestrutura é questionada por violar o materialismo histórico-dialético, que é a base para uma filosofia marxista da linguagem. Para os filósofos do Círculo, toda mudança ideológica deve ser entendida a partir do contexto da ideologia correspondente e não como fenômeno isolado fora do contexto ideológico integral. Isto nos indica que é preciso que compreendamos que pensar a nova língua que emerge nas redes sociais, por exemplo, intermediando os diálogos do cotidiano, só é possível a partir do entendimento do plurilinguismo que há em todas as estratificações sociais e, em particular para nosso estudo, a partir de como a internet passa a influenciar a língua/linguagem em todas as classes e grupos sociais. As forças centrípetas que se instalaram de forma crucial questionando essa nova língua vêm dialeticamente se chocando com as forças centrífugas que permitem ressoar outras ideologias, e aquelas me parecem que andam perdendo terreno e cada vez mais pessoas acabam por sucumbir no WhatsApp, nos e-mails, no Facebook, no Twitter etc. a essas forças expansivas e começam a utilizar abreviações e formas de dizer que têm se tornado típicas dessas redes discursivas virtuais.

Mostro aqui dois exemplos vivenciados por mim com dois Professores Pós-doutores de um Programa de Pós-graduação em Linguística²⁹:

²⁹ Ambos me autorizaram a reprodução, inclusive um é participante da banca de defesa e o outro é o meu próprio orientador.

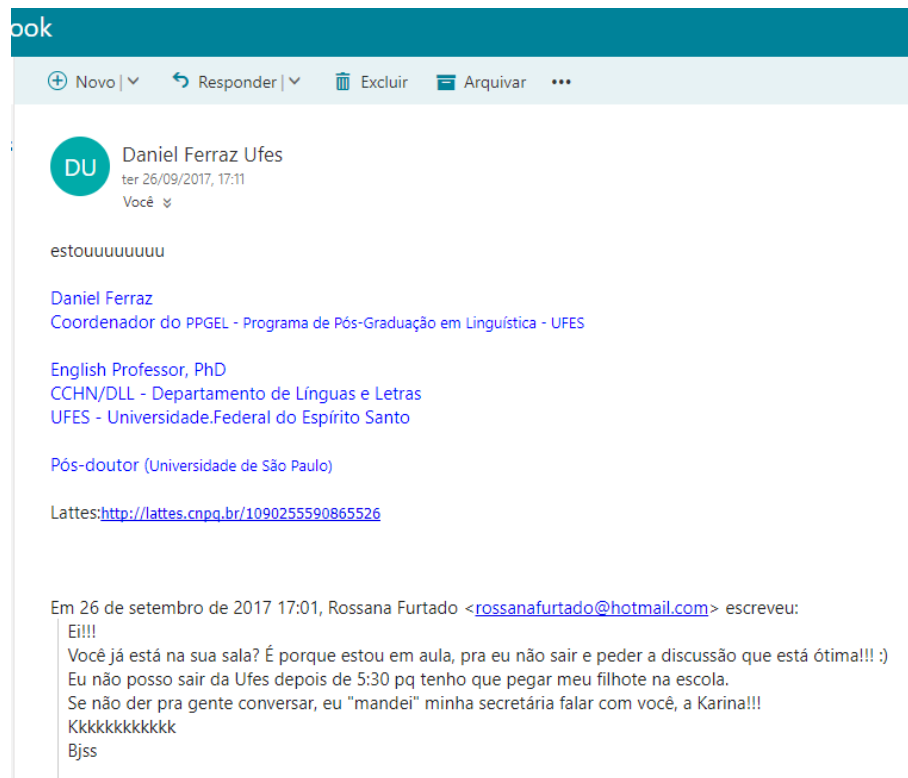


Figura 8 - E-mail amigável

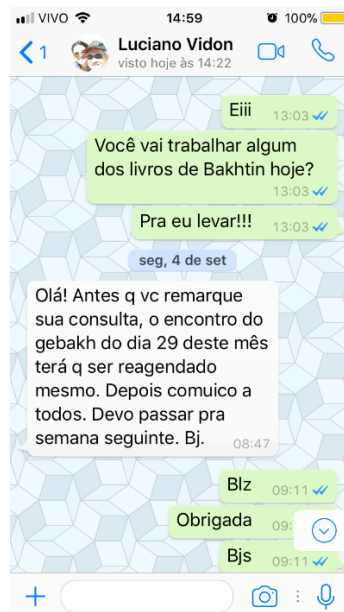


Figura 9 – Zap descontraído

No e-mail que eu enviei perguntando se o Professor Dr. Daniel Ferraz, coordenador do nosso programa de pós-graduação à época, poderia me receber em sua

sala (Figura 8: parte inferior), pode-se observar que eu utilizei uma linguagem escrita informal na tentativa de imprimir a entonação da fala, com o uso de vários pontos de exclamação depois de praticamente todos os finais de frases, com o intuito de marcar emoção; usei abreviações “pra”, “pq” e também utilizei a marca de risada típica da internet “KKKKK”, além do emoticon “ :) ”. O Professor Dr. Daniel me respondeu também utilizando a linguagem que vem se estabelecendo pela internet ao colocar o “estouuuuuuuuu” com letra minúscula no começo da frase e com vários “u” para enfatizar que estava na sua sala e, implicitamente, dizer que eu poderia ir até lá, pois a resposta seguiu a informalidade da pergunta, indicando uma positividade na resposta. É importante termos em mente que essas expressões tentam representar as formas orais, a forma como a expressão seria realizada na fala, nas conversas informais. A materialidade gráfica da escrita, nesses casos, tem um significado muito especial, pois tenta traduzir para a escrita a forma das enunciações orais informais.

Na conversa pelo WhatsApp com meu orientador (Figura 9), Professor Dr. Luciano Vidon, também há essas marcas de que a linguagem culta tradicionalmente usada nas interações que envolvem e circundam a academia, em alguns momentos, vem cedendo lugar a uma linguagem mais solta nos discursos verbais escritos. Eu o cumprimento como um “Eiii”, com três “i” para dar o tom de alegria e utilizei as abreviações “pra”, “Blz” e “Bjs”. Mas podemos perceber que não há a quebra da “regra” normativa do uso dos pronomes quando eu mantenho o uso do “eu levar”, talvez até pelo medo do julgamento que meu orientador poderia fazer em relação ao meu conhecimento das regras normativas da língua. O Professor Dr. Luciano Vidon também se permitiu utilizar as abreviações típicas das redes sociais “Antes q vc”, o “pra”, “Bj”, além de utilizar o substantivo próprio que nomeia o nosso grupo de estudos “Gebakh” com letra minúscula “gebakh”. Houve também um erro de digitação que não foi corrigido “comuico”, em vez de “comunico”. Todos esses pontos revelam uma certa leveza na conversa, uma vez que não foi “revisada” pelo locutor antes do envio.

Esses dois fatos exemplificam como as forças centrífugas vêm ganhando espaço, também nas conversas que antes se pautavam apenas pelas forças centrípetas reguladoras, fazendo com que o plurilinguismo vença barreiras antes inimagináveis. Até um tempo atrás, nas comunicações escritas entre alunos e professores de programas de doutorado e de mestrado das Universidades Federais, acredito que fosse raro ver o uso da linguagem informal, uma vez que a ideologia dominante se impunha nesses espaços instituídos,

como foi o caso vivenciado por mim durante meu mestrado. Fora da esfera oral, a comunicação deveria ser feita tradicionalmente na norma culta. Não quero com isso dizer que hoje todas as comunicações entre alunos e professores dentro da academia sejam de forma coloquial, mas quero mostrar que isso já é possível, que já faz parte da vivência de alguns sujeitos, o plurilinguismo permite uma nova acepção de comunicação intersubjetiva em ambientes tido como exclusivamente cultos. É claro que aqui entram outros fatores como a relação mais próxima entre eu e ambos os Professores, que é fundamental para essa “abertura”, mas o que quero salientar é que até algumas pessoas dos grupos sociais mais “abastados” linguisticamente já se permitem utilizar dessa nova cultura discursiva que vem se estabelecendo com a larga utilização da internet. Como sinalizado por Volochínov/Círculo de Bakhtin (2017, p. 106), “o problema da correlação da base e as superestruturas (...) pode ser, em grande parte, compreendido justamente no material da palavra”. E a base hoje ecoa, em parte, nas interações virtuais.

As condições sociais e históricas são determinantes para entender como os sentidos trabalham, uma vez que são elas que “determinam o trabalho dos signos na linguagem”. Este princípio, então, é “que permite elucidar o discurso como um objeto híbrido que não pode ser situado somente no terreno da Linguística” (ZANDWAIS, 2016, p. 97). Implicitamente, há nesta proposição uma crítica à Linguística que predominou no século XX, seja no estruturalismo, seja no gerativismo, seja em correntes que entendiam (entendem) a língua como um objeto dado e formalizado. O discurso, enquanto objeto teórico, não pode ser situado apenas nos domínios da Linguística, enquanto ciência autônoma. Para darmos conta desse objeto, é preciso recorrer a outros campos do conhecimento, numa epistemologia transdisciplinar, numa heterociência, como já defendi acima.

Zandwais (2016, p. 97), ao discutir importantes conceitos sobre o discurso, traz uma reflexão de Volochínov na qual considera a linguagem como “um corpo material que reflete um corpo social”. Este princípio nos leva a pensar que o discurso fora de seu momento histórico, perdido dos fatores sociais que o envolvem e da ideologia que o permeia, torna-se um discurso sem vida, sem cor, sem perfume, como nos inspira Volóchinov em várias de suas obras. A palavra deve ser apreendida a partir de seu caráter mutável, da sua capacidade de se resignificar em cada enunciação particular em que é proferida, da palavra Outra que lhe é inerente em cada ato singular e irrepitível, é o

discurso como acontecimento. Uma visão bastante pertinente sobre esta questão é percebida nesta passagem tão marcante de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 2012, p. 98-99 - grifos do autor).

A palavra é o signo ideológico *par excellence* e, à medida em que é enunciada, adquire sentidos a depender do campo de criação ideológica em que se encontra e do horizonte social daqueles que a enunciam. Todo outro signo já nasce imbuído de sentido ideológico, como é o caso dos símbolos – a foice e o martelo é um exemplo clássico –, mas a palavra não. Ela é incolor e só adquire sua tonalidade quando se torna um enunciado. O sentido, ou melhor, os sentidos não estão claros na palavra em si, mas nos "contextos dialógicos" em que ela se insere. Em um contexto dialógico, por exemplo o do Deputado Rodrigo Maia (presidente da Câmara dos Deputados desde 2016 até os dias de hoje – 2019), democracia significa tirar direitos do cidadão, diminuir o papel do Estado nas nossas vidas, dar segurança ao mercado financeiro, etc. Em outro contexto dialógico, o de Cuba, por exemplo, democracia significa dar saúde, educação, moradia, etc. gratuitos para toda a população. Portanto, os efeitos de sentido do uso da palavra 'democracia', nos dois casos, são completamente diferentes, como se fossem palavras antagônicas.

Por isso entendemos que toda palavra é preche de significados que só nascem nas relações dialógicas interindividuais, como um fenômeno social histórico ressonante da criação ideológica. Para compreendermos qualquer enunciação, é preciso ter em “conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social, a história mesma” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 158). A palavra só encontra sua cor, seu perfume na concretude da vida que a completa:

A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca o sentido (VOLÓCHINOV, 2013, p. 77).

Para ilustrar como a palavra funciona na vida, dentro de um contexto e que vem carregada de seu tom emotivo-volitivo, trago esse meme muito utilizado pelos jovens nas redes sociais:



Figura 10³⁰ - ata

Num primeiro momento, ao lermos o enunciado verbal, o que temos é a palavra “ata” que nos leva a um primeiro sentido que seria: registro de uma sessão deliberativa, na qual deve ser escrito em forma de documento formal tudo o que foi falado e acordado. Mas irrompendo a estática da significação e chegando ao dialogismo, a palavra se enche de significados outros. Uma das principais características desse gênero é a ironia (como veremos no Capítulo 2) e o “ata” que se encontra nesse meme, se formos traduzi-lo para a linguagem formal teríamos “Ah! Está bom!”, só que no meme ainda não é isso. As ressonâncias ideológicas que o perpassam levam seus replicadores a um projeto de dizer debochado, num sentido de desacreditação daquilo que está sendo dito. Seguirei com um exemplo de uso numa conversa em 23/03/2017 entre mim e minha filha pelo WhatsApp.

³⁰ Fonte: acervo pessoal.



Figura 11 – conversa mãe e filha

Contextualizando³¹: eu enviei uma mensagem para ela dizendo que eu iria parar num bar chamado “Pedrão” ao voltar do trabalho. É muito comum dizermos que vamos ao bar para “tomar uma”, ou seja, tomar cerveja. Porém, essa é uma expressão coloquial, idiomática, pois na verdade a palavra “uma” não é utilizada como numeral e nem como artigo indefinido, pois a ideia é de que se vai tomar cerveja, mas não uma somente ou uma qualquer. Devido a esse fato, eu já me adiantei e, ao invés de dizer que iria “tomar uma”, brinquei e disse “Só pra tomar 3”, e em seguida usei o “Kkkkkk”, como uma forma de insinuar que eu sabia que não seria apenas uma. Ela respondeu “ok” e também riu da minha brincadeira. Como o cronotopo é desordenado no WhatsApp, permitindo que as réplicas dialogais sejam feitas simultaneamente (reparem que, apesar da ordem aparecer no visor do telefone, dois interlocutores podem estar escrevendo simultaneamente e por questões de milésimos de segundo um enviar primeiro que o outro), eu já disse que “Uma é mentira”. Com a mesma simultaneidade, a minha filha já enviou o meme da Mônica “ata”, que demonstra a ironia, o deboche dela comigo quando eu disse que ia tomar “uma”. E ela ainda foi mais irônica ao dizer, após o meme “era a ocasião perfeita”, “tinha que aproveitar”. Essa fala se justifica pelo fato de que ela, em uma ocasião anterior próxima,

³¹ Vou ignorar a conversa sobre “o vovô”, pois não interfere na exemplificação.

havia me mostrado esse meme e me explicado o projeto de dizer que o imbui, quer seja, o deboche de alguém que não acredita naquilo que é falado.

Pudemos ver como os sentidos deslizam, como as palavras são neutras e no processo de interação é que os efeitos de sentido se realizam. Faraco (2009) nos elucida que, para Bakhtin, é preciso que voltemos o olhar para a linguagem verbal situada, ou seja, devemos considerar o enunciado concreto como um evento ético, como um “ato performado do mundo da vida”, que necessita ser situado “num contexto cultural axiológico-e-semântico”, e a opção pela hifenização é para deixar marcado que a perspectiva para o Círculo de Bakhtin é a interconexão de valor-e-significado.

A partir desta concepção filosófica marxista da linguagem, proponho agora que reflitamos sobre a concepção de discurso nesta perspectiva.

1.3 Língua/linguagem/enunciado/discurso: as relações dialógicas



Figura 12 – Homem-Aranha refletindo³²

Teorizar sobre o discurso não é uma tarefa fácil. Pensar o discurso dentro das teorias do Círculo de Bakhtin me fez (e faz) percorrer um longo caminho, cheio de idas e vindas, com seus retornos e paradas obrigatórias. Como uma ladra de palavras (mas como diz Baronas em uma nota de rodapé do livro Formação Discursiva (2011, p. 199), “quem não é?”) digo sempre que o discurso é a língua na concretude da vida, é a língua viva nas interações entre os sujeitos, numa relação sempre dialógica, atravessada por palavras

³² Fonte: <<http://ru.memegenerator.net/instance/60178753/spiderman-mirror-depois-dessa-vou-at-refletir-um-pouco>> acessado em 11/05/2019.

alheias. É pelo discurso que nos tornamos sujeitos e (inter)agimos nos círculos sociais. O discurso permeia todas as relações sociais, é o meio pelo qual as ações humanas são vivenciadas e as interrelações são estabelecidas. Pelo discurso significamos e ressignificamos nós mesmos, os outros e o mundo; os elos da cadeia verbal vão se formando para que possamos nos tornar sujeitos ativos e responsivos no nosso existir-evento. O discurso é a arquitetônica do ser vivente no mundo: eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim. O discurso é dialógico por natureza, e a nossa natureza é discursiva por sermos seres dialógicos; é na interação social que somos imbuídos de elementos linguísticos e extralinguísticos que nos permitem produzir e inferir sentido.

O discurso é a língua na concretude das relações sociais. É uma arena discursiva na qual os signos, ideológicos por natureza, refletem e refratam as lutas de classes e grupos sociais que perpassam a sociedade. A interação pela linguagem passa pelos campos éticos, estéticos e do conhecimento; e os valores apreciativos, o tom e os estilos que são imprimidos nos enunciados têm a ver com as condições sócio-históricas e ideológicas de cada sujeito, cada época e cada grupo social em que circulam. Entender o discurso implica compreender que o sentido opera para além das estruturas da língua: há o fundo aperceptível que envolve toda enunciação – o extralinguístico: o que não é dito, mas que faz parte do contexto, da situação de interação –, que é irrepetível e única, é um acontecimento na vida. Os horizontes sociais dos participantes da enunciação é que vão fornecer subsídios a fim de experienciar os efeitos de sentido dos enunciados. Por isso, uma análise puramente linguística ou uma puramente psicológica não vai dar conta de perceber o todo da enunciação, se é que isso é possível. É necessário entender que, para além da interação verbal, tem-se a interação social entre os sujeitos da enunciação.

Para Bakhtin, o discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva” e deve ser analisado ultrapassando os limites da linguística enquanto estrutura, observando os “aspectos da vida do discurso” (2008, p. 207). O que configura o discurso - e o diferencia da língua ‘pura’ - é o seu aspecto dialógico, suas relações com os outros discursos e com os sujeitos que o enunciam, é a dialogia em todos os âmbitos. “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2006, p. 265). Por conseguinte, no discurso, ou seja, na língua materializada em enunciados concretos, os fatores linguísticos não podem ser dissociados da situação de enunciação em que são proferidos sob o risco de se perder a compreensão, já que todo enunciado envolve um

evento da vida cotidiana e faz parte do *fluxo discursivo*³³. O discurso só se realiza na concretude dos atos dos sujeitos nas interações sociais, e assim

O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidade de comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos (BAKHTIN, 2006, p. 274).

No ensaio “Os gêneros do discurso”, publicado na coletânea *Estética da Criação Verbal* (2006), ao analisar os usos da linguagem, Bakhtin afirma que a comunicação humana se realiza através de enunciados concretos nos quais interagem locutor e interlocutor. Cada enunciado é inscrito nas práticas interacionais que acontecem nas diversas esferas sociais. Todo enunciado encontra-se em diálogo com outros enunciados, e é nesse processo dialógico que o sentido é construído. Há uma dupla dialogia: entre os sujeitos da interação verbal e entre os ‘outros discursos’; “*cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados*” (p. 272). E são justamente as relações dialógicas que nos permitem vivenciar os efeitos de sentido, a penetrar na vida discursiva.

A questão do dialogismo é primordial para a teoria bakhtiniana. Todo enunciado estabelece relação com os outros enunciados, seja para afirmá-los, seja para contraditá-los, seja para compô-los, seja para parodiá-los, seja para ironizá-los, enfim, os enunciados sempre estão dialogando com os outros enunciados de alguma forma. Apenas o Adão mítico poderia ter dito pela primeira vez algo completamente novo³⁴. Os enunciados sempre tocam os milhares de fios dialógicos já tecidos por outros enunciados na consciência ideológica de dado objeto de enunciação em seu acontecimento histórico e social. É um retorno ao objeto que já está manchado pelas apreciações discursivas anteriores, pelas entonações que já lhe foram dadas, pelos pontos de vista, pelos juízos de

³³ Termo utilizado por Bakhtin no ensaio “Os gêneros do discurso” (2006, p. 269-271), que se relaciona à vida do discurso, e que aqui adotamos como um contraponto ao que o autor denomina de “fluxo único da fala”.

³⁴ Em uma conversa com minha filha Laura Furtado Esteves, ela fez uma consideração que vale a pena pensarmos sobre: ela concluiu que nem o Adão mítico teria dado a primeira palavra completamente nova, pois a palavra do Adão já estaria contaminada com a palavra de Deus.

valor. A vida verboideológica se constitui na tensão dialógica com os discursos de outrem e são estas relações que permitem aos sujeitos estabelecerem os efeitos de sentido.

O meme, por exemplo, este novo gênero que surgiu como um fenômeno discursivo e tem se espalhado não só pelas redes sociais, mas também pela linguagem oral do dia a dia, como veremos no Capítulo 2, constitui-se, como todo discurso, a partir das relações dialógicas que são estabelecidas em sua dinâmica discursiva, tanto as de forma explícita como as que estão subentendidas na materialidade concreta. A hibridez é que dá vida aos memes, sempre dialogando não só com discursos outros mas também com aspectos de outra natureza que não os linguísticos. Em sua maioria, são discursos polifônicos³⁵, pois neles ecoam várias vozes. Os efeitos de sentido³⁶ depreendidos nesses enunciados concretos vão depender do posicionamento ideológico do interlocutor e do ponto de contato que este consegue fazer com o contexto social, a partir de sua historicidade e de sua visão de mundo. Cada interlocutor ativa sua responsividade ao compreender ou não o meme, ao decidir replicá-lo ou descartá-lo, significando-o e o ressignificando a partir de suas experiências singulares.

Vejamos as relações dialógicas neste exemplo de meme:

³⁵ Em uma metáfora ligada à música, Bakhtin (2008) propõe a tese da polifonia discursiva, ou seja, um discurso é polifônico quando dele emergem várias vozes que permanecem “independentes e combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia”. Para o autor, há também de se falar em polifonia ao remetermos à vontade individual, pois é “precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade” (p. 23).

³⁶ Este termo desvela um dialogismo com a Análise do Discurso Francesa em minha fala. Acredito que não há problema ao tomá-lo de empréstimo, uma vez que o Círculo também entende que o sentido não é dado de uma vez e que cada interlocutor “reage” ao enunciado respondendo-o de acordo com sua orientação social.



Figura 13 – Abajur cor de carne

Este meme circulou nas redes sociais após a Polícia Federal ter deflagrado a operação “Carne Fraca”, em 17/03/2017, na qual vários frigoríficos de renome do país estariam pagando propinas para fiscais do governo de modo que pudessem vender seus produtos adulterados e até mesmo com data de validade vencida. O “burburinho” de que era colocado papelão no meio da carne em produtos como salsichas, *nuggets*, entre outros, fez surgir uma gama de memes sobre o assunto. Trago esse para o debate de forma a mostrar como os discursos se constituem de maneira dialógica, seja de forma implícita ou explícita, como é o caso desse meme. Aqui, o autor dialoga com a música “Menina Veneno”, de Ritchie, que foi sucesso na década de 1980 e que compõe, junto com a Figura de um abajur de papelão, relações dialógicas que permitem ao leitor estabelecer certas relações de sentido. De forma irônica, é feita a sugestão de que a cor da carne é a cor do papelão. Dos que viram esse meme, só depreenderam sentido num nível mais profundo quem conhecia a música e pôde estabelecer as relações interdiscursivas a partir de suas experiências individuais, de forma a possibilitar a interação dialógica em outros níveis, para além da superfície discursiva. Quem não conhecia a música, pode sim ter compreendido, mas em nível mais superficial, apenas sugerindo que a cor vermelha da carne tinha mudado para a cor de papelão; contudo, a opção pela Figura do abajur se encheu de sentido³⁷. Se pensarmos na noção de discurso como acontecimento segundo

³⁷ Muitas outras análises poderiam ser feitas a partir deste meme, mas meu objetivo aqui é apenas mostrar a dialogia entre enunciados.

Pêcheux, (2015), temos o encontro de uma memória, no caso a canção do Ritchie, com uma atualidade, i.e., as redes significantes, o caso da JBS.

O enunciado sempre é dado num contexto, seja num contexto complexo ou num contexto da vida cotidiana. Só partindo deste princípio é que podemos compreendê-lo, já que o enunciado é um acontecimento da vida e não pode ser dissociado dele. Palavras soltas, isoladas de seu invólucro extralinguístico, são apenas palavras sem sentido, sem vida. Afinal, não são palavras que falamos, mas enunciados: nós usamos as palavras para expressar nosso projeto de dizer, nossa intenção discursiva. Isso implica que questões causais devam ser compreendidas dentro de processos da vida social pontuadas em um momento da história. Por isso a proposição do Círculo de Bakhtin para uma metodologia sociológica da linguagem. Assim, para entendermos o enunciado concreto, precisamos entender o contexto social em que ele foi proferido, já que nas relações sociais entre grupos ou entre a sociedade como um todo é que se configuram os acordos implícitos que levam à significação. É o que Volóchinov (2013) vai chamar de orientação social:

Chamemos, por convenção, de *orientação social* da enunciação a esta *dependência do peso sócio-histórico do auditório* – isto é, do pertencimento de classe dos interlocutores, de sua condição econômica, profissão, hierarquia no serviço (...) (p. 168-169 – grifos do autor).

O entendimento de que devemos transcender a linguística pura ao estudar o discurso, percebendo os *aspectos da vida do discurso*, também é trazido pelo próprio Bakhtin (2008) em sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Para o autor, em um enunciado, os fatores linguísticos não podem ser dissociados da situação de enunciação em que são proferidos com o risco de se perderem os efeitos de sentido, pois todo enunciado envolve um evento subjetivo da vida cotidiana. Somos sujeitos sócio-históricos marcados ideologicamente, fato que se reflete e se refrata nos modos de utilização da linguagem, de acordo com nossa orientação social. É o dialogismo que dá vida à língua e a transporta para o campo do discurso. E, segundo o filósofo da linguagem, é impossível esse tipo de relação “entre os elementos no sistema da língua (por exemplo, entre as palavras no dicionário, entre os morfemas, etc.) ou entre os elementos do “texto” num enfoque rigorosamente linguístico deste” (p. 208 – grifo do autor). Precisamos observar os *ângulos dialógicos* sob os quais os discursos se relacionam de modo que

possamos compreender as intenções discursivas e o funcionamento dos discursos na vida social.

Esta outra passagem que se encontra em “O discurso no romance”, Bakhtin nos elucidava muito sobre como a Filosofia da Linguagem e a Linguística precisam abstrair para compreender o discurso:

O significado linguístico de uma enunciação dada é conhecido sobre o fundo de uma língua e o seu sentido atual, sobre o fundo de outras enunciações concretas do mesmo tema, sobre o fundo de opiniões contraditórias, de pontos de vistas e de apreciações, ou seja, justamente sobre o fundo daquilo que (...) complica o acesso de qualquer discurso a seu objeto (1988, p. 90).

Colaborando para a discussão, Zandwais condensa essa visão ao discorrer que ainda que o discurso seja “constituído por uma materialidade linguística, ele (o discurso) não pode ser reduzido a esta materialidade e, por esta razão, escapa ao “olhar” do linguista como um objeto empírico de natureza híbrida” (2016, p. 96). O discurso é híbrido porque somam-se às estruturas lexicais, morfológicas e sintáticas aspectos de outra natureza e, também, por conter em sua composição uma hibridação de diferentes discursos. Apenas nessa confluência dos sujeitos da enunciação com os diferentes aspectos do discurso, especialmente considerando-se que todo discurso é atravessado por outros discursos, é que se afigura a discursividade, ou seja, a capacidade de o discurso ser discurso e não puro material linguístico. A interação verbal somada à interação social, que é sempre histórica e ideológica, constitui a interação discursiva, o discurso, para o Círculo de Bakhtin.

A subjetividade e a compreensão responsiva estão intimamente interligadas aos contextos de uso. Os sujeitos operam matizes significantes em seus deslocamentos pelas esferas sociais. Para que o interlocutor “entenda” o discurso ao ter contato com ele, ou seja, compreenda o projeto de dizer do locutor, precisa compartilhar com o locutor conhecimentos de mundo interligados, valores sociais e situações cotidianas comuns. Fora desse espectro não é possível a absorção do projeto de dizer, e é nesse momento histórico, no momento da enunciação, que acontecem os “mal-entendidos” (ou os não-entendidos). Seguindo esse viés, podemos considerar, assim como Zandwais (2016), que a condição de heterogeneidade é *sine qua non* para descrever o funcionamento do discurso a partir de diferentes relações transversas: i) uma relação entre história e acontecimento;

ii) uma relação entre língua, ideologia e sentido; iii) relações entre enunciado e temporalidade.

Observemos o exemplo abaixo:



Figura 14 – Ted no banho

Esse meme foi disparado em um grupo específico do WhatsApp, do qual não faço parte. Num primeiro olhar, para quem não está inserido no contexto sócio-histórico em que esse meme foi compartilhado, assim como eu na ocasião, ele não passa de um enunciado vazio de significação, de puro material linguístico e imagético, pois não se conhece a relação entre a história e o acontecimento. Quem é Ludmila? O que está para acontecer hoje? Quem está querendo saber e por quê? Todo um conjunto de considerações precisa ser levado em conta para que se chegue ao todo da enunciação concebido pelo projeto de dizer do locutor. Vejamos o horizonte social³⁸: as pessoas do grupo estavam combinando uma festa de confraternização e havia a dúvida se realmente iria ser realizada naquele dia. Como ninguém respondia com exatidão e a dúvida continuava pairando no grupo, um membro resolveu criar um meme para brincar com a situação. Para isto, o autor utilizou a ideia – num processo de hibridação de discursos – contida numa música da cantora Ludmilla, que faz muito sucesso neste ramo musical, intitulada “Hoje” e que fala sobre uma festa (“hoje você não escapa / hoje vem que a nossa festa / hoje eu tô querendo

³⁸ Informações e imagem da conversa via WhatsApp dadas por um dos membros do grupo.

te pegar de novo...”). A Figura do ursinho de pelúcia Ted³⁹ tomando banho de espuma e falando ao celular é uma figura repetida em vários outros memes e se adequa a esta materialidade discursiva insinuando que o autor está tomando banho, se preparando para ir à festa enquanto busca informações pelo telefone. Há uma certa conotação sexual tanto pela letra da música quanto pela figura do Ted, que é um urso que demonstra no filme uma libido muito acentuada.

Aproveitando-se destes discursos, o autor faz uma frase declarativa “Vou ligar para Ludmila pra saber se é hoje mesmo”. A hibridação dos discursos possibilitou uma nova entoação dos discursos e o surgimento de um novo, com sua tonalidade e entoação próprios. A acepção sexualizada se dá ao analisar tanto o sentido da música “Hoje” e seu contexto quanto o texto não verbal com o ursinho Ted numa banheira de espumas, exibindo uma expressão indicando dúvida; somando-se ainda a ideia de ir a uma festa – momento de possíveis encontros amorosos fortuitos ou não. Todo esse projeto de dizer só é passível de entendimento se compartilharmos do contexto em que ele se constituiu: os horizontes espaciais, temporais e axiológicos dos interlocutores dessa enunciação estão sendo compartilhados. Sendo assim, aqueles que estão “fora” deste horizonte social, que não pertencem a esse grupo de WhatsApp, acabam por não depreenderem o sentido expresso pelo meme. Conforme Volóchinov (2013, p. 75), “é compreensível: a palavra concebida mais amplamente, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser uma coisa centrada em si mesma e já não pode ser compreendida independentemente da situação social que a tem engendrado”. Nessas breves considerações, então, pudemos observar através desse meme que as relações dialógicas transversas (linguísticas e extralinguísticas) são fundamentais para que o material sígnico emergja da superfície e passe para o nível do discurso.

A linguagem tem o dialogismo como preceito básico, como já foi dito anteriormente: os enunciados tanto são produtos da interação entre os sujeitos do discurso quanto são produtos das relações entre os próprios enunciados. As relações dialógicas discursivas são constitutivas de todo discurso. A vida da linguagem está intrínseca às relações dialógicas que se estabelecem na arquitetônica discursiva: “as relações

³⁹ Ted é uma personagem de um filme que leva o seu nome. É um ursinho de pelúcia que ganhou vida quando da infância de seu dono e o acompanha durante sua vida adulta, com os mesmos anseios de uma pessoa.

dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto” (BAKHTIN, 2008, p. 209). É na personificação da linguagem que o enunciado se concretiza em diferentes *posições de sujeitos*.

Na ótica do dialogismo, a consciência não é produto de um eu isolado, mas da interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com iguais direitos como *personas*, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus (BEZERRA, 2008, p. XXII).

Para exemplificar essa tese, Bakhtin (2008, p. 210) cita os enunciados “A vida é boa” e “A vida é boa”, que só podem se tornarem realmente juízos de valor e extrapolar as relações lógicas ao serem pronunciados por dois sujeitos diferentes em uma situação real de comunicação (no primeiro o locutor confirma uma situação e o segundo concorda com o outro) tornando-se dois enunciados diferentes (ainda que sejamos tentados a achar que pareçam idênticos por causa do material linguístico) e estabelecendo entre eles relações dialógicas. É nesse limiar – que ultrapassa as fronteiras lógicas – que emergem as possibilidades de vida do discurso. A língua passa a ser discurso quando ela representa a voz de alguém: palavras inertes são destituídas de sentido. São os sujeitos que, ao reagirem dialogicamente às palavras (mesmo que seja a uma única palavra ou a qualquer materialidade sígnica), permitem que delas sejam percebidas expressões significativas.

Um outro ponto destacado pelo autor é que as relações dialógicas não são categóricas do enunciado como um todo, elas podem ser estabelecidas com qualquer parte significante do enunciado, mesmo que seja com uma única palavra se essa for tomada como signo da posição semântica de um outro. É preciso que escutemos a voz do outro, aí, neste momento histórico, é que se concretizam as relações dialógicas, “que podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes”: a voz do autor e a voz de um Outro (BAKHTIN, 2008, p. 211).

Por essa via dialógica sabemos que não há genuinidade nos enunciados, pois estes surgem em resposta a outrem; são atravessados, perpassados por discursos já circulantes na sociedade e pela subjetividade que lhes são próprias, somente levando em consideração estas relações dialógicas é que se pode perceber os efeitos de sentido que emanam dos enunciados. São os elos da cadeia discursiva que fazem aflorar o todo da enunciação. “O

texto só tem vida com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos” (BAKHTIN, 2006, p. 401). Para o filósofo, até o nosso próprio pensamento, seja em qual âmbito for, “nasce e toma forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros” (p. 298).

A dialogicidade do discurso também se encontra na resposta alheia, já que todo discurso é orientado e determinado pelo discurso-resposta futuro: é a responsividade um dos fatores que permite que o enunciado se concretize. É com base na resposta presumida que o enunciador dá o acabamento em seu discurso, o preenche de acentos, dá o seu tom. Isto faz parte de toda comunicação discursiva. Nos diálogos do cotidiano, mas não somente, podemos perceber essa força interna de todo discurso: os discursos são ajustados em busca de uma compreensão ativa e de uma resposta, mesmo que esta seja o calar⁴⁰.

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução à *revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada (BAKHTIN, 2006, p. 356, grifo do autor).

Assim, em todo enunciado concreto, a vontade discursiva leva o sujeito a imprimir suas marcas: seu valor apreciativo, seu tom e seu estilo. Toda a atividade discursiva que chega até nós está impregnada de sentidos ideológicos e sócio-históricos, e, como sujeitos do discurso, ao compreendermos os enunciados, passamos a assumir uma atitude ativamente responsiva, seja de forma imediata, seja de efeito retardado: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2006, p. 271-272).

Quando os participantes do ato de enunciação passam ao objetivo real da comunicação discursiva, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa conjuntamente com o falante uma ativa posição responsiva, seja concordando ou discordando, pode completar o enunciado ou preparar-se para usá-lo. A dinâmica

⁴⁰ Ponzio (2010b, p. 55) aponta que “o silenciar pertence à esfera da língua enquanto sistema e à linguagem como reiteração (...). Já o calar pertence à esfera da enunciação não reiterável, participa da “totalidade e da condição inacabada da logosfera” (Bakhtin)” (sic).

dialógica é intrínseca a toda a compreensão responsiva. A enunciação é existencial em relação à palavra pela sua dialogicidade e sua sina é a compreensão capaz de resposta.

Esta compreensão também passa pela questão dos gêneros discursivos, uma vez que toda comunicação verbal tanto interior quanto exterior se dá em forma de gênero. Nós dominamos os gêneros de discurso e, ao termos contato com um enunciado, já presumimos qual é o gênero e assim nos é possível a interação interlocutiva. Os três elementos indissociáveis dos gêneros são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional que estão ligados no todo discursivo e são relativamente estáveis. E mesmo o enunciado sendo individual, ele se inscreve em um campo da atividade humana que tem seus gêneros pré-estabelecidos, mas que não são estanques e sim *relativamente estáveis*, como mostra Bakhtin (2006, p. 262)⁴¹.

Todas essas reflexões atestam a importância de pensarmos o discurso na sua dimensão sociológica, pois, para entendermos o enunciado concreto, precisamos entender o contexto social, histórico e ideológico em que está inserido, e assim não correremos o risco de fazermos uma análise que revele apenas relações estruturais do enunciado e não o projeto de dizer do locutor. Nas relações sociais, seja na família, no trabalho, na região onde mora, entre tantas outras, são pré-definidos ‘horizontes comuns’ que são presumidos nas interações sociais; e são os não-ditos, o fundo aperceptível, aquilo que se encontra nas fronteiras, é que acabam por sustentar o dito. As pessoas que pertencem a um mesmo horizonte social farão as “avaliações presumidas” pelo julgamento de valor que detêm em relação ao objeto de discurso e ao Outro, e é este julgamento que vai determinar a *escolha do material verbal e a forma do todo verbal*. A entoação, ao imprimir as marcas valorativas, completa a enunciação, ligando o enunciado concreto ao contexto em que está inserido, transportando o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer (VOLOCHÍNOV, 1926).

⁴¹ Devido sua grande importância para esta pesquisa, detalharei mais sobre gêneros do discurso no Capítulo 2.

1.3.1 A Significação e os sentidos

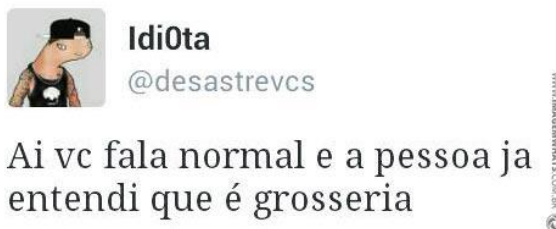


Figura 15 – Os mal-entendidos⁴²

Considerado como um dos problemas mais relevantes da linguística, a questão da significação não é possível de ser pensada partindo de uma compreensão passiva. O problema do sentido, nas lentes bakhtinianas, como dito por Ponzio (2016, p. 89), vai muito além das relações estruturais da língua, ele “ocupa-se das relações dialógicas nos atos de palavras, nos textos, nos gêneros do discurso e nas linguagens”. Este estudioso das obras do Círculo coloca-nos que é importante a distinção de “sinal”, que seria sempre reiterável, repetível, monológico por ser mecanicamente compreendido, e o “signo”, que é plural, maleável semanticamente “por sua fluidez expressiva e porque se adapta a situações sempre novas e diferentes” (p. 90).

Assim, a fim de explicar esse impasse entre as estruturas da língua enquanto sistema e da sua vivacidade nos eventos reais, Bakhtin/Volochínov (2012, p. 133) propõem a distinção entre tema e significação. O tema é “o sentido da enunciação completa” e eles nos dizem que “o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável”. O tema é o enunciado juntamente com sua inscrição na história, ou seja, o todo da enunciação. Somente podemos absorvê-lo se considerarmos a enunciação no momento histórico em que foi proferida. Por isso devem ser considerados não somente as palavras, os elementos morfológicos e sintáticos, o que Bakhtin/Volochínov chamam de significação, mas a situação de enunciação em toda a sua amplitude, absorva de seu tom volitivo-emotivo que se complementa com uma compreensão ativa e responsiva na interação verbal. Ele é um todo único e irrepitível, pois é um ato singular no cronotopo de um sujeito imbuído de sua individualidade.

⁴² Fonte: <<https://www.imagemwhats.com.br/ai-voce-fala-normal-e-a-pessoa-ja-entendi-que-e-grosseria/>> acessado em 11/05/2019.

A significação é o *aparato técnico* pelo qual o tema se realiza: são os elementos da língua que são repetíveis e idênticos em outras situações enunciativas. São passíveis de abstração pois não são imbuídos de sentido fora de um tema que os comporte. Da mesma forma que o tema é indivisível, a significação é partível, outro motivo que a torna abstrata e sem sentido no plano do discurso. O enunciado é a integração do tema à sua significação. “Na realidade linguística, tema e significação são inseparáveis e não existe entre eles nenhuma fronteira precisa de demarcação” (PONZIO, 2016, p. 91).

Ponzio, de maneira elucidativa, propõe chamar a significação de “frase ou conjunto de frase” e tem a ver com a identificação; e chama de enunciado o tema, por assim dizer (p. 94). A frase pode ser repetida inúmeras vezes sempre como a mesma frase e pode ser recortada nos seus traços fonéticos, morfológicos e sintáticos, enquanto o enunciado tem a ver com a singularidade do “aqui e agora” e não pode ser repetido senão como outro enunciado, que leva a uma outra compreensão ativa e responsiva. É o discurso como acontecimento no existir-evento de cada sujeito singular. Interessante percebermos que há uma aproximação com o que Pêcheux (2015) propõe em seu último trabalho *Discurso: estrutura ou acontecimento* quando passa a afirmar que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2015, p. 53), simbolizando uma possível convergência com o pensamento do Círculo nesse sentido.

Para exemplificar, trago uma conversa pelo WhatsApp, um diálogo do cotidiano, entre eu e minha filha⁴³ no qual a mesma frase (elemento de significação) é repetida em dois momentos históricos e emana sentidos e respostas diferentes, ou seja, são dois enunciados distintos:

⁴³ Minha filha é maior de idade e autorizou a utilização de nossa conversa.

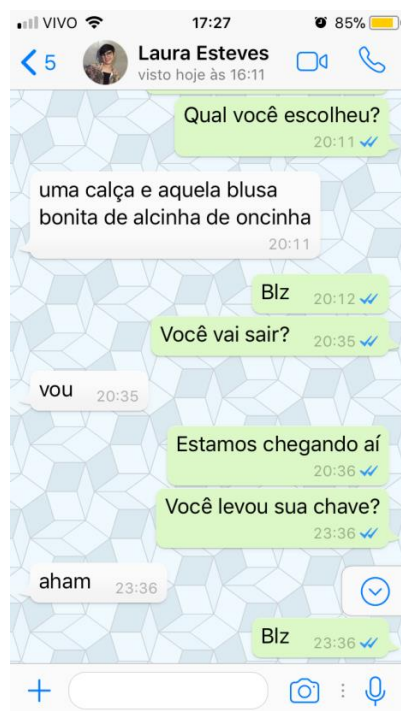


Figura 16 – Mãe e filha Blz

Eu estava fora de casa e pedi a minha filha, que escolhesse uma roupa para que eu pudesse passar em casa e me trocar rapidamente, pois já estava atrasada para um outro compromisso. Momentos depois, eu lhe perguntei qual roupa ela escolheu. Ao ler a sua resposta “uma calça e aquela blusa bonita de alcinha de oncinha”, eu acenei com o enunciado “Blz”, que indicou o sentido de que eu gostei da sua escolha. A resposta ativa e compreensiva da minha filha – pelo seu calar (o calar também é cheio de sentidos) – foi a de que eu concordei com a escolha dela, o que provavelmente a deixou feliz (nem sempre concordamos com as escolhas uma da outra!). Momentos mais tarde, eu a perguntei se ela havia levado sua chave de casa, e com a afirmação positiva, repliquei com a mesma frase “Blz”, mas agora com um enunciado completamente diferente, pois o sentido depreendido foi de que eu não precisava, então, me preocupar, pois ela tinha como entrar em casa independente de eu estar ou não. A resposta ativa e compreensiva dela, outra vez pelo calar, foi de que eu estava despreocupada e que ela podia sair sem problemas e sem marcação de hora para chegar. Esta compreensão só é possível de ser averiguada pelos acordos implícitos que há entre os interlocutores, no caso eu e minha filha. Já é uma prática comum entre nós que, se eu não falar nada é por que não há um horário estipulado para ela voltar para casa. Sem observar este material extralinguístico, as palavras que compõem este discurso se perdem na superficialidade estrutural da língua.

Este é um exemplo simples, mas que ilustra bem que uma mesma frase – mesmo que composta por uma única palavra ou abreviação, como foi o caso – se torna dois temas, dois enunciados distintos.

Em “O discurso no romance”, Bakhtin (1988, p. 90) vai tratar desta distinção ao confrontar o *significado neutro*, que remete a uma compreensão passiva e fora da vida real do discurso, com o *sentido atual*, que requer uma compreensão ativa, levando em conta o primado da resposta. O enunciado está sempre direcionado a outrem em uma situação real de comunicação. Não há como falar de sentido sem considerar este multidirecionamento que enriquece o enunciado de novos elementos, sejam verbais ou extraverbais. Apenas na língua viva derramada na concretude das relações interdiscursivas é que “os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas [literárias, ideológicas e sociais]” (BAKHTIN, 1988, p. 96).

A partir do contexto em que as palavras são enunciadas, o tom que lhes foi dado, e de outros elementos não-verbais poderemos depreender os efeitos de sentido que provocaram. Não há como separar a palavra de seu acontecimento discursivo:

Repetimos, porém, que a separação, na palavra, da realidade é destruidora para ela mesma: ela definha, perde sua profundidade semântica e sua mobilidade, sua capacidade de ampliar e de renovar seu significado em contextos novos e vivos e, em essência, morre enquanto palavra, pois a palavra significante vive fora dela mesma, isto é, vive de sua direção para o exterior (BAKHTIN, 1998, p. 152).

Quando um meme é compartilhado em um grupo, por exemplo, o enunciador tem um projeto de dizer, que pode ser causar o riso, fazer uma ironia a partir de algum acontecimento atual ou, simplesmente, participar do diálogo usando o meme como uma réplica dialogal, sempre de forma humorada. Porém, os efeitos de sentido despertados nos interlocutores, por mais que recebam o mesmo enunciado concreto, serão diferentes a depender do horizonte social em que se inscrevem e da sua bagagem cultural e emocional, ou seja, da sua singularidade. Quanto maior forem suas vivências, mais eles serão tecidos e mais efeitos de sentido poderão ser despertados.

Vejamos esses exemplos:



Figura 17 – Bom dia, Lula!

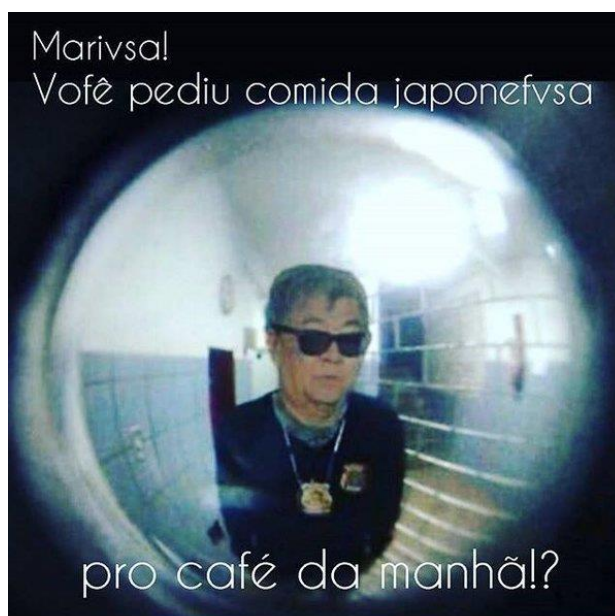


Figura 18 - Língua presa⁴⁴

O assunto desses memes é a condução coercitiva do ex-presidente Lula para depor na Polícia Federal de São Paulo no dia 04 de março de 2016. Lula foi abordado de surpresa em sua casa e intimado a ir depor na agência da Polícia Federal situada no aeroporto de Congonhas em SP. Vamos ao contexto: mesmo antes da condução coercitiva de Lula já havia uma expectativa por sua prisão e sua condução pelo “japonês”⁴⁵ da Polícia Federal. Analisando os elementos verbovisuais dos memes – a significação – temos a imagem sob o ângulo de visão do olho mágico sugerindo que Lula, ao olhar pelo orifício do lado de dentro de sua casa, visse o japonês, que teria tocado a campainha e está à espera para que abram a porta. Essa imagem sugere o efeito de sentido de que a Polícia Federal conseguiu chegar nas investigações aonde queria, ou seja, até a possível incriminação de Lula. O enunciado verbal do primeiro meme (Figura 17) “Bom dia, Lula” indica que a ação foi feita logo pela manhã, antes de uma possível fuga do ex-presidente. Esta frase pertence a uma outra dimensão discursiva, que permeia a imagem, mas não emerge de seus elementos. Duas são as observações que podemos fazer para essa conclusão: primeiro que

⁴⁴Para saber mais sobre esse meme, sugiro visitar o site do Museu de Memes <http://www.museudememes.com.br/sermons/japones-da-federal/>

⁴⁵O “japonês”, pessoa que ficou muito conhecida por ser ele quem, em sua maioria, conduzia os intimados mais expressivos, por assim dizer, pela Operação Lava Jato para os depoimentos.

o “japonês” está com a boca fechada, indicando que está calado; segundo que não se escuta através do olho mágico e sim se vê. O “Bom dia, Lula”, então, reflete não a voz do agente da polícia, mas as vozes sociais que compartilham da ideia de que o Lula é alguém que deve ser investigado e preso. A polifonia salta aos olhos nesse enunciado.

Já no segundo meme (Figura 18), temos o mesmo assunto, porém tratado discursivamente de forma diferente: o significante visual é o mesmo, mas o verbal não. O criador desse meme imita ironicamente o modo de falar do ex-presidente (ele é acometido pela anquiloglossia⁴⁶, o que chamamos popularmente de “língua presa”), e temos o seguinte discurso “Marivsa! Vofê pediu comida japonefvsá pro café da manhã?”. Em uma análise fonológica, podemos sugerir que na interpretação de que os grafemas representam fonemas, pode-se observar uma produção incorreta da fala do ex-presidente com a introdução dos fonemas /f/ e /v/ que antecedem ou substituem os fonemas dento-alveolares /s/ e /z/ em toda a escrita do meme. Na palavra “Marivsa” - a alteração fonética seria de introdução do fonema labiodental /v/ antes do fonema /z/. Na palavra “vofê” – alteração fonética de substituição do fonema /s/ pelo fonema /f/. Na palavra “japonefvsá” – o autor do meme refere-se a uma alteração fonética de introdução de fonemas /f/ e /v/ antes do fonema /z/. Todas essas alterações fonéticas, embora incomuns, podem ocorrer na fala distorcida e principalmente acometida de anquiloglossia⁴⁷. Já numa análise discursiva, percebemos a ironia do locutor ao imitar no discurso verbal escrito a fala de Lula, o que nos leva a pensar que o seu posicionamento ideológico é contrário às ideias esquerdistas. O sarcasmo também é identificado quando insinua que o ex-presidente estivesse alheio ao processo em que está sendo julgado ao não entender que o “japonês” estava ali para prendê-lo. Essa ideia se associa com os discursos contra Lula, os quais giram em torno da afirmação de que o Lula “não sabia de nada”⁴⁸

⁴⁶ A anquiloglossia ou língua presa é uma condição anatômica de encurtamento da porção lingual livre que caracteriza uma restrição de movimento da língua e que pode ter forte impacto sobre sua função de sucção, mastigação, deglutição e fala (LASKE, 2002). Ocorre que embora popularmente as pessoas atribuam a fala distorcida do ex-presidente Lula há uma anquiloglossia, o que ele de fato apresenta é outra alteração fonética denominada ceceio anterior que é a incorreta produção dos fricativos dento-alveolares, onde, o sopro respiratório é emitido centralmente, mas a língua encontra-se mal posicionada nos planos vertical e ântero-posterior, em geral entre os dentes anteriores (WERTZNER, SOTELO e AMARO, 2005).

⁴⁷ Parágrafo feito a partir do compartilhamento de conhecimento advindo da minha amiga de doutoramento Márcia Emília da Rocha Assis Eloi em 18/03/2019.

⁴⁸ Conforme podemos ver em várias reportagens, como por exemplo: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR73108-6009,00.html>; https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2017/05/11/interna_politica,594216/como-no-

Temos uma questão semântico-discursiva interessante aqui se compararmos os dois memes: um tema sendo ressignificado utilizando significantes verbais diferentes, mas visuais iguais. Esse é um fato que acontece muito com os memes: a mesma parte visual é ressignificada com novos discursos, em novos acontecimentos discursivos. Mas sempre há uma ligação semântica entre a figura e o verbal. O tom e o não-dito na figura sempre imbrica uma relação de sentido com o verbal desvelando uma arquitetura que revela a irreptibilidade da enunciação.

Como sugere Bakhtin/Volochínov (2012, p. 135), “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra”. Partindo desta premissa, podemos compreender como a expressão “bom dia” pode *significar* muitas coisas a depender do tema do enunciado: se falado pela mãe ao filho quando o deixa na escola, tende a representar um desejo carinhoso e verdadeiro de que o filho seja feliz naquele dia; se pronunciado a um desconhecido que encontramos no elevador, pode passar a ser não um desejo de felicidade, mas apenas um cumprimento, muitas vezes vazio de qualquer sentimento. Em diversas ocasiões, o “Bom dia, Lula” pode se tornar um enunciado positivo, quando, por exemplo, pronunciado por um admirador, ou por algum amigo, ou por um familiar; mas no acontecimento discursivo do meme, o “bom dia” absorveu o tom irônico e intenta significar justamente o contrário do que a expressão sugere. O enunciador que emerge deste enunciado não incita que o Lula teve um bom dia, pelo contrário, o sarcasmo pode ser percebido quando avaliamos o enunciado e a sua inscrição na história: ser levado por condução coercitiva pela Polícia Federal não aparenta ser nada bom. Por todas essas possibilidades de efeitos de sentidos diversos é que se infere que “(...) a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo” (p.136).

Quem recebeu este meme pelo WhatsApp, ou teve contato com ele pelas redes sociais, e ignora seu tema, ou seja, não tinha nenhum conhecimento sobre o assunto, não conseguiu compreendê-lo. Já quem não sabia do assunto da condução de Lula para o depoimento, mas identificou a figura do “japonês”, pode ter tido uma ideia do que estava acontecendo, e o enunciado já inferiu algum efeito de sentido. Seguindo a proporção,

mensalao-lula-diz-que-nao-sabia-de-nada-sobre-triplex.shtml;
<https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/439084715/alexandre-garcia-ironiza-depoimento-de-lula-nao-fez-nada-nao-sabia-de-nada-o-pt-fazia-tudo-sem-o-seu-chefe>; todas acessadas em 15/07/2019.

quem estava informado sobre o acontecimento e acompanhava as ações da Operação Lava Jato pôde elaborar uma compreensão mais ampla do tema ao pôr em diálogo todos os elementos da significação sugeridos pelo enunciado. Para que se compreenda a enunciação de outrem se faz necessário que o contexto correspondente a ela (a pequena história) seja também compreendido. A compreensão é dialógica e se materializa como parte real do diálogo, “ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 137).

Para além do tema e da significação, Bakhtin/Volochínov (2012) nos orientam que há a apreciação: toda a palavra possui também um “acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. A palavra, para o Círculo, não é uma unidade vocabular, mas uma unidade da comunicação discursiva, portanto um enunciado. “Sem acento apreciativo, não há palavra” (2012, p. 137). Um mesmo conjunto de elementos significativos, num mesmo contexto sócio-histórico, pode atingir sentidos completamente diferentes a depender da entoação expressiva que lhe é conferida e se desdobram em enunciados diferentes. É justamente esta multiplicidade de sentidos que permite a palavra ser uma palavra; a palavra pura não passa de um puro *elemento significativo*; é na situação concreta de uso que os sujeitos, ao proferirem seus discursos com as entoações que lhes são próprias, exprimem suas apreciações. É no contexto histórico que a palavra passa a se prover de sentidos.

Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo exterior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante. Cada produto ideológico (ideologema) é parte da realidade social e material que circunda o homem, é um momento do horizonte ideológico materializado. Não importa o que a palavra signifique, ela, antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva do meio social do homem. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 50).

A significação está na relação social da compreensão. Por exemplo, três pessoas se encontram em frente a uma vitrine e têm as seguintes reações: uma olha para uma roupa e diz “Bonita!”, outra lança a pergunta “Bonita?” e a terceira debocha “Bonita?!”.

Três enunciações usando a mesma palavra, mas com entoações diferentes que geram efeitos de sentidos diferentes, cada uma delas imprime sentidos distintos para a palavra “bonita” que só podem ser apreendidos na compreensão ativa e responsiva, na interação entre os locutores na situação real de uso.

Em qualquer enunciação, por maior que seja a amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação. [...] Não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 140).

A entonação expressiva que é impressa no ato da enunciação é que permite que os interlocutores interajam com o enunciador e seu discurso. O modo de dizer, a forma como se pronunciam as palavras, os gestos, expressões faciais, enfim, há uma série de elementos extralinguísticos que, somados à enunciação, indiciam sentidos diferenciados. O tema é o todo da enunciação e a significação são, além dos elementos linguísticos, as relações que se estabelecem *no* e *com* esse todo.

Concordo com Figueira (2012, p. 92), que quando estamos inscritos na perspectiva da Análise do Discurso (mesmo que esse autor esteja inscrito na ADF, abranjo aqui para a Análise Dialógica do Discurso (ADD)), não podemos pretender que nossa leitura, nossa “compreensão” seja sobremaneira a “interpretação correta” do “sentido verdadeiro” de seja lá o que for, pois o equívoco é um elemento intrínseco à língua e o imaginário é “constitutivo do sujeito em sua relação com o real”.

Os sujeitos inferem sentido a depender do grupo social ao qual pertencem, das crenças ideológicas que possuem e da historicidade que traçam. Todos esses fatores intervêm para os juízos de valor que depositam na linguagem: as censuras, as críticas, os consentimentos, as desaprovações, as discordâncias, as condescendências, entre tantos outros. Não há como analisarmos um discurso sem posicionarmos sócio-historicamente os sujeitos da interação verbal, para não correremos o risco de ficarmos na superficialidade linguística.

1.3.2 A questão do sujeito: a subjetividade e a produção de sentido

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente (BAKHTIN, 2006, p. 11).

Começo a falar de subjetividade propondo refletir sobre as considerações de Volóchinov (Círculo de Bakhtin): “O indivíduo como proprietário dos conteúdos da sua consciência, como autor de suas ideias, como uma personalidade responsável por suas ideias e desejos, é um fenômeno puramente socioideológico” (2017, p. 129), ou seja, o sujeito só se realiza enquanto sujeito por via de suas relações intersociais e por meio da ideologia que o constitui. Não há subjetividade solitariamente: eu sou somente por que estou para com o outro, o outro me vê e me (in)completa, é na alteridade que eu me torno sujeito num movimento contínuo de ir até o outro e de voltar a mim. O autor propõe a separação dos conceitos de indivíduo, ser correlato à natureza (biológico) e destituído do social, e de individualidade, que é o indivíduo imbuído de suas relações sociais, das trocas discursivas, das vivências intersubjetivas. A subjetividade é constituída pela linguagem, seja pela verbal, pela gestual, pela postural, entre tantas outras linguagens que utilizamos a todo momento em nossas interações.

Bagno (2010) poetiza que “ser humano é ser linguagem”. O sujeito do Círculo de Bakhtin é concebido como ser social através da linguagem: sua consciência é sónica, e o que lhe é interior coincide com o que lhe é exterior, “ele não pré-existe a não ser como organismo biológico sem desde sempre estar mergulhado no mundo da linguagem, uma atividade constitutiva das línguas e dos sujeitos que as falam” (GERALDI, 2013, p. 16).

É a subjetividade, com seus acentos e tonalidades, que permite ao signo permanecer vivo. Os embates de interior e exterior, da propulsão que o signo adquire nas relações intersubjetivas, vão torná-lo um material ideológico essencial para compreensão do psiquismo – que não está já-lá, mas que é imbuído de ideologia nas interações sociais. Toda compreensão é ideológica porque todo signo é ideológico, e a consciência interior, a singularidade do psiquismo só é dada pelas relações dialógicas sónicas. E as palavras prevalecem como material sónico do psiquismo (VOLOCHÍNOV [CÍRCULO DE

BAKHTIN], 2017, p. 121). É um efeito dominó, no qual a cadeia da criação e da compreensão ideológica vai passando de consciência individual a outra consciência individual, num processo ininterrupto; e só nesse processo de interação social é que a consciência individual se preenche de signos e adquire vida, formando então a identidade pela individualidade.

O signo é um mediador social que permeia todas as relações intersubjetivas, sempre num horizonte socialmente organizado. É preciso que haja uma ligação social e ideológica entre os sujeitos, um mesmo horizonte social, para que o signo seja compreendido e sucessivamente respondido, segundo o Círculo de Bakhtin. E quanto mais complexa culturalmente for a comunidade, mais complexas serão as comunicações discursivas, pois mais fios ideológicos serão tecidos aumentando o grau de compreensão e, conseqüentemente, de responsividade.

Nossa personalidade interior é um produto ideológico na medida em que ela passa a existir através do nosso contato com os signos – lembrando que a palavra é o signo ideológico por excelência. A ideologia não está na consciência, ela é o material do qual a consciência se alimenta. “A consciência individual é um fato social”, nos indica Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017, p. 97). Apenas nos diálogos que realizamos a todo momento, seja com outros sujeitos, seja no próprio discurso interior, é que nos tornamos sujeitos, encharcados de nossa individualidade. Sem o conteúdo ideológico adquirido em nossas vivências, a consciência não existe, não se forma ou então se esvai. O indivíduo não pode significar, não imbui o signo de valor; é na subjetividade, no ser social interagindo com seu grupo, com sua classe, com sua família, que o signo passa a ter sua ênfase valorativa e passa a fazer sentido e a provocar os efeitos de sentido. O eu-para-mim só existe porque eu-sou-para-o-outro:

Essa tensão entre o meu interior psíquico e o meu exterior social e ideológico, entre a vida interior e a vida exterior, entre o discurso interior e o discurso exterior é que produz as faíscas criadoras, de renovação sem fim. E essa luta de síntese dialética se dá na arena da palavra, do signo, que se apresenta como o lugar do processo da interação viva das forças sociais (MIOTELLO; MOURA, 2014, p. 204).

Mesmo quando estamos falando de discurso interior, estamos falando de criação ideológica e, portanto, de exterioridade sígnica. O discurso interior se dá a partir das palavras que interiorizamos e contrapomos nas nossas interações verbais. Elas são o

material s gnico do psiquismo. E toda palavra   ideológica e está carregada de palavras outras, de contrapalavras. A minha palavra nasce na palavra alheia, que volta a mim como palavra-minha-alheia. A dialogicidade me constitui como sujeito, e a minha individualidade s    possível pelos diálogos que estabeleço com o outro. É na alteridade que me possibilito ser alguém, ser para o outro, o outro ser para mim; nessa arquitetônica da vida eu me torno um ser social e ideológico, porque esta é a minha natureza. A natureza do indivíduo transmutado na individualidade. Eu falo para o outro, eu compreendo o outro, eu vejo o outro, eu me relaciono com o outro, só assim eu posso existir (com todo respeito a Descartes). Aquele sujeito da razão e centrado em si, completo, como ponto de partida e de chegada do eu, não cabe mais nos dias de hoje (se á que coube um dia!), apesar de ainda estar muito presente entre nós. Somos constituídos pela linguagem que é social por natureza, então somos seres sociais e não individuais. Somos incompletados pelo outro, só a morte me completa; a vida me incompleta no diálogo com o outro que me interpela, que me exige que eu me abra. “O diálogo é uma exigência do outro, uma imposi o alheia, um acontecimento transgrediente”, nos dizem Miotello e Moura (2014, p. 193).

Dialogando com Zandwais (2012), trago uma breve retomada histórica de como   através dos discursos que os sujeitos, constituídos pela língua, marcados pela ideologia e posicionados historicamente, se colocam *na* e *para* a sociedade, a subjetividade é um fenômeno de linguagem. Na Antiguidade, as letras sagradas não apenas se sobrepunham, mas também caracterizavam as formas de assujeitamento do sujeito nas na es mais antigas. Desse modo, o sagrado “determina o funcionamento, o próprio modo de produ o dos sentidos da “letra da língua”   semelhança de um código jurídico que prescreve os limites da interpreta o” (ZANDWAIS, 2012, p. 177).

Já nos idos da modernidade, a ordem positivista passa a desestabilizar a ordem religiosa e passamos ao homem centrado na razão, consolidando uma nova forma de concep o da subjetividade, agora atrelada à ordem das disciplinas morais. O sujeito, nessa nova filosofia, é tido como responsável “pelas suas escolhas, pelas suas perdas, por seus danos morais e, sobretudo, por seus modos de significar o real” (ZANDWAIS, 2012, p. 177).

Interessante abrirmos aqui um diálogo com os apontamentos de Hall sobre identidade e subjetividade, quando Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, indica que, com as rupturas ocorridas na modernidade, as velhas

identidades estabilizadas no mundo social foram deslocadas emergindo novas identidades e desfocando o sujeito de unificado para fragmentado.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (Mercer, 1990 apud Hall, 2006).

Colocando em foco essa “crise de identidade”, podemos considerar que ela é parte de um processo de mudança muito mais amplo que abrange toda uma estrutura social que vem sendo descentrada desde a modernidade tardia – segunda metade do século XX, segundo Hall – principalmente pelos meios de comunicação (e acrescento a internet). O sujeito e sua identidade têm sofrido uma transformação constante colocando em relevo a discussão de como se configura a subjetividade e até que ponto a própria sociedade em que o sujeito está inserido o descentraliza e o fragmenta.

Seguindo a linha de pensamento de Hall (2006), três concepções históricas para o sujeito são definidas (dentro do recorte temporal já proposto). A primeira, o sujeito do Iluminismo, que, centrado na razão, era consciente de suas atitudes e “senhor de si”; dotado de um centro interior que se desenvolvia continuamente e solidificava seus valores ao longo de sua existência. Em suma, o sujeito iluminista possuía características individualistas, unificadas; sua identidade se encerrava nela mesma; e se apoiava nas tradições, na ciência e estruturas. Vale lembrar a máxima de Descartes “Penso, logo existo”.

A segunda concepção, a do sujeito sociológico, está contida na complexa sociedade da modernidade, onde a interação dele com os outros propiciava a construção de sua identidade. Tornou-se "centrado" pelos discursos e práticas que moldaram as sociedades modernas, de modo que seus valores, sentidos, enfim, sua cultura era concebida na troca entre o eu (interior) e a sociedade (exterior). Internalizava os sentimentos subjetivos e sua identidade não se fechava nela mesma. Isto, porém, não

abolia sua essência, seu “eu real”. “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 11-12).

No começo do século XX, o conhecimento começa a tornar seus caminhos mais seccionados, principalmente o campo das ciências sociais que abre novos campos, como a psicologia, que vai dar conta do inconsciente e das emoções humanas, o surgimento da Linguística e outras disciplinas. No entanto, um novo movimento estético e intelectual, o Modernismo, sugere um cenário mais sedicioso do sujeito e da identidade questionando toda uma tradição artística e cultural.

A modernidade tardia (ou líquida, como adoto neste trabalho) revolucionou toda a história da humanidade numa velocidade nunca antes vista. A sociedade tradicional, tal como era conhecida, sofreu várias transformações e deslocamentos de seus modos de vida, rompendo com os princípios estagnados e estáveis, o que culminou com a descentralização do sujeito. O sujeito cartesiano foi, na modernidade tardia, definitivamente extinto segundo Hall (2006). Questiono aqui a imposição que o advérbio definitivamente conota, pois ainda vemos inclinações de sujeitos e grupos de sujeitos focados na Razão positivista.

Toda essa efervescência da modernidade gera uma sociedade que convive a todo tempo com mudanças constantes e rápidas, altamente reflexiva de si e que acaba por impulsionar a terceira concepção de sujeito, o sujeito pós-moderno, como sugere Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987 apud Hall, 2006, p. 12-13).

Dentro de uma nova ordem social, na qual as pessoas têm acesso instantâneo a todo e qualquer tipo de informação e contato com culturas diversificadas, não há como o sujeito manter uma centralidade, é preciso que haja uma adaptação rápida da identidade para cada lugar social em que ele se encontre, daí a concepção “o sujeito e as identidades”.

Não estamos falando aqui de várias personalidades, não é disso que se trata, mas sim de se adequar ao ambiente, já que é possível estar, através dos meios de comunicação, e incluo os meios digitais, em “mares nunca dantes navegados”.

Alguns estudiosos, como Hall, argumentam que na modernidade tardia, o que aconteceu ao sujeito não foi sua desagregação, mas seu descentramento devido a um movimento sem fim de rupturas que o atravessam em diferentes aspectos e antagonismos sociais. O impacto do processo de globalização é um dispositivo que vem reformular totalmente a noção do sujeito que agora ocupa diferentes “posições de sujeito” sugestionando uma refração da identidade. Hall (2006) sugere cinco *fatores* da modernidade que propiciaram a descentração do sujeito sociológico e o surgimento do sujeito pós-moderno.

A primeira descentração vem da releitura das teorias marxistas na década de 1960. Reinterpretando a afirmação de Marx que os homens são historicamente condicionados, os novos estudiosos consideraram que os homens não poderiam ser os “autores” da história, uma vez que eles são marcados pela condição social a que são condicionados e só podem agir a partir dela.

Althusser foi um dos importantes estudiosos marxistas da época e aprofundou na questão dizendo que não há sujeitos *da* história e sim sujeitos *na* história. Não existe uma essência universal, o Sujeito. Não são os homens que produzem a história e, sim, são afetados por ela. Essa “revolução teórica” impactou vários ramos do pensamento moderno.

Que os indivíduos humanos, ou seja, sociais, são ativos na história – como agentes das diferentes práticas sociais do processo histórico de produção e de reprodução – é um fato. Mas (...) não são sujeitos “livres” e “constituintes” no sentido filosófico desses termos”. (ALTHUSSER, 1985, p. 98).

Freud e a descoberta do inconsciente protagonizou a segunda descentralização do sujeito que Hall (2006) cita em seus estudos. A teoria de Freud de que nenhum pensamento acontece por acaso, o que não está no consciente, está no inconsciente. A formação do sujeito se encontra nos processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, o que destrói com a lógica da Razão.

A Teoria do Sujeito proposta por Jaques Lacan, a partir dos estudos de Freud, rompe com o paradigma do sujeito enquanto entidade homogênea e passa a enxergá-lo como sujeito clivado entre consciente e inconsciente, que emerge da cadeia significante e coloca o Outro em posição de domínio. O sujeito não é livre para construir seus enunciados e só o faz de acordo com a formação social em que está inserido.

Os trabalhos de Ferdinand de Saussure com a Linguística vêm como a terceira descentração do sujeito. A afirmação de Saussure de que a língua é social e a fala é individual leva-o a considerar que só percebemos o sentido no interior do sistema linguístico, uma vez que um elemento do sistema adquire valor justamente porque estabelece relação com os outros elementos do sistema. Hall continua sua explanação citando a “virada linguística” e os modernos filósofos da linguagem, que aqui nos parece mais adequado nos referirmos aos Linguistas e brevemente sobre a Análise do Discurso como um descentramento do que se vinha sendo instituído desde o estruturalismo. À época em que Hall chega a estes levantamentos (segunda metade do século XX), é esta corrente que, ao estudar a língua no interior de suas condições de produção, coloca a subjetividade e a enunciação em lugar de destaque. O sujeito enuncia a partir de uma historicidade e posicionamento ideológico e seu discurso está atravessado por outros discursos.

O quarto descentramento principal da identidade e do sujeito se dá com os estudos de Michel Foucault, nos quais produziu *uma espécie de genealogia do sujeito moderno*. Em seu livro “Vigiar e Punir”, Foucault afirma que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 126). Isto implica que o corpo social é perpassado por micropoderes, pensando o poder como algo não-linear, que disciplinam o homem e impõe aos corpos a “docilidade”.

A disciplina regulamenta todo o sistema social favorecendo a normatização do poder e imputando regras: “constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’” (FOUCAULT, 2004, p. 150). Dessa forma, até o tempo é regulado para se tornar “útil”. A vigília parte do próprio indivíduo para com ele mesmo e para com o outro. Este processo “visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (p. 127).

Isto se dá nas próprias instituições sociais, como escolas, prisões, hospitais, órgãos públicos, indústrias entre outros tantos.

Interessante observar que, de acordo com Hall (2006), embora o “poder disciplinar” sirva para a coerção do sujeito nas novas instituições coletivas e de grande escala na modernidade tardia, acaba por individualizar ainda mais o seu corpo pela massa documental que é produzida para ordenar o sistema de poder e permitir a vigilância constante.

Não é necessário aceitar cada detalhe da descrição que Foucault faz do caráter abrangente dos "regimes disciplinares" do moderno poder administrativo para compreender o paradoxo de que, quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual (HALL, 2006, p. 43).

O “poder disciplinar” infligido ao corpo acabou por gerar um culto ao belo, no qual as pessoas criam modelos de beleza a serem seguidos numa busca incessante ao que a sociedade determina como “padrão de beleza”. O que acaba por marcar a atualidade como a sociedade da beleza e da estética, e a mídia de uma forma geral se torna a disseminadora desses valores. Acrescento aqui o culto às imagens, em uma sociedade espetacularizada (cf. item 3.2)

O quinto e último descentramento se refere aos movimentos sociais ocorridos na segunda metade do século XX, destacando-se o “feminismo”. Este movimento tem como grande característica uma crítica teórica que ultrapassou apenas o questionamento dos direitos das mulheres e sua efetiva inserção na sociedade e acabou sendo decisivo para a formação das identidades sexuais e de gênero. Todos os “novos movimentos sociais” que emergiram na década de 1960, como as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, “os movimentos revolucionários do "Terceiro Mundo", os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com "1968"” (HALL, 2006, p. 44) contribuiram para um novo olhar sobre as práticas político-sociais da época e que afeta diretamente até hoje a nossa sociedade.

Todos esses descentramentos indicados por Hall (2006) contribuiram para a construção do sujeito e suas identidades na pós-modernidade. Assim como as rupturas aconteceram no campo político e social, também houve a ruptura do sujeito enquanto

unidade centrada em um “eu” unificado, para um sujeito fragmentado decomposto em suas “identidades”. O que estou me propondo é estudar os diálogos do cotidiano nos dias atuais a partir deste sujeito que emerge dos descentramento e é construído a partir de uma hibridação cultural, se tornando mais sensível às questões politicossociais.

Retomando as considerações de Zandwais (2012, p. 177-179) sobre a subjetividade discursiva, a teórica pontua o deslocamento que houve em relação ao sujeito uma vez que, de assujeitado pelo “monolinguismo” determinado pela “letra do sagrado”, o sujeito moderno passa a ter que *repensar seu próprio lugar na sociedade*, precisando se reconhecer por sua individualidade. Sua subjetividade fica atrelada ao modo como ele produz sentido na ordem do real ao qual está ligado e precisa se coadunar com o “espírito” de uma sociedade que tem a contradição de estar em constante mutação e que, ao mesmo tempo, precisa ser normativa para regular as condições de vida do coletivo.

Já o Círculo de Bakhtin passa a nos remeter a um sujeito que se manifesta na “vivência do nós”: “desse modo, a personalidade falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais” (VOLOCHÍNOV [CÍRCULO DE BAKHTIN], 2017, p. 211). Toda tomada de consciência não deixa de ser uma expressão ideológica. É no campo do social que os sujeitos, ao interagirem, imprimem suas marcas apreciativas situando-se ideologicamente; e, ao proferirem seus discursos, demarcam sua orientação social, que é mais complexa a depender do grau de organização da coletividade da qual faz parte. A tomada de consciência do eu apenas no seu aspecto interior tende para a isolamento - para a “auto-eliminação”. Para Bakhtin (2008, p. 67), “a vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde *por si mesmo* e se revela livremente”, é o ato responsável sem álibi no ser.

Ao se revelar, o sujeito assume seu ato, se responsabiliza por ele, imprime sua assinatura e ao assumir sua responsabilidade, sem álibi, denota seu horizonte social, seu pertencimento a um grupo e a uma sociedade; assume sua singularidade: sou esse porque não sou aquele; é a contrapalavra que me define enquanto sujeito. Ponzio (2017, p. 19) compara a identidade no mundo da vivência, com a identidade no mundo oficial, o da cultura: no primeiro, a singularidade é única, construída pelas peculiaridades das relações cotidianas *relegadas ao privado*, com nossa afetividade e amorosidade no âmbito da individualidade singular; no segundo, a identidade é a representatividade que fazemos de uma coletividade, a singularidade é apenas um “quê” de diferenças indiferentes no tocante

ao pertencimento a um grupo, “o reconhecimento do outro no máximo alcança o nível da imparcialidade, da paridade, da igualdade, da justiça, (...) mas sempre de maneira não participativa, indiferente à singularidade, à diferença de cada um (...) (p. 19).

O álibi nesses dois mundos nos quais circulamos e nos identificamos enquanto sujeitos é um diferencial: de um lado o mundo não-oficial da vida vivida, da vivência, no qual circulamos assumindo nossa singularidade e insubstituibilidade, não temos álibi, seguimos exercendo a alteridade e a exotopia; de outro lado, o mundo oficial, da cultura, das representações sociais, da imparcialidade e do tratamento de igualdade, mas não completamente sensível às indiferenças, a responsabilidade tem álibi: o do pertencimento a um grupo ou comunidade.

Geraldi nos chama atenção para a questão do sujeito consciente nas obras do Círculo nos mostrando que não podemos entender esta consciência como algo fechado em si mesmo, senão retornaríamos para o sujeito cartesiano, “todo poderoso e que sabe o que faz” (2010, p. 285). A consciência é fruto da alteridade, da contraposição entre o eu e o outro, “ora, esta contraposição somente pode ser experimentada através da palavra, espaço habitado por ambos e espaço em que se constitui a consciência de cada um” (p. 285).

Podemos dizer, então, que é nas relações sociais intermediadas pela linguagem que o sujeito se torna consciente em seu existir-evento. A consciência, portanto, advém da orientação social; é um ideograma, construído pela alteridade na vivência do ser social.

1.4 Ideologia e as ideologias



Figura 19 - Subversão

Uma vez que o signo é ideológico por natureza, achei relevante discutir aqui, de forma mais pontual, a questão da ideologia, já que ela perpassa todas as atitudes humanas. Somos constituídos, enquanto seres sociais, pela ideologia, seja em nossos discursos exteriores, nas interações verbais com nossos interlocutores, marcadamente históricos, seja em nossos discursos interiores, na atividade mental do eu. Além do que, os memes, enquanto discursos, refletem e refratam a ideologia que permeia todas as esferas da comunicação humana e todos os grupos sociais. Como salienta Pêcheux (1997, p. 149), “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”.

Outra questão é que, apesar de visitarmos a Análise do Discurso Francesa em alguns momentos, temos como o cerne teórico desta tese a Filosofia *Marxista* da Linguagem sob a ótica do Círculo de Bakhtin, que visa pensar o discurso nas relações concretas do dia a dia e como aspecto sociológico e ideológico dos fenômenos éticos, estéticos e científicos, embasados na teoria marxista⁴⁹ – mesmo que revisitada pelos teóricos russos, como mencionei no início deste capítulo. Medvedev (2010), discutindo sobre a ciência das ideologias a liga diretamente ao marxismo, dizendo que esta corrente “formulou uma definição geral das superestruturas ideológicas, de suas funções na unidade da vida social, de suas relações com a base econômica, e, em parte, também da relação interna entre elas” (p. 43). E incita que um método sociológico só pode ser pensado *no terreno do próprio marxismo*, e ainda critica alguns marxistas que, ao não desfrutarem da correta dialética entre o produto ideológico e as condições socioeconômicas de produção, acabam caindo no imediatismo da causalidade mecânica (p.57-58).

Marx ([1859] 1996) nos orienta que os homens entram em relações de produção na vida em sociedade por necessidade e que

(a) totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência (p. 52).

⁴⁹ O marxismo é mais latente nas obras de Volochínov e Medviédev, mas também não se pode negar a influência que esta corrente teórica alcança nas obras de Bakhtin, além da fenomenologia e da *Lebenphilosophie* (filosofia da vida) (Cf. COSTA, 2017, p. 44)

Já Miotello (2008), ao discorrer sobre a questão da ideologia para o Círculo de Bakhtin, considera que eles avançaram em alguns pontos que Marx e Engels haviam apenas tocado, como

a questão da relação da infraestrutura com a superestrutura, a constituição e o papel dos signos, a questão da constituição da subjetividade e da consciência, as questões da peculiaridade da palavra literária, o característico da linguagem verbal e sua relação com outros sistemas sógnicos, a questão da caracterização da arte (p.167).

O Círculo, então, e, principalmente Bakhtin em suas obras posteriores, já num trabalho, podemos dizer, solitário (mas sempre dialógico), traz outras questões filosóficas para dialogarem com a noção de ideologia, abrangendo o conceito e suas relações com a arquitetura da vida ética, estética e do conhecimento. De acordo com Miotello (2008, p. 168), o próprio Bakhtin não teria aceitado ser *mediocre dialeticamente*, e coloca na instabilidade e estabilidade o ponto de equilíbrio para que o conceito seja construído na concretude do acontecimento, fugindo da perspectiva idealista e da ideia de ideologia como um constructo “já dado”.

O Círculo cinde, por assim dizer, a ideologia em duas vertentes: a ideologia oficial, que é aquela que tende a ser a dominante; e a ideologia do cotidiano, que nasce das relações concretas dos sujeitos singulares nas interações sociais. Como não é minha intenção nesta tese debruçar-me minuciosamente sobre a questão da Ideologia de modo geral, pretendo apenas fazer uma breve exposição do tema devido à sua presença contínua em nossas discussões. O que tem maior relevância para nós é o conceito do Círculo de Bakhtin de ideologia do cotidiano a fim de discutir os diálogos do cotidiano, considerando o discurso como acontecimento sócio-histórico e ideológico nas interações do dia a dia.

1.4.1 Ideologia: que palavra é essa?

O termo ideologia carrega consigo um certo peso pela sua historicidade (o que mais uma vez comprova como os fios dialógicos dão vida à palavra): após ser introduzido para designar uma suposta ciência das ideias, rapidamente “tornou-se uma arma numa batalha política, travada no terreno da linguagem” (THOMPSON, 1995, p. 43).

Transitando por várias acepções dentro das ciências humanas e políticas do final do século XIX e início do século XX, o conceito de ideologia ora se imbuía de uma visão positiva, ora de uma negativa, desempenhando um papel muito importante nos embates políticos da vida cotidiana. Ao usarmos nos dias atuais o termo ideologia, sentimos as ressonâncias dialógicas que o atravessam.

O início dos estudos sobre ideologia se deu na França, no início do século XIX, sob um prisma positivo, com Destutt de Tracy, que designou por ideologia a ciência cujo propósito é explicar a constituição das ideias de um ponto de vista materialista, uma vez que elas se originam das relações do homem com o seu meio e têm, dessa forma, uma base material (COSTA, 2017, p. 52). Thompson (1995) elucida que para de Tracy o que conhecemos das coisas são as sensações e as ideias que fazemos delas e não *as coisas em si mesmas* e que essa “Ciência das Ideias” deveria vir como precursora de todas as outras, oferecendo a elas um fundamento firme e, assim, livre de “preconceito”, numa relação de fé no Iluminismo. Porém, após romper com Napoleão e seus discípulos, o grupo de estudiosos ao qual de Tracy pertencia foi denominado de ideólogos e, ao longo das décadas da Revolução, acabaram se tornando os *bodes expiatórios*, pois foram colocados como os culpados para os fracassos do regime napoleônico. “A Ideologia como ciência positiva e eminente, digna do mais alto respeito, gradualmente deu lugar a uma ideologia como ideias abstratas e ilusórias, digna apenas da ridicularização e desprezo (THOMPSON, 1995, p. 48).

Marx e Engels elaboraram o materialismo histórico-dialético, que pressupõe que a História deve ser estudada em relação às condições materiais dos indivíduos: “o que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção” (MARX e ENGELS, 2010, p. 45). E numa crítica aos filósofos alemães (ideólogos, como os autores às vezes os chamam), dizem que estes consideram como se as ideias viessem do Céu para a Terra, o que, na verdade é o contrário: “É onde termina a especulação, isto é, na vida real que começa a ciência real, positiva, a expressão da atividade prática, do processo de desenvolvimento prático do homem” (p.52). Sobre a consciência, afirmam que “consequentemente, desde o início é um produto social, e o continuará sendo enquanto existirem homens” (p.56).

Sob a ótica de Marx, para se chegar aos homens de carne e osso não devemos derivar do que os homens dizem, imaginam e representam, muito menos do que eles representam por meio de suas palavras, do que pensam, do que imaginam e como

representam o outro; “mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital” (MARX, 2002, p. 19).

Após a leitura de alguns artigos de filósofos brasileiros sobre a concepção marxista de ideologia, a fim de aprofundar o conhecimento, ficou claro para mim a contrariedade existente na percepção dos estudiosos em torno do termo ideologia nas obras de Marx. Thompson (1990, p. 49) diz que “de fato, é a própria ambiguidade do conceito de ideologia no trabalho de Marx que é, parcialmente, responsável pelos debates contínuos a respeito do legado de seus escritos”. Elegi um pesquisador brasileiro para trazer aqui aquele de se aproximou de minhas leituras bakhtinianas⁵⁰.

Chagas (2013, p. 64) reflete que, para Marx:

Ser um ser social quer dizer aqui não mais vida em geral, abstrata, mas uma qualidade de vida, a vida determinada, a vida social humana. E o ser social, que determina a consciência, está, por sua vez, condicionado historicamente pela produção material da vida, produção essa que significa não só produção econômica (economicismo), mas produção e reprodução dos meios necessários à vida, à sobrevivência humana, que envolve tanto produção de bens materiais quanto de bens imateriais, produção de objetividade e subjetividade, de elementos objetivos e subjetivos.

Pudemos observar que o filósofo brasileiro conclui que há, para a teoria marxista da ideologia, o envolvimento da subjetividade através do ser social, fora da consciência individual. Chagas ainda discute que a visão de ideologia como “falsa consciência” em Marx acabou por ser distorcida, levando a entendê-la como uma leitura falsa de mundo, abstraída da materialidade, mas que, na verdade, é uma *distorção específica de uma realidade específica* que, para Marx, recai na realidade capitalista (p. 73).

Adorno (2015), em seu ensaio *Crítica Cultural e Sociedade* (1949), aborda a ideologia, sob um viés marxista, como fonte de crítica cultural e nos indica que “Como vários outros elementos do materialismo dialético, também a noção de ideologia foi transformada de um meio de conhecimento para um meio de controle do conhecimento” (p. 94). A ideologia passa a ser vigiada em vez de criticada sob a égide da dependência

50 Prova cabal de que somos seres ideologicamente marcados e nos aconchegamos nos produtos ideológicos que conversam com nosso discurso interior e exterior, refletindo nosso posicionamento nas estruturas de base.

entre superestrutura e infraestrutura: “Ninguém mais se preocupa com conteúdo objetivo das ideologias, desde que estas cumpram sua função” que se torna cada vez mais abstrata (p. 94). Para esse autor, ideologia significa “sociedade enquanto aparência. Embora seja mediada pela totalidade, atrás do qual se esconde a dominação do parcial; por isso, de certo modo, está em todas as partes à mesma distância do centro” (p.95).

Marilena Chauí (1982, p. 92), numa visão mais determinista e causal, nos diz que ideologia é a representação da própria classe dominante de si mesma, “sua relação com a natureza, com os demais homens, com a sobrenatureza (deuses), com o Estado etc.”, tornando-se, assim, um pensamento comum a *todos* os membros dessa sociedade. “A ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante se tornam ideias de todas as classes sociais, se tornam dominantes” (p. 92). Percebo na obra dessa filósofa brasileira que sua concepção de ideologia se aproxima com a ideia da falsa consciência, da representação distorcida da realidade como reflexo da causalidade mecânica.

Contudo, Costa (2017) nos orienta que, com os estudiosos russos do começo do século XX, os estudos da ideologia retomam um cunho positivo, após os ataques aos “ideólogos” da era napoleônica. Isso porque, se tomado como falsa consciência, a partir de uma conotação negativa,

o conceito não pareceria muito compatível com os objetivos e as práticas de revolucionários que, imbuídos da convicção no poder transformador dos seres humanos e movidos pelo que eles próprios vieram a chamar de ideologia (no caso, a socialista), tinham como propósito tomar a história nas mãos e mudar radicalmente a sociedade, reorganizando-a sobre novas bases (p. 57).

Na obra de Lênin, por exemplo, ideologia é vista como *expressão dos interesses e da visão de mundo de uma classe no processo de luta de classe*, transbordando-a para ser fundamento da ideologia proletária, além da burguesa. Plekhánov e Bukhárin fizeram a aproximação entre as noções de formas ideológicas e formas culturais. Assim, esses teóricos (que não desprezavam a concepção europeia do termo, mas viam que a ideologia era mais do que simplesmente uma falsa consciência, uma distorção do real) serviram de base dialética para o desenvolvimento das questões ideológicas propostas pelo Círculo (COSTA, 2017, p. 58).

Pêcheux (2000) reflete que aqueles a quem costumam chamar de “os clássicos do marxismo”, incluindo Marx e Lênin, não conseguiram elaborar de forma contundente um

estudo politicamente organizado sobre língua, ideologia e discurso, tratando o assunto de forma muito geral. E continua dizendo que “de sorte, depois de Volochínov até os nossos dias, pode-se dizer que essa questão foi, e permanece sendo, essencialmente, objeto dos universitários progressistas (...) (s/p)”. Com essa passagem, podemos perceber que Pêcheux valorizava a forma como Volochínov abordava o conceito de ideologia ligado às concepções da linguagem (e podemos estender para o Círculo de Bakhtin, uma vez que muitas das obras saíram a quatro mãos ou a partir de discussões conjuntas entre os membros).

Ponzio (2016, p. 114) afirma que não temos uma definição categórica do termo *ideologia* nas obras do Círculo de forma bem explícita, a não ser numa nota de rodapé do ensaio de Volóchinov “O que é a linguagem” que diz :“Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sógnicas” (2013, p. 138). Para Ponzio, o conceito de ideologia se encontra diluído nas páginas de cada obra do Círculo, pois a questão da ideologia, principalmente a partir da afirmação de que todo signo é ideológico por natureza e que a palavra é o signo de maior expressividade e precisa ser estudado em seu acontecimento social, histórico e ideológico, permeia todas as elaborações teóricas desses autores. Ponzio sugere, então, que é possível fazer essa definição bakhtiniana mais ampla de ideologia⁵¹ a partir da conceituação proposta por A. Schaff,:

(...) a ideologia é um sistema de concepções que está determinado pelos interesses de um determinado grupo social, de uma classe, e que, baseado em um sistema de valores, condiciona atitudes e comportamentos tanto dos sujeitos do grupo em questão como dos outros grupos sociais, quando se converte em ideologia dominante (apud PONZIO, 2016, p. 116).

Achei muito pertinente a expressão utilizada por A. Schaff “condiciona atitudes e comportamentos”, pois percebo que muitos estudiosos do discurso, das diversas vertentes e, inclusive, muitos filiados na própria teoria bakhtiniana, pensam que, para o Círculo, os sujeitos são senhores de si sobremaneira, dominando a ideologia que permeia

⁵¹ Muito interessante o levantamento feito por Augusto Ponzio no Capítulo “Signo e Ideologia” do Livro “A Revolução Bakhtiniana”, no qual ele nos coloca claro que o Círculo tem uma concepção de ideologia que se liga à ideia de classe dominante, assim como também o termo é usado num sentido mais amplo.

nossas atitudes e nunca dominados por ela. Mas considero fundamental este diálogo sobre ideologia para colocar, sempre no meu ato responsável, que não enxergo a teoria do Círculo Bakhtiniano como aquela em que o ser, em todo o seu existir-evento, tenha total ciência e consciência dos efeitos que a ideologia (ou as ideologias de classe, como propõe em vários momentos os teóricos do Círculo) traz em todas as camadas e momentos da vida. Porque nós somos efeito (consciente e inconscientemente⁵²) das ideologias que perpassam nosso dia a dia, seja nas interações familiares e amigáveis (ou não) do cotidiano (a ideologia do cotidiano); seja em nossas relações nas esferas mais instituídas (a ideologia oficial/dominante). O que não quer dizer que somos escravos dela, mas o signo exterior é ideológico, fruto das interações sociais, e somos impregnados dele na constituição de nossa subjetividade, do nosso discurso interior. Até a nossa autoconsciência é, segundo Bakhtin (2017, p. 87), uma consciência de grupo social: “é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer, a socialização de si mesmo e do seu ato”. Toda a consciência do ser humano é exteriorizada pelo material verbal, pela palavra que é a refração mais sutil e também mais confusa das leis socioeconômicas, seja no campo da ética, da estética ou do conhecimento. Ao mesmo tempo que temos a liberdade de escolher de qual grupo social participar, por exemplo, também somos cerceados por esta escolha, a medida em que temos que “aceitar” as regras desse grupo, de forma inconsciente, mas também de forma consciente, por mais que não concordemos com todas elas.

Ponzio (2016) diz que a ideologia para Bakhtin é um eixo essencial em seus trabalhos e se refere tanto aos *sistemas superestruturais* da ideologia oficial (os campos da cultura e do conhecimento) como também aos diferentes níveis da consciência individual (campo ético), que abrangem aqueles que coincidem com a ideologia oficial e com a ideologia não-oficial, até aos substratos do inconsciente. E por inconsciente, Ponzio (2016, p. 112-113), fazendo uma ponte entre Lacan e *O Freudismo* de Bakhtin, vai pontuar que ele também é linguagem e não pode estar fora da ideologia; o inconsciente é o discurso da ideologia não-oficial, pois é o discurso interior que a ideologia oficial/dominante censura. É uma arena de lutas ideológicas que se dão nos embates no nível do discurso interior. Penso que a ideia do *janus bifronte*, as duas faces de qualquer

⁵² O inconsciente ao qual me refiro é o que se encontra no discurso interior conforme colocado por Volochínov e Bakhtin, como discutirei a seguir.

signo ideológico, é o pontapé que o Círculo dá no sentido de vencer o ostracismo da categoria da causalidade mecânica, e coloca a filosofia da linguagem como um terreno fértil para tal feito (VOLOCHÍNOV (Círculo de Bakhtin), 2017, p. 113-114).

Bakhtin, em *O Freudismo*, questiona a psicologia subjetivista na qual Freud se inscreve, qual seja, acessar o inconsciente através apenas da introspecção e seu relato individual do paciente para com o médico, excluindo as relações exteriores. A consciência é a exteriorização que todo sujeito adulto faz de seu ato e o inconsciente é o outro lado da mesma consciência, é a sua outra expressão ideológica. Com isso, propõe chamar o inconsciente freudiano de “consciência não-oficial”:

O que é a consciência de um homem isolado senão a ideologia do seu comportamento? Neste sentido podemos perfeitamente compará-la à ideologia na própria acepção do termo, ideologia essa que é a própria expressão da consciência de classe. Mas não se pode tomar como verdade nenhuma ideologia, seja individual ou de classe, nem acreditar nela sob palavra. A ideologia mente para aquele que não é capaz de penetrar no jogo de forças materiais objetivas que se esconde por trás dela (2017, p. 78).

O que entendo nesta passagem é que a palavra, apenas a palavra, sem ser colocada no jogo das interrelações sociais, na sua inscrição histórica, nada mais é do que um jogo vencido; vencido pelas peças que a ideologia prega àqueles que não entram nas disputas às quais ela propõe. O filósofo segue em suas ideias e nos diz que a palavra é como *cenário do convívio mais íntimo em cujo processo ela nasceu*, e que traz consigo marcas do convívio mais amplo, do convívio de grupo social ao qual o sujeito pertence. A enunciação é a *interpretação ideológica*, que para compreendê-la precisamos retomar os fios das interações sociais intersubjetivas (BAKHTIN, 2017a, p. 79-80).

Comparemos estas citações, sendo a primeira de Marx e Engels e a segunda de Volochínov:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe, que é o poder material dominante da sociedade, é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante. A classe, que tem à sua disposição os meios para a produção material, dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, de modo que a ela estão, assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam uma classe dominante, portanto, as ideias de seu domínio. Os indivíduos, que constituem a classe dominante, têm, entre outras coisas, também consciência,

e, por conseguinte, pensam; à medida que *eles dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores, de ideias; que regulam a produção e a distribuição das ideias do seu tempo, que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época* (MARX, K.; ENGELS, F. 2010, p. 78, grifo meu).

Mas justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. *A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual.*

[...] Em condições normais da vida social, essa contradição (dialética interna) contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, *pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje.* Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLOCHÍNOV (Círculo de Bakhtin), 2017, p. 113-114, grifo meu).

Assim como assinalam Marx e Engels (2010) que os indivíduos da classe dominante determinam o âmbito histórico e o do pensamento, o Círculo também não nega que a ideologia dominante exerce a reflexão, a refração e a distorção discursiva no sentido de tentar se impor como verdade da realidade social, como uma superestrutura que é construída a partir da base, nos diálogos do cotidiano, e passa a “dominar” essa própria base econômica⁵³; e que a consciência individual isolada não é quem organiza arquitetonicamente a superestrutura, mas é “apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos”, podendo circular por eles, mas não controlá-los absolutamente (VOLOCHÍNOV (Círculo de Bakhtin), 2017, p. 98). O sujeito é sociológico à medida em que é constituído na dialética interna do signo em sua formação social.

Althusser (1985), que influenciou diretamente Pêcheux na elaboração da teoria da ADF, na sua obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, resume que para Marx “a ideologia é, aí, um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (p. 81). Para Althusser, a ideologia em geral é omni-histórica, transistórica, uma vez que é eterna. Essa ideologia é que faz a ponte entre as condições

⁵³ No item sobre “ideologia do cotidiano”, discutirei como as ideologias que circulam na base econômica, para além da ideologia oficial/dominante, convivem na base e podem implodir essa ideologia.

reais de existência dos indivíduos com as relações imaginárias, ou seja, como o homem se representa ideologicamente no mundo. Para toda formação social é premissa reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes. A base econômica, pela sua eficácia, é que irá determinar a superestrutura, mas há uma força inversa que tensiona também para que o contrário aconteça.

A ideologia funciona, basicamente em dois níveis: i) nos Aparelhos de Estado (AE), no qual há uma força repressiva e pertence exclusivamente ao domínio público (o exército, o Chefe de Estado, por exemplo); ii) nos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que são as igrejas, os sindicatos, a família, a escola, entre outros, nos quais as ideologias circulam de forma mais desprendida, não havendo uma única ideologia *par excellence*, a dominante, mas, também, espaços para ideologias dominadas. São nos AIE que ocorrem as lutas de classes, eles são os meios e o lugar para isso, sempre lembrando que a ideologia dominante em cada época é a predominante nos AIE. É a ideologia que, como condição *sine qua non* para a teoria althusseriana, se reflete na questão da categoria de sujeito:

A categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas, ao mesmo tempo e imediatamente, acrescentamos *que a categoria de sujeito não é constitutiva de toda ideologia, uma vez que toda ideologia tem por função (é o que a define) "constituir" indivíduos concretos em sujeitos.* É neste jogo de dupla constituição que se localiza o funcionamento de toda ideologia, não sendo a ideologia mais do que o funcionamento nas formas materiais de existência deste mesmo funcionamento (ALTHUSSER, 1985, p. 93-94).

Na visão de Thompson (1990), a ideologia encontra-se, em primeira instância, “interessada com as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder” (p. 75). Nesse sentido a ideologia está a favor de estabilizar os ideais da classe dominante e mantê-la no poder. Para ele, então, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (p. 76). O mascaramento e o ocultamento (a parte negativa da ideologia) não são suas características preliminares, mas uma de suas possibilidades. Interessa-lhe como esses fenômenos simbólicos servem à sociedade, como as pessoas de diferentes localizações sociais “respondem e dão sentido a formas simbólicas específicas, e como essas formas simbólicas, quando analisadas em relação aos contextos em que elas são produzidas, recebidas e compreendidas” (p. 76) podem servir ou não para as relações de dominação. Há uma tensão nos aparelhos ideológicos de estado, nos quais as ideologias subordinadas

circulam em uma “relativa autonomia” por serem pressionadas pela ideologia dominante, ainda que esta possa incorporar elementos daquelas. Essa relação gera um “consentimento ativo” no qual as classes subordinadas acabam por cederem à classe dominante ou a uma facção de classe (p.126-127).

Esta visão de Thompson me fez refletir que há uma leve aproximação com a postulação sobre as *ideologias do cotidiano* e a *ideologia oficial* do Círculo, ainda que aquele não levante a questão de que as ideologias cotidianas (que ele chama de “subsistemas ideológicos”) possam, em algum momento, implodir a ideologia dominante, conforme veremos no item do Capítulo 3 sobre a ideologia do cotidiano.

Como visto neste Capítulo, a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano se juntam para fomentar a subjetividade e as relações intersubjetivas, num movimento dialético e dialógico, no qual os enunciados se costuram nos fios da sociedade. A Filosofia Marxista da Linguagem com a sua concepção de ideologia vem promover um alicerce para os estudos da língua/linguagem num movimento heterocientífico, em que a exotopia corrobora com a possibilidade do excedente de visão, alargando as relações entre o cognoscente e o cognoscível nas ciências humanas.

Passemos agora para uma abordagem sobre o sociológico tendo como preceito a Modernidade Líquida e como se constroem os diálogos do cotidiano nessa concepção de sociedade, tendo a linguagem do cotidiano nas redes sociais virtuais como um amparo para nossas discussões.

CAPÍTULO 2: A sociedade líquida e seus novos gêneros do discurso

Em um enunciado, como vimos, os fatores linguísticos não podem ser dissociados da situação de enunciação em que são proferidos com o risco de se perder a significação, pois todo enunciado envolve um evento da vida cotidiana. Somos sujeitos sócio-históricos marcados ideologicamente, fato que reflete nos modos de utilização da linguagem. De modo a buscar compreender as práticas discursivas que arrolam pela sociedade do século XXI é que proponho uma incursão na sociologia, a fim de perceber como se processam os fenômenos sociais contemporâneos. Tomo como base as teorias de Bauman (2001, 2007, 2008, 2013) sobre a Modernidade Líquida e procuro relacioná-las com as teorias do discurso.

Logo após, vamos refletir sobre a ideia de gênero do discurso para o Círculo, que vai além do teorismo pela forma a qual vem sendo tratada por uma gama de estudiosos e profissionais das Letras e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais⁵⁴, quer seja, como uma categoria estanque. No entanto, um detalhe que me parece passar despercebido faz toda diferença: o fato de os gêneros serem “relativamente estáveis”. E é justamente este ponto que precisa, sob meu olhar, ser levado em consideração, como irei discutir. De modo a salientar esse debate, elejo o gênero meme como uma forma de florescer nossa discussão.

Então,

⁵⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina.



Figura 20 – Obama focado

2.1 A Modernidade Líquida como contexto sociológico



Figura 21 – Bauman Reclamão

No meu ato responsável como pesquisadora, pondero que nos dias de hoje há uma nova concepção de sociedade emergindo e que precisa ser levada em conta ao estudarmos as relações socioeconômicas e seus reflexos e refrações nos discursos. A arquitetônica discursiva se altera a partir das relações estabelecidas entre a base econômica e a superestrutura, e num movimento dialógico, o contrário também acontece.

Bakhtin sinaliza, através da análise da obra de Rabelais, que o modo de ver o tempo se alterou com a chegada do capitalismo. Na época medieval, os temas da vida cotidiana, da vida privada, faziam parte de um todo universal, o tempo histórico. A vida, a morte, a comida, a bebida, a copulação, tudo fazia parte de um problema comum, “estavam indissolivelmente ligados ao trabalho social, à luta contra a natureza, à guerra,

e eram expressos e representados nas mesmas categoria-imagens” (BAKHTIN, 1988, p. 319). Quando o capitalismo desenvolvido abarca a sociedade, há uma individualização destes temas que passam a ingressar a órbita do privado. Esse processo de deslocamento é ainda mais potencializado na Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001).

Vemos na sociedade atual uma grande produção discursiva nas conversas do dia a dia através das redes sociais. Quando, nos meados do século passado, via-se uma difícil comunicação à distância – os telefonemas, como exemplo, tinham que ser feitos em hora marcada nas centrais telefônicas e com uma qualidade muito ruim –, hoje, as pessoas conectadas à internet podem se falar a toda hora e de todo lugar. A modernidade trouxe possibilidades de comunicação nunca antes imaginadas, seja nas esferas oficiais (grupos de trabalho, por exemplo, páginas de empresas no Facebook, profissionais de renome tuitando sobre assuntos relevantes para o país, entre outros) seja nas esferas não-oficiais (as conversas cotidianas). Dessa fluidez, um fenômeno pode ser observado: uma grande produção discursiva que encharca as redes sociais.

A fim de buscar compreender os fenômenos sociológicos contemporâneos, trazemos os apontamentos de Bauman (2001) que propõe uma reflexão sobre essa atual configuração da sociedade denominando-a Modernidade Líquida. Entendendo por líquido uma variedade dos fluidos, o autor se apropria da fluidez como principal metáfora para definir a sociedade que se instala a partir do final do século XX e que ganha cada vez mais força ao adentrar o século XXI. Esta proposta profere, de uma forma bem geral, que, no cenário social e político que começa a se moldar desde a última década do século XX, os sólidos conceitos tradicionais começam a dar lugar a novas possibilidades mais fluidas de agir no mundo. De acordo com o teórico, “fluidez” é a metáfora que melhor representa a fase que a era moderna se encontra. Diferente dos sólidos, os líquidos não se prendem muito às formas, adaptando-se, remodelando-se e preenchem os espaços com mais rapidez e mobilidade. Os sólidos, quando de encontro, se chocam; já os líquidos, se misturam.

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem no tempo. (...) os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar.

[...]

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente

contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que se encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de ‘leveza’(...) (BAUMAN, 2001, p. 8).

Muitas organizações sociais – com suas estruturas que limitam as escolhas individuais, suas instituições que asseguram tanto a repetição de rotinas quanto padrões de comportamento aceitáveis – não conseguem mais manter uma forma estável “por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam” (BAUMAN, 2007a, p.7). Nos tempos líquidos-modernos, a capacidade de mudança e de readaptação dos sujeitos frente aos novos desafios que se instauram a cada instante é considerável. Para o autor, os sólidos “que estão derretendo neste momento” são os elos que ligam a individualidade à coletividade (p. 13). Os sujeitos estão cada vez mais voláteis na questão de pertencimento de grupos. A todo momento somos desestabilizados frente a novos desafios e chamados a circular em variados espaços sociais, sejam reais ou virtuais, convivendo em uma rede de pontos de contato; assim, vamos nos significando e nos ressignificando. Os sujeitos aprendem (ou tentam aprender) a se moldarem às novas necessidades (ou possibilidades) que a fluidez proporciona; e as constantes quebras de paradigmas nas crenças, nos valores, nos modos de pensar e agir socialmente e individualmente propulsionam fazer com que novos modelos de organizações sociais surjam – com destaque para as comunidades virtuais – não sendo facilmente contidos. E, assim como os líquidos, esses modelos contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam as práticas sociais virtuais. O discurso, sendo uma das mais importantes práticas sociais, também acaba por se reestruturar, moldando-se às novas possibilidades advindas com as esferas digitais.

Bauman (2009, p.7) indicia que a sociedade líquido-moderna faz com que as “realizações individuais” não se solidifiquem “em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos transformam-se em passivos, e as capacidades, em incapacidades”. A potencialidade da individualidade se encontra na capacidade de se reinventar, devido à rapidez com que as circunstâncias se alteram, sendo, muitas vezes, imprevisíveis: “a vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores” (p. 8).

Quando analisamos o que vem acontecendo com as práticas discursivas que se configuram na internet, podemos aproximar estes apontamentos de Bauman ao considerar que o discurso nas redes sociais potencializa a característica de não se fixar no espaço e nem se prender no tempo, já que o espaço virtual é renovado a todo instante por novos discursos, fazendo com que estes “escorram” através da instantaneidade da vida virtual – um momento longe das redes sociais e o usuário pode se perder na enxurrada de mensagens acumuladas em seus perfis e grupos. É o cronotopo virtual, que altera o sentimento entre o tempo e o espaço. Como elucida Schiffler (2017, p. 81), o cronotopo, na performance enunciativa, é “acionado para o entendimento de que os sentidos de tempo e espaço não são únicos e homogêneos, mas inscritos e cambiantes conforme o contexto enunciativo e as necessidades humanas”. Na modernidade líquida, pode-se observar que tanto os contextos enunciativos quanto as necessidades humanas acabam por despertar um cronotopo ainda mais cambiante, no qual o espaço nas redes sociais irrompe o tempo discursivo, que favorece mais a instantaneidade do que a durabilidade. Mas também há a questão do armazenamento, da possibilidade de retomada dos discursos, que Orlandi (2006) chama de memória metálica, a qual é

produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade (p.5).

Outro ponto a pensarmos é que os discursos, em sua maioria, também não se atêm às antigas formas, transformando-se mais rapidamente e inovando em gêneros e estilos, como os memes, os comentários, as postagens, os gifs etc.

Não estou dizendo que os discursos antes da era tecnológica se fixavam no tempo e no espaço do seu acontecimento a ponto de não serem recuperados. Se assim o fosse, não poderíamos falar de nossas memórias, por exemplo. A marcha no tempo, a ligação do presente com o passado e com o futuro sempre é necessária para se pontuar o reflexo de uma dada época (BAKHTIN, 1998, p. 263). Temos muitos lugares nos quais sempre podemos retomar os discursos já-ditos, como as bibliotecas, os arquivos entre outros. A formulação aqui parte da ideia de que, com o advento da internet, a rapidez com que os

discursos se concretizam e se movimentam é potencializada, fazendo com que vivamos num mundo permeado por inúmeras possibilidades de acesso aos discursos circulantes na sociedade. E a produção discursiva é muito mais intensa: os diálogos da esfera da comunicação cotidiana familiar e entre amigos ou grupos de trabalhos, por exemplo, se expandem para além dos encontros face a face e passam a ter outros canais de produção e de circulação, como as várias redes sociais virtuais.

Nessa perspectiva de modernidade cunhada por Bauman (2001), os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos liquidificam-se, dada a possibilidade que estes passam a ter de transitarem nas mais variadas esferas e grupos sociais, sem a necessidade, em muitos contextos, de se fixarem num determinado lugar social. É o que acontece, principalmente, na vida virtual, na qual os sujeitos podem circular pelas redes sociais criando seus perfis e participando da vida social virtual em diferentes níveis, ora se posicionando com relação a assuntos sérios, ora debochando com uma postagem irônica, ora apenas registrando que esteve por ali com uma curtida etc. Estes são apenas alguns exemplos das múltiplas possibilidades de se “borrifar” pela vida virtual. É interessante perceber que o alto grau de mobilidade dentro das comunidades virtuais favorece a liquefação dos papéis sociais e incita a ressignificação dos sujeitos em determinado espaço-tempo, seja real ou virtual. Ao romper fronteiras, os sujeitos são desafiados a um maior (ou menor) grau de engajamento diante das configurações emergidas *pelos e nas* relações sociais.

A partir do rompimento dessas fronteiras sociais, muitas instituições tradicionais passam por transformações, remodelando os cunhos que as definiam e as orientavam. Como exemplo, podemos citar a família que antes era marcada apenas pelo formato tradicional convencionado pelo patriarcalismo: o pai – que detinha o poder, a mãe (submissa, em sua maioria) e os filhos. Hoje, diversos são os formatos adotados por família: mãe e filhos; pai e filhos; avós e os netos; pai, pai e filhos; mãe, mãe e filhos; entre outras configurações. Nos tempos líquidos, os embates entre a tradição e a modernização se fazem presentes de forma mais atuante e mais cotidiana, como podemos ver nas redes sociais, tendo os memes (como explicarei mais adiante) como um catalizador desse revés nos diálogos do cotidiano. A liquidez permite que o que antes ficava emudecido, agora venha à tona permitindo que os embates sejam travados nos diálogos do cotidiano que se formam na base da sociedade.

Não estou afirmando que o que é tradicional não tenha mais o seu lugar, e sim que os embates entre o tradicional e o novo ganham mais espaço, se tornam mais explícitos e participativos (e às vezes até muito agressivos!). Um outro exemplo disso é a luta pelos direitos de reconhecimento e aceitação dos grupos LGBTQIA+ que antes estavam à margem da sociedade⁵⁵, nos cantos, por assim dizer, e hoje seus discursos ganham força e visibilidade nos múltiplos cenários sociais, ainda que sejam severamente contestados⁵⁶ por muitos sujeitos sociais. Os discursos a favor da causa LGBTQIA+ que foram se difundindo nas ideologias do cotidiano, que começaram nos diálogos do dia a dia, refratando e refletindo uma realidade que estava/está latente, acabaram por tomar corpo passando a influenciar os sistemas ideológicos. A grande mídia já expõe relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e pessoas transgêneras – mesmo que mostre também o lado ruim do preconceito, que, infelizmente, ainda é muito explícito; a autoridade maior da Igreja Católica, o Papa Francisco, tem se colocado numa posição em que diz não ser correto fazer julgamentos sobre a orientação sexual; o Congresso Nacional tem representantes que são simpatizantes da causa, como também têm os homofóbicos!

A mobilidade que os sujeitos líquidos-modernos adquirem na sociedade, desprendendo-se de seus papéis sociais estanques e “transbordando” em novas configurações sociais, é um traço observável na atualidade. Modelos institucionais solidificados começam a ser questionados, enquanto os modelos líquidos passam a ser cada vez mais frequentes. A liquidez nos permite adentrar novos espaços e, a partir do momento que se entra em contato com eles, vamos ressignificando e sendo ressignificados.

Para Bauman (2013, p. 16), um dos fatores em que se fundamenta chamar a atual configuração da sociedade contemporânea de líquida é sua “modernização compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo”. O autor teoriza que as formas sólidas que são

⁵⁵ Discutirei mais sobre isso na exemplificação do item do Capítulo 3 sobre ideologia do cotidiano, por achar este um tema muito importante e que precisa ser considerado pela sociedade atual.

⁵⁶ Não apenas contestados, mas, inclusive, a homofobia tem trazido um alto grau de violência em nossa sociedade, como se pode ver no “Atlas de Violência 2019” < http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf> acessado em 16/07/2019.

derretidas não são substituídas por outras “mais sólidas”, pelo contrário, as estruturas que surgem na sociedade são cada vez mais derretidas e inconstantes, dando lugar “a outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e, portanto, também inconstantes”, que se afinam com nosso posicionamento ideológico ou não (p.16). A dinâmica social na modernidade líquida acaba por favorecer que as formas institucionalizadas se desestabilizem permitindo uma reorganização constante da vida em sociedade, incluindo as práticas discursivas que se encontram em pleno turbilhão, impulsionadas e intensificadas pelas redes midiáticas. Olhando para o contexto atual brasileiro (falo de maio de 2019), podemos ver o quanto há de instabilidade nas instituições da esfera política: em questão de meses as estruturas que abrigavam a questão da educação, por exemplo, estão sendo derretidas e passando a assumir uma nova forma, tanto que a o Sindicato Nacional dos Docentes da Instituições de Ensino Superior movimentou uma greve geral no dia 30 de maio de 2019⁵⁷. Nem sempre “ser líquido” quer dizer que seja uma característica boa para a sociedade⁵⁸. E os memes são, também, uma forma de questionamento e posicionamento frente essas questões, como o que se segue:



Figura 22 – Educação líquida

⁵⁷ Para saber mais, < <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/15-de-maio-greve-nacional-da-educacao0> >, acessado em 16/07/2019.

⁵⁸ Refiro-me aqui ao anúncio do corte de 30% nas universidades e institutos federais e o desmerecimento das Ciências Humanas dito pelo próprio presidente do país.

Esse meme faz uma declaração direta à situação da educação no país, e já circulou em vários momentos de incitação às greves na educação (como em 2015, data da página que eu o retirei), mas também, numa retomada do grande tempo ao pequeno tempo, voltou a circular no ano de 2019 (eu o recebi em alguns grupos pessoais de WhatsApp) para criticar a postura do governo frente à educação.

Deslocando da educação para a cultura, nesse cenário de liquidez, é interessante observar que a hierarquia da cultura se desestabiliza. Quando antes servia para salvaguardar as diferenças de classes, como concluiu Bourdieu (1979)⁵⁹, a cultura se espalha juntamente com seus ícones por toda a sociedade. Não mais pode-se falar *categoricamente* que de um lado do muro se encontra uma elite cultural que aprecia o que até então era considerado como a “grande arte” e do outro, os “outros” da sociedade que são excluídos desta esfera cultural. O que vemos hoje é uma fluidez nos gostos culturais quando, por exemplo, um grande artista plástico se utiliza de materiais recicláveis para compor suas obras; ou quando uma exposição de arte é trazida para os parques ou ruas e homens e mulheres de todas as níveis podem compartilhar do mesmo momento artístico, independente de classe. O que está em pauta é a diversidade e não o binarismo do refinado e do vulgar e como cada sujeito na sua singularidade compreende e responde às obras de arte. Para se visitar grandes museus pelo mundo, não é mais preciso gastar uma fortuna em viagens, basta abrir o computador e conectar-se à internet que as obras de arte vêm até nós. E para ir a um show de funk não é mais preciso frequentar as favelas cariocas, eles estão por toda a parte.

Esse novo saborear de inúmeros fomentos culturais advém do processo de fluidez subjetiva na modernidade líquida. Não há mais o pesado tempo e espaço que fatiavam os indivíduos em parcelas, ou classes, bem definidas e que comungavam do mesmo gosto e opiniões⁶⁰. Agora, o espaço é transponível rapidamente e o tempo não mais é um empecilho para viajar e compartilhar de variados cardápios culturais. Um brasileiro pode

⁵⁹ La Distinction (*apud* BAUMAN, 2013)

⁶⁰ De forma alguma estou negando que ainda temos diferentes classes sociais, mas, sim, que hoje há uma mobilidade entre grupos sociais, que nem sempre tem a ver com classes econômica, por assim dizer. Há uma fluidez simbólica, cultural e ideológica nessas barreiras que podem ser transpostas pelas redes sociais, como, por exemplo, em uma *fanpage* do Facebook encontraremos uma multiplicidade de sujeitos de diferentes classes que curtem e comentam, convivendo em num mesmo lugar social, mesmo que virtual.

mergulhar na cultura muçulmana, comprar produtos chineses e comer comida tailandesa, muitas vezes sem sair de seu bairro ou até mesmo sem sair de sua casa.

O que não podemos perder de vista é que, mesmo com essa facilidade de acesso a variadas formas culturais, vivemos sob a égide do capitalismo e do consumismo, na qual os objetos culturais se transformam em fetiche da mercadoria (BAUDRILLARD, 2012). Sob um viés mais crítico em relação à cultura, Adorno (2015, p. 85) nos alerta que quanto mais os processos de vida são absorvidos pelas ordens sociais contemporâneas “tanto mais se imprime a todos os fenômenos do espírito a marca da ordem” os sujeitos, inclusive e principalmente aqueles que se intitulam “críticos”, vivem uma falsa dialética entre a infra e a superestrutura e acabam em um estado de dominação dos meios culturais. A conclusão que Adorno chega é a de que “a cultura só é verdadeira quando implicitamente crítica, e o espírito que se esquece disso vingá-se de si mesmo nos críticos que ele próprio cria” (p. 80). Ainda que numa sociedade líquida moderna e tecnológica, na qual se pode transitar em vários ambientes culturais através da internet e dos próprios espaços públicos, a cultura se entrega às determinações do mercado, exerce certa alienação, mesmo que rompendo certas barreiras no mundo líquido, como discutido acima.

Todo esse processo leva a uma abertura de significados múltiplos sobre o estar no mundo. O indivíduo constrói suas próprias percepções sobre o ambiente, ativando lentes diferentes a cada momento singular. Os discursos nessa sociedade são liquefeitos para que caibam e se adaptem aos inúmeros sólidos pelos quais eles passam: um formato para o jornal televisivo, outro para ser compartilhado no Facebook, outro para o WhatsApp, outro para o jornal impresso, outro para o Twitter e assim vai se adaptando e se encaixando na mobilidade que se exprime no dia a dia.

2.2 A liquidez discursiva: uma nova cultura discursiva advinda das redes sociais:



Figura 23 – Bakhtin na rede

Com a popularização da internet, as redes sociais destacam-se como uma nova ferramenta de diálogo interativo, muito próximo, em suas características, dos gêneros primários formados *nas condições da comunicação discursiva imediata*, como, por exemplo, as réplicas do diálogo cotidiano (BAKHTIN, 2006, p. 263). Há três décadas, por assim dizer, só podíamos pensar em poucas situações do cotidiano social que permitiam o diálogo interativo com possibilidade de troca de opiniões em tempo real entre os sujeitos – como o face a face tanto social quanto profissional, entrevistas em veículos de comunicação, conversas por telefones, entre poucos outros. Já nos tempos líquidos, nos deparamos com muitas ferramentas tecnológicas que possibilitam essa forma de interação – como o Facebook, o Twitter, o WhatsApp, Snapchat, Telegram, Tumblr, Instagram, blogs, sites interativos, entre *tantos* outros – e são usadas com muita frequência por uma considerável parcela da população.

O que vejo surgir é uma nova cultura discursiva, na qual os sujeitos, principalmente os advindos do final do século XX e os do século XXI, se além a participarem da vida verboideológica da sociedade de uma forma fluida, intensa e muito interativa. Na verdade, os sujeitos sempre inovaram na utilização dos gêneros, que são inesgotáveis, pois são inesgotáveis também as possíveis formas de interação humana. O que nos parece novo é a velocidade com que surgem estas inovações, alcançando grandes proporções na modernidade líquida. Bakhtin já nos sinalizava que

em cada dado momento histórico da vida verboideológica, cada geração tem sua própria linguagem em cada camada social; ademais, toda idade tem, em essência, a sua linguagem, seu vocabulário, o seu sistema de acento específico que, por sua vez, variam dependendo da camada social, da instituição de ensino (a linguagem de alunos da escola militar, do realista e de colegiais são linguagens diferentes) e de outros fatores estratificantes. Tudo isso são linguagens sociotípicas, por mais estreito o seu círculo social (BAKHTIN, 2015, p. 65).

Vida verboideológica é a vida discursiva, dado que o discurso é essa imbricação do linguístico com o social, com o histórico, portanto, com o ideológico. O momento que estamos vivenciando hoje, com o *império da internet*, favorece a vida verboideológica nas redes sociais, e os memes vêm se instituindo com força total. Quando Bakhtin sinaliza que toda idade tem a sua linguagem, podemos pensar que, apesar de que hoje o meme vem se esparramando por diversas faixas etárias e diversas classes sociais, não obstante não dá para não considerarmos que há uma geração por trás deles, que é a geração líquida-moderna, i.e., os adolescentes e jovens do século XXI⁶¹.

E para falar nesta capacidade de adaptação e de imbricação dos discursos frente às novas possibilidades discursivas proporcionadas pela modernidade líquida, tanto em suas práticas como em suas formas, é que proponho, apoiada em Bauman (2001), a metáfora da *liquidez discursiva*. Os discursos, nas redes sociais virtuais, proporcionadas pelo *império da internet*, assim como os líquidos, avançam o espaço, rompem o tempo e se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos: o movimento dialógico nas redes sociais é expandido e potencializa uma linguagem menos uniforme em seus formatos, mais fluida, mais líquida. O que temos percebido é que discursos de esferas diferentes, e que antes circulavam em dimensões discursivas paralelas e pouco se encontravam, hoje têm ocupado um mesmo lugar sociodiscursivo, inclusive se imbricando de forma mais explícita (percebemos isso claramente nos memes, que se usufruem, por exemplo do discurso político com o discurso do dia a dia – como vimos na Figura 12). A liquidez discursiva não se isenta da criticidade e da argumentatividade, muito presente em vários dos novos gêneros discursivos; os discursos são líquidos por serem capazes de se rearranjarem nos múltiplos espaços virtuais e,

61 Reflexões retiradas de conversas mantidas no grupo de WhatsApp do nosso grupo de estudos GEBAKH (coordenado pelo Professor Dr. Luciano Novaes Vidon,) em 19/05/2017.

também, orais numa relação de espaço/tempo muito mais fluida do que outrora. As redes sociais são palco para uma diversidade de discursos híbridos, formando uma rede de interação, uma arena dialógica em que pessoas de diferentes posicionamentos ideológicos e de diferentes lugares sociais se encontram permitindo uma rica produção discursiva que flui entre os interlocutores⁶².

No fluxo discursivo das redes sociais virtuais, muitos dos enunciados são concretizados constituindo-se em novos formatos – os novos gêneros, podemos dizer – e rapidamente alagam nosso cotidiano de variadas formas, não se prendendo à solidez que tendia a moldá-los até pouco tempo atrás. Percebemos que cada vez mais os gêneros discursivos são desafiados a um certo grau de mobilidade, desestabilizando a *relativa* fixidez de outrora. E a rapidez com que discursos se esvaem nas redes midiáticas e novos discursos preenchem seus espaços é também uma expressão dessa nova cultura discursiva fluida. Com o *império da internet*, a fluidez não só permite que discursos ocupem rapidamente variados espaços e de variadas formas, mas também que sejam rapidamente levados por uma nova enxurrada de discursos que renovam a cada instante as comunidades discursivas das redes sociais. Os discursos se liquefazem no cronotopo desordenado num estalar de dedos. A correnteza discursiva parece arrastar os discursos numa velocidade estrondosa. Ao mesmo tempo que são efêmeros, também se tornam permanentes na memória metálica. Um bom exemplo são os memes que encharcam as redes sociais: várias páginas são criadas em função deles e postam memes regularmente, como: “Todo dia um meme educativo diferente”, “Universidade Federal dos memes”, “Guerra meme”, entre tantas outras.

⁶² Não estou aqui desconsiderando os gêneros que têm suas características mais estabilizadas, como as leis, a Constituição, as sessões jurídicas, os comandos militares. Porém, até a Bíblia revela uma certa liquidez quando nos deparamos hoje, por exemplo, com a “Bíblia de estudo da mulher”, “Bíblia Sagrada. Entre Meninas e Deus”, as Bíblias online, entre tantas outras variações deste gênero. Os dicionários também podem ser citados como exemplo quando pesquisamos nos dicionários online e eles nos dão a possibilidade de clicarmos em uma palavra dentre todas da explicação e nos levar ao significado dessa palavra “escolhida”, como é o caso do dicionário Priberam. Cf. <https://dicionario.priberam.org/>



Figura 24 – Todo dia um meme educativo diferente



Figura 25 - Universidade Federal de Memes



Figura 26 – Memes Históricos

As páginas “Todo dia um meme educativo diferente” e a “Universidade Federal de Memes” postam memes sempre com um tom irônico a respeito do dia a dia dos estudantes. No meme da Figura 24, há um deboche em relação à famosa “cola”, que é tratada no meme como uma ‘ferramenta’ para se realizar uma boa prova e traz a imagem do Mickey sorridente, como se estivesse tranquilo e feliz para realizar o teste, já que está ‘preparado’, não com o conhecimento adquirido, mas porque está munido de um artefato salvador: a cola. Esse contexto permite pensarmos como os estudantes se sentem mais empoderados com um subterfúgio do que com a própria capacidade e com o nível de ensino adquirido. Já na Figura 25, o Lula Molusco, personagem do desenho Bob Esponja, expressa o estresse de quem estuda muito e acaba por ficar meio ‘doido’, fato que podemos ver nos olhos esbugalhados, a língua para fora e uma feição bem típica de anormalidade.

A página “Memes Históricos” posta sempre memes risíveis brincando com personagens e fatos históricos. Nesse, Figura 26, há na parte superior da postagem uma crítica desvelada ao

considerado ‘guru’ do governo Bolsonaro, o autointitulado filósofo “Olavo de Carvalho”, que representa uma postura radical de direita. Este vem exercendo uma influência enorme no governo, inclusive indicando ministros e também induzindo a queda de ocupantes de cargos do Ministério da Educação e de outros órgãos governamentais. Em uma postagem em seu blog, Olavo faz uma crítica a todos os simpatizantes de esquerda e generaliza as empresas midiáticas e culturais dizendo haver um Marxismo Cultural, o qual defende de forma totalmente equivocada em relação às ideias marxistas de inclusão cultural e social. Nas palavras de Olavo: “Concessões esporádicas às exigências do “politicamente correto” — como outrora às da “linha justa” do Partido, a qual é exatamente a mesma coisa — não bastam para estragar por completo um romance, um filme, uma peça de teatro; mas quando essas exigências se tornam obrigatórias e onipresentes, elas acabam por violar as leis mais elementares da verossimilhança e assim destroem a possibilidade mesma da arte narrativa”⁶³. Porém, o termo “marxismo cultural”, segundo a Prof. Dr.^a Daniela Mussi (USP), não é reconhecido entre os intelectuais, é um termo popular que vem se instituindo de forma a ridicularizar as ideias marxistas de cultura⁶⁴. Um dos nomes de mais destaque nessa visão marxista de cultura é Gramsci (1975 *apud* SEMERATO, 2006) que propõe a ideia dos intelectuais orgânicos, ou seja, intelectuais que saem de seus casulos de pensamentos e vão a práxis, “atuando efetivamente na práxis hegemônica dos subalternos, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar uma outra filosofia e uma outra política, capazes de promover a superação do poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular” (SEMERATO, 2006, 380).

Sua missão [do intelectual orgânico] não é profissional, mas, como partícipes da construção de uma nova cultura pelo partido de massas, teria a função de dirigir as ideias e as aspirações da classe à qual pertencem organicamente, tendo em vista que todos os homens são intelectuais, pensam, embora nem todos desenvolvam plenamente essa capacidade, dado a hegemonia burguesa (MORAES, A., 2011, p. 5).

A frase na parte inferior do meme “Vou sortear 10 ingressos pro Cinemarx pro 1º proletário que me entregar a cabeça de um burguês safado” debocha com o capitalismo exacerbado representado nesse meme pela alusão à Olavo de Carvalho. Primeiro a ideia

⁶³ Fonte: < <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2019/01/17/marxismo-cultural/> > acessado em 16/07/2019.

⁶⁴ Fonte: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-e-marxismo-cultural-e-por-que-ele-e-debatido,70002786682>.

de sorteio já remete a uma visão mercadológica atrelada ao neoliberalismo; segundo, o nome do cinema, ‘CINEMARX’, parodia uma das redes de cinema mais elitizadas do país, o ‘Cinemark’, uma vez que suas salas se encontram, na maioria das vezes, em shoppings renomados e os ingressos costumam ser inacessíveis às pessoas de poder aquisitivo reduzido, mas, o que não significa, pessoas de nível cultural baixo (por exemplo, professores das redes estadual e municipal). Outro ponto que me pareceu interessante, foi o de sortear dez ingressos para o 1º e não um para os dez primeiros, o que me levou a pensar duas questões: 1ª a ideia marxista de coletividade ao proporcionar que uma pessoa leve outras nove e não só mais uma como o mercado sempre propõe (sorteio de dois), a outra questão é a grande premiação pela “cabeça de um burguês safado”. Considerando todas essas discussões levantadas acima, reforça-se a ideia da ironia e do sarcasmo em torno do termo “marxismo cultural” usado pela direita, principalmente na figura de Olavo de Carvalho.

Até o final do século passado, o fato de termos acesso ao que acontecia no mundo instantaneamente, principalmente por intermédio da esfera jornalística, nos enchia de orgulho. Agora, atentemos para uma nova realidade: os aparelhos tecnológicos portáteis permitem que a todo segundo possamos ter acesso não só ao que está acontecendo no mundo, mas, e principalmente, ao que está acontecendo no cotidiano dos que nos rodeiam e fazem parte de nossas vidas, seja da vida real ou da virtual, por intermédio das redes sociais. É o *império da internet* que influencia as relações pessoais, expandindo as possibilidades de interação subjetiva e alargando as interações entre grupos sociais na arena de lutas que é o discurso.

Abrimos o Facebook e, virtualmente, é como se participássemos do dia a dia das pessoas que usam essa rede de forma intensa: sabemos onde foram, com que roupa estavam, o que estão pensando e o que estão sentindo (ou o que dizem que estão), quais suas conquistas, seus problemas e ainda podemos comentar, dando sugestões, conselhos, ou, simplesmente, *curtir*. E estas informações são renovadas a todo momento, o que reflete na “necessidade” que muitos usuários sentem de estar constantemente conectados às redes sociais.

O Twitter também é um exemplo de rede social em que os discursos são líquidos, pois se pode observar a velocidade com que vão preenchendo os espaços e as múltiplas formas composicionais encontradas nesta rede; os usuários se utilizam de imagens, emoticons, emojis, desenhos, entre outros matizes sógnicos. Os discursos são levados

rapidamente pela enxurrada de novos discursos que são postados, fazendo oscilar os *trendings topics*⁶⁵: aquilo que está em voga agora como o assunto mais falado pode não ser mais (e provavelmente não será) daqui a questão de horas (ou minutos).

O WhatsApp é um outro bom exemplo desta nova cultura discursiva. Aqueles que utilizam esse aplicativo com frequência, recebem uma torrente de mensagens em seu celular diariamente. A interação discursiva flui de forma rápida, conectando pessoas que estão tanto na mesma casa ou a milhares de quilômetros de distância. Grupos são formados por afinidades diversas e um rol de pessoas passam a interagir de forma dinâmica, instantânea; até aquelas que nunca se encontraram na vida real podem passar a ser “amigos” na virtual⁶⁶.

Em suma, múltiplas são as formas de interação que surgem e se instalam na vida cotidiana dos sujeitos da modernidade líquida. Poderíamos aqui ainda citar mais um número de redes sociais e midiáticas que são utilizadas sistematicamente por toda uma gama de pessoas das mais variadas classes sociais e de gerações diversas, contudo não é esse nosso foco.

A episteme da *liquidez discursiva* alicerça-se neste novo cenário que se configura na sociedade do século XXI. Os discursos são líquidos não por não terem consistência, argumentatividade, mas por inundarem, transbordarem, respingarem, esvaírem-se, misturarem-se nas práticas discursivas emergindo novas formas de interação intersubjetiva; fazem-se presentes em quantidades expressivas e em múltiplos espaços virtuais nos tempos líquidos-modernos. A cultura discursiva na qual estamos inseridos corrobora para que os sujeitos participem intensamente de diversas formas de dialogar, de interagir discursivamente, inclusive e, principalmente, de maneira instantânea; e, assim, instala-se em nossa sociedade o que estamos teorizando como *liquidez discursiva*, ou seja, muitos gêneros discursivos não se atêm mais aos sólidos formatos, às sólidas práticas, tornando fluidas muitas das dinâmicas discursivas que se fazem presentes no dia a dia da sociedade líquida.

Os memes têm importante destaque nesse cenário, imputando aos gêneros primários uma certa posição de destaque, já que possuem uma fluidez em sua própria

⁶⁵ Os *trendings topics* são o ranking dos assuntos mais populares do momento no Twitter.

⁶⁶ Ressalto que essa é uma característica de todas as redes sociais, não apenas do WhatsApp.

concretização, não seguindo regras rígidas, e tendo como maior destaque a criatividade, a ironia e o humor (Cf. Capítulo 3). Ora sozinhos ora entrelaçados, os vários modos de enunciação (verbal, visual, sonoro...) fazem-se presentes nesses enunciados concretizados nas redes sociais. Quando falamos em memes, podemos observar que há uma complementação entre o verbal e o visual na *maioria* das ocorrências, inclusive ganhando movimento, como ocorre nos gifs e nos vídeos. Há, contudo os memes que se materializam apenas com signos verbais ou apenas com não-verbais. Aqui trataremos da nossa tese da *liquidez discursiva* a partir dos memes, que são emblemas dessa nova cultura discursiva, desse novo mundo verboideológico ao qual estamos sendo apresentados. Proponho pensar sobre fenômeno discursivo (os memes) que vem inundando as redes sociais de maneira avassaladora, alguns sendo replicados por milhares de pessoas, enquanto outros se prendem a certos grupos sociais ou familiares.

Observemos alguns dos memes que circularam durante as Olimpíadas do Rio 2016:

a serenidade no olhar de quem
nunca foi mulher do padre



Figura 27 – Bolt feliz



Figura 28 – Medalhas consoladoras

oi meninas hoje eu vou ensinar vcs
como combinar a roupa com o
acessório



Figura 29 – Seleção da moda

Podemos perceber a polifonia, a multiplicidade de vozes ecoando desses discursos: juntamente com a esfera das Olimpíadas, temos visivelmente a esfera dos ditados populares (Figura 27), da economia e das finanças pessoais (Figura 28), da moda (Figura 29). Ainda havemos de considerar a hibridez ao somarmos aspectos de outras naturezas que não as linguísticas nestes enunciados concretos, como, por exemplo, a ideia de que ganhar uma competição impõe respeito e é prazeroso (Figura 27); que o valor monetário do salário dos trabalhadores tem caído a cada mês (Figura 28); e que é de bom

grado que haja uma harmonia nas cores das roupas e acessórios que usamos (Figura 29). Todos os elementos extraverbais precisam ser levados em conta na compreensão de como esses discursos funcionam no corpo social.

A *liquidez discursiva* pode ser percebida nesses discursos pela hibridez presente nos enunciados: discursos de diversas esferas sociais tomam formas dissonantes ao se encontrarem, desestabilizando a solidez de seus locais de origem e refletindo uma cosmovisão cômica do mundo e ao mesmo tempo crítica e irônica.

Depois de refletirmos sobre como as práticas discursivas têm se comportado na correnteza das redes sociais, gerando uma nova cultura discursiva, líquida por assim dizer, iremos nos debruçar sobre um tema que sempre está em alta nos estudos linguísticos: os gêneros de discurso.

2.3 Vamos falar de gêneros?

Para começo de conversa, voltemos nosso olhar para essa interessante passagem de Volochínov, em seu ensaio *A Construção da Enunciação*, em que ele nos orienta para a mobilidade dos tipos de comunicação (gêneros discursivos) e para a não fixidez:

Antes de tudo, devemos recordar que a língua não é algo imóvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ele se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. Este movimento progressivo da língua se realiza no processo de relação não só produtiva, mas também verbal. Na comunicação verbal, que é um dos aspectos do mais amplo intercâmbio comunicativo – o social –, elaboram-se os mais diversos tipos de enunciações, correspondentes aos diversos tipos de intercâmbio comunicativo social (2013, p. 157 – grifos do autor (sic)).

Agora, sigamos nossos passos!

2.3.1 Um passeio pelo assunto

Já vimos que a atividade humana é perpassada pela linguagem em todos os campos, o que significa dizer que toda forma de interação humana é feita pela linguagem, mesmo que estejamos nos referindo ao discurso interior. Não há pensamento sem linguagem, não há comunicação sem linguagem, não há compreensão do mundo sem passar pela linguagem. Seja verbal ou não verbal, o ser humano se constitui e é constituído pela linguagem.

Desde seus escritos iniciais, o Círculo já se posicionava na questão sociológica das interações humanas, como encontramos em *O Freudismo*: “O complexo dispositivo dos contatos verbais se elabora e se põe em prática no processo de comunicação longa, articulada e variada entre as organizações” (BAKHTIN, 2017a, p. 19). A questão é que, como colocada por Bakhtin (2006), as formas de uso da linguagem são tão multiformes quanto a variedade de campos da atividade humana, o que leva também a uma desestabilização de uma língua nacional uniforme, uma vez que esta abrange todas as classes e grupos sociais e por isso é abalada por essa diversidade. A língua é híbrida, porque nela se refletem e se refratam as variadas formas de criatividade ideológica⁶⁷.

Nós nos comunicamos através de enunciados orais ou escritos que são a língua na concretude da vida e por isso são únicos, irrepetíveis e sempre fruto da interação entre dois sujeitos e da situação social a qual estão atrelados⁶⁸. Como bem disse Volóchinov (Círculo de Bakhtin), eles estão intrinsecamente ligados ao sujeito sociohistórico e à situação de comunicação em que este está inserido. Sendo assim, a “situação mais próxima e os participantes sociais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais do enunciado” (2017, p. 207). Apesar de cada enunciado ser individual, eles acabam por se organizarem de maneira relativamente estável a depender de cada campo da atividade humana a que se ligam, ao que chamamos então de gêneros de discurso. Todo gênero pertence a um campo da atividade humana e em cada campo há uma diversidade de gêneros, assim como cada época e cada grupo social dispõem de uma gama de gêneros

⁶⁷ Gostaria de aproveitar esta colocação para suplantarmos a importância das políticas linguísticas nas salas de aula, a fim de abordarmos a grande variação linguística que nos rodeia.

⁶⁸ Esta questão é tão importante para o Círculo que Bakhtin a coloca em seu livro *O Freudismo* para dizer que até a enunciação verbalizada do paciente para o psicólogo não pode ser atribuída somente a quem a anunciou o que influencia na relação médico/paciente.

que lhes são peculiares. Nas redes sociais por exemplo, temos o post, o comentário, o tuíte, o meme, o gif, entre outros.

Apesar de Bakhtin (2006) deixar claro em seu ensaio *Os gêneros do discurso* que eles possuem três elementos indissociáveis - o conteúdo temático, o estilo e forma composicional - e que são *relativamente* estáveis, coadunamos com a ideia de Fiorin (2017) de que a leitura de Bakhtin não foi uniforme no Brasil. A maioria das pessoas tenta categorizar os gêneros de forma normativa e classificatória, principalmente depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais instituíram que o ensino da Língua Portuguesa tomasse por base o ensino dos gêneros. A partir disso, o mais comum é acharmos uma definição que enquadre cada gênero com características bem delimitadas, situando-os em um universo normativo, cheio de regras, orientações e formatos pré-definidos. Porém, não foi esse o legado deixado por Bakhtin e pelo Círculo, que, sempre de maneira dialógica, nos oferece a possibilidade de entender a língua através da vivência dos sujeitos nas interações discursivas num dado contexto social. “Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta não o produto, mas o processo de sua produção. Interessa-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem” (FIORIN, 2017, p. 68).

Dessa forma, não vou, neste trabalho, desenvolver uma teoria sobre o gênero meme que os classifique de forma categórica e sistemática, mas sim indicarei os memes como uma nova forma de dizer da cultura discursiva que se esparrama pela sociedade com o *império da internet*. E como falarei mais adiante, os memes ganham tanta força entre os adolescentes e jovens que hoje já o implodiram da internet para os diálogos orais da vida real cotidiana. A proposta é justamente conversar sobre o funcionamento desse gênero que é tão volátil que cada dia já aparece sob mais uma forma, sob materiais sígnicos diferentes: verbal escrito, verbal oral, verbovisual, linguagem cinematográfica (os vídeos), gestos etc. A todo momento eles vêm se renovando e ultrapassando barreiras na liquidez discursiva do século XXI. Então,



Figura 30 – Perna Longa: vai na fé

2.3.2 Os gêneros: o discurso como acontecimento histórico e social

Proponho que façamos agora uma retomada do que temos de herança das teorias sobre gêneros deixadas por Bakhtin, no ensaio “Gêneros do discurso”, somada a pinceladas nas obras de Volóchinov e ainda dialogando com estudiosos do Círculo dos dias atuais. Espero não ser muito teoricista, lembrando que estou em uma jornada heterocientífica. Além do que, pretendo fazer essa retomada do jeito bakhtiniano de ser, eles (os russos) iluminavam suas afirmações com exemplos da literatura e da linguagem do cotidiano, eu tentarei fazer trazendo os memes.

Todo trabalho de investigação de material linguístico envolve o estudo dos gêneros na concretude das interações discursivas; se não levarmos isto em conta, acabamos em um estudo abstrato, sem cor e sem perfume. “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2006, p. 265).

Cada campo da atividade humana instiga estilos de linguagens e funções (científica, técnica, publicista, oficial, cotidiana)⁶⁹ diferentes, o que acarreta na ebulição de uma diversidade de gêneros. A junção da função com as condições de comunicação discursivas (sócio-históricas e ideológicas) fazem surgir “determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente

⁶⁹ Estes são os exemplos de funções dadas por Bakhtin em seu texto e que resolvi colocar aqui para afastar uma possível interpretação da visão funcionalista de linguagem.

estáveis” (BAKHTIN, 2006, p. 266). Importante salientar a questão de “relativamente estáveis”, pois é essa característica que não nos permite, ou nos impossibilita, de definirmos categoricamente uma lista de condições de forma, de composição e de estilo que todo enunciado pertencente a tal gênero teria que, necessariamente, preencher contundentemente. Os enunciados devem, sim, ter características que os tencionem a serem entendidos na situação de comunicação como pertencentes a um determinado gênero, mas essas características são, na maioria das vezes, relativizadas pelo estilo individual do falante e pela própria vida socioideológica⁷⁰. A forma não pode ser tomada fora de seu momento axiológico entre autor e destinatário, e fora da relação emocional e volitiva pois não de ser considerados como fundantes para o sentido.

O gênero é uma combinação de liberdade com coerção. Liberdade no sentido da arquitetônica do discurso, da individualização estética, ou seja, das impressões subjetivas no acontecimento discursivo deixadas pelo autor e sentidas pelo interlocutor, em seu momento de responsabilidade. A coerção no sentido da forma composicional do gênero, mas não estreitamente fechada, e sim pela escolha do gênero como forma de dizer. Ora, se não entendemos por qual gênero o nosso interlocutor se comunica conosco, não entenderemos seu projeto de dizer. “A forma relativiza totalmente o conteúdo, esse é o sentido da afirmação que faz do conteúdo um elemento da forma” (BAKHTIN, 1988, p. 37). Este é um fato que acaba gerando diversos desentendimentos no ato cognitivo da vida verboideológica.

A título de exemplificação, farei um breve relato de uma experiência minha: eu me encontrava na sala de aula de um 8º ano de uma escola particular e, como professora substituta de outra que havia entrado de licença, estava sofrendo uma certa rejeição dos alunos. Num certo momento da aula, em que eu estava tentando explicar a matéria e a sala não se aquietava, alguns alunos inclusive me enfrentando querendo tomar as rédeas da aula, quando um deles disse a mim: “grita”. Eu respondi prontamente que não achava necessário gritar, pois isso não era do meu feitio. Estes alunos então começaram a rir e percebi que havia ali um deboche. Fiquei uns segundos sem entender até que um outro aluno, complacente comigo, me disse que isto era um meme, ou seja, eles estavam me ironizando (esta é uma das características deste gênero, como aprofundarei mais à frente

⁷⁰ Há alguns gêneros muito hierarquizados que acabam por não permitirem a estilização, como os comandos militares e os editais, por exemplo, ao que Pêcheux (2015) chama de espaços logicamente estabilizados.

no item sobre memes). Como não entendi que era um meme da esfera oral no momento da interlocução, não compreendi o seu sentido como enunciado concreto, uma vez que reconhecer o gênero é o primeiro passo para a compreensão ativa e responsiva (BAKHTIN, 2006). Depois fui procurar saber com outros alunos qual era a arquitetônica deste meme e descobri que ele é usado, tanto nas redes sociais como na oralidade, quando ninguém dá ouvidos a uma pessoa e ela insiste em querer dizer (grita! porque não estamos nem aí para você!). Ou, dependendo da situação de enunciação, também pode insinuar um efeito de sentido inverso: quando alguém diz algo muito inusitado, interessante, o interlocutor diz: grita! No sentido de “fala bem alto para que todos escutem”.

Darei agora outro exemplo de meme da esfera oral, este positivo para mim, a fim de demonstrar como somos felizes quando acertamos o conteúdo à forma e escolhemos bem o gênero com o qual vamos nos interrelacionar no ato de interação verbal. Quando um aluno, agora da 2ª série do ensino médio estava conversando com um colega, virado para trás e atrapalhando a aula, eu chamei pelo seu nome e disse para que se compusesse, num tom mais autoritário. A resposta que obtive foi “Peraí, professora!”. Como eu não obtive sucesso no meu projeto de dizer, pronunciei-me novamente com um meme da esfera oral, na intenção de conseguir a adesão do aluno no meu projeto de dizer: “Fulano! Você tá na Disney, né?!” O riso foi geral e rapidamente ele voltou-se para frente e parou a conversa paralela. Os alunos reagiram positivamente dizendo num burburinho geral, mas bem descontraído, mais ou menos assim: “Olha a professora usando meme!”. Com isso, ganhei a simpatia da turma, pelo menos naquele momento. e do aluno em questão, que rapidamente se recompôs e me pediu desculpas. Para esclarecimento, o meme “Tá na Disney!” está sendo muito utilizado hoje e se refere à gíria “você tá viajando!”, no sentido de não estar em consonância com o que está acontecendo ao seu redor.

Todavia, é mister entendermos que, por mais que a forma composicional seja a organizadora do material estético, no nosso caso o discurso tomado como acontecimento, é a forma arquitetônica que dá seu acabamento, que direciona o tom emotivo-volitivo conferindo seu caráter subjetivo. É a arquitetônica que transcende a objetividade da forma e a carrega de sentidos, no movimento do eu-para-mim, do eu-para-o-outro e do outro-para-mim. Só o entendimento dessa natureza híbrida é que nos permite entender os meandros dos discursos em seu ato vivo, na *vivência*.

Outro ponto importante que é preciso nos atentar é que os limites que determinam um enunciado são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, que é relativa a

dependem dos gêneros de discurso. Como nos orienta Bakhtin (2006, p. 275), podemos perceber essa alternância de forma mais clara nas réplicas dialogais que “suscitam resposta, à qual se pode assumir uma posição responsiva”, e a conclusibilidade suscita a resposta. seja imediata ou retardada, seja exteriorizada ou internalizada.

O discurso é o acontecimento da palavra, que é dita por um ser social e ouvida por outro ser social, em um momento único da vida. Esses dois fatores juntos, a palavra e o acontecimento, é que liberam os sentidos. “E o centro de gravidade não se encontra no sentido recorrente, mas no retorno à atividade do movimento interior e exterior, do corpo e da alma, que engendrou este significado” (BAKHTIN, 1988, p. 63).

Sobre a palavra e os gêneros, Ponzio (2010) incita que

o caráter estruturalmente dialógico da palavra varia conforme a mudança dos gêneros discursivos. Alguns gêneros promovem graus elevados de dialogicidade, outros a reduzem ao mínimo, respaldados como são, na imitação, no respeito, na observância da forma (p. 48).

Todo ato cultural se realiza, antes de tudo, sob a palavra. *O verbo foi o começo*. E se todo ato cultural vive sob fronteiras, como insiste Bakhtin (1988, p. 29), então os discursos também vivem sob fronteiras. Tanto nas fronteiras de sentido, estas as mais tênues e escorregadias, quanto nas fronteiras dos múltiplos campos da atividade humana. Um enunciado tomado como puramente linguístico não reflete nada na corrente dialógica da vida comunicativa, não tem um sentido vivo, nem cor nem perfume. Esses vários campos sugerem atitudes discursivas diferentes, temas diferentes, mesmo que utilizemos um mesmo conjunto de significantes na multiplicidade dos gêneros.

Nas palavras de Bakhtin: “Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado” (2006, p.263), pois as formas e os campos de comunicação humana são inesgotáveis e multiformes. Para o filósofo, o que é preciso é entender que há dois tipos essenciais de gêneros que não se dividem pela função, mas sim pelas suas diferenças de formação: os gêneros primários e os secundários. Enquanto os gêneros primários surgem das condições mais imediatas da comunicação, das relações cotidianas, nos diálogos do dia a dia, como os memes, os secundários, advindos dos primários, já emergem em condições mais complexas da atividade humana, culturalmente mais desenvolvida e organizada. Porém, assim como os sistemas ideológicos formais se

alimentam da ideologia do cotidiano para se estabelecerem⁷¹, os gêneros secundários também se formam incorporando e reelaborando a diversidade dos gêneros primários. Daí a importância latente sempre salientada pelo Círculo de se estudar os gêneros primários, ou seja, os gêneros do cotidiano, mas sempre em relação ao seu acontecimento e não apenas às suas estruturas.

Cada gênero do discurso tem o seu estilo, ou seja, o estilo está ligado ao gênero. Só que precisamos também considerar a individualidade do falante, sua subjetividade que reflete o seu estilo individual ao proferir um enunciado que é sempre sob a forma de gêneros (relativamente estáveis). Na maioria dos gêneros, o estilo não é um objetivo, mas é um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar e ao mesmo tempo fundador. No enunciado temos uma individualidade refletida na língua nacional, o que resulta na diversidade e nas variações da linguagem – o plurilinguismo, como já discuti nas páginas anteriores.

Em *O Discurso no Romance*, Bakhtin (1988, p. 96) fala desta estratificação e do plurilinguismo da língua na vida social viva, relacionando-os aos *organismos específicos dos gêneros*. Todos os elementos da língua, sejam eles lexicológicos, semânticos, sintáticos etc. têm uma relação intrínseca com a vontade discursiva e com o sistema geral de acentuação de todos os gêneros, dos mais simples aos mais complexos.

Quaisquer mudanças que ocorrem na vida social são sentidas na mudança dos estilos dos gêneros. Esses refletem e refratam as tensões cotidianas e históricas que permeiam a sociedade. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2006, p. 268). Podemos perceber isto com a alteração de gêneros já marcados socialmente. Tomemos como exemplo as receitas culinárias: antes, transmitidas oralmente, depois anotadas em “cadernos de receitas”, muitas vezes passadas de geração para geração; num outro momento, já as víamos em livros, revistas, jornais e em alguns poucos programas televisivos que tinham seus “quadros” culinários; hoje há uma infinidade não só de programas culinários específicos como de canais exclusivos de culinária, de sites, de blogs, de páginas do Facebook, de canais do Youtube, vídeos pelas redes sociais; enfim, vários são os formatos que nos são apresentados nos

⁷¹ Veremos isso mais intensamente no próximo Capítulo, no item dedicado à ideologia do cotidiano.

ensinando a como preparar uma receita. Este é um gênero que mostra bem esta questão histórica da linguagem em seus usos concretos na sociedade e o estilo de seus gêneros em mutação.

Segundo Volóchinov (2013, p. 189-190), em seu ensaio *A palavra e sua função social*, a ideologia de classe exerce uma forte influência na questão estilística. Quando se muda a orientação social, muda-se o estilo, uma vez que ela não determina apenas o tema da enunciação, o exterior, mas age no interior da enunciação, na escolha das formas gramaticais e sua disposição na construção verbal, além da entonação subjetiva conferida à enunciação. Hoje, sugiro pensar que a questão de classe vai além da questão econômica. A ideologia de classe relatada por Volóchinov (2013), ao meu ver, se estende para uma ideologia de grupos sociais em níveis muito mais estratificados do que outrora. À época dos escritos dos estudiosos russos, as classes eram mais bem definidas. Como sugere Bakhtin (2017a, p. 11), nascia-se “camponês ou fazendeiro, burguês ou proletário: isto é o principal”; e a localização temporal e espacial também importa, porque é preciso considerar o homem como um ser historicamente real ao considerarmos-nos como parte de um todo social. Para pensarmos isso nos dias de hoje, precisamos entender que muitos dos grupos que se afinam socialmente e convivem nos espaços reais ou virtuais são compostos por pessoas de diferentes classes, mas podem se aproximar pelas ideologias semelhantes; por pessoas de uma mesma faixa etária ou não; de uma mesma turma de estudos com situações sociais e econômicas diferentes; de um mesmo grupo de trabalho, entre outras possibilidades que definem orientações sociais diferentes e, por conseguinte, estilos e, também, gêneros diferentes. Na fluidez da atualidade, as pessoas se misturam e se reagrupam sob diferentes óticas para além do que, solidamente, era considerado como classe social.

Para exemplificar a questão do estilo de gênero sob perspectivas de grupos sociais diferentes, trago um exemplo: enquanto mensagens motivacionais – de “bom dia”, “boa noite”, por exemplo – em tom meloso são disparadas no WhatsApp por pessoas de gerações anteriores à do século XXI, e por não terem tom irônico, não podem ser consideradas como memes. Os jovens e adolescentes, por sua vez, ironizam-nas criando memes utilizando imagens de personalidades famosas de seus círculos culturais e colocando trechos de música ou frases célebres destas personalidades – geralmente alterados para se adaptar ao propósito discursivo irônico, ou seja, a criação de memes. Quem se encontra fora desse horizonte social dos jovens, não compreende na totalidade

estes enunciados por não compartilharem da mesma esfera ideológica e cultural. As mensagens motivacionais, como na Figura 31, refletem uma atitude educada de cumprimentar as pessoas, disseminada pela cultura dominante; já os memes, como na Figura 32, refratam a realidade objetiva de embate ideológico e de contracultura.



Figura 31 – Mensagem de bom dia

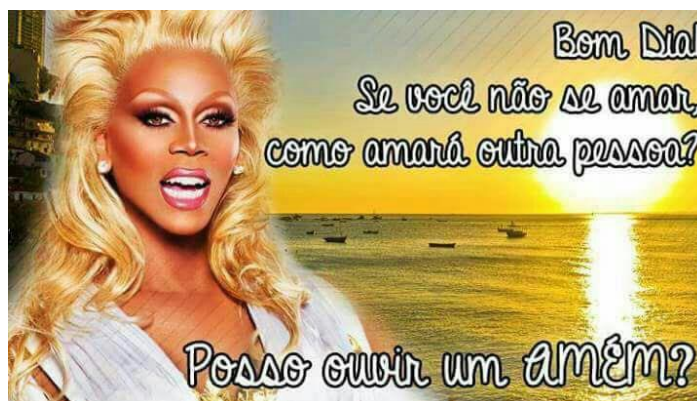


Figura 32 – Meme RuPaul

A Figura 31 é um exemplo de mensagem motivacional, criada pela página do Facebook chamada “Café da Manhã com Deus” e utilizada por várias pessoas (em sua maioria de gerações mais velhas) nas redes sociais como um cumprimento matinal. Composto por uma imagem de um buquê de rosas, que já se tornou um signo ideológico que retrata a ideia de carinho e amor (receber um buquê de rosas é, no mínimo, um sinal de admiração), e por um provérbio bíblico que incita que boas ações sempre são dirigidas

a Deus – fazer bem ao próximo, é fazer bem a Deus –, esse enunciado ressoa uma intenção serena de cumprimento e de educação. O meme (Figura 32) é um enunciado composto pela Figura da *drag queen*⁷² RuPaul, que é apresentadora do *reality show RuPaul's Drag Race*. O programa procura pelo carisma, pela singularidade, pela coragem e talento de uma *drag queen*, para suceder ao título de "*America's Next Drag Superstar*"⁷³. A parte verbal se constitui de um enunciado que se tornou uma marca registrada de RuPaul, falado em todos os seus programas, e que é uma tentativa de motivar não só as *drag queens* a se amarem, mas também de dar um recado para todas as pessoas que criticam o comportamento drag. De forma sutil, ele intenciona dizer que esses críticos não se amam e por isso não podem amar ao próximo e respeitar suas escolhas. E RuPaul utiliza para finalizar seu discurso a frase “Posso ouvir um amém?”. Aqui, a palavra ‘amém’ assume um colorido diferente daquele de sua origem religiosa, demonstrando a dialogicidade interna do signo, que se torna uma arena de lutas: de um lado o “amém” religioso, que, de certa maneira, se imbui de preconceito se partirmos da percepção de que uma parte dos que se intitulam *religiosos*, em algum momento, se mostram preconceituosos em relação a orientações sexuais e comportamento de gêneros divergentes do que é “pregado” pela ideologia heteronormativa, que ainda é a dominante em nossa sociedade; de outro lado, o “amém” adquire um tom volitivo de *não* ao preconceito, à violência de gênero: posso ouvir um amém? parece nos dizer “posso então acreditar que será assim? que nós, *drag queens* seremos amadas e respeitadas por todos?”. Imitando a forma composicional e o conteúdo temático das mensagens motivacionais – que é “mandar um recado que motive o bem”, este enunciado renova o gênero em seu estilo, tornando-o um meme ao trazer a ironia como pano de fundo para uma crítica social.

Esses exemplos tocam num outro ponto que Bakhtin coloca como constitutivo de todo enunciado: o endereçamento. Todo enunciado é endereçado a alguém, e isto faz com que as palavras sejam permeadas de tonalidades dialógicas que satisfarão a seus interlocutores. Todo ato enunciativo é arquitetado por seu enunciador já pensando na resposta. O enunciado, como nos diz Bakhtin (2006, p. 301), tem autor e destinatário. Cada gênero em cada campo da comunicação discursiva têm a sua concepção típica de

⁷² Escolho não colocar a expressão *drag queen* em itálico, pois me parece preconceituosa, como se fosse algo que não existisse no Brasil.

⁷³ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/RuPaul%27s_Drag_Race > acessado em 24/01/2018.

destinatário e essa é uma das questões que o determina como gênero. Uma mensagem de bom dia nos moldes de autoajuda, não encontra, na maioria das vezes, receptividade entre os jovens usuários de memes, então eles não a respondem (na linguagem coloquial: “passa batido”). Já quando há uma reacentuação transformando-a em meme, eles a tomam como enunciado concreto assumindo-a como discurso respondente.

A vontade discursiva faz com que escolhamos o gênero, organizemos os sistemas da língua, demos o acento; assim, cada linguagem, dentro da perspectiva plurilíngue da vida verboideológica – a linguagem dos jovens, dos advogados, dos médicos, dos professores, etc. –, adquire seu perfume específico ao ser concretizada nos mais variados gêneros e é interpretada e apreciada em seu momento histórico. O que importa são as possibilidades intencionais:

elas são realizadas em direções definidas, são carregadas de conteúdo determinados, concretizam-se, especificam-se, impregnam-se de apreciações concretas, unem-se a determinados objetos, a âmbitos expressivos de gêneros e profissões (BAKHTIN, 1988, p. 97).

Para os participantes da interação verbal, como pares discursivos que se identificam no ato comunicativo, fica clara a intenção e, assim, a compreensão se realiza plenamente; já para os não participantes (ou quando não há um engajamento no ato discursivo), se torna confusa, imprimindo limitações na compreensão. A estratificação pode ser muito aguda em certas épocas, pode gerar padrões de grupos muito específicos. As visões de mundo socialmente significativas, nos diz Bakhtin (1988, p. 97), “têm a faculdade de espoliar as possibilidades intencionais da língua por intermédio de sua realização concreta”, ou seja, do gênero tomado como acontecimento discursivo. Parece-me que estamos vivendo uma época em que essa estratificação, por intermédio da geração “online”, está aguçada. Sempre tivemos a linguagem dos jovens, mas hoje ela se concretiza nas redes sociais com uma forma, conteúdo e estilo muito peculiares: alguns são os gêneros que vêm surgindo (gifs, memes, posts, por exemplo) e muitos ainda, ao que me parece, surgirão neste turbilhão da vida verbal virtual.

2.4 A linguagem do cotidiano nas redes sociais: o diálogo do dia a dia mediatizado pelas tecnologias



Figura 33 – Tô dentro!⁷⁴

Jakubinskij desenvolveu um precioso trabalho sobre a fala dialogal considerando as condições de comunicação como algo essencial para a compreensão deste fenômeno. Ele considera que a diversidade complexa da língua é sobremaneira “o resultado das condições de comunicação e do que delas decorre, da formação de diferentes grupos sociais em interação complexa, em função de diferentes critérios (territoriais, nacionais, estatais, profissionais etc.)” (JAKUBINSKIJ, 2013, p. 52)⁷⁵. Como seu trabalho data das décadas de 1920/30, ele acaba por se tornar hoje incompleto ao estudarmos as novas formas de diálogo mediadas pela internet. Para começar, o teórico faz uma grande divisão entre monólogo e diálogo, sendo o primeiro representado principalmente por formas mediatizadas de comunicação ou em alocações de maior extensão, como na apresentação de uma conferência, num tribunal etc.; o segundo, é marcado por formas não mediatizadas, ou seja, na interação face a face (situação em que se pode ter o contato

⁷⁴ Fonte: <<https://twitter.com/falarafha/status/943199521957404673>> acessado em 11/05/2019.

⁷⁵ Como Jakubinskij foi professor de Volochínov, podemos arriscar dizer que as teorias cunhadas pelo Círculo sofreram sua influência.

visual)⁷⁶. A partir disso, ele propõe que as três formas mais significativas socialmente seriam: a forma monologal mediatizada, a forma monologal não mediatizada e a forma dialogal não mediatizada. Daí já temos um grande problema em relação aos dias atuais, pois a internet favoreceu uma gama variada de formas dialogais mediatizadas que possibilitam aos usuários dialogarem rapidamente, inclusive com falas simultâneas desestabilizando a troca de turnos⁷⁷ - cronotopo desordenado. Hoje, temos uma quarta forma extremamente significativa atualmente: a forma dialogal mediatizada⁷⁸, que possibilita a troca de réplicas algumas vezes até mais instantâneas e desalinhadas que a própria conversa face a face.

Recuero (2016, p. 19) discute que apesar de as interações via redes sociais se constituírem de formas híbridas verbais e não-verbais, elas se aproximam da oralidade mas, também, se diferenciam dela ao ampliarem-se devido à influência do suporte (que na minha visão bakhtiniana, o suporte é o contexto sócio-histórico do acontecimento discursivo. Boyd (*apud* RECUERO, 2014, p. 117) vai chamar de “públicos em rede” esses espaços híbridos que mesclam “características do suporte das trocas comunicativas e características dos espaços públicos”. Boyd também salienta que há uma confusão nesses espaços entre o público e o privado, uma vez que discursos que antes ficariam restritos a conversas privadas entre amigos, agora se tornam *públicos, coletivos e visíveis*. No entanto, prefiro pensar as redes sociais, de modo a seguir nossa orientação filosófica da linguagem, como bem próximas do conceito de praça pública que Bakhtin (2013) nos mostra em seu trabalho sobre Rabelais, porém de forma mediatizada, onde o discurso oficial muitas vezes se mistura com os discursos não-oficiais, formando discursos

⁷⁶ A única forma de fala dialogal mediatizada que é considerada neste ensaio de Jakubinskij é a troca de “bilhetinhos” numa reunião, em que os interlocutores, apesar de se comunicarem por meio da escrita, estão em contato visual um com o outro.

⁷⁷ Como meu trabalho de pesquisa não se insere no campo da Análise da Conversação, tomo a liberdade de não me ater aos termos categorizados por esta vertente da linguística e de não fazer toda uma análise a partir deles.

⁷⁸ Esta forma dialogal mediatizada proposta aqui, vai além do que vários pesquisadores colocam como Comunicação Mediada por Computador (CMC), uma vez que hoje temos os smartphones, por exemplo que nos permitem estar “andando e falando”, ou seja, estou pensando aqui como um alargamento deste conceito e sob uma visão dialógica, e não comunicacional, como percebi que alguns autores a tratam (vide os trabalhos de Recuero (2009, 2012)). Não vou me estender na justificativa pela escolha de não utilizar o termo CMC, acreditando que está clara a consonância de que estou tratando nesta tese sobre os diálogos do cotidiano e não sobre as várias formas de comunicação via computador e suas implicações nas várias esferas da sociedade.

híbridos em todos os sentidos (em sua constituição, nas formas de interação, nos estilos etc.). As redes sociais são a praça pública da modernidade líquida, como discutirei no item sobre carnavalização.

Nessa praça pública, várias réplicas são *disparadas* no WhatsApp numa conversa entre dois ou mais interlocutores muitas vezes sem que se espere a resposta do(s) outro(s), o que eu postulei como cronotopo desordenado, ou seja, o tempo e o espaço já não fluem de forma estável, desorganizando, assim, o tempo/espaço das interações. O que garante a autoria de cada réplica é a disposição espacial de cada uma e a mudança de cor na tela dos smartphones – à esquerda e na cor branca fica a da pessoa com quem se está interagindo e à direita na cor verde, a nossa⁷⁹. Numa conversa em grupo, esta característica é expandida, podendo vários membros interagirem ao mesmo tempo, inclusive com assuntos diferentes; e o que garante a autoria, além do que já foi citado, é o nome da pessoa que vem acima da mensagem. A interdependência temporal é parcial, já que a resposta interativa a uma réplica pode ser dada num espaço de tempo muito grande se comparada à conversa face a face, na qual as respostas são dadas, na maioria das vezes, de imediato. Eu posso, por exemplo, fazer uma pergunta a alguém pelo aplicativo e essa pessoa me responder tempos depois (minutos, horas e até dias; ou até mesmo não responder). Outro ponto é que várias réplicas podem ser efetuadas por um mesmo enunciador, complicando seu interlocutor em responder a uma que está “lá em cima”⁸⁰.

Esse cronotopo é tão comum nas redes sociais que, na tentativa de resolver o problema de resposta a uma réplica que foi feita por um usuário e que ficou para trás na conversa ou que “embolou” com outras, o WhatsApp, por exemplo, desenvolveu uma ferramenta na qual podemos selecionar a réplica com a qual queremos interagir e temos a opção “responder”, assim, a resposta vem acompanhada da réplica selecionada, facilitando a compreensão ativa e responsiva do diálogo e proporcionando uma certa organização. Muitas outras ferramentas são disponibilizadas no aplicativo, inclusive a opção “falar”, na qual o enunciador fala e o aplicativo transforma em texto para ser

⁷⁹ Com relação à cor, pontuei em uma pesquisa que fiz com dez aparelhos de marcas e modelos diferentes. Todos se mostraram iguais, mas o que não implica que possa haver diferença nas cores listadas aqui, uma vez que a multiplicidade das marcas e modelos é muito grande.

⁸⁰ Este dêitico de espaço é muito utilizado pelos usuários das redes sociais. Como acredito que todos os meus possíveis leitores são usuários dessas redes, abstenho-me de maiores explicações sem necessidade.

enviado. Podemos também, ao invés de escrever, mandar áudio, o que propicia ainda mais a aproximação com as trocas dialogais face a face. Como meu interesse não é destrinchar as ferramentas do WhatsApp, não entrarei em mais detalhes por ora. O que me importa é demonstrar, através de uma breve consideração sobre esse aplicativo, que há uma forma dialogal mediatizada nos dias atuais, inclusive com imitações de gestos, entonações e expressões faciais (emoticons, emojis⁸¹, memes, gifs, entre outros).

Podemos também citar o e-mail, que permite, dentre as suas outras funcionalidades, formas de diálogo mediatizado (quando há a troca instantânea de e-mails), ou Twitter, ou Facebook, ou os blogs, ou as páginas de internet em que há a opção de “comentários”, entre outras mídias virtuais.

Volóchinov, em seu ensaio *O que é linguagem?* (2013, p. 141), propõe que a linguagem “é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou”. Não haveria linguagem se os seres humanos vivessem isolados, sem contato interpessoal. Levando essa consideração para pensarmos a linguagem das redes sociais, penso que essa linguagem que se (trans)forma nas interações verbais no mundo virtual é um produto da modernidade líquida que se configura pela abundância discursiva (produção, recepção e circulação) e pela liquefação do tempo e do espaço discursivo nesses ambientes virtuais, a liquidez discursiva. Hoje é possível conversar com várias pessoas ao mesmo tempo e a rapidez característica das réplicas dialogais cotidianas é transposta para as redes sociais, tendendo a fazer com que os interlocutores busquem formas mais simples e mais instantâneas de interagir (abreviações, uso de emojis, por exemplo) e até formas mais elaboradas como os memes verbovisuais, os gifs, para citar algumas. A organização sociopolítica que se configura nas redes sociais acaba por permitir que esta linguagem se torne válida, compreensível e responsiva, uma vez que se difunde a todo momento nas intensas interações verbovirtuais. Cada vez mais pessoas vão entrando nesse mundo discursivo, impulsionados pela geração do século XXI, ainda que alguns ainda se prendam muito às forças centrípetas da arena de lutas que é a língua.

⁸¹ A título de curiosidade, os emoticons são os primórdios dos emojis. Aqueles são representados por sinais gráficos, como o uso de dois pontos e o parêntese “:)” para imitar um rosto sorrindo; já esses são desenhos mais elaborados e possuem uma grande quantidade de “coisas” representadas, como feições de rostos 😊, gestos 🙋, animais 🐯, entre tantos outros.

Os estudos do discurso, em sua maioria, têm dado ênfase às esferas mais instituídas, como a publicitária, a jornalística, a religiosa, a jurídica etc. Estudar essa linguagem que se dá nas réplicas dialogais do cotidiano elencadas anteriormente se faz necessário, como incita o Círculo em várias de suas obras, como nessa passagem:

Além disso, existe um campo enorme da comunicação ideológica que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica. Trata-se da comunicação cotidiana. Essa comunicação é extremamente importante e rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas (VOLÓCHINOV (CÍRCULO DE BAKHTIN), 2017, p. 99).

A língua só é única, monológica, se tomada como abstrata, como sistema de normas linguísticas. Na vida verboideológica concreta ela é carregada de conteúdo ideológico que reflete e refrata visões de mundo, juízos de valor e subjetividade. As forças centrípetas e centrífugas estão presentes em cada enunciação concreta vinda de um sujeito, e esses processos contraditórios servem para imprimir na enunciação tanto seus aspectos linguísticos como o estilo da enunciação, revelando um plurilinguismo vivo, colocando num mesmo grau as enunciações provindas das forças centrípetas e as provindas das forças centrífugas. Ao plurilinguismo que personifica as forças centrífugas, dos discursos não-oficiais das camadas inferiores da vida linguístico-ideológica, ou seja, da linguagem do dia a dia, Bakhtin chama de plurilinguismo dialogizado: “O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto e saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual” (BAKHTIN, 1988, p. 82).

Na vida não-oficial das redes sociais, ou pelo menos principalmente nela, podemos observar esse fenômeno discursivo: os enunciados se concretizam fora da vida normativa da língua, não apenas com entonações que se aproximam da oralidade, mas com formas diferentes de escrever e de se expressar. Palavras são abreviadas, acentos são ignorados, a concordância e a regência não se tornam importantes, a pontuação ora é carregada na intenção de dar expressividade ora é totalmente ignorada, neologismos são criados, há o uso de memes, enfim, o plurilinguismo dialogizado e a plurivocalidade precisam ser considerados ao estudar os discursos que são produzidos nas redes sociais. Essa nova cultura discursiva vem ganhando espaço e cada vez mais falantes têm virado adeptos dela. Rajagopalan anuncia que “estamos diante de uma língua em construção –

uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários” (2003, p.27).

Mas não podemos desprezar que há um movimento centrípeto forte, que critica e despreza essa linguagem. Barton & Lee (2015, p. 23-24) problematizam esta postura considerando-a como *pânico moral*, no qual discursos públicos acentuados pelos meios de comunicação de massa julgam esta linguagem online como um fator negativo que prejudica as habilidades de letramento dos jovens. Muitas vezes, utilizando a nomenclatura *internetês*, muitas pessoas colocam-na como um fato que “assassina” a Língua Portuguesa⁸². Essa visão parte de uma ideia de língua homogênea e abstrata, desconsiderando a vida verbossocial do discurso. Concordo com Komesu e Tenani (2009) que os adeptos dessa nova forma de escrever são aqueles que consideram a língua como forma de interação social e histórica, e não como um sistema abstrato, repetível e de identificação. É como se a linguagem online tivesse aberto uma fenda que jorra o plurilinguismo dialogizado e dissemina a heteroglossia.

Na virtualidade, as redes têm uma natureza diferente e criadora de coisas, sem ponto claro de entrada e ou de saída. Elas cobrem tudo o que existe em todas as áreas de atividade humana, tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade, invadindo o espaço e o tempo. Se, por um lado, parecem reproduzir algo já existente, por outro, as redes fazem também emergir uma realidade diferente, transformando aquilo que pensamos conhecer (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 15).

A partir de meus estudos e das considerações acerca da língua/linguagem apresentadas nas obras do Círculo de Bakhtin e de seus dialogadores, julgo que esta nomenclatura “*internetês*”⁸³ não é totalmente válida nos dias de hoje, pois estamos diante de um epifenômeno da vida social do discurso que está muito além de uma variedade linguística marginalizada, posto que toma proporções imensas a partir do momento em que se espalha para várias camadas sociais, em diferentes grupos e classes sociais (apesar de sabermos que a nova geração tem por tendência um domínio maior dessa linguagem, mas de forma alguma está restrita a ela). A minha discussão sobre o assunto toma como

82 Abstenho-me aqui de falar sobre as outras línguas, já que meu trabalho se fecha em nosso idioma.

83 Um trabalho de pesquisa mais detalhado sobre as questões linguísticas do “*internetês*” no Brasil pode ser apreciado através dos estudos da Professora Dr. Fabiana Komesu.

base que este fenômeno faz parte da vida das pessoas usuárias das redes sociais como uma forma de dizer que se apresenta no plurilinguismo dialogado da vida verboideológica, manifestando-se como uma fala dialogal do cotidiano mediatizada, e, como tal, deve ser compreendida em seu momento histórico, no acontecimento do discurso, como uma nova cultura de interação socioverbal entre interlocutores.

A criatividade que emana nesses diálogos, principalmente entre os adolescentes/jovens, é de impressionar; e a quantidade de tempo que dedicam ao espaço virtual também. As críticas que têm sido feitas a essa geração do século XXI que, na visão de muitos, são associadas na medida em que ficam submersos nas redes sociais e acabam por serem julgados negativamente com o argumento de não interagirem na vida real. Muitos deles, ou a maioria, têm a forma dialogal mediatizada como principal fonte de diálogo cotidiano. Meu foco neste momento não é o de fazer uma análise sociológica nem psicológica, mas apenas trazer para a discussão um ponto de vista, no meu ato responsável de doutoranda e sem alibi, de que estamos no turbilhão da mudança de formas de *agir* e de *ser* numa época em que a vida virtual ganha cada vez mais espaço. Há de se chegar um tempo em que todas as pessoas já terão nascido pós-revolução digital e esse comportamento não será mais “estranho”, e com certeza, outros questionamentos serão levantados. Por enquanto, temos que conviver com essa rusga de gerações, com visões de mundo e juízos de valor diferentes. O meme a seguir demonstra este julgamento:



Figura 34 – Os macaquinhos

Esse meme se constitui na dialogia com o discurso evolucionista e é uma paródia de um outro no qual aparecem três macaquinhos representando o “não ver”, “não ouvir” e “não falar”. A parte verbal do enunciado traz uma constatação de que a espécie evoluiu, mas a compreensão ativa e responsiva nos leva à ideia de que essa evolução é negativa, pois o “mais evoluído” é aquele que têm a soma das três características negativas, a princípio, citadas. O motivo para que este ser evoluído não fale, não ouça e não veja ninguém é por que estaria vidrado com o celular e só presta atenção nele – observem que os olhos deste quarto macaquinho são arregalados e com as pupilas vesgas fixadas no smartphone. Mas pensemos por um outro ponto de vista essa realidade social: a pessoa pode até não estar interagindo com as outras que estão à sua volta, mas como dizer que ela não vê se está olhando para o celular e este pode lhe apresentar o mundo através da internet? Como dizer que não ouve e não fala se está lendo (ouvindo) e escrevendo (falando) mensagens ou outros gêneros? Podemos arriscar dizer que ele vê, que ouve e fala com todo mundo “do outro lado da tela”. Ainda que ele esteja jogando, ele também está ativando estes três processos. Deixo a pergunta para meus leitores nascidos antes da revolução digital: quanto nós escrevíamos e líamos quando éramos adolescentes, retirando os textos escolares?

É pertinente considerarmos que na vida virtual as pessoas têm a opção de escolher a quem vão responder e se vão responder, o que é praticamente impossível na vida real. O que eu quero discutir aqui é que com a entrada das redes sociais, os jovens de hoje estão justamente escrevendo mais e ouvindo/lendo mais; e até mesmo interagindo mais (mesmo que esta interação seja incompreendida pelas pessoas das gerações anteriores – porém, não é meu interesse julgar se este tipo de interação é pior ou melhor, apenas digo que é fato), pois se ligam a uma infinidade de pessoas de lugares diferentes (bairros, cidades, países...) através das redes sociais que possibilitam uma maior fluidez nas interações verbais. Ressalto que visualizo uma nova cultura discursiva, advinda principalmente dos jovens, que emerge nas velozes e quase incontrolláveis redes midiáticas, destacando as redes sociais virtuais, propiciando a liquidez discursiva. Os discursos rapidamente alagam várias esferas discursivas virtuais, não se prendendo a um cronotopo sólido que os moldava até a pouco tempo atrás.

Ao montar um grupo de WhatsApp com alunos do 8º ano de uma escola particular de renome em Vila Velha/ES, me deparei com os memes do “Laranja” e não pude deixar de pesquisar mais sobre esta personagem que, pelo que vi depois do primeiro contato, faz

muito sucesso com a “moçada”. Há uma página no Facebook chamada Laranja Memes, que tem 136.000 seguidores e mais vários perfis no Twitter também relacionados ao “Laranja”. Uma das propostas desses memes é justamente desestabilizar a estrutura da língua e, ainda assim, seus discursos são totalmente entendidos/compreendidos pelos seus usuários. A utilização da linguagem coloquial chega a ser forçada (não é mero descuido), revelando que não é apenas o desconhecimento da linguagem formal, mas sim uma desestabilização imensa desta. Vejamos alguns exemplos sendo que minha intenção aqui não é a de analisar em todos os detalhes esses memes enquanto discursos, mas trazer para meus interlocutores a experiência do contato com o que estou dizendo.



Figura 35 – Laranja 1



Figura 36 – Laranja 2



Figura 37 – Laranjo 3



Figura 38 – Laranjo 4⁸⁴

Em todos esses memes conseguimos compreender perfeitamente o projeto de dizer do enunciador, mesmo com todos os “desvios” da norma dita padrão. Esses desvios, muitas vezes não são pelo não saber como se escreve, mas o são de forma intencional, como uma tentativa, me parece, de luta contra a “ditadura do escrever correto”⁸⁵. Esta me parece ser a proposta da linguagem online cotidiana: brincar com a língua e, assim, brincar com a vida cotidiana. O meme da Figura 35 traz essa brincadeira irônica, com o enunciado verbal “Kansei deça vida”, e a imagem de um copo de leite com manga ilustra bastante isso, como se ele fosse se suicidar embasado no senso comum dos “antigos” que manga com leite mata. O meme “i pora me apaixonei” – Figura 36 – também dá um tom irônico levando ao efeito de sentido que se apaixonar é complicado, por assim dizer.

Já no terceiro exemplo, Figura 37, sugiro observar que é como se o meme fosse uma ilustração do enunciado que vem como “legenda” acima do meme: “bolsonaro 2018”, marcando um posicionamento político de desagrado pelo lado do humor, ao escrever “vou core inqantu posu” e colocar a personagem Laranjo como se estivesse “saindo” do enunciado concreto. O quarto meme dessa sequência – Figura 38 – traz um jogo linguístico muito interessante brincando com uma outra “personagem” do mundo dos memes que é o “Limão”, espécie de companheiro do Laranjo, que o acusa de “assa

⁸⁴ Todos os memes do Laranjo foram retirados de < Fonte: <https://twitter.com/laranjomem>

⁸⁵ É claro que não podemos, nem devemos, desprezar os desvios cometidos de forma não intencional. Eles existem sim e é nosso grande desafio, enquanto professores da rede básica de ensino, ensinar ao nosso aluno que ele precisa ser um poliglota da própria língua, ou seja, ele precisa dominar o plurilinguismo e utilizá-lo a seu favor. Este é o propósito dos professores de línguas, ao meu ver.

sino”, numa sequência de imagens e frases que servem de base para um jogo linguístico associativo. Podemos perceber nesses memes que os desvios não são apenas um problema gramatical pelo não conhecimento da língua enquanto estrutura. Os discursos revelam muito além, revelam um embate, como se o enunciador quisesse demonstrar que o que importa é ser compreendido ativa e responsivamente. Enfim, os memes do Laranjo são apenas um dos inúmeros exemplos de que temos um plurilinguismo dialogizado muito interessante nos meandros das redes sociais e que serve de força centrífuga para os arcabouços da língua culta oficial.

Bakhtin (1988, p. 98) nos orienta que em cada momento histórico coexistem diversas línguas tornando a linguagem grandemente pluridiscursiva. Essas “diversas línguas” entram em harmonia e contradição, encontram-se e desencontram-se, num movimento dialógico e podem servir de *complemento mútuo entre si*. Elas verdadeiramente vivem, lutam e evoluem no plurilinguismo dialogizado socialmente. Diferentes forças sociais acabam por produzir uma saturação estratificante, que quanto mais longa for e abranger um meio social mais amplo, maior torna-se sua vitalidade,

mais marcados e mais estáveis serão os traços, as modificações linguísticas dos índices da linguagem (dos símbolos linguísticos) que persistem nela como resultado da ação desta força, desde as nuances semânticas estáveis (e portanto sociais) até os autênticos índices dialetológicos (fonéticos, morfológicos, etc.), os quais já nos permite falar de um dialeto social particular (BAKHTIN, 1998, p. 100).

Volto a defender a posição de que, em relação à linguagem nas redes sociais, não cabe falar em dialeto particular, uma vez que abarca não apenas um grupo, uma classe, mas que esta linguagem é utilizada por pessoas do país inteiro, e, quando falamos das imagens, de alguns memes, dos gifs, dos emojis, estamos falando de uma linguagem mundial, ainda que não abarque a todos. Cada falante irá imprimir sua entonação, seu estilo, mas esse fato é inerente a toda e qualquer enunciação. Quero, com essa citação, salientar que, para além de um dialeto particular, essa linguagem online tem se difundido e se estabilizado e mais pessoas passam a compreendê-la e utilizá-la, com suas marcações linguísticas e seus efeitos semânticos, possibilitando a intercompreensão ativa e responsiva. Como salienta Bakhtin (1998), penso na linguagem das redes sociais como um dialeto social, que abrange toda uma gama de sujeitos sócio-históricos que perpassam várias classes e grupos sociais. Muitos desencontros ainda existem nos diálogos pelas

redes sociais pela pouca prática de alguns nesse estrato de linguagem (principalmente das gerações mais velhas), mas a tendência é de que este conflito de gerações vá se apagando à medida que o tempo passa e as facilidades de acesso à internet se expandem.

Volóchinov (2013), em seu ensaio *A construção da enunciação*, traz uma importante contribuição para o estudo da enunciação na vida cotidiana sinalizando a importância da entonação nessa esfera discursiva e faz uma analogia com o provérbio “o tom faz a música”, ligando o tom à entonação e a música ao sentido do enunciado.

A entonação é tão importante para a produção de sentido que as pessoas tentam imprimi-la nas réplicas dialogais cotidianas nas redes sociais. De forma a trazer essa expressão sonora e gestual de valoração para o campo da escrita, há toda uma estilização da grafia: letras são repetidas para dar enfoque (Bom diaaaaaaaa!), pontos de exclamação são utilizados com exagero para demonstrar sentimentos (Poxa!!!!!!), pontos de interrogação se multiplicam para indicar uma dúvida mais expressiva (Como assim?????), as reticências traduzem a incompletude do pensamento ou a espera de um acontecimento (Nem sinal do resultado...); e ainda os emojis com carinhas que demonstram diversos tipos de expressão, mãos e desenhos de pessoas que simulam gestos. Todos esses recursos são utilizados com frequência nessas conversas do cotidiano como tentativa de aproximar ao máximo da intensa relação do verbal com o extraverbal das interações face a face.

Voltando com Jakubinskij para a nossa conversa, ele também sinaliza que a percepção visual e auditiva do interlocutor é essencial na compreensão das réplicas justamente porque implica na percepção pelos interlocutores de suas “*expressões, seus gestos, todos os seus movimentos corporais*” (2013, p. 67), o que garantiria certa intercompreensão. Ele também ressalta a importância da mímica que pode servir como uma réplica ou como complemento de uma réplica e coloca que os gestos e as mímicas têm sentidos próximos da entonação. Podemos ver esses dois elementos sendo réplicas dialogais nas redes sociais através do compartilhamento de emojis, gifs e vídeos. A questão da expressão e dos gestos pode ser observada tanto nos *emojis* quanto em vários memes (tanto multimodais quanto em memes que trazem apenas uma imagem expressiva corporal como enunciado concreto).

Reproduzo aqui um recorte de uma conversa do nosso grupo de doutorandos da UFES⁸⁶ para demonstrar como o uso dos emojis e dos memes trazem para o diálogo mediatizado a questão do gesto e da expressão corporal, possibilitando uma certa correspondência da interação nas redes com a interação face a face.



Figura 39 – Doutorandos antenados

Após a Glaucimere postar a foto de uma notícia de jornal dizendo que os professores seriam responsáveis por medicar os alunos, houve uma réplica do Gabriel em enunciado verbal de caráter irônico “Quero saber quem ser responsável pela minha!”. Aqui podemos ver que o interlocutor não se preocupou, talvez por um erro de digitação, em colocar o verbo auxiliar “vai”. Logo depois, Karina escolhe dois *emojis* de macaquinhos, um com as mãos na boca (sugerindo a ideia de “Não falo nada!” ou de espanto) e outro com as mão nos olhos (Vou fingir que nem vi! Ou “Não quero nem ver!”); Emília replica com tom de indignação representado pelas escolhas lexicais que sugerem que os professores já têm atribuições demais e as reticências ao final da frase “Era só o que faltava...”. Glaucimere, a que postou a reportagem, replica com tom de ironia e humor (representado pelo “rs”) ao se referir à questão do notório saber

⁸⁶ Os participantes do diálogo me autorizaram a reprodução.

introduzida na nova redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, fato que atormentou os professores e é debatida até hoje. Em seguida, Gabriel faz mais uma réplica utilizando um meme que tem a Gretchen⁸⁷ com uma expressão facial que denota que não está compreendendo o que está acontecendo, acrescido do enunciado verbal “Éukê?”, que complementa a expressão. Acredito que essa legenda, digamos assim, foi colocada devido ao ambiente em que este meme foi utilizado, o grupo de doutorandos, pois entre usuários mais familiarizados com memes, a parte verbal seria totalmente dispensável.

Os diálogos na internet, como já sinalizei, se assemelham aos diálogos da vida real dos discursos falados, para os quais toda compreensão é ativa e responsiva, ligando o “que deve ser compreendido ao seu próprio círculo, expressivo e objetual e está indissolúvelmente fundido a uma resposta” (BAKHTIN, 1988, p. 90). É o primado da resposta, que através de uma dialogicidade interna – que vai além do encontro do meu discurso com o discurso de outrem – leva o enunciador a adentrar no horizonte social de seus interlocutores de modo a buscar o fundo aperceptivo de seus ouvintes, ou seja, o extralinguístico. Isto explica porque muitas vezes quando pessoas de grupos sociais diferentes (seja pela idade, pela classe social, pela profissão etc.) interagem nas redes sociais, pode haver uma dificuldade de compreensão: é possível que o enunciador não consiga estabelecer a dialogicidade interna que venha a promover a compreensão ativa.

A réplica de qualquer diálogo real encerra esta dupla existência: ela é constituída e compreendida no contexto de todo o diálogo, o qual se constitui a partir de suas enunciações (do ponto de vista do falante) e das enunciações de outrem (do *partner*). Não é possível retirar uma única réplica deste contexto misto de discursos próprios e alheios, sem que se perca seu sentido e seu tom, ela é uma parte orgânica de um todo plurívoco (BAKHTIN, 1988, p. 92).

Afunilando ainda mais minha proposta de estudo, tomo os memes não como um objeto teoricista de pesquisa, pois estamos no campo da heterociência em que a relação entre o cognoscível e o cognoscente é que deve ser valorizada. Os memes seguem como um exemplo de um novo gênero que surge em nossa época com o *império da internet* e que se materializa como diálogo do cotidiano, invadindo a vida das pessoas que se utilizam das redes sociais. O enfoque agora não será em categorizá-lo, como já sinalizado

⁸⁷ Cantora e dançarina dos anos 80 e que hoje é reconhecida, inclusive internacionalmente, como a “Rainha dos Memes”. Para saber mais sugiro este link: <http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/gretchen-de-rainha-do-rebolado-rainha-dos-memes.html>> acessado em 17/01/2018.

em outros momentos de minha tese, mas de mostrar como ele, enquanto gênero do cotidiano, enquanto acontecimento, possui as características discursivas por mim elencadas no Capítulo 1 e funcionam como réplicas dialogais do cotidiano. Primeiramente (e este advérbio não foi usado aqui de forma inocente, quero me valer da não neutralidade do signo⁸⁸), faremos uma pequena excursão sobre o que temos a respeito dos memes no campo científico, costurando com uma dialética de contrapontos e depois faço ouvir minha voz.

2.5 O que estão falando sobre os memes

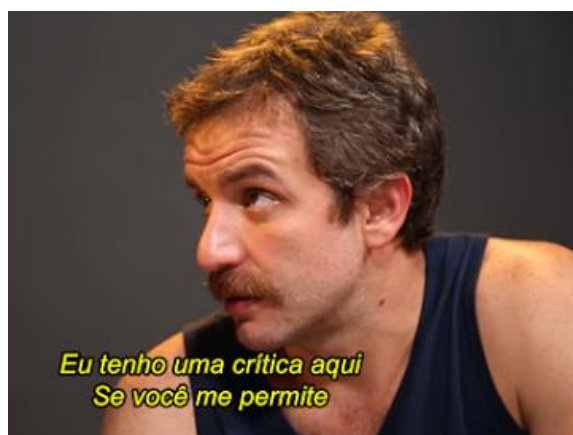


Figura 40 – Julinho da van: Posso falar?

Aproveito o efeito de sentido deste meme para dizer que, de uma maneira dialética e dialógica, eu irei trazer algumas teorias circulantes sobre os memes e, ao mesmo tempo vou contradizendo aquelas com as quais eu não me identifiquei mostrando a minha visão como sujeito singular pesquisadora que adota a ideia da heterociência no fazer científico nas ciências humanas. Como já venho tecendo nesta tese, me sinto impossibilitada de concordar com categorias que tendem a estabilizar os memes categorizando-os dentro de padrões específicos, como relatarei mais à frente. Esta postura científica, ao meu ver, nega a ideia do discurso na vida, como acontecimento singular de um momento histórico único e irrepetível, do meme como um gênero que se estabelece na questão do “relativamente

⁸⁸ Piada não se explica, mas como espero que esta minha pesquisa perdure por mais tempo como relevante e o contexto sócio-histórico de meus futuros leitores podem não

estável”. Contudo, não podemos recusar a ideia inicial do surgimento da memética, por Dawkins, o precursor da nomenclatura.

Numa tentativa de explicar a propagação da cultura entre os seres humanos, numa paridade com a teoria evolucionista de Darwin, Richard Dawkins, no seu livro *O Gene Egoísta* de 1976, propõe que, assim como o gene transfere as características hereditárias através do DNA, teríamos um “DNA” cultural, um propagador de ideias, a ser passado de cérebro em cérebro, o qual chamou de meme. O nome vem de uma tentativa de fazer um jogo linguístico metafórico com o termo da biologia “gene” para um similar relativo à cultura, “meme”. Isso demonstra como os elos da cadeia verbal se fazem presentes em todas as esferas da atividade humana. A origem vem do termo grego “*mimeme*” que implica em “imitação” ou “memória”. Sua ideia era expor que um outro fator, para além do genético, definiria a evolução humana, porém no quesito cultural: “para compreender a evolução do homem moderno, devemos começar por abandonar a ideia do gene como a única base das nossas ideias a respeito da evolução” (DAWKINS, 2007, p. 328). Parece-me que a questão sociológica começa, de alguma forma, a afetar o ramo das ciências biológicas.

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “*Mimeme*” provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar *mimeme* para meme. Se isso servir de consolo, podemos pensar, aleatoriamente, que a palavra “meme” guarda relação com “memória”, ou com a palavra francesa *même* (DAWKINS, 2007, p. 330 – grifo meu).

Para o biólogo, os memes são responsáveis por transmitir as ideias, os hábitos, os costumes, os valores, enfim, todo o acervo cultural de uma sociedade. De uma maneira genérica, o autor exemplifica como “melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (p. 330). Os memes se hospedam nos cérebros humanos e sua permanência dependerá da aceitação ou não do seu receptor. Três características básicas são elencadas pelo autor: longevidade, fecundidade e fidelidade da cópia, sendo que a longevidade é tida como a menos importante, pois estaria atrelada ao tempo de existência de seus hospedeiros, e a fecundidade a mais destacada, que é a capacidade de se hospedar em um número maior de cérebros, o que garantiria uma maior possibilidade de vida de um meme, mesmo que haja modificações ao ser replicado: “à

primeira vista parece que os memes não são, de forma alguma, replicadores de alta fidelidade. Cada vez que um cientista ouve uma ideia e transmite-a a outra pessoa ele provavelmente muda-a bastante” (p. 332). Isto se torna claro para a área da Linguagem, pois sabemos que cada enunciado concreto é irrepetível, sempre se ressignificando em cada ato da interação verbal. A teoria dos memes de Richard Dawkins projeta a ideia de meme para outro sentido, muito mais amplo do que a questão de gênero discursivo. Como bem sintetiza Horta (2015, p. 11), o constructo teórico de Dawkins parecia buscar “uma noção geral do devir da cultura”, devido à amplitude de seus fundamentos. Daí vem o surgimento da teoria científica designada memética, que aos olhos de Leal-Toledo (2013) “é o algoritmo da evolução por seleção natural aplicada diretamente à cultura”.

E como um meme dawkiniano que oscila no quesito da fidelidade da cópia, e ciente do enunciado como irrepetível, assumo meu ato responsável de transmitir aqui algumas teorias científicas sobre memes das quais discordo e, no conseqüente, explico minha visão.

Uma das grandes pesquisadoras da memética, a psicóloga Susan Blackmore (1997), define que “[...] memes são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação” (p.17), tratando dos memes como “instrução” e não como “informação”, como Dawkins sugeriu. Para a psicóloga os memes têm uma força estrondosa que guia todo o nosso processo de evolução cultural e também, o biológico, se portando como “padrões de comportamento” que se espalham de maneira indistinta, o que coloca o sujeito como passivo deste processo, pois tudo se baseia na pura imitação. Preciso destacar que não podemos, dentro da corrente do Círculo bakhtiniano, aceitar a ideia de um sujeito passivo, uma vez que os enunciados são ativamente responsivos, conforme dito no Capítulo 1.

Jenkins (2008), um estudioso da Comunicação na Era Digital, questiona essa passividade colocada por Dawkins, uma vez que a participação humana é fundamental para a propagação do meme. A cultura, nos dias de hoje, remodelou o conceito de privado e público: o fato de termos um celular na mão nos dá a viabilidade de compartilharmos momentos privados em questão de segundos, leva-nos à possibilidade de experienciar um *Big Brother* a qualquer momento. Segundo o comunicólogo, novas e velhas mídias precisam aprender a conviver, afinal, por exemplo, a tv aberta não deixou de existir, mas a tv a cabo faz o seu sucesso: as novas mídias disputam com as velhas mídias e assim por diante. A proposta de Jenkins é que vivemos a cultura da convergência das mídias, na

qual nós somos os atores: “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2008, p.28). Lembro aqui do discurso interior e do discurso exterior, porém de maneira diferente das colocações do Círculo, já que me parece que Jenkins coloca em primeiro plano a capacidade individual, a escolha subjetiva que só num segundo momento se propaga nas interações intersubjetivas, situação inversa à do Círculo.

Sobre os memes, Jenkins (2008) elenca como cinco os fatores que contribuem para a sua disseminação: fragmentação e diversificação no contexto cultural; utilização das redes sociais; modelo que permita a possibilidade de explorar nichos; cultura participativa incentivando a reapropriação; e o acesso à tecnologia para a produção e consumo. O autor despreza em sua teoria os memes que saem da esfera digital e passam a habitar a esfera oral, comportando-se como os famosos jargões de outrora. A sua digitalização também é um fator que garante aos memes a longevidade (memória metálica, cf. Orlandi (2006)), pois podem ser recuperados a qualquer momento numa ferramenta de busca, por exemplo. Este fato decorre da liquidez discursiva no que tange ao espaço/tempo dos discursos nas redes sociais, o tempo é mais importante do que o espaço, já que numa fração curta de tempo uma enxurrada de discursos é jogada nas redes, não há limite de espaço para eles, contudo podemos reavê-los por intermédio de ferramentas de busca.

Outra autora que traz cientificamente a ideia de meme para o ambiente da internet, mas pelo viés da Comunicação, é Limor Shifman em seu livro *Meme in Digital Culture*, de 2014. Shifman (*apud* BARROS, 2016, p. 34) trata os memes como um fenômeno cultural de compartilhamento digital e os define como “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou posição, os quais são criados com consciência umas das outras, e circulam, imitam e/ou transformam-se na internet através de muitos usuários” e tem o humor como um facilitador de sua disseminação (SHIFMAN *apud* CHAGAS et al., 2015, p. 6). Esta autora parece desconsiderar os memes como discursos vindos de sujeitos singulares e responsáveis e, também, que os memes podem ser réplicas dialogais dos discursos do cotidiano na oralidade, contudo já coloca o humor como ponto importante.

Abrindo a discussão para uma questão mais ampla, com a qual já sinto mais afinidade, Maciel e Takaki (2015, p.61) destacam que no concernente da linguagem, “os

memes representam modelos culturais de pensamentos, ideias, pressupostos, valores, esquemas interpretativos de fenômenos sociais simbólicos e comportamentais que são produzidos por participantes, por exemplo, em "espaços de afinidade".

O problema que identifiquei nesses estudos recai sobremaneira sob um olhar de fenômeno cultural, numa visão muito pragmaticista e classificatória, fugindo do viés dialógico, discursivo e plurilíngue. O meme é um fenômeno de grande visibilidade atualmente, mas considero tratá-lo como um acontecimento discursivo, no qual todas as nuances levantadas no primeiro capítulo se fazem presentes. O meme, como todo discurso, não é um fenômeno acabado, completo, fechado em si, mas um projeto de dizer, que tem como objetivo alavancar um efeito de sentido entre interlocutores que compartilham de um mesmo horizonte social e que carregam consigo todo um fundo aperceptível e uma entonação que lhe dão um caráter singular e irrepetível, conforme discutirei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – A questão dos memes e suas especificidades discursivas



Figura 41 – Got excited

(Eu estou bem, apenas fiquei animado e esqueci de respirar)

Neste Capítulo, discorro sobre a minha visão a respeito dos memes e proponho pensar algumas questões que embasam sua discursividade, como a ideologia do cotidiano, que é constitutiva do discurso e do ser enquanto sujeito social; a sociedade do espetáculo, para a qual as imagens são de grande relevo; o riso que nos permite uma outra vida pela sua ambivalência e jocosidade; e a carnavalização e a paródia que fomentam o humor e permitem que sejamos plenos e libertos pelo riso.

3.1 O meu ato responsável de falar sobre os memes sob uma visão de discurso como acontecimento

UI, ELES VÃO EXPLICAR O MEME!



Figura 42 – Quem você pensa que é?⁸⁹

⁸⁹ Fonte: < <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-meme.html>> acessado em 11/05/2019. E para saber mais sobre esse meme acesse < <http://colunas.revistagalileu.globo.com/buzz/2012/01/26/ui-ou-como-um-astrofisico-virou-meme/>.

Quero usufruir de uma frase dita por Ponzio na introdução de *Para uma filosofia do ato responsável* e confessar a minha “impossibilidade de estar em outro lugar”, com outras teorias, para refletir sobre os diálogos do cotidiano na nova cultura discursiva do século XXI ao pensar sobre esses acontecimentos discursivos que são os memes. Confesso aqui a sinceridade da incompletude, do inacabado, do aberto e do devir. Para muitos, os memes são “figurinhas com um texto engraçado” – é o que mais escuto quando vou explicar para as pessoas de gerações anteriores ao século XXI –, mas eles são muito, mas muito mais que isso. Eles são tantos e de tantas formas que é difícil mesmo pensar em tamanha amplitude. No entanto, teorizar (no sentido de estudar, refletir, pensar sobre, matutar – como dizemos nós mineiros) imbuída das teorias bakhtinianas, me permite trazer não (apenas) resultados de pesquisa, mas indagações que possam vir a ser respondidas num outro momento, seja na continuidade que quero dar a esta pesquisa num futuro bem próximo, seja nas outras vozes que dialogarão não só comigo, mas com todos os pesquisadores que se dedicam e dedicarão ao estudo dos diálogos do cotidiano.

Apresento, então, uma reflexão sobre os memes, esse novo gênero de discurso que advém da liquidez discursiva das redes sociais digitais. Contudo não tenho a intenção de elencar suas características em seus pormenores a fim de categorizá-los colocando-os em “caixinhas”, como a maioria dos pesquisadores têm tentado fazer, até porque acredito que a instabilidade e a fluidez com que se renovam, se reorganizam, aparecem, desaparecem, reaparecem, mudam de materialidade, deslocam sentidos, parodiam e são parodiados, carnavalizam, tudo isso (e para além disso) são premissas para o seu funcionamento como fenômeno discursivo em que a forma composicional se revela bastante instável. O que pretendo é abrir a discussão a fim de que percebamos que uma nova cultura discursiva está surgindo e, com ela, uma nova postura frente às possibilidades enunciativas se manifesta, favorecendo a liquidez discursiva. A maioria destes enunciados mistura o discurso oficial com o não-oficial, dialoga esferas discursivas diferentes, transborda nas redes sociais e possui um caráter carnavalizante que provoca um efeito de sentido risível.

Ao pensarmos na questão da forma composicional, conteúdo (tema) e estilo, o meme se comporta de maneira muito peculiar, pois este gênero se materializa sob variadas dinâmicas discursivas que vão de uma única modalidade sígnica à soma de várias modalidades sígnicas discursivas; em relação ao conteúdo, o meme abarca uma visão crítica de discursos não-oficiais, em sua maioria esmagadora, utilizando tanto linguagens verbais quanto visuais (juntas ou separadas); na questão do estilo, ressalto a questão do

humor, seja risível, irônico ou sarcástico, que é a base de seu projeto de dizer, que se pretende desprendido, solto por assim dizer, refletindo a subjetividade do locutor e a liquidez do gênero. Essa última característica é a que, ao meu ver, promove o que se pode dizer de mais de estável nesse gênero, além do alto nível de índice de replicabilidade.

Isso permite dizer que há uma grande diversidade na materialidade discursiva dos memes, pois várias são as formas de memes que circulam na vida verboideológica: uma frase postada no Twitter que tenha um toque de ironia e que é retuitada por vários usuários é considerada um meme; essa mesma frase pode sair da virtualidade e passar a ser usada na oralidade; uma cena gravada em vídeo que seja considerada cômica pode se tornar um meme ao ser viralizada na internet, adulterada ou não⁹⁰; uma imagem, um enunciado verbovisual, entre tantas outras (como também às figurinhas que começaram a circular recentemente⁹¹). Isto exemplifica como a criatividade em reorganizar os gêneros nas relações sociais virtuais é potencializada pelas inúmeras possibilidades e facilidades que a internet propõe. O meme é um gênero que dispõe de uma dinâmica discursiva líquida ao ressaltar o plurilinguismo, a polifonia e a dialogia (muitas vezes explícita) em seus acontecimentos discursivos; de uma capacidade de se desprender de um contexto e se associar a outro rapidamente; de uma hibridação de enunciados que leva à desestabilização dos discursos de origem e flui rapidamente no *tempo virtual*, ao ser replicado por milhares de usuários, ou apenas por um grupo social, em seus perfis de WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram, blogs, entre tantas outras mídias sociais; mas também pode ser originado na vida real e se viralizar, quer seja para um grupo social restrito, quer seja para uma gama bem maior de usuários. Um exemplo de meme que tem sido muito utilizado por um espectro grande de sujeitos na oralidade é o “rindo mas é de nervoso”. Este é um meme que tem sua essência viral na oralidade, mas também temos como discurso escrito (Figura 39) o que revela uma outra característica dos memes que não tem sido discutida na maioria das pesquisas sobre memes: eles fluem da virtualidade ao mundo real e vice-versa.

⁹⁰ A título de sanar a curiosidade, referencio aqui como exemplo do vídeo do técnico Tite caindo na comemoração do gol contra a Costa Rica na Copa de 2018. Para ver a cena e algumas de suas repercussões nas redes sociais, acesse <https://www.lance.com.br/humor-esportivo/tite-rola-comemoracao-gol-agita-redes-sociais.html>.

⁹¹ Como as chamadas figurinhas começaram a circular já no final de minha pesquisa, não foi possível incluí-las. Pretendo em breve discorrer mais sobre elas.



Figura 43 – Rindo de nervoso⁹²

Assim como Bakhtin (2010) coloca que o riso e a visão carnavalesca do mundo⁹³ estão na base do realismo grotesco medieval e renascentista, acreditamos que também estão na base dos memes ao dismantelar o lado sério instigando a ambivalência das significações. A consciência é liberada, da mesma forma que o pensamento e a imaginação humana, permitindo que novas possibilidades sejam formuladas. O meme possui um tom de irreverência que desestabiliza seus significados *a priori*, permitindo a ressignificação pelos sujeitos em suas respostas ativas, levando sempre em conta a posição sócio-histórica e ideológica na qual se encontram.

Muitos memes tendem a carnavalizar as problemáticas em voga: de forma irônica ou satírica, este gênero brinca com assuntos que estão em alta nas grandes mídias, fazendo-os circular nas redes sociais de forma fluida, atingindo, na maioria das vezes, um alto número de interlocutores que os replicam, viralizando-os. Porém, há também aqueles que circulam em grupos específicos, se prendendo a situações comunicativas menores. Com um caráter apropriador, o meme porta num mesmo enunciado “um texto original e algo dissonante a ele, configurando uma releitura desse texto, sendo assim um gênero discursivo que pressupõe a recriação e a recontextualização de uma obra” (HORTA, 2014). Mas não se prendem apenas a “temas” sociais e ou políticos. Vamos aproveitar o

⁹² Fonte: < <https://cacheia.com/2016/12/10-sentimentos-que-so-quem-tem-cabelo-crespo-ou-cacheado-ja-sentiu/rindo-de-nervoso-kk-meme/> > acessado em 11/05/2019

⁹³ Falarei mais especificamente de carnavalização um pouco mais a frente, em um item específico devida a sua importância para minha tese.

diálogo com a palavra “obra” provinda da citação para trazermos exemplos do que foi posto por Horta por intermédio da página do Facebook chamada “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”, que tem mais de 740.000 seguidores.



Figura 44 – Mal-estar

Aproveitando que trago Bauman para nossa conversa, não resisti em escolher essa “capa de livro”, esse meme como exemplo do caráter apropriador e ressignificador desse gênero, ao ironizar sobre a dependência que algumas pessoas têm hoje em dia em relação às suas vidas virtuais. O livro em si não toca no assunto das redes sociais, fala essencialmente sobre a instabilidade da pós-modernidade em contraponto com a busca da fixidez da era moderna. A liquidez se faz presente na mistura de discursos de esferas discursivas, criando um enunciado que viraliza na rede. O meme parodia o título do livro ressignificando-o, intencionando dizer quão importante é hoje, para os usuários das redes

sociais, os amigos virtuais – às vezes menosprezados pelas pessoas, principalmente de gerações anteriores a dos jovens de agora.

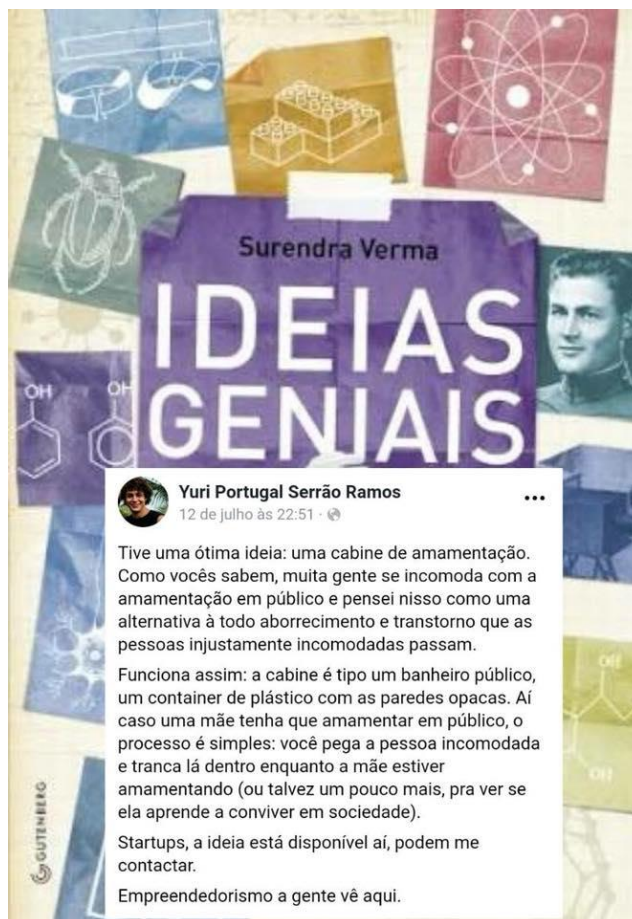


Figura 45 – Trancando os incomodados

Este também é irresistível se pensarmos como um ativismo sarcástico pode estar presente nas páginas “bem-humoradas” do Facebook. Como já explicado anteriormente, um tuíte que ganha repercussão na internet pode ser transformado em meme. Nessa forma composicional, o tuíte, que traz um humor a partir da quebra de expectativa, se imbrica com o nome do livro, que tem como assunto “Os Principais Teoremas, Teorias, Leis e Princípios Científicos de Todos Os Tempos” e produz um efeito de sentido muito interessante.

Também há os memes que têm como tema assuntos que estão em alta na mídia, tornando-se atores de cenas sociais e desempenhando um papel, um lugar social extremamente relevante na sociedade atual e na sociedade brasileira em particular,

tratando com ironia e sarcasmo a (su)realidade que estamos vivendo na esfera política e social. Assim, eles se tornam fonte de uma repugnância e/ou de crítica do momento social, político e econômico nos quais estamos inseridos. Esses memes costumam trazer elementos de esferas sociais diferentes que, ao desestabilizá-los, ressignifica-os; o oficial e o não-oficial, o sério e o cômico se misturam de maneira a renovar o sentido e provocar efeitos de sentidos outros, a depender da posição sócio-histórica e ideológica na qual se encontram os interlocutores. O tom sério provindo da esfera discursiva de origem, ao criticá-la, torna-se cômico nos memes, num processo de carnavalização provocando o riso⁹⁴. Há uma dinâmica interna que promove uma pluralidade de vozes ressaltando um estilo próprio, uma entonação que direciona a vontade discursiva do interlocutor a fim de projetar no seu discurso sua vontade discursiva e ser ativamente responsivo. Vejamos esse exemplo:



Figura 46 – Temer emburrado

Percebemos aqui a pluralidade de vozes e o tom irônico. O fundo aperceptivo contextual desse meme foi a carta que Michel Temer, enquanto era vice-presidente de Dilma Rousseff, escreveu para a presidenta reclamando que o governo não confiava nele nem em seu partido, o PMDB⁹⁵: “Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo [...]. Isso tudo não gerou confiança em mim. Gera desconfiança e menosprezo do governo”. Esse discurso produziu uma grande repercussão negativa da imagem de

⁹⁴ Cf. item 3.4.

⁹⁵Para saber mais detalhes, inclusive a carta na íntegra, acessem: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html> (acessado em 26/07/2018).

Temer, e ele foi ironizado como se fosse um menino mimado, que estava magoado por estar sendo deixado de lado pelo governo Dilma, assim como alguém que é desprezado por um “amiguinho” no recreio escolar. Todo esse tom é retomado no meme pela postura e feição do Temer: uma expressão emburrada com aspecto de triste e o rosto apoiado sobre a mão direita cerrada, sugerindo a postura de alguém que está angustiado e chateado com a situação. A polifonia se dá na imbricação de vozes: no plano mais superficial do discurso, os dizeres parecem vir do próprio Temer, como um desabafo: “Só queria andar com a Dilminha no recreio”. Num segundo plano, temos a voz do autor, daquele que produziu o discurso, e nesse plano percebemos o tom irônico, dissonante da realidade uma vez que Temer não enunciaria esses dizeres. Num plano mais macro, na arquitetônica do projeto de dizer, temos a voz de parte da sociedade que coaduna com esse posicionamento crítico passado em tom de comicidade. A polifonia ressoa diferentes visões de mundo: cada voz no dialogismo ininterrupto de todo discurso revela algum posicionamento. De forma bem sucinta⁹⁶, o meme revela o posicionamento de Temer de insatisfação com o tratamento dado pelo governo e o de parte da sociedade por intermédio do deboche infantilizando o vice-presidente.

Relembrando o que discutimos no Capítulo anterior, no subitem sobre *A Significação e os sentidos*, quero refletir sobre uma galeria de memes que são criados a partir dos mesmos elementos de significação, seja por se apropriar da mesma imagem, mudando o enunciado verbal, ou seja pelo inverso. Assim temos temas diferentes partindo de elementos de significação idênticos.

Temos várias páginas brasileiras na internet que têm como objetivo ser uma ferramenta de criação de memes. Os internautas as acessam, escolhem as imagens em uma galeria e colocam o texto que quiserem (algumas também oferecem a possibilidade do usuário importar uma imagem de seu arquivo pessoal). Essa ferramenta possibilita a utilização de uma mesma imagem para uma infinidade de possibilidades discursivas, ou seja, um mesmo elemento significativo gerando vários temas diferentes. É claro que esta associação da imagem disponibilizada com o texto que será colocado não é aleatória. O projeto de dizer é que vai direcionar o enunciador para a imagem que melhor indicará sua intenção, uma vez que as imagens já são imbuídas de elementos significantes, como,

⁹⁶ Digo isto pois se formos analisar todo o projeto de dizer da carta e todos os seus desdobramentos, desvelaríamos outros sentidos, o que, por ora, não é nossa intenção.

por exemplo, as expressões de suas personagens e a historicidade delas. Todos os elementos da arquitetura discursiva é que vão produzir os efeitos de sentido desejados, situados no contexto sócio-histórico. A questão da repetição também é uma característica do humor, que ao retomar discursos (verbais e não-verbais) ressignificando-os tende a levar ao riso. Esses memes muitas vezes são produzidos para um diálogo do cotidiano específico, de um grupo específico, e tem como finalidade se portarem como uma réplica dialogal, daí a necessidade de olharmos para os memes como um fenômeno discursivo no acontecimento que embala as conversas do cotidiano.

Escolhi aqui exemplos de memes compostos pelo mesmo elemento de significação (no caso a imagem) para ilustrarmos nossa conversa:



Figura 47 – Menino do Mimimi

Neste primeiro exemplo temos o “menino do mimimi”, como é conhecido nas redes sociais. Essa foto foi retirada do seriado dos anos 90, *Três É Demais*. A personagem Aaron Bailey era um menino mimado e irritante, que fazia bullying com os amigos da escola⁹⁷. Os memes utilizando essa imagem tiveram seu boom em novembro de 2016, quando um publicitário, Vinícius Sponchiado, 25 anos, viu um meme com essa foto e a frase “pi qui vici ni imidirici!” e criou uma página do Facebook “Por que você não amadurece?”, colocando vários memes com essa foto ao fundo e com frases que mais

⁹⁷ Fonte: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/quem-e-o-garotinho-que-virou-meme-essa-semana/>

> acessado em 23/07/2018.

irritariam as pessoas, segundo o publicitário, e as transformou para a *língua do “i”*. A página teve uma quantidade de acesso impressionante: em apenas 6 horas, a *fanpage* atingiu 313 mil seguidores⁹⁸. As pessoas passaram a usar a imagem colocando frases e também transformando-as para a *língua do “i”*, numa tentativa de imitar uma atitude que temos na oralidade de remedar uma pessoa que fala algo conosco que consideramos uma bobagem: tipo um filho que recebe uma ordem ou bronca da mãe e, sem ela ver, a remeda exagerando no uso dos “i”. E também carrega o sentido dado ao “mimimi”, que é quando as pessoas ficam com muita frescura, por assim dizer, reclamando muito de algo ou de alguém. Como todo discurso é dialógico, esses sentidos são retomados nos diversos memes criados com essa imagem mais a parte verbal, sempre em tom de deboche, conforme veremos nos exemplos a seguir:



Figura 48 – Mimimi Come e Dorme



Figura 49 – Quanto mimimi

É interessante perceber os fios dialógicos que tecem os sentidos e como a repetição, como foi dita anteriormente, leva ao riso. Aqui, nos vemos *amarrados* na questão do sentido, pois estamos olhando para dois discursos que foram retirados do seu acontecimento sócio-histórico, e isto basta para que percamos alguns relances de seus efeitos de sentido. O meme da Figura 48 tem uma certa estabilidade para falarmos do contexto, na medida em que é um exemplo retirado da página do Facebook mencionada

⁹⁸ Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bad-bad-server/menino-falando-tudo-com-i-conheca-o-criador-do-novo-meme-da-web/> > acessado em 26/07/2018.

acima, ou seja, é um discurso que poderia ter sido enunciado como forma de um desabafo, não direcionado a alguém ou algum grupo específico, mas colocado na praça pública das redes sociais. Este julgamento, “Só come e dorme”, pensando no público ao qual a página possa interessar, quer seja, os usuários frequentes de internet, é comumente usado para criticar as pessoas, geralmente adolescentes e jovens, que ficam em casa o dia inteiro, imersos nas redes sociais e videogames. Aí já podemos abrir alguns possíveis caminhos de sentidos. Primeiro, o autor declarado do meme é um publicitário, que, segundo a fonte consultada, trabalha muito. Dessa forma, ele não poderia estar fazendo um desabafo seu, pois não coincidiria com a sua realidade. Já passamos a ver aqui então outra voz, num jogo polifônico, o enunciador/autor do meme quer se alinhar com os sentimentos de alguns de seus interlocutores e toma o discurso como seu. Podemos também comentar sobre o posicionamento ideológico que permeia esse discurso, o do capitalismo, que exige que as pessoas sejam produtivas, que trabalhem, *que busquem seu lugar ao sol*. Se você não exerce uma atividade remunerada ou não se dedica aos estudos, acaba por não contribuir para o sistema de classes e é julgado por esse posicionamento. E como resposta a essa crítica, a frase é transformada para a *língua do “i”*, numa tentativa de ironizá-la, de debochar de quem pensa assim. É como se a voz que responde no meme não estivesse se importando com esse julgamento.

Já o segundo exemplo, estamos ainda mais rasos no seu entendimento, uma vez que ele foi gerado por um usuário da página “Geradordememes.com”, ou seja, foi enunciado para um grupo ou um para um interlocutor em específico. O que nos é permitido nesse momento é tentar buscar os fios dialógicos possíveis para nossa compreensão. Esse meme, sim, parece ser um desabafo de alguém que se sentiu incomodado com uma possível colocação de seu(s) interlocutor(es), creditando a ela um sentido de reclamação desnecessária, um “mimimi”. A interjeição “Aff”, muito usada tanto nas redes sociais quanto na oralidade para indicar um tom de desprezo (além de outros sentimentos como deboche, indignação etc.) reforça esse efeito de sentido; ou, sob um outro ângulo de visão, o enunciador foi “denunciado” por estar fazendo “mimimi” e responde com o meme, ironizando a acusação e a devolvendo ao mesmo tempo, numa atitude ativa e responsiva.

Um outro exemplo desse mesmo elemento de significação (*a língua do “i”*) servindo a um outro tema, quer seja a ridicularização do então presidente Temer, mostra

também esse movimento dialético e axiológico da questão de tema e significação no que tange à autoria líquida dos memes.

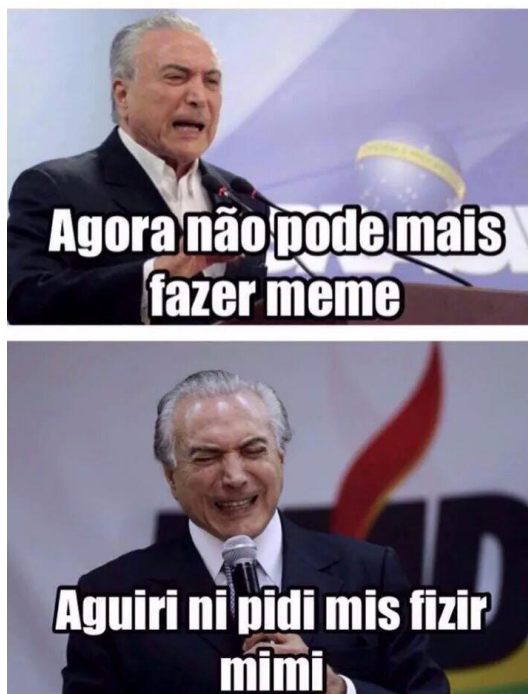


Figura 50 – Temer do Mimimi

Esse meme veio à tona após pronunciamento oficial do governo no dia 24 de maio de 2017 de que estava proibido o uso das imagens “oficiais” do presidente para produção de memes. Muitos outros foram criados satirizando essa atitude. Bakhtin salienta que “é muito fácil tornar cômica a mais séria das declarações” (1998, p. 141). Trazer a palavra alheia de forma explícita para o discurso é um recurso que pode ser usado intencionalmente para a produção de humor. “A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso” (BAKHTIN, 1998, p. 141). O que vemos nesse meme é a sátira pela ambivalência e a inversão: a parte de cima do enunciado remete à atitude oficial do presidente, representada pelo enunciado verbal “Agora não pode mais fazer meme” somado ao enunciado não verbal da foto do Temer com uma expressão de bravo e como se fosse bater com a mão na tribuna; na parte de baixo, a cena do “mimimi”: como um menino mimado, com a expressão de pirraça, o texto é transformado para a *língua do “i”*.

Esse entrelaçamento de sentidos nos elos da comunicação verbal permite que as palavras alheias sejam retomadas e ressignificadas influenciando-se mutuamente.

Como pudemos observar nessa discussão, os memes vão muito além de um gênero que requer categorização (lembrando que ele se concretiza tanto no discurso verbo-visual, como no oral). Os seus efeitos de sentido são tecidos em seu acontecimento, o qual não se faz sem uma memória, sem uma historicidade, que nos memes vai do grande tempo (tempo histórico), ao pequeno tempo (acontecimento discursivo) em questões de segundos e pode refletir orientações discursivas diferentes. O tema e a significação precisam ser levados em conta para sua compreensão ativa e responsiva, muito além de categorias classificatórias, pois as palavras se renovam criativamente quando lançadas em novos contextos e em novos formatos.

Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2006, p. 410).

Nos memes, a renovação dos sentidos é imediata no funcionamento discursivo. Como forma de exemplificação da questão da renovação no pequeno tempo, no acontecimento discursivo, dos discursos do grande tempo (passado e futuro), trago alguns memes do Neymar. À época da premiação das Olimpíadas de 2016, o jogador em questão subiu no pódio para receber a medalha de ouro usando uma faixa na cabeça com o enunciado “100% JESUS”. Esse fato ocasionou grande repercussão na mídia e na sociedade em geral, pois não era permitido pelo Comitê Olímpico qualquer tipo de merchandising, e essa faixa foi considerada como tal. O Neymar foi multado por isso, o que causou um *frenesi* nas pessoas. Muitos memes foram criados a partir desse acontecimento. A Figura 51 é um exemplo de um meme no qual o dialogismo e a polifonia são explícitos:

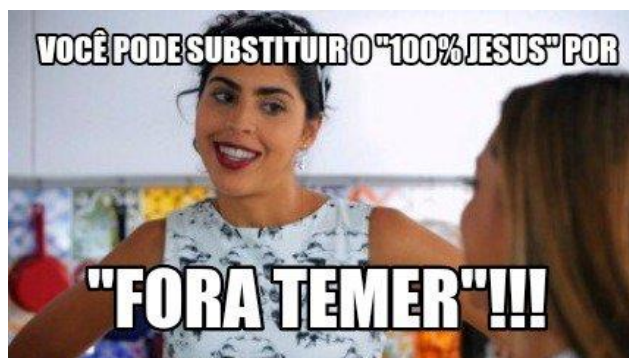


Figura 51 – Bela Gil natureba

Bela Gil, apresentadora de um programa culinário de uma TV fechada, é famosa por sempre propor a troca de ingredientes comuns por outros mais saudáveis nas receitas que executa em seu programa. Então, aproveitando essa “deixa”, o autor desse discurso propõe a troca do enunciado “100% Jesus” pelo “FORA TEMER” e, assim, supõe que a saída do presidente do cargo (interino na época desse meme) é mais saudável, ou seja, fará um bem maior para a população brasileira do que a crença incondicional em Jesus, desvelando a dessacralização da esfera religiosa, na ambivalência do oficial com o não-oficial.

Nesse enunciado, a liquidez discursiva permite a junção de várias esferas discursivas oficiais: a das Olimpíadas, a do futebol, a da televisão, a da Igreja e a da política, em um enunciado concreto que desestabiliza a solidez dessas instituições pela quebra das fronteiras discursivas. Isto permite perceber como os sentidos são construídos nas relações de fronteiras entre os discursos: as palavras, ao transitarem entre contextos sócio-históricos e ideológicos diferentes, se ressignificam. Esses discursos oficiais são carnavalizados pela forma com que são misturados criando um discurso não-oficial que leva ao riso⁹⁹. A carnavalização também é percebida na profanação do discurso oficial da Igreja que tem seu espaço abalado para dar vazão à voz de um discurso não-oficial de pessoas contra a posse do Temer, que ganhou força nas manifestações de rua à época e, principalmente, nas redes sociais, isto é, na praça pública da modernidade líquida.

⁹⁹ Confesso minha dificuldade de organização dos tópicos desta tese, uma vez que o discurso é um organismo vivo e acabo por ter que trazer análises com teorias que ainda não foram pormenorizadas, como é o caso da carnavalização que virá ao final deste trabalho.

Esta profanação do discurso religioso pode ser pensada com base na memória discursiva de que os integrantes da esquerda radical não acreditam em Deus, memória esta resgatada na época do combate ao comunismo no Brasil - mas não somente em nosso país - em que o governo e a alta elite simbólica de direita promulgavam o discurso de que os comunistas, por terem sua base na teoria materialista dialética marxista, eram ateus¹⁰⁰. Esse sugestionamento enraizado na memória discursiva é que serve como gatilho para a profanação do discurso religioso, que, com uma certa leveza e bastante ironia, leva ao riso aqueles que se afinam com a ideia que os dizeres “FORA TEMER” sugestiona.

Ao parodiar o programa de televisão de Bela Gil com a figura da apresentadora e o texto verbal deformando o discurso de origem, o meme sugere uma quebra de expectativa que leva ao cômico. A articulação de textos, dessacralizando o discurso oficial, provoca o efeito de sentido irônico, ao reorganizar os fragmentos de discursos que são trazidos e ressignificados no enunciado concreto em que se apresentam.

Agora observemos como a ideia do “Neymar, 100% JESUS” é retomada na Copa do Mundo de 2018, em um outro momento histórico, fazendo ressurgir todo o caldo em que ela foi marcada historicamente: o Brasil sendo campeão de um torneio mundial de futebol. A carga emotivo-volitiva que a ideia porta surge como um *looping* no tempo, trazendo o passado para garantir a ideia de futuro – questão do grande tempo e memória de futuro. Essa ideia se espalhou com tanta rapidez nas redes sociais que um meme foi criado (Figura 52) e um vídeo foi feito ensinando as pessoas a produzirem seu próprio meme com a sua foto e a faixa de “100% JESUS”, ressignificando esse enunciado verbovisual num ato do ser singular, produzindo um discurso personalizado (Figura 53). Esse enunciado, agora retomado em um outro cronotopo, poderia ser um meme, ou capa de Facebook (Figura 54), ou qualquer outro tipo de conteúdo verbovisual, como a Figura 55, que foi feita pelos meus alunos para ser colocada como foto do nosso grupo de WhatsApp. Observemos:

100 De fato, alguns dos governos comunistas que se instalaram no mundo, como o da Albânia (1967 a 1991) e o da União Soviética (de 1922 até 1991), se declararam ateístas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ate%C3%ADsmo_de_Estado> acesso em 14/03/2017.

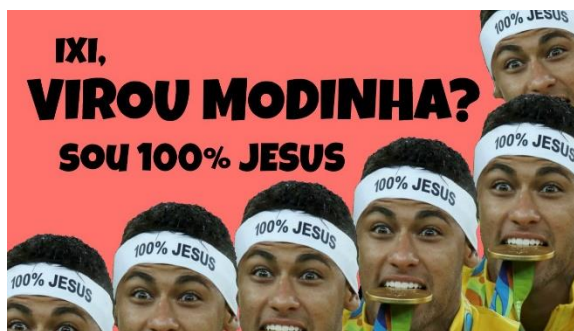


Figura 52 – Ixi Neymar



Figura 53 – Sou 100% Jesus¹⁰¹



Figura 54 – Foto de perfil do Face¹⁰²

¹⁰¹ Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=wDoy1xkKKIE> > Acessado em 20/06/2018.

¹⁰² Fonte: foto de perfil do Facebook de Laura Furtado Esteves, cedida à pesquisadora para este trabalho científico.

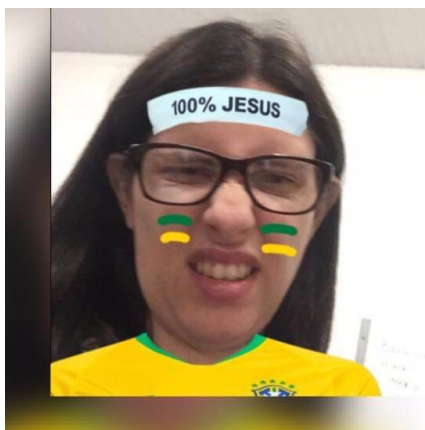


Figura 55 – Rossana assustada

Nenhum discurso é totalmente novo, como já sabemos. Os fios dialógicos são tecidos e os sentidos renovados a cada acontecimento do discurso. Nesses exemplos, pudemos ver como os discursos são retomados e revividos em tempos posteriores, o passado, o presente e o futuro se misturam e dão forma e conteúdo aos projetos de dizer. O discurso é como um embrião que se renova nos entremeios das relações discursivas. Os memes mostrados aqui são um exemplo disso. Nesses casos, a memória de futuro se baseia no fato de o Brasil ter sido campeão das Olimpíadas e a intenção era ativar esse passado, se basear nele para pretender insinuar que o Brasil seria novamente campeão, dessa vez da Copa do Mundo – imagem de futuro (devir). Na Figura 52, temos o enunciado verbal “IXI, VIROU MODINHA? SOU 100% JESUS”, insinuando que muitos sujeitos estavam se aproveitando dessa memória para expressarem seus anseios de serem campeões mundiais utilizando a imagem do Neymar recuperada das Olimpíadas, em que ele está com a faixa e mordendo a medalha de ouro. É uma forma de carnavalização, de renovação dos sentidos, quando o velho volta para dar lugar ao novo (Olimpíadas – Copa do Mundo). A interjeição “IXI” desvela uma certa indignação com o fato, mas mesmo assim, o autor desse meme coloca-se na mesma posição: ao mesmo tempo em que tece uma certa crítica, assume que ele também é 100% JESUS e que está acreditando no título do campeonato. Isto é percebido quando vimos o ponto de interrogação após o “VIROU MODINHA?” e não depois do “SOU 100% JESUS”, ou seja, esse ponto de interrogação assume um papel não de pergunta, mas de confirmação. O autor parece debochar de todos e dele mesmo. É a renovação pela cosmovisão irônica do mundo.

A Figura 53 é o print da imagem inicial de um vídeo postado no Youtube ensinando as pessoas a fazerem seu próprio meme, ou foto com o Neymar e a faixa de

100% JESUS colocada na cabeça do autor (ou de quem ele escolhesse a foto). Isso nos mostra como realmente “virou modinha” já que alguém se viu com a oportunidade de ganhar likes e se projetar sociovirtualmente utilizando-se da moda do momento. A Figura 54 nos mostra essa ideia quando a autora do meme utiliza desse recurso para criar sua foto de perfil do Facebook. Essa renovação e ressignificação também foi aproveitada quando um aluno meu de uma turma do 8º ano do ensino fundamental fez um meme com a minha foto e o colocou no grupo de WhatsApp da sala (Figura 55). A escolha por uma foto comigo fazendo uma expressão de indignação não é à toa, há uma intenção de ridicularização por trás disso, senão, haveria de ter escolhido uma foto em que eu estivesse sorrindo, por exemplo. Lembro aos meus leitores que todo meme tende para um tom irônico.

3.2 Os memes e a espetacularização



Figura 56 – Oh yeah!

Apesar de adotarmos para esta pesquisa a visão da Modernidade Líquida como visão central sócio-histórica, não quer dizer que não entendemos que outras denominações e teorizações são de tamanha importância para definir, ou tentar definir, a sociedade pós *império da internet*. A questão da Sociedade do Espetáculo é uma delas. Acreditamos estar imersos num mundo espetacularizado, no qual as imagens se fazem mister, encantando e atraindo os sujeitos que acabam por se tornarem seduzidos por elas.

Guy Debord, na década de 1960, foi, ao meu ver, um visionário ao preconizar que estaríamos vivendo em uma “Sociedade do Espetáculo”, na qual, sob um viés marxista, o mundo capitalista é capaz de transformar o cotidiano das pessoas numa alienação fetichista da mercadoria:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre desta escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente (DEBORD, (1967) 1997, p. 14 - 15).

Para além de Debord, outros sociólogos e filósofos passaram a utilizar a concepção de *espetáculo* em seus apontamentos, como é o exemplo do próprio Bauman (2001, p. 101) que coloca que os espetáculos galgam à posição de supervisores da sociedade atual, sem distorcerem o poder de disciplina da sociedade de antes.

Ostensivamente, os espetáculos existem para dar vazão à agitação dos “eus íntimos” que lutam para se expor; de fato, são os veículos da versão da sociedade do consumo de uma “educação sentimental”: expõem e carimbam com a aceitação pública o anseio por Estados emotivos e suas expressões com os quais serão tecidas as “identidades inteiramente pessoais” (2001. p. 111).

Na visão de Sodré (2006, p. 64), a imagem e o espetáculo “se encontram decididamente no centro da nova sociedade da informação e da comunicação, demandando uma nova atitude cognitiva”, acrescentando que o espetáculo se configura

como uma verdadeira relação social, constituída pela objetivação da vida interior dos indivíduos (desejo, imaginação, afeto), graças a imagens orquestradas por organizações industriais dentre as quais se impõe contemporaneamente a mídia. A imagem-espetáculo resulta dessa operação como uma espécie de forma final da mercadoria, que investe de forma difusa ou generalizada a trama do relacionamento social, reorientando hábitos, percepções e sensações. Uma grande diversidade de aspectos da vida social – da alimentação à política e ao entretenimento – é ressignificada ou “colonizada” pela lógica do espetáculo, graça a essa reorientação intelectual e afetiva (SODRÉ, 2006, p. 81).

Sodré (2006) nos coloca que o sujeito cartesiano, centrado mais na razão, vem sendo substituído por um sujeito estetizado e emotivo, o qual é emocionalmente atraído pelas imagens: a espetacularização do sentir. Podemos ver que os memes trabalham essa

“emotividade” em suas arquitetônicas verbovisuais, tratando as imagens como gatilho para o envolvimento do interlocutor no projeto de dizer do locutor. Imagens já consagradas pela mídia são usadas para promover a sensibilidade ao discurso. Conforme discuti na minha dissertação de mestrado (FURTADO, 2015), os sujeitos já não aceitam mais se sentirem comandados (falsa sensação de liberdade); em um mundo digital em que se pode transpor barreiras cronotópicas num manusear de dedos, a sensação de liberdade, mesmo que ilusória (uma vez que os produtos culturais aos quais somos apresentados são, em sua maioria, mais do mesmo), é prioridade na vida moderna.

Muito do poder “moderno” nas sociedades democráticas é mais persuasivo e manipulador que coercivo (uso da força) ou incentivador, tal como a emissão explícita de comandos, ordens, ameaças e sanções econômicas. Obviamente, o discurso tem um papel crucial de, assim, “fabricar o consenso” de outros (HERMAN E CHOMSKY *apud* VAN DIJK, 2012, p.89).

Parece que é justamente no plano do sentir que a nossa época exerceu o seu poder. Talvez por isso ela possa ser definida como uma época estética: não por ter uma relação privilegiada e direta com as artes, mas essencialmente porque o seu campo estratégico não é o cognitivo, nem o prático, mas o do sentir, o da *aisthesis* (PERNIOLA *apud* SODRÉ, 2006).

Essa passagem do moderno para o pós-moderno, em que o surgimento de diversas mídias e tecnologias abre uma infinidade de possibilidades de relação entre a ética, a estética e o conhecimento, acabou por estimular o prazer estético numa dialética entre o prazer e a reflexão, como assinalam os autores acima. É um novo olhar sobre o sujeito que se utiliza dos espetáculos para se inserir no cenário sociocultural.

A indústria cultural funciona como um artefato para dissipar o que, até então, viria como arte. A técnica e a reprodutibilidade técnica para o consumo se sobrepõe a sensibilidade: “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena” (ADORNO, 2015, p. 9). Os clichês são aceitos sem oposição, porque são produtos da própria necessidade dos consumidores. “Estão ali para confirmarem o esquema, ao mesmo tempo em que o compõem” (p. 14). A esfera econômica subverte a esfera artística, uma vez que esta passa a depender daquela. Os consumidores passam a serem classificados e organizados com a finalidade de padronização.

Ainda sob o viés de Adorno, o que a indústria cultural fez foi organizar o que era arte em espetáculos minimamente organizados e padronizados de modo que os apreciadores passassem a ser consumidores de uma produção já antecipadamente classificada. “A tarefa que o esquematismo kantiano ainda atribuía aos sujeitos, a de, antecipadamente, referir a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomado do sujeito pela indústria” (2015, p. 13). Com isso, a indústria cultural tende a por fim na arte sensível e passamos a uma espetacularização do sentir. Não há mais uma autonomia do sujeito, e sim uma “atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor” (p. 16), o que acaba por gerar uma angústia. A ideologia da indústria cultural são os negócios, as necessidades criadas, a da onipotência em face da impotência (p. 30). E assim, os espetáculos vão ganhando forma e força e os sujeitos cada vez mais se tornam consumidores de uma sociedade espetacularizada.

Para Walter Benjamin (1994) as técnicas de reprodutibilidade esgaçam a aura da obra de arte, assim como era até a Idade Moderna, como uma entidade para além da materialidade, desfrutado pela subjetividade singular de cada sujeito. A aura é definida por ele como “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1994, p. 170), e tem como principais elementos a autenticidade e a unicidade. No entanto, pós-revolução industrial, a autenticidade e unicidade é ‘quebrada’ e a obra passa a desempenhar uma prática materialista da cultura, em que sujeitos, com seus valores e historicidades, passam a produzir e consumir cultura: “no momento em que o critério da autenticidade deixa de se aplicar à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis, a política” (p. 171-172).

A perda da aura, como valor e historicidade, deixou de ser um signo negativo em relação aos produtos culturais e que passam a ser signos ideológicos ao se revestirem de valor reacionário, trazendo a seu favor exatamente o que antes a desacreditava. A reprodutibilidade, a colagem e a réplica atualizam as produções culturais e incorporam-nas na dinâmica da sociedade líquida. Os memes se apropriam dos aparatos técnicos da sociedade do espetáculo ao utilizarem não só imagens bem elaboradas, mas também os acontecimentos politicossociais que rapidamente chegam ao conhecimento dos sujeitos pelas mídias em suas arquitetônicas. Assim, a reprodutibilidade técnica favorece que se estabeleçam como uma contrapalavra e contra-hegemonia dentro do próprio sistema que

os engendrou, permitindo uma ruptura com o paradigma de alienação para um paradigma de criticidade.

Olhando para o nosso dia a dia, parece-me que, em meio a tantas decepções e desacreditações num mundo espetacularizado em que estamos imersos, o que nos resta é encarar a situação com bom humor, como forma de profanar o sério e cambiar para o cômico, acentuando o processo de crítica, prazer e reflexão, de maneira a tornarem as coisas mais leves e digeríveis. Arrisco dizer que há uma cultura brasileira de espetacularizar as situações desde as mais simples até as mais críticas. E as redes sociais são um excelente exemplo de como as imagens são atrativas para desaguar uma argumentatividade muito mais voltada para a fruição e a fugacidade do que para apelos estruturais e cartesianos, levando a uma sensação “ilusória” de liberdade, pois sabemos que as redes sociais estão permeadas pela ideologia de nossos grupos e classes.

Um dos caminhos da espetacularização nos memes se dá pela exploração midiática de questões políticas sérias que conduzem a opinião pública. No entanto, na arena discursiva, travada a luta ideológica, as ideologias do cotidiano se apropriam do espetáculo, na praça pública das redes sociais, carnalizam por meio do riso e do travestimento rompendo a hierarquia da ideologia oficial/dominante. E, com isso, se propagam pela ação da indústria cultural em uma dinâmica subversiva e potente de representação desse mundo oficial ao revés.

Trago como exemplo dois memes da esfera política que circularam no ano eleitoral de 2018. É como Debord (1997) sinalizou, o espetáculo toma conta do mundo real no *irrealismo da sociedade*: o que deveria ser tratado com *seriedade e respeito*, quer seja, uma campanha presidencial, acaba por ser transformada em espetáculo para consumo nas redes sociais. Esses memes exemplificam a espetacularização, tratando de forma irônica e até satírica as situações vividas pelos candidatos à eleição¹⁰³.

¹⁰³ Ciro Gomes se firmou como candidato, enquanto o Lula, apesar de no começo da campanha se colocar como candidato, não conseguiu manter sua candidatura por estar preso e ser considerado inapto para tal.



Figura 57 – Lula Blz

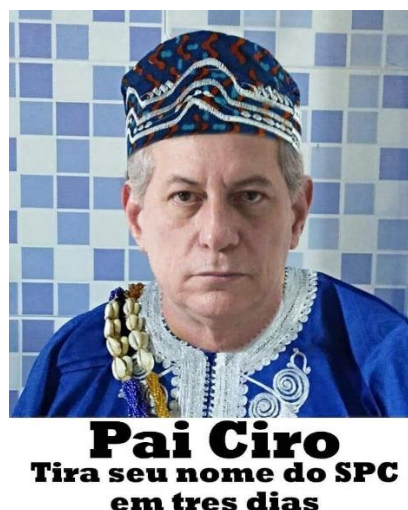


Figura 58 – Pai Ciro

O autor do primeiro meme “Lula Blz!” provavelmente fez uma montagem com a foto do ex-presidente Lula colocando os dizeres na camiseta “MORO NA CADEIA”. Percebemos aqui um jogo de sentidos, pois este meme foi disparado na época em que o ex-presidente foi preso em um julgamento presidido pelo Juiz Sérgio Moro, responsável pela investigação denominada *Lava Jato*¹⁰⁴. Os deslizamentos de sentido nos levam a duas percepções: i) que o ex-presidente Lula mora, reside, a partir de então, na cadeia; ii) outra percepção, sob a ótica dos simpatizantes de Lula, é que o próprio Juiz Sérgio Moro deveria ir para a cadeia, por considerarem injusta a prisão de Lula. Isto se dá pela ambivalência do signo, que é preenchida pela posição sócio-histórica e ideológica do sujeito. Acrescento aqui como a questão do grande tempo e do pequeno tempo é retomada na cadeia verbal: desde o dia 09/06/2019, há um certo alvoroço no país devido a um vazamento de conversas entre o Juiz Sérgio Moro e procuradores da República que os comprometem na investigação da operação Lava Jato indiciando que houve parcialidade no julgamento de Lula. Assim, esse meme voltou a circular nas redes sociais, mas já como outro enunciado em um novo contexto, evidenciando a ressignificação *do tema e significação* na liquidez discursiva dos tempos líquidos.

No meme “Pai Ciro” a brincadeira é feita com o presidenciável à época Ciro Gomes, que divulgou para a mídia que uma das suas plataformas de governo era retirar o

¹⁰⁴ Fonte: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso> > acessado em 10/12/2018.

nome dos brasileiros de Serviço de Proteção ao Crédito, a fim de “limpar” o nome das pessoas. Fazendo uma alusão aos que se intitulam como “mães e pais de santo” que geralmente divulgam que “trazem” a pessoa amada em alguns dias com seus “trabalhos espirituais”, como se fosse um milagre, o autor do discurso coloca uma vestimenta característica desse estereótipo numa foto do Ciro Gomes com os dizeres “Pai Ciro tira seu nome do SPC em três dias”, jogando com os efeitos de sentido risíveis de que esse fato seria uma farsa, pensando sob o prisma daqueles que não acreditam nessa promessa. Em ambos os memes podemos perceber a dessacralização dos discursos oficiais e como os discursos são espetacularizados, levando a uma fruição dos sentidos, de modo a brincar com a realidade de uma maneira jocosa. Assim, traz a crítica e a reflexão para uma esfera mais fluida, mais embasada no prazer e no espetáculo. Vejamos como isso se reflete nas questões ideológicas!

3.3 Os memes refletindo e refratando a ideologia do cotidiano

Direcionando a atenção para a ideologia que permeia nosso dia a dia, Volóchinov (2013, p. 151), em suas considerações, propõe por ideologia do cotidiano

[...] todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas. A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados "conscientes". Do oceano instável e mutável da ideologia afloram, nascem gradualmente as inumeráveis ilhas e continentes dos sistemas ideológicos: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas.

Cada enunciação que fazemos é um acontecimento, uma pequena construção ideológica, e a motivação do meu ato não deixa de ser uma criação jurídica e moral. Todos os pequenos atos do dia a dia são embriões ideológicos que vão dar forma para os campos ideológicos formados: uma exclamação de felicidade é uma obra de arte primitiva; um comentário sobre algum fenômeno é uma semente para o conhecimento científico. Partindo desse princípio é que Bakhtin (2017a, p. 89) vai dizer que esta ideologia que permeia o cotidiano (elemento ideológico instável) tanto em relação ao discurso interior quanto ao exterior é que vai dar forma e cristalização para a ideologia oficial/dominante. É um movimento ressonante constante que tem como resultado, a longo prazo e quando se acha uma via suscetível, uma explosão da ideologia oficial/dominante. E num

movimento contrário, essa ideologia oficial/dominante também perpassa as ideologias do cotidiano (BAKHTIN, 2017a, p. 88). É nesta dialética, ora pacífica, ora tempestuosa, que a vida verboideológica se desenrola. Observemos esses exemplos:



Figura 59 – Chaves encurralado¹⁰⁵

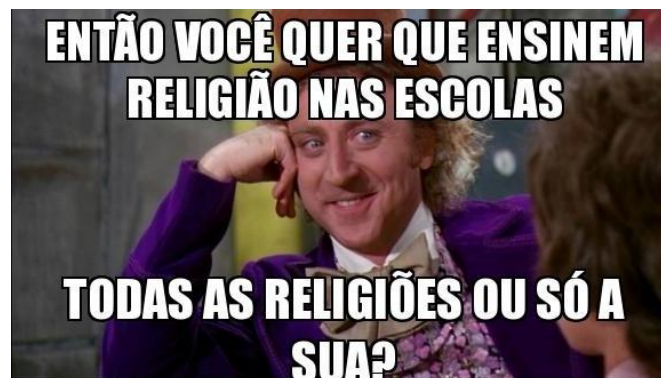


Figura 60 – Willy egoísta¹⁰⁶

Esses dois memes ilustram o entrelaçamento da ideologia oficial/dominante com as ideologias do cotidiano. Na Figura 59, temos o Chaves como personagem central, que compõe todo um fundo aperceptível que já é carregado de significados: ele é uma personagem de um seriado mexicano muito conhecido por suas atrapalhadas, que na sua simplicidade acaba se dando bem. O primeiro meme desta sequência traz um conceito da

¹⁰⁵ Fonte: <http://geradormemes.com/meme/cbolv3>.

¹⁰⁶ Fonte: <https://piadas-e-videos.com/imagem/religiao-na-escola-14421>

esfera jurídica, o de dolo eventual (que é quando não se tem a intenção, mas se assume o risco de que o crime ocorra)¹⁰⁷, incorporado aos discursos do cotidiano por intermédio do famoso jargão criado pelo Chaves: “sem querer querendo”. O campo oficial ideológico jurídico nesse enunciado concreto é permeado pela ideologia do cotidiano e pelas conversas não oficiais dos programas infantis de humor.

O segundo meme (Figura 60) já vai um pouco mais a fundo, tensionando a ideologia oficial/dominante através da ideologia do cotidiano. A personagem que compõe o meme é o Willy Wonka, do filme datado da década de 1970 chamado *A Fantástica Fábrica de Chocolates*. No filme ele se revela como uma pessoa excêntrica que, assombrado pelas lembranças do pai em sua infância, toma várias atitudes estranhas com as crianças que estão a passeio na fábrica¹⁰⁸. Em tempos de Escola Sem Partido, da discussão do Estado laico, da crescente “Bancada Evangélica” no Congresso Nacional, a escola pública ainda precisa propor aos pais se querem ou não que haja como disciplina escolar o Ensino Religioso¹⁰⁹. Este meme reflete as tensões entre as ideologias do cotidiano que dão suporte à ideologia dominante de que é preciso que todos tenham uma religião, ainda que, pela ideologia oficial constitucional, somos um país laico (que, em teoria, não deveria sofrer influência de nenhuma religião)¹¹⁰. Porém, de forma irônica, mostra que são várias as ideologias do cotidiano que refletem posicionamentos religiosos diferentes, conforme o enunciado verbal “todas as religiões, ou só a sua?”, questionando então qual seria a ideologia que se revelaria a “oficial”, devido aos embates que temos entre as diferentes crenças religiosas. Como sinaliza Ferraz (2016, p. 84), são tantas as religiões que temos no Brasil que nos torna, “em termos étnicos e religiosos, interessante e diversos”.

Vale avançarmos um pouco na questão da possível doutrinação nas escolas: o debate sobre a Escola Sem Partido tem enchido nossas vidas. Uma das reflexões que os grupos sociais contra essa lei faz é justamente o que seria o “sem partido”? Seria sem as

¹⁰⁷ Fonte: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/dolo-eventual> > acessado em 19/07/2018.

¹⁰⁸ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Willy_Wonka > acessado em 19/07/2018.

¹⁰⁹ Falo pela experiência pessoal de professora da rede estadual de ensino básico do estado do Espírito Santo em que leciono. No início de todos os anos letivos é enviado aos pais de todos os alunos do Ensino Fundamental II de todas as escolas estaduais do Espírito Santo um bilhete no qual eles optam por Ensino Religioso ou pela disciplina Projeto de Pesquisa.

¹¹⁰ Fonte: <https://dicionario.priberam.org/laico>

ideias da chamada *esquerda*? Por que só de não falar sobre um assunto, por exemplo, o racismo, já é tomar um partido (quem cala, consente). A grande questão que está em jogo é que, na verdade, os adeptos dessa ideia querem, na verdade, impor nas escolas as opiniões deles. Então, ao brincar “ou só a sua”, o discurso leva a entender que o autor se posiciona criticamente em relação a esse assunto.

Existem dois níveis que concebem a ideologia do cotidiano, por assim dizer, o nível das camadas inferiores e o das camadas superiores. Eles são respectivamente proporcionais à tangibilidade na ideologia oficial/dominante. Quanto mais inferior, mais vaga, mais fluida e menos desenvolvidas as vivências que vagam *na nossa alma*. Como bem disse Volóchinov (Círculo de Bakhtin) (2017, p. 214-215) “Todos eles são embriões de orientações sociais, inaptos à vida, romances sem personagens e discursos sem auditórios. [...] É extremamente difícil perceber uma lei sociológica nesses retalhos ideológicos”. É, então, o que estaria presente no inconsciente freudiano. Já as camadas mais elevadas estão em contato direto com a ideologia dominante, podendo se coadunar com ela ou fornecer subsídios para uma possível quebra de paradigmas. Há um processo de embate que tende a romper barreiras ou a estagná-las, conforme a penetração que essas ideologias cotidianas divergentes da ideologia dominante são capazes de impregnar.

Vejo, como exemplo desse processo de luta, as ideologias relativas à sexualidade. Hoje vivemos um embate entre a ideologia dominante heteronormativa e a ideologia do cotidiano da liberdade de gênero. Se por um lado temos uma ideologia dominante tentando manter a heteronormatividade como a doutrina a ser seguida, por outro vemos uma densa camada de novas tendências da ideologia do cotidiano a favor da quebra da heteronormatividade influenciando e quebrando barreiras na tentativa de se instalar como ideologia dominante. Muito ainda temos que avançar nesse sentido, mas já vivemos um outro momento que me parece caminhar (a passos lentos pelas lentes dos jovens; mas a passos largos pelas lentes da maturidade, mesmo que não harmoniosos) para a implosão da ideologia heteronormativa. Na verdade, lembremos que o discurso é uma arena de lutas e nos concentrando nessa metáfora, vale lembrar que, até o final do embate, há derrotas e vitórias, avanços e retrocessos. Essas visões se refletem na grande mídia (filmes, séries, novelas, canais no YouTube, programas especiais etc.) e também nos memes, que eclodem nas redes sociais. A fim de ilustrar este assunto, trago agora uma sequência de seis memes:



Figura 61 – Cuidado com o hétero



Figura 62 – Arco-íris sorridente

Vemos aqui alguns exemplos de memes que se configuram por intermédio dessas forças ideológicas em embate. Há no Brasil uma grande irracionalidade e violência dos heterossexuais contra os homossexuais (hoje a palavra homofobia tem sofrido forças centrípetas e centrífugas para que se use LGBTfobia¹¹¹, pois há um espectro maior do que o binarismo, como já falado na Introdução). O país é apontado como o que mais mata LGBTQIA+ no mundo, conforme site da Rádio Senado¹¹². O primeiro meme (Figura 61) traz uma cerca com um aviso que normalmente seria “cuidado com o cão”; num movimento ambivalente irônico, houve uma troca para “Cuidado com o hetero”, como um discurso que revida a ideia de que os homossexuais devem ser evitados e colocados de lado, como se sua condição o fizesse ficar preso em seu mundo e não se mostrar à sociedade. A imagem da cerca pode remeter a essa ideia, como se eles estivessem protegidos por detrás dela e com o aviso para garantir essa proteção, remetendo a uma ideia de violência. Mas sob um outro ponto de vista, também pode significar que os heterossexuais devem ficar presos, como os cães ficam, e que se deve ter cuidado com eles, assim como dos animais raivosos. Já no meme da Figura 61, há um recado explícito do enunciador para respeitar a sua orientação sexual. O enunciado não-verbal traz a foto do famoso youtuber Luba¹¹³, que é assumidamente gay, com um arco-íris e um unicórnio,

¹¹¹ Para mais informações, vide <https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia> > acessado em 15/03/2019.

¹¹² <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> > acessado em 15/03/2019.

¹¹³ O LubaTV, canal de entretenimento do Youtube, têm mais de 5,5 milhões de inscritos. <https://www.youtube.com/channel/UCYALxwppPJjYyTMEwwEcNCQ> > acessado em 20/07/2018.

ambos símbolos da comunidade LGBTQIA+ (transformaram-se em ideologemas que refletem e refratam a ideologia dessa comunidade) completando a intenção discursiva do autor. O enunciado verbal “lide com isso”, traz, pelo uso do modo verbal no imperativo, uma ordem, ou uma orientação a ser seguida. Se compararmos os dois memes, podemos perceber que o hétero, no meme da Figura 61 é comparado com um cão raivoso, caracterização de violência, e o Luba no meme da Figura 62 se mostra como uma pessoa feliz, remetendo à paz de espírito que independe da orientação sexual; essas caracterizações servem para mostrar o embate das forças centrípetas e centrífugas. É interessante a potência que essas ideologias do cotidiano tentam ganhar para desequilibrar a ideologia dominante.

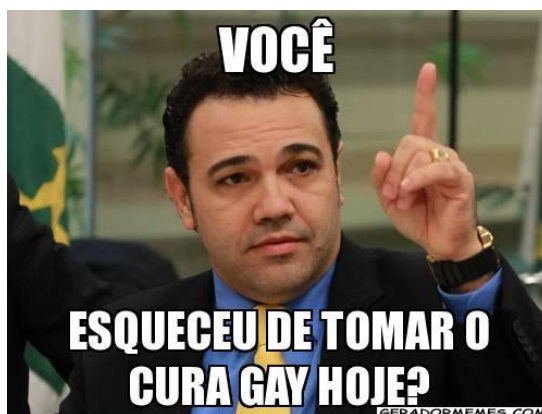


Figura 63 – Feliciano esquecido

O terceiro meme (Figura 63) tem em sua materialidade a foto do então Deputado Federal Pastor Marco Feliciano, que faz uma grande campanha na Câmara dos Deputados em favor da popularmente chamada “Cura Gay”. Este movimento se dá no sentido de “reverter” a orientação sexual das pessoas não heterossexuais com tratamentos psicológicos e ganhou grande repercussão em nosso país; retrata uma visão biológica da nossa sociedade, na qual a medicalização tem um grande poder de cura (veremos no item 3.4 que o riso também assume essa “função” de amenizar as dores provocadas pelas mazelas sociais). Muitos memes foram feitos a partir desse tema, muitos deles sugerindo “remédios” para a irônica “cura gay”. O jogo de sentidos pela polifonia é muito interessante: o pronome de tratamento “você”, que encabeça o enunciado, somado à foto do Deputado, pode estar se referindo ao próprio Feliciano, sugerindo que ele deveria ser

o próprio a “tomar” o “cura gay”, fazendo nesse jogo linguístico uma insinuação que questiona a sua sexualidade. Outra interpretação desvela uma voz da sociedade, satirizando a “cura gay”, dando a esse meme um caráter polifônico. Outro ponto a ser destacado é que há neste meme explicitamente a força de embate das ideologias: a ideologia oficial/dominante sendo representada por um político da alta patente, membro do Congresso Nacional; ao fundo, do lado esquerdo, podemos ver a bandeira nacional e a ambientação sugere que ele está na própria Câmara dos Deputados, no exercício de suas funções políticas, imerso na vida oficial; e num mesmo nível, percebemos a ideologia do cotidiano com o enunciado verbal “Você esqueceu de tomar o cura gay hoje?”, em que as palavras refratam novos posicionamentos da estrutura de base, novas *pravdas*. A gestualidade também é um ponto forte a ser avaliado: as sobrancelhas levantadas sugerem uma dúvida e o dedo indicador ereto pode suggestionar o órgão sexual masculino. Nenhum discurso é neutro, e as escolhas dos elementos da significação interferem diretamente no efeito de sentido do tema.

Quando a tensão aumenta na ideologia do cotidiano e ela começa a impregnar as camadas mais superiores, sinaliza que possíveis mudanças possam acontecer, como sinaliza Bakhtin (2017a) e Volochínov (2017), e já vemos sinais de grande mudança na nossa sociedade, como por exemplo, alguns casais homoafetivos que andam de mãos dadas, trocam carinho em público, não se importando com o que os “héteros” (outros) vão pensar. É claro que estes acontecimentos ainda são em lugares específicos, nos quais eles se sentem seguros para fazê-los, pois não podemos fechar nossos olhos para o altíssimo índice de violência urbana contra a classe LGBTQIA+.



Figura 64 – Moda curagay

Utilizando o mesmo assunto da “cura gay”, temos o quarto meme, que usa a imagem do “menino do mimimi”, como já explicitado na seção anterior, com o enunciado verbal na parte superior “Ser veado é doença, cura gay virou moda” e sua ironização com a “tradução” para a linguagem do “mimimi” (ainda que o autor do meme não tenha feito todas as trocas das vogais para a vogal “i”, como de costume nestes memes) que representa um deboche à questão de a sociedade querer tratar os homoafetivos como doentes; e à grande repercussão da cura gay, como um modismo chato que deve ser olhado com desprezo e chacota, uma vez que a orientação sexual e as questões de gênero não são de modo algum uma doença.

Abro umas aspas aqui para dizer que, quando eu fui pesquisar no Google sobre os memes para exemplificar este tópico, achei muito mais memes criticando a doutrinação heteronormativa, do que o contrário. A maioria dos memes, mesmo quando eu joguei na busca “memes heterossexuais”, vieram muito mais exemplos de discursos criticando e debochando do que concordando, por assim dizer. Trago, ainda assim, dois enunciados que coadunam com a ideologia dominante heteronormativa:



Figura 65 – Pau no cu

Este quinto meme da sequência proposta traz como enunciado não-verbal mais uma vez a personagem Willy Wonka do filme original “A Fantástica Fábrica de Chocolates” (1971). Muitos memes são criados com esse elemento significativo ao fundo (como já vimos na Figura 59), tendo, inclusive, uma página no Facebook chamada “Willy Wonka Irônico”. Como o próprio nome da página já enseja, esse enunciado desvela sempre um tom irônico e estourou no Brasil no ano de 2012, juntamente com a frase

“Conte-me mais sobre isso”¹¹⁴. Hoje em dia, ele circula com enunciados verbais vários e faz parte da biblioteca imagética da página “gerador de memes”, o que facilita a qualquer um utilizar a imagem para colocar a frase que queira, criando o seu discurso. A postura da personagem e sua expressão dão o tom ao enunciado, sinalizando a ironia. O enunciado concreto que trago, mostra a ideologia do cotidiano firmada na ideologia heteronormativa que ainda se encontra no posto de dominante. Num sarcasmo explícito, o enunciador, em seu projeto de dizer, escolhe as partes significantes “Se eu disser “pau no cu dos gays!” é apoio ou LGBTfobia na sua opinião?” para tratar do assunto. A construção composicional trabalha com a ambiguidade, usando no enunciado reportado, inclusive entre aspas, “pau no cu dos gays!” como se essa possível ofensa para alguns fosse um elogio para a classe LGBTQIA+. Carregado de sentidos outros, como as questões sociais que envolvem a orientação sexual e o palavrão “pau no cu” utilizado para ofender, o enunciador revela todo o seu preconceito e marca seu posicionamento consoante com a ideologia dominante.

Poderíamos estender essa pequena análise e passar para um nível mais profundo, para além desse meme. Vou fazê-la de forma sucinta: a própria expressão “pau no cu”, amplamente usada por uma parte da população brasileira já é, em si, embasada num grande preconceito contra os homossexuais masculinos: pois é uma forma de penetração sexual prazerosa para eles. Por que ninguém fala “pau na boceta?”. A resposta a esse questionamento só pode nos revelar que os discursos estão recheados de conteúdos ideológicos e que precisamos estar atentos às escolhas de nossas palavras. Elas refletem e refratam muitos sentidos. Estendendo um pouquinho mais, podemos pensar que a palavra “boceta”, que se refere ao órgão sexual feminino, também é considerada um tabuísmo e desvela o patriarcalismo que parece ainda reinar como ideologia dominante em nossa sociedade, mesmo que essas ideologias do cotidiano – machismo x feminismo x contramachismo¹¹⁵ - estejam em constantes embates desvelados desde meados do século passado. Isto mostra que para uma ideologia do cotidiano sair de suas camadas inferiores, passar para as camadas superiores ao se tornarem ideologia de um grupo social e implodir a ideologia dominante pode levar muito tempo.

¹¹⁴ Fonte:< <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/cinema/noticia/2016/08/29/como-o-willy-wonka-ironico-gene-wilder-ja-foi-o-rei-dos-memes-na-internet-250759.php> > acessado em 21/07/2018.

¹¹⁵ Acrescento aqui o contramachismo, pois há várias correntes feministas, inclusive algumas que pregam superioridade, o que eu discordo.

Outro ponto que quero destacar é o da ambivalência semântico-discursiva (cf. 1.3.1). Com os memes, acontece muito de um mesmo elemento significativo, seja o verbal ou o visual, ser retomado e ressignificado. Este fato fica claro quando temos o exemplo das imagens 59 e 64 que utiliza o mesmo elemento significativo na composição do meme, quer seja o Willy Wonka, para remontar a ideologias opostas.



Figura 66 – Jean Willys homofóbico

Para finalizar a discussão deste item, fecho com este último meme, que também trata com desdém e deboche os gays, reafirmando a ideologia dominante. Esse discurso tem em seu acontecimento a ideologia do cotidiano representando a ideologia dominante. Usa-se mais uma vez a imagem de um Deputado Federal em seu ambiente de trabalho, só que agora numa arquitetura inversa à do terceiro meme desta sequência. Naquele, era a imagem de um deputado considerado homofóbico por lutar pela “cura gay” e, num movimento inverso e ambivalente, o discurso verbal era a favor do grupo LGBTQIA+; neste, é o até então Deputado Federal Jean Willys, do PSOL, que representa (pelo menos teoricamente) o grupo LGBTQIA+, e sua imagem é utilizada como enunciado não-verbal, num discurso contra essa comunidade. O enunciador utilizou a foto de Jean Willys numa inversão de valores, uma vez que este meme revela um posicionamento homofóbico, como se o deputado quisesse dizer que todo mundo deveria “dar o cu”, e quem não o faz seria homofóbico, também marcando a ideologia dominante heteronormativa. Mais uma vez a gestualidade é de extrema importância na composição do meme, o dedo indicador levantado suggestionando o órgão sexual masculino. A inversão dos valores e a multiplicidade de sentidos que advém da exterioridade sígnica se faz presente e desvela, de forma bem-humorada, posicionamentos ideológicos que vão inundar o meme:

recobrando-o de sentidos. Responderão a este meme aqueles que se encontram no espectro da homofobia ou são complacentes à ideologia dominante heteronormativa.

Fechando esse tema tão amplo sobre ideologia, ressalto que minha intenção foi refletir e analisar a questão da ideologia do cotidiano para o Círculo de Bakhtin, pois é ela que se encontra em nossos discursos *a priori*, tanto interior quanto exterior. Ela está presente em nossas palavras, quaisquer que sejam elas. Até mesmo numa exclamação de alegria ou de tristeza como nos diz Bakhtin (2017a).

3.4 O riso como prática social libertadora



Figura 67 – Saio muito¹¹⁶

Falar do riso suscita algumas ponderações iniciais: primeiro o riso está ligado ao humor, mas nem sempre a recíproca é verdadeira, pois temos o lado do humor ou como mordacidade chistosa (que leva ao riso) ou como uma ironia delicada (atitude de quem usa expressões ou gestos que dão a entender o contrário ou algo mais do que aquilo que parecem significar)¹¹⁷. Contudo, Daninos (apud MINOIS, 2003, p. 78-79) define o humor de forma ampla, afirmando que “é antes de tudo, na minha opinião, uma disposição de espírito que nos permite rir de tudo sob a máscara do sério. Tratar jocosamente coisas graves e gravemente coisas engraçadas, sem jamais se levar a sério,

¹¹⁶ Fonte: < <https://picgra.com/media/1982356961438957716> > acessado em 11/05/2019.

¹¹⁷ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, < <https://dicionario.priberam.org/ironia> >, acessado em 07-03-2019.

sempre foi próprio do humorista”. Já o próprio Minois (2003, p. 79) liga o momento do humor ao nascimento do primeiro homem, quando esse se distanciou de si mesmo e descobriu que era *derrisório e incompreensível*.

Aristóteles (apud SKINNER, 2002, p. 15) concluiu que “os seres humanos são as únicas criaturas que riem” e o grego ainda coloca que os jovens são “amigos da alegria, e, portanto, adoram zombar dos outros” e ainda constata que “a zombaria é um insulto gracioso” tendo como insulto “a degradação do outro por diversão”. Uma segunda visão que Skinner traz em sua obra é de que o riso também demonstra um certo ar de superioridade de quem ri em relação ao seu objeto, à pessoa, ou à ideia dos quais ri. O que também vemos como uma degradação. Ora, é isso que vemos nos memes: a degradação do outro pela zombaria, principalmente vindo da geração dos jovens, que estão imersos nas redes sociais.

O riso está por toda a parte e se embrenha na cultura popular, como no ditado “rir é o melhor remédio”, ou na hipérbole “morrer de rir”, ou na expressão questionadora “você está rindo de mim ou para mim?”. Também pode ser usado como uma expressão de grosseria, como em “você está rindo da minha cara?”. Como dito anteriormente, o meme “rindo, mas é de nervoso”, que já foi para a esfera oral, está sendo muito usado nestes dias atuais. Enfim, muitos outros exemplos poderiam ser suscitados aqui, porém considero que os que explanei são suficientes para nos fazer lembrar de quanto “o riso” permeia as relações sociais cotidianas. “Não apreciaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. Aparentemente, o riso tem necessidade de eco” (BERGSON, 2018, p. 39).

Pinto (2018, p.9), na Introdução da obra de Bergson, *O Riso*, orienta que os estudos desse filósofo sobre o riso implicam um estudo sobre o vital e o temporal, sendo a palavra de ordem a “mobilidade”; e aponta para o que chamamos de heterociência (cf. item 1.1) : “Como fenômeno da ordem, a vida não pode ser apreendida pelo conhecimento intelectual, pelo menos não sem uma crítica de base e sem a “orientação” própria que a intuição lhe proporciona”.

O riso é o que nos movimenta, nos tira da estaticidade da vida e nos liberta, potencializando a arquitetura, ou seja, movimenta as práticas discursivas intersubjetivas elevando o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro. As diversas manifestações da produção discursiva que leva ao riso, ou a ironia são como alguma coisa que vive e, assim, nos desloca para um cronotopo cômico, risível; essa é

função social do riso: nos libertar das amarras do sério, do desagrado, mesmo que seja por um instante.

Com os memes, não poderia ser diferente uma vez que eles têm, como já mencionado anteriormente, o efeito irônico como característica principal. Muitos são os memes dialogando diretamente com o riso nas redes sociais. Eles são usados pelos usuários como réplicas dialogais irônicas, mesmo que seja para ironizar a si mesmo, como no meme da Figura 67. Trago alguns desses discursos para exemplificar o uso, sendo que todos são usados nas redes sociais de forma irônica, como réplicas dialogais: seja para brincar com o interlocutor ou consigo mesmo, seja para satirizá-lo.



Eu mesmo 🤔😂 Marque seus amigos 🙌

Figura 68 – Manota



Figura 69 – Melhor não



Figura 70 – Jim Carrey irônico



Figura 71 – Kiko nervoso

Os memes acima falam por si mesmos. Explicá-los seria como duvidar da capacidade de meus leitores, de suas vivências. Apenas vamos observar o meme “Kiko nervoso”, que se destaca por aparentar estar incitando a violência. Ora, lembremos que os memes são irônicos, então, quando o locutor fala que vai dar risada porque tiro ainda é crime, ele está satirizando a situação e não realmente insinuando que gostaria de matar a outra pessoa e só não o faz para não ser preso. É a ambivalência do signo atravessando o discurso, os múltiplos sentidos dos signos que vão se ressignificando a cada momento singular de sua historicidade vinda de um sujeito singular e responsável pelos seus atos. Esse discurso responde a outros que transitam na sociedade atual (refiro-me ao ano de 2019), como o questionamento sobre o armamento ou não da população. Há uma tendenciosidade nesse meme se observamos que, a esta época, somos presididos por uma pessoa que defende arduamente a posse de armas para a população, o que leva o grupo social contra essa medida a questionar se isso não aumentaria em muito o nível de criminalidade. De forma irônica, o meme satiriza indo além da questão da posse de arma, ironizando sobre a possível liberação do porte de armas, passando, assim, para outro nível que é o do ato em si, ou seja, de atirar em outra pessoa, instigando um índice ainda maior de violência.

Também temos alguns memes que são considerados clássicos, que circulam no grande tempo, sendo renovados continuamente a cada vez que são retomados por um sujeito em sua réplica dialogal nas redes sociais, como esse que mostro abaixo.



Figura 72 – Riso sarcástico¹¹⁸

Surgido em 2009, ele é um desenho do sorriso dado pelo jogador chinês profissional de basquete Yao Ming Face durante uma coletiva de imprensa após uma partida. Os usuários costumam usá-lo como uma réplica dialogal indicando desprezo ou raiva¹¹⁹ nos diálogos das redes sociais: é a satirização do riso num movimento de inversão, de ambivalência. É o riso numa dinâmica de transfiguração para indiciar uma palavra outra, uma contrapalavra, que leva a sentidos contrários do que a obviedade sugere.

Voltando a falar do sério e do desagrado, percebo que as redes sociais estão cheias dessa libertação: brincar com aquilo que nos entristece, que até nos acomete medo, porém de forma irônica. Assim, conseguimos passar do medo, do estático, ao riso e à comicidade. Vejamos o exemplo de ironizações que circularam nas redes sociais a respeito da fala da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, Damare Alves. Em sua posse, ela fez um discurso altamente sexista e determinista dizendo que meninas devem vestir rosa e meninos, azul. As redes sociais não perdoaram e instantaneamente uma chuva de memes e tuítes as inundaram levando os sujeitos ao riso. Um desses tuítes foi o do jornalista José Simão que sugeriu que a Ministra só pode estar louca ao fazer tal afirmação e logo virou meme.

¹¹⁸ Fonte: < <https://me.me/i/gente-que-tem-cri-se-de-riso-na-hora-errada-sincerochris-4144044>> acessado em 02/04/2019.

¹¹⁹Fonte: < <http://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/2013/09/eternizado-como-meme-na-web-chines-yao-ming-completa-33-anos.html>> acessado em 13/03/2019.



Figura 73 – Camisa de força pra Ministra¹²⁰

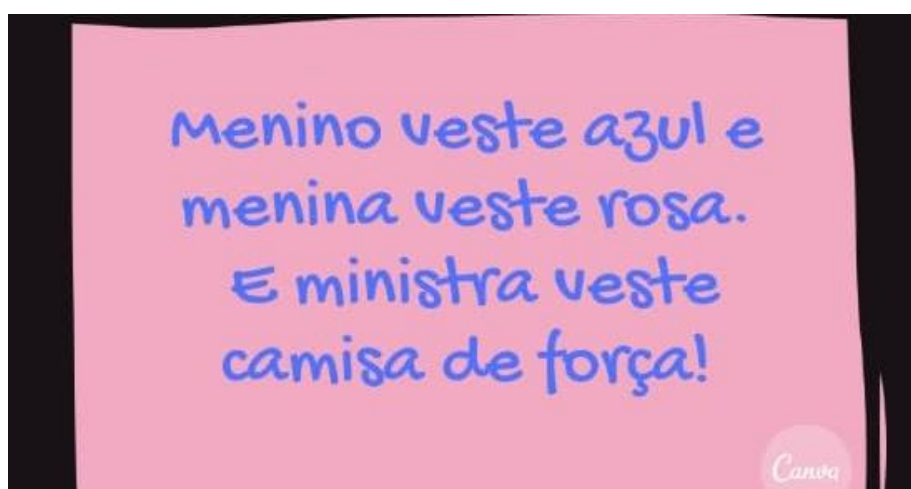


Figura 74 – Põe louca nisso!¹²¹

¹²⁰ Fonte: < https://twitter.com/jose_simao/status/1080957891081846784 > acessado em 02/04/2019.

¹²¹ Fonte: < <https://www.paulopes.com.br/2019/01/damares-meme.html#.XIZneShKjIV> > acessado em 02/04/2019.



Figura 75 – E agora?¹²²

Outra ironização foi com o nascimento: se é a cor da roupa que define o sexo, então como saber se é menino ou menina ao nascer? E indo além, o gênero não é binário: homem/mulher, há um grande espectro na questão do gênero como já explicitado anteriormente neste espaço discursivo: não é a genitália que define o gênero e sim a subjetividade singular, ou seja, como a pessoa se relaciona consigo mesma em relação ao seu corpo e a sua orientação sexual. Para Butler (2010), há uma “heterossexualidade compulsória” determinada pelo discurso dominante, fato que podemos perceber nessa fala da Ministra Damares e que é satirizada nos memes que apresentei, ressaltando o que eu venho delineando nessas páginas sobre a ironia contida nos memes, muitas vezes como uma contrapalavra em relação a questões politicossociais, questionando a hegemonia que circunda a sociedade.

Mesmo sabendo que não é meu objeto de estudo a questão da LGBTfobia, aproveito este espaço para trazer a voz a de uma pessoa que se encontra dentro do espectro trans, afinal, esta questão está esparramada nos diálogos do cotidiano. Em uma conversa com ela a respeito da fala da Ministra, obtive o seguinte depoimento:

¹²²Fonte: <<https://3.bp.blogspot.com/-Y9-MJVBPICU/XC7RKkQDwuI/AAAAAAACIuk/7GHrok4mT64eztbbx6Chc1RtOaM6XSmfQCLcBGAs/s1600/550-menino-menina.jpg>> acessado em 02/04/2019

“Desde bem cedo, fui surpreendida pelo meu subconsciente, que relutava bastante com os padrões de gênero socialmente impostos. ‘Ou você é menina, ou você é menino. Ou usa calça/bermuda, ou usa saia/vestido. Ou azul, ou rosa.’ Mas não me enxergava nesse espectro. O binarismo nunca me contemplou. [...] Eu era proibida de vestir rosa, brincar com bonecas, ou até encostar ou chegar perto do guarda-roupas da minha irmã. Não queria que eu ‘virasse uma menininha’ (palavras que saiam da boca da minha avó e minha madrinha diariamente). Cresci não me identificando com os padrões e com nenhum dos gêneros binários (homem e mulher), até ouvir relatos de pessoas que se identificavam também de forma diferente. Aprendi com um deles que na vida existe dois espectros visíveis: de um lado, o completamente masculino, e de outro o completamente feminino; porém existe um enorme abismo entre eles, e nesse abismo – ou talvez até fora dele – estão as não-binaridades. Ser uma pessoa trans não-binária é lutar contra o padrão de gênero socialmente construído, além de assumir que abrangemos vários gêneros dentro desse conceito ‘guarda-chuva’ (agênero, bigênero, demigênero, pangênero, gênero fluido, etc.).

Quando me deparei com a fala da Ministra de Dir. Humanos, Mulheres e Família, Damares Alves, que diz que ‘meninos vestem azul e meninas vestem rosa’, foi um momento divertido. Imediatamente imaginei o que eu vestiria: seria roxo? Ou listrado de azul e rosa? Ou outra cor? Mas depois eu fui problematizando essa questão por motivos óbvios: porque a sociedade tem que ser tão conservadora, tradicional e cis-heteronormativa? Porque faz diferença a cor que uma pessoa veste? Será que não podemos ser exatamente quem queremos ser?

[...] Sou uma pessoa trans não-binária. E assim mesmo me pego nos tradicionalismos. É por isso que diálogos do cotidiano, como, por exemplo, os memes, são importantes também pra nossa desconstrução social. Eles nos ensinam, através do riso e da ironia, a entender o outro e ser empático.”¹²³

Esse depoimento é muito revelador, pois, muitas vezes, me vejo defendendo à causa LGBTQIA+ com fervor, e me apoio em dizer “meu pai é gay” e que fui criada num ambiente de não preconceito, obviamente. Mas ainda assim, eu me sinto meio que ultrapassada por não entender esse “abismo”, como foi dito por Iohana em seu depoimento. A questão vai muito além de ser hétero ou gay ou bissexual, e sim de ser você mesmo e não ter que LUTAR para ser aceito ou compreendido, a sociedade não deve julgar ou aceitar e sim conviver em um ambiente em que todos possam preservar suas subjetividades em harmonia.

Voltando à discussão teórica, para Bergson (2018, p. 38), “não há cômico fora do que é propriamente *humano*”. Ele propõe que se nos colocarmos para a vida como um

¹²³ Depoimento feito para esta tese, após algumas conversas, de Iohana (nome fictício), pessoa transfeminina não-binária.

“espectador indiferente”, então “muitos dramas se transformarão em comédia” (p. 38). E não é isso que acabei de demonstrar com os exemplos de memes acima? As pessoas passam a ironizar a realidade de modo que fique mais suportável encará-la.

Sob a ótica de Minois (2003), o século XX foi embebido pelo riso que se espalhou por toda parte criando uma sociedade humorística, que ri de seus males que foram de toda sorte: guerras, crises econômicas, fome, desemprego, terrorismo etc. “O século morreu de *overdose* – uma *overdose* de riso – quando, tendo este se reduzido ao absurdo, o mundo reencontrou o *nonsense* original. (...) O mundo deve rir para camuflar a perda de sentido.” (p. 553-554). Contudo, para o autor é um riso que abafa as incertezas e o medo, por isso, ao mesmo tempo que morre de rir, mata o riso festivo, alegre. Segundo o autor, é um século de riso de nervoso (encaixa-se aqui o meme que mencionei no início do item “rindo mas é de nervoso”), mecânico, que ri para suportar as próprias desgraças. E ainda acentua que

O problema é que, no fim do século XX, a ironia generaliza-se, torna-se democrática. Ela tem grandes qualidades quando é manejada por uma elite cética que vê com menosprezo o mundo dar voltas, durante seus longos momentos de lazer. A elite pode permitir-se ser irônica enquanto o povo continua a girar a máquina. As coisas azedam quando o povo deixa de crer nos valores e torna-se irônico, por sua vez. É o que acontece hoje, e, sem dúvida, o fenômeno ainda vai se ampliar (MINOIS, 2003, p. 570-571).

Concordo com essas considerações de Minois, pois me parece que no século XXI esse fenômeno realmente parece ter ampliado. Hoje concentra-se no riso como uma forma de passar pelos infortúnios aos quais somos expostos em nosso dia a dia, principalmente no que tange as esferas políticas e sociais. As pessoas riem como forma de sobrevivência, como um botão antipânico. Claro que não podemos fechar os olhos para a criticidade dos discursos circulantes, para a argumentatividade que os permeia; o que vejo é a capacidade de os sujeitos, em suas singularidades e em seus atos responsáveis, utilizarem-se de fatos negativamente impactantes para criar o humor, ironizá-los, como o fazem por intermédio dos memes.

Uma outra consideração sobre o assunto parte de Quintiliano (*apud* SKINNER, 2002) que afirma que “podemos ser bem-sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido para o nosso lado” (p. 9-

10). Se tomarmos como exemplo a situação política do nosso país, veremos como essa teorização se encaixa muito bem. As “brigas” políticas binárias, esquerda contra direita, inundam as redes sociais (mas não somente) numa potência que muitas vezes chega a assustar pela arrogância e pelo desrespeito; porém, por um outro prisma, também surgem diversos discursos ironizando certas situações de forma que chega a torná-las cômicas: os memes são exemplos disso, como tenho mostrado. A emoção expressa pelo riso é sempre uma mistura de alegria e escárnio (SKINNER, 2002, p.10). Vejamos esse meme em que, como Quintiliano sinalizou, o autor (ou os autores, pensando na autoria líquida pela replicação), a partir de seu posicionamento ideológico, concretizou seu discurso ridicularizando seu “adversário” a partir de um jogo linguístico com o ditado popular “cabeça vazia é oficina do diabo”, insinuando que o presidente atual manipula os sujeitos que não têm um pensamento mais crítico em relação à política ao o apoiarem.



Figura 76 – Cabeça bolsovazia

Em Bakhtin (2013) temos o riso carnavalesco que é considerado como “patrimônio do povo”, na medida em que todos riem. O riso é geral e universal:

O mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado em seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente (p. 10).

O riso vem dos próprios burladores que não se excluem do mundo em evolução, ou seja, eles se encontram “dentro” deste mundo; já os comediantes, tendem a fazer a sátira de fora, com um olhar de observador, o que vai de encontro ao riso carnavalesco,

provocando o lado negativo, que acaba por se integrar em um humor também negativo, que tende para o particular, excluindo ele mesmo do riso (BAKHTIN, 2013, p. 11).

Depois de todas essas teorizações, volto meu olhar para a consideração de Bakhtin que diz que nem mesmo depois dos românticos “os especialistas do folclore e da história literária consideraram o humor do povo em praça pública como um objeto digno de estudo do ponto de vista cultural, histórico, folclórico ou literário” e ainda continua “o riso ainda ocupa um lugar modesto” (BAKHTIN, 2013, p. 3)¹²⁴. Antes da formação do Estado Moderno, o cômico era disseminado por toda a cultura, não havia separação do mundo oficial e não-oficial. Para ele, há uma deformação da natureza singular do riso uma vez que são as ideias da burguesia moderna que lhe são aplicadas. Concordo com o filósofo que são poucas as obras que tratam sobre o assunto se pensarmos na imensidão das obras científicas. E muitas têm uma visão determinista do humor e do riso.

3.5 Agora vamos carnavalizar! Paródia e carnavalização nos memes

O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de rito e espetáculos cômicos da Idade Média (BAKHTIN, 2013, p. 7).

Tomando a epígrafe como base, permito-me dizer que a carnavalização discursiva é hoje uma segunda vida do povo, é uma forma que temos de transformar discursos muitas vezes rígidos e sérios que nos incomodam em formas mais líquidas e mais suaves de lidar. É uma escapatória do mundo oficial denso para um mundo não-oficial risível, na ambivalência das contradições.

Segundo o filósofo russo, a carnavalização é a transposição para a literatura (aqui estenderemos para todas as práticas discursivas) do carnaval, que abrange “todas as variadas festividades, ritos e formas de tipo carnavalesco” (BAKHTIN, 2008, p. 139). Na vida carnavalesca, o sistema hierárquico e as regras de boa etiqueta são revogados, e todos passam a conviver num mundo extraoficial onde a irreverência, o riso e a quebra de barreiras entre os homens passam a ser premissas para um mundo ambivalente. O discurso

¹²⁴ A visão do riso para Bakhtin será discutida junto com a carnavalização, por eu achar que não havia como separá-los.

oficial e o não-oficial são emaranhados na praça pública carnavalesca. “Entram nos contatos e combinações carnavalescas todos os elementos antes fechados, separados e distanciados uns dos outros pela cosmovisão hierárquica extracarnavalesca” (p. 141).

O carnaval é ambivalente, associa o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante. A profanação é uma das marcas da carnavalização proposta por Bakhtin, na qual vemos as indecências, os sacrilégios e as paródias carnavalescas (BAKHTIN, 2008, p. 141). A carnavalização se propõe nas práticas discursivas como um processo de dessacralização de discursos oficiais, de desestabilização do sério, provocando o riso ao brincar com os discursos que refletem as ideologias oficiais/dominantes. O princípio cômico carnavalesco pertence à esfera particular da vida cotidiana (BAKHTIN, 2013).

Os memes como acontecimento discursivo são um exemplo dessa dessacralização, promovendo na praça pública virtual um riso coletivo por fazerem com que várias pessoas riam de uma mesma materialidade discursiva, ainda que cada sujeito ria a seu tempo, na maioria das vezes, acompanhado apenas por seu computador ou smartphone.

Retomando as propostas de Bakhtin (2013), o autor ao estudar a cultura da Idade Média no contexto de Rabelais, coloca que, em contraste com a hierarquização da vida oficial, as relações de contato livre e familiar eram essenciais para a visão carnavalesca do mundo. Essa eliminação da hierarquização na praça pública permitia que se elaborassem “formas especiais do vocabulário [...], francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência” (BAKHTIN, 2013, p. 9). Era um tipo de subversão que buscava a liberdade através da contrapalavra, da contra-hegemonia e levava a um devir. Esse tipo de linguagem carnavalesca hoje ganha vida nos memes que têm, em sua dinâmica discursiva, formas *especiais de vocabulário* menos polidas de dizer. O discurso oficial é trazido como pano de fundo para que dele salte a ironia quando misturado ao discurso não-oficial, promovendo o processo de carnavalização:

As manifestações populares carnavalescas negam o trabalho centrípeto do discurso oficial, seja da Igreja, seja do Estado feudal. Ridicularizam seu discurso, parodiam suas cerimônias, mostrando, num movimento centrífugo, a relatividade alegre das coisas (FIORIN, 2016, p. 101).

O riso carnavalesco rabelaisiano é um riso festivo, é um patrimônio do povo; não é um ato individual, é um ato geral: todos riem; atinge todas as coisas e pessoas: é universal. “O mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita”, tudo isso de forma simultânea (BAKHTIN, 2013, p. 10). Como forma de defrontar o pesado sistema de opressão que reinava nos idos da Idade Média, a estética grotesca, os xingamentos em linguagem de feira, as paródias tanto literárias quanto eclesiásticas, a visão cômica do mundo e as diversas festividades se colocavam como uma forma de ironizar, profanar e expor ao ridículo o discurso oficial libertando as amarras do povo.

Gardiner, ao discutir sobre o carnaval para Bakhtin, conclui que

O carnaval efetivamente quebrava as formalidades da hierarquia e das diferenças herdadas pelas diferentes classes sociais, idades ou castas, substituindo tradições e cânones estabelecidos por um modo de interação social “livre e familiar”, baseado nos princípios de cooperação mútua, solidariedade e igualdade (2010, p. 228).

Apesar de o carnaval, enquanto evento no Brasil, estar perdendo seu caráter de festa popular que visa a promover a desestabilização das hierarquias, em sua essência ele ainda é uma manifestação popular em que as pessoas, de alguma forma, se libertam de amarras sociais e vivem aquele momento da festa de maneira mais livre. No carnaval tradicional, se é que esse adjetivo cabe ao carnaval, as pessoas vão fantasiadas, mascaradas, como uma forma de romperem com a vida oficial e se permitirem ali a desempenhar um outro papel, uma outra forma de se portar, mais solta e mais alegre, na qual o riso é presente – podemos citar, para exemplificar essa transgressão, como é comum no carnaval os homens se vestirem de mulheres em alguns eventos, ainda que o preconceito contra os gays esteja enraizado na ideologia dominante. Ferraz salienta que

Assim é que, mesmo no carnaval e transvestidos de mulheres, os heterossexuais-heterossexistas não permitem que gays ou transgêneros a eles se misturem, silenciando suas vozes e afirmando a heteronormatividade como padrão. Essas vozes (a dos realmente gays e transgêneros) silenciadas vão, aos poucos, acreditando que devem permanecer como tal e que o problema são elas mesmas (2015¹²⁵).

¹²⁵ Citação retirada de uma palestra proferida pelo Prof. Phd Daniel Ferraz na UFMG, em 2015.

Ainda assim, o divertimento reina, tanto que falamos em *brincar* carnaval, ou, já em um deslocamento, *pular* carnaval, o que demonstra a sua natureza jocosa. Bakhtin reflete sobre estas mudanças que o carnaval, com toda a sua ambivalência e seu universalismo, vem sofrendo e *começa a transformar-se em simples humor festivo*, e que a “a festa *quase* deixa de ser a segunda vida do povo”, contudo salienta que o *quase* se justifica porque “o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível. Embora reduzido e debilitado, ele ainda assim continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura” (BAKHTIN, 2013, p. 30). Segundo LaCapra (2010, p. 162), pela perspectiva bakhtiniana, ainda que a Idade Média seja considerada o auge da carnavalização, principalmente na literatura, a relevância da periodização é abalada pela perda da centralidade e “tende a ser deslocada pelo problema de uma relação dialógica com o passado”. É a questão da vinculação contínua do pequeno com o grande tempo.

No entanto, vale ressaltar que não podemos fechar nossos olhos para o fato de que há também uma força centrípeta que articula as ideologias dominantes ambicionando que as ideologias do cotidiano as reforcem e as reproduzam, e que tem conseguido, de certa forma, se apropriar das formas subversivas da carnavalização no sentido da defesa e da preservação do *status quo*, da dominação, como é o caso dos memes que mostrei em defesa da heteronormatividade.

Schaefer nos traz uma boa visão do que é o evento do carnaval:

O carnaval, como fenômeno popular-social, concretiza a contestação e a irreverência através de vários modos: ridicularização dos poderes constituídos, eliminação de distâncias sociais, inversão de mundos, profanação do sagrado, ocupação desordenada dos espaços públicos, dando vazão a várias formas de indecência, relativizando o que tenta se impor como absoluto, deslocando o curso habitual da vida etc. – tudo isso como espetáculo alegre, onde o riso tem a função catártica de fazer esquecer o mal-estar que os homens se impuseram para conviver socialmente e de forma civilizada. O carnaval procura enfraquecer o rígido controle exercido pelo superego (SCHAEFER, 2011, p. 200).

Tudo que Schaefer diz sobre o carnaval, se casa com o que estou propondo para os memes: a contestação e a irreverência através das práticas discursivas líquidas, ridicularizando a esfera sociopolítica, os grupos sociais e os próprios sujeitos, invertendo e profanando no cronotopo desordenado da internet o discurso hegemônico de forma

espetacular e risível a fim de suportar o mal-estar social. Os memes para além de refletir, refratam os discursos oficiais de forma irônica e até sarcástica.

Podemos dizer, então, que a carnavalização como processo discursivo é a dessacralização dos discursos, como dito antes, numa alegre inversão daquilo que é socialmente estabelecido, na qual percebemos relações discursivas tensas e contraditórias, cujas bases são materialistas histórico-dialéticas, que provocam o riso e, de alguma forma, promovem uma cosmovisão que liberta do medo. Dialogicamente, a carnavalização satiriza os embates ideológicos que permeiam as relações sociais. De forma paródica e irônica, os discursos carnavalizados buscam desestabilizar os discursos oficiais, trazendo uma visão que os ridiculariza e os contradita por intermédio da comicidade. E, como nos indica Fiorin (2016, p. 98), a visão carnavalesca de mundo “vê tudo numa relatividade alegre”.

Como forma de entrar nos debates que estão circulando na sociedade, alguns memes carnavalizam assuntos que estão sendo, de alguma forma, discutidos nas esferas midiáticas, dessarte, a maioria dos memes podem ser considerados como ponto de vista da refração de forças sociais vivas. O tom imprimido nos referidos enunciados tende para a ironia, para a carnavalização de um discurso oficial, o que não retira deles o lado crítico, pelo contrário, fortifica a criticidade: são como raios de avaliações sociais que refratam o acontecimento sob um ângulo risível. As condições sociais, políticas, econômicas e culturais intervêm em nós, sujeitos enunciadore, influenciando nossas práticas discursivas. Não há como separar o sujeito enunciador do seu local de enunciação. As marcas de sua historicidade estarão impressas em seus enunciados pela entoação incluída em sua estrutura, seu conteúdo e seu estilo, tanto pelo dito como pelo não dito, quer seja, pelo fundo aperceptível. Ao escolher replicar ou não um meme, o sujeito assume sua atitude ativamente responsiva e indicia sua posição social, histórica e ideológica reforçando a autoria líquida.

Ao tratar os assuntos sérios de forma carnavalizada, os memes invertem a perspectiva axiológica e se tornam ambivalentes. Essa ambivalência tem justamente a ver com as contradições sociais e discursivas que vivemos em nosso dia a dia: esses eventos são tomados por um jogo de forças que fica marcado na língua e criam um discurso satírico, cômico, ao imbricarem o discurso oficial e o não-oficial. Os memes refletem e refratam essas contradições, esses jogos de força, como é o caso dos memes que se referem ao problema de legitimação do governo de Michel Temer. Com a ideia “Fora

Temer”, vários memes foram criados tratando o assunto com ironia, sarcasmo e levando ao riso aqueles que compartilham da visão de que o seu governo foi ilegítimo por se tratar de um golpe político. De forma fluida e reflexiva, esses enunciados invadiram as redes sociais sendo replicados pelos sujeitos que utilizam a internet como ferramenta para difundirem seus posicionamentos ideológicos sobre o processo de impeachment.

Na intenção de ilustrarmos a nossa discussão teórica, apresentamos um dos memes “Fora Temer” (Figura 77) que circulou de forma viralizada nas redes sociais nos meses de junho e agosto/2016. No intuito de abranger nosso entendimento, trazemos para comparação o discurso original que deu base para a forma composicional paródica do meme (Figura 78):



Figura 77 – Keep Calm o cacete!



Figura 78 – Keep Calm

O meme “Keep Calm o cacete” consiste em uma paródia do cartaz oficial inglês (Figura 77) que foi idealizado pelo governo do Reino Unido para ser distribuído no país caso a Alemanha conseguisse invadir o Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Os dizeres “Keep Calm and Carry On” (mantenha a calma e continue – tradução minha) serviriam como um discurso de motivação para que os britânicos continuassem suas vidas sem pânico. Ainda que a invasão não tenha acontecido, o cartaz foi achado num sebo

inglês no ano de 2000 e se tornou uma febre mundial¹²⁶ gerando uma série de produtos comerciais baseados nesta premissa do “Keep Calm”, como camisetas, canecas, canetas, adesivos, entre outros (indústria cultural) e uma gama de memes também foram e ainda são criados, na corrente discursiva. O vermelho, uma das cores da bandeira da Inglaterra, toma todo o fundo, e a coroa, símbolo da realeza inglesa, se encontra bem no alto. A soma dos elementos verbais e não-verbais reflete a oficialidade do discurso.

Como discurso oficial brasileiro, temos a bandeira do Brasil que serve como pano de fundo para o meme “Keep Calm o cacete!”. Símbolo maior de patriotismo, a bandeira nacional representa o amor à pátria, a afinidade de interesses comuns dos cidadãos em prol de viver em um país que seja bom para todos. Na materialidade discursiva, a bandeira é deslocada da posição horizontal para a vertical, promovendo o dialogismo com as outras partes do enunciado.

Podemos, também, observar que, na materialidade do enunciado, parece haver uma espécie de “bricolagem”, isto é, uma sobreposição de elementos sógnicos. Há também um processo de hibridação: somam-se vários enunciados já circulantes na sociedade e validados pelos interlocutores para compor um todo enunciativo carnavalizado. Cada um dos enunciados tomados isoladamente leva a um sentido por pertencerem a esferas discursivas distintas; quando colocados em diálogo direto, a liquidez discursiva permite constituir um enunciado concreto risível que se ressignifica, causando efeitos de sentidos outros que não os dos discursos originários. A intenção discursiva busca na hibridação, que é dialógica por natureza, a realização do projeto de dizer, mostrando de forma satírica um posicionamento ideológico como forma de protesto aos acontecimentos políticos brasileiros.

O diálogo entre o discurso de protesto “FORA TEMER” com o discurso de aceitação do cartaz britânico a partir dos elementos constituintes, como a coroa e o enunciado “KEEP CALM”, muda o tom do discurso original. A ideia motivacional “Keep Calm” do discurso oficial se ressignifica ao ser associada à expressão “O CACETE!”. O caráter mutável da palavra permite que efeitos de sentidos outros sejam percebidos nesse enunciado concreto que transformou um discurso de aceitação num discurso de

¹²⁶ Fonte: <http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/curiosidades/curiositykeepkalm.php> > acessado em 29/07/2018.

contestação – ou, no mínimo de incitação à indignação contra o que estava acontecendo no cenário político do nosso país.

A cosmovisão carnavalesca se presentifica quando a ideia de ‘manter a calma’ é rebaixada pela expressão “O CACETE!”, profanando o discurso oficial e levando ao riso. Os embates ideológicos são sentidos no meme como uma sátira, carnavalizando através da inversão dos discursos de origem. O sujeito enunciador sugere que não há como manter a calma diante da situação em que se encontrava o país, precisava-se de que fosse tomada alguma atitude no sentido de não deixar que um presidente assumisse o governo através do que esta parcela da população considerava como um golpe, qual seja, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O ponto de exclamação causa o efeito de sentido de um desabafo e ao mesmo tempo de um convite à luta. Outro ponto carnavalizante é que elementos oficiais tanto britânicos quanto brasileiros – como o símbolo da coroa real e a bandeira nacional – são profanados ao serem associados a um desabafo de baixo calão (que representa o baixo corporal, na ambivalência do carnaval).

A vontade discursiva manifestada no meme através do valor apreciativo dado às palavras e do tom irônico típico desses enunciados revela o posicionamento sócio-histórico e ideológico do locutor e aguça os interlocutores a assumirem uma atitude ativamente responsiva. Para aqueles brasileiros que se afinavam com esse discurso, a atitude pretendida era de não ficarem calmos e tomarem uma posição em relação à situação política da época. Fato este comprovado pelo enunciado “FORA TEMER”, posicionado sobre duas faixas vermelhas que remetem ao ato de pichação, tipo de ato que é muito praticado durante manifestações nas ruas e é tido como uma forma de revolta social. A cor vermelha não é escolhida de forma aleatória, todo discurso é carregado de ideologia, e esta cor representa o posicionamento político de esquerda, grupo social e político que tomou a frente do movimento “Fora Temer”.

O enunciador que assumiu esse discurso, ao replicá-lo nas redes sociais, revelava também seu posicionamento ideológico, qual seja, o da não legitimidade da assunção do vice-presidente Michel Temer à presidência. Aqui é preciso entender que, apesar de esse meme ter um autor específico, identificado pela assinatura no canto inferior direito, Adilson Secco, a *liquidez discursiva* também se apresentou quando o enunciado foi assumido por cada sujeito que o replicou nas redes sociais, caracterizando a autoria líquida, na qual não importa mais quem é o autor primeiro do discurso: cada enunciador que repassou esse meme, assumiu a responsabilidade por seus efeitos de sentido. Cada

interlocutor demonstrou, assim, uma atitude responsiva a um discurso oficial maior: a posse de um vice-presidente após um processo de impeachment da presidenta da república.

A carnavalização está presente nesse meme de forma bem característica. Percebemos um forte entrelaçamento do discurso oficial e não-oficial, no qual as ideologias do cotidiano abalam a ideologia oficial num processo de rebaixamento. São várias esferas discursivas que entram em contato e produzem um discurso carnavalizado, irreverente, que ridiculariza as ações que estavam acontecendo na esfera política de nosso país. Com efeito risível, o meme buscou dar vazão a vozes sociais relativizando os discursos, deslocando-os de suas origens e produzindo um enunciado que satiriza embates ideológicos ao profanar a vida oficial.

A *liquidez discursiva* se apresenta nos memes nas formas de circulação, de recepção e de produção, como também num processo de hibridação e de polifonia, em que esferas discursivas dissonantes refletem e refratam vozes de diferentes lugares sociais e o discurso não se fixa no espaço, pois este é rompido pela instantaneidade das redes sociais. Nos tempos líquido-modernos, as práticas discursivas têm se desprendido dos modelos sólidos e fixos de outrora e buscam se adaptar à nova dinâmica social, com o *império da internet*.

Escolhi mais dois memes para ilustrar esse item que circularam na internet sobre o tema “Fora Temer”. Essa opção pretende reforçar como a liquidez discursiva, que permeia as redes sociais e midiáticas, potencializa o surgimento de novos gêneros de modo que se adequem às necessidades da comunicação humana que são inesgotáveis, como nos indicou Bakhtin (2006) em seus estudos sobre os gêneros discursivos. As distâncias espaciais e temporais (o cronotopo) que existiam em outros contextos históricos se condensam drasticamente na modernidade líquida, e, com isso, temos um contato maior entre os gêneros, as linguagens e as próprias línguas (heteroglossia), o que faz com que as fronteiras discursivas percam sua rigidez, como já discuti no Capítulo anterior. Os memes exemplificam esse rompimento das fronteiras discursivas ao misturarem várias vozes sociais, muitas vezes dissonantes, e a compreensão espaço-tempo faz com que circulem viralmente nas redes sociais.

A carnavalização também é uma característica comum nesses dois memes escolhidos que irei apresentar. Percebemos o discurso não-oficial profanando o discurso oficial, o tom irônico incitando ao humor e levando ao riso aqueles que compartilham da

ideia de que o governo do presidente Temer, empossado após processo de impeachment, não era passível de aceitação. É através do riso, com seu profundo valor de prática libertadora, que os memes buscam subverter a realidade, mostrando pontos de vista particulares que revelam, pela ambivalência, uma outra visão de mundo.

Um outro ponto comum desses enunciados é o processo dialógico no qual conversam vários fragmentos de enunciados já circulantes na sociedade e valorados pelos interlocutores para compor um todo paródico e carnavalizado. A paródia se concretiza nessa articulação entre enunciados provindos de outros lugares incitando um tom satírico. Como Brait (1996) nos orientou, a interdiscursividade e a intertextualidade¹²⁷, quando promovem um discurso que dessacraliza o discurso oficial, tornam o enunciado irônico. Pudemos perceber esta estratégia discursiva nos memes por nós analisados: os enunciados são permeados por outros enunciados, inclusive de forma explícita, e várias vezes são trazidas num plurilinguismo dialogado que interage favorecendo a intenção discursiva de quebrar a expectativa do sério, do oficial, causando um efeito de sentido que leva ao riso, ou, no mínimo, à desestabilização dos enunciados de origem.

Após uma análise geral, propomos agora um olhar mais específico para cada dos memes:



Figura 79 – Primeiramente

Esse meme circulou à época das Olimpíadas que ocorreram no Brasil em 2016. O momento político era de muita tensão, pois havia uma grande parte da população insatisfeita com o governo do, até então, presidente interino Michel Temer. Muitos

¹²⁷ Mantive a palavra intertextualidade para ser fiel aos dizeres da autora, apesar de que considero que a palavra dialogia é abrangente à essa questão.

memes foram criados e replicados ecoando uma liquidez discursiva pelo modo como o “ideologema” FORA TEMER se replicou nas redes sociais, se desdobrando, se esparramando na internet como um vírus. Nesse meme da Figura 79, percebemos a liquidez discursiva na sua dinâmica composicional: várias esferas discursivas dialogam se misturando no pequeno tempo do acontecimento histórico do discurso não se prendendo aos sólidos espaços e se ressignificando no meme. A carnavalização se concretiza como efeito de sentido irônico na profanação do discurso oficial político, pelas vozes sociais que se colocavam contra o governo. O advérbio “primeiramente” era muito utilizado pelo Temer ao iniciar seus discursos oficiais, assim, de forma a carnavalizar e ironizar o presidente interino, os sujeitos se apropriavam desse elemento de significação seja criando memes ou sob outras formas de ridicularização ou de protesto¹²⁸.

Podemos observar que a imagem remonta a um pronunciamento formal, uma vez que a personagem se encontra de terno e gravata e parece estar sentada em uma mesa em frente a uma plateia, há, também, um microfone indiciando essa ideia. O enunciado concreto verbal remete à esfera da oralidade, pois é colocado em balão típico de indicação de fala. Todos esses elementos parodiam uma comunicação oficial na qual o Temer deveria estar participando. Apesar de a caixa de diálogo apontar para como se quem pronunciasse o discurso fosse o próprio Temer, há um jogo linguístico amparado num *nonsense*, num absurdo, já que o próprio presidente interino não poderia estar dizendo que “Primeiramente, fora eu!”, como se ele mesmo se rejeitasse. Essa materialização nos leva a refletir que há um outro sujeito ou outras vozes emergindo desse projeto de dizer: as vozes de uma parcela da sociedade que não aceitava o impeachment da presidenta Dilma, tido como um golpe político por muitas pessoas. O momento de um pronunciamento oficial, remetido pelo signo imagético, é carnavalizado pelo enunciado verbal, numa paródia sarcástica, profanadora e ambivalente em que o alto, o oficial, é rebaixado para o não-oficial.

Observemos agora mais um meme criado a partir do processo de ascendência de Michel Temer à presidência após o impeachment (ou melhor, golpe) da presidenta Dilma:

¹²⁸ Lembro-me que à época, alguns Professores da Academia colocaram esse advérbio no início de seu resumo biográfico no currículo da plataforma Lattes como forma de protestar contra a situação política brasileira. Não citarei nomes por uma questão de preservação da identidade.



Figura 80 – Golpe sincronizado

A viralização da ideia “FORA TEMER” foi muito articulada no gênero meme. O meme “Golpe sincronizado” traz o nado sincronizado como tema: uma imagem que remete ao final de uma apresentação dessa modalidade foi alterada num processo de bricolagem trazendo os rostos de Temer e Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados à época e considerado como um dos mais importantes articuladores políticos para a consumação do processo de impeachment e, conseqüentemente, impulsionando a subida do Temer ao cargo maior do poder executivo. Um movimento típico deste esporte, que exige os braços em perfeita sincronia, não foi escolhido aleatoriamente – nenhum discurso é desprovido de ideologia, do horizonte social de seu enunciador. A logomarca das Olimpíadas compõe o enunciado marcando o discurso oficial dos Jogos Olímpicos, que logo após é carnavalizado com a dessacralização proposta pela troca do nome da modalidade esportiva de NADO SINCROINIZADO para GOLPE SINCROINIZADO, e, assim, de forma polifônica, faz emergir a voz de parte da população que acredita ter existido uma conspiração para que um golpe de Estado acontecesse em nosso país. A paródia produzida nesse meme deforma o discurso de origem de forma crítica e irônica. Os números que aparecem no lugar da pontuação também estão carregados de sentidos.

Lembremos que nenhum discurso é neutro, todos os discursos circulantes na sociedade sugerem efeitos de sentidos ideológicos e sócio-históricos, com os quais assumimos uma posição ativa e responsiva na interação verbal, conforme nos orienta o Círculo de Bakhtin. Assumindo, então, essa responsabilidade, entendemos os números como discursos outros que atravessam o enunciado e revelam indícios de posicionamentos:

- Os números 00,0 parecem dizer que a atitude de promover o golpe merece nota zero fazendo uma alusão à esfera escolar, ou seja, é uma atitude reprovável a qual demonstra que seus promotores desconhecem as bases do Estado Democrático de Direito;
- 01,3 é o número correspondente à legenda do Partido dos Trabalhadores (PT), partido que teria sofrido o golpe, uma vez que a presidenta eleita que foi tirada do governo, Dilma Rousseff, é filiada a esse partido. O autor do meme (e aqueles que o replicaram configurando a autoria líquida) reflete e refrata toda a ideologia que acompanha as ideias políticas do PT, ao trazer o número 13.
- O número 66,6 é considerado por muitas pessoas como o número de satanás (666), o que se alinha com uma imagem construída por meio das redes sociais de que Michel Temer pertence à seita que cultua o satanismo. Esta associação aduzida no enunciado nos faz cogitar que esse meme não apenas critica o acontecimento político do impeachment, como o ironiza, sugerindo que tem algo a ver com satanás. A profanação do sagrado, mesmo que subentendida pelos números, carnavaliza o enunciado ao indicar um “sacrilégio” cometido por uma pessoa pública que está no comando do país e que não deveria ter sua imagem vinculada ao que é considerado pela maioria como o “lado do mal”, mesmo sendo o Brasil um Estado laico.

Como a teoria bakhtiniana nos inspira a perceber todo signo como ideológico e considerar todo enunciado como um elo na corrente sociológica discursiva, é de muita relevância os subentendidos que são ativados por intermédio dos discursos outros imprimidos nos enunciados, confirmando a máxima de que todo discurso é dialógico por natureza.

Aproveitando a ideia de que, nessa modalidade olímpica, é preciso que haja uma sincronia perfeita entre os participantes para se obter sucesso, necessitando de muitos treinos, encontros constantes e um alinhamento de ideias e de ações que precisam ser acordadas e treinadas pelos atletas, o meme, então, sugere que o presidente Temer contou não só com o apoio de Eduardo Cunha, para concretizar o afastamento da presidenta Dilma, mas que essa parceria foi minuciosamente arquitetada, numa sintonia forte entre as partes. Todos esses elementos que estão por trás da imagem do nado sincronizado, o

fundo aperceptível, fazem emergir a suposição de que a queda da presidenta foi um ato de conluio entre os políticos interessados nesse acontecimento político. Tudo isso se reafirma na frase que se encontra no canto inferior esquerdo: “GOLPE SINCRONIZADO”, sugerindo que o processo de impeachment e a subida do Temer ao Planalto foi uma armação política (golpe).

A liquidez discursiva é perceptível neste meme que se concretiza no rompimento das fronteiras discursivas, na compreensão espaço-tempo de várias esferas, como a das Olimpíadas, a da religião, a da política e a do nado sincronizado. O enunciado foi produzido com uma dinâmica fluida e se esparramou pelas redes sociais ao ser replicado por vários usuários que coadunavam com o ponto de vista de que o Estado Democrático de Direito estava (está) correndo risco.

Os elos da comunicação verbal dialogam na interação entre os sujeitos e são esses entrelaçamentos na cadeia discursiva que produzem os efeitos de sentido, despertando o humor e a ironia. Ambos demandam dos interlocutores uma atitude discursiva em que o interlocutor precisa reconhecer, num ato ativo e responsivo, que o enunciador, ao elaborar seu discurso, imprimiu a ele um certo valor apreciativo com marcas irônicas, pois, caso contrário, o efeito de sentido pretendido na intenção discursiva não se manifestará. Para tal feito, o sujeito ao concretizar seu discurso busca recursos enunciativos que possam promover o efeito irônico. Brait considera que

(...) a ironia é surpreendida como procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta-referencialização, de estruturação do fragmentário e que, como organização de recursos significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros. Em outras palavras, a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados (1996. p. 15).

É fato considerarmos que os discursos paródicos remontam da antiguidade e têm um importante papel na sociedade até os dias atuais. Apesar de tomar um certo tom depreciativo, as paródias assumem um lugar de destaque nos discursos que tendem para o humor. “O discurso paródico supõe a deformação da palavra do outro e seu rebaixamento, além de introduzir um corretivo de riso e de crítica na seriedade do discurso

elevado” (OLIVEIRA, 2016, p. 88). De acordo com Bakhtin (2010), o discurso paródico tem como característica constitutiva a remissão de um enunciado a outro, por ser um fenômeno bivocal, bilíngue e metalinguístico. A palavra assume um duplo sentido, direcionando-se ora para o objeto do discurso ora para o discurso do outro.

Em relação a estilização paródica, Bakhtin coloca como

[um] tipo de aclaramento recíproco internamente dialógico das linguagens, as intenções do discurso que representa não estão de acordo com as do discurso representado, resistem a elas, representam o mundo real objetivo, não com o auxílio da língua representada, do ponto de vista produtivo, mas por meio de sua destruição desmascaradora (BAKHTIN, 1998, p. 161).

Alguns enunciados são parodiados desvelando um olhar crítico sobre certas estruturas sociais, outros apenas com o intuito de distorcer a visão do enunciado de origem, mas todos, sob a ótica bakhtiniana, convertem-se numa visão cômica do mundo: “para os parodistas, tudo, sem a menor exceção é cômico; o riso é tão universal como a seriedade” (BAKHTIN, 2013, p.73). Esta comicidade também é revelada através da visão carnavalesca, do riso universal da praça pública, da convivência do discurso oficial com o não-oficial. Conforme nos diz Bakhtin (2013), a paródia se constitui como um pedaço de um complexo universo cômico único. “Esse universalismo cômico manifesta-se da maneira mais impressionante e lógica nas formas de ritos e espetáculos carnavalescos e nas paródias com eles relacionadas” (p. 73).

Considerando, portanto, as redes sociais como praças públicas da Modernidade Líquida, a carnavalização é uma característica marcante em muitos memes, que dessacralizam discursos oficiais ao desestabilizarem seus discursos de origem mesclando-os com os não-oficiais. O que era sério na esfera de origem, no meme reflete um tom jocoso e alegre levando ao efeito risível. Numa aproximação com a cultura popular da Idade Média, a linguagem nos memes não se preocupa com os tabus nem com a polidez, revelando-se mais livre de amarras sociais, possibilitando acontecimentos discursivos fluidos que tendem à subversão. A visão carnavalesca do mundo é percebida nos memes quando a ambivalência dos discursos proporciona novas possibilidades de sentido e significação, trazendo à tona novas valorações e liberando a consciência através da reacentuação irônico-paródica. Fato que é característico de uma sociedade que se baseia nos espetáculos para dar vazão a seus sentimentos, mesmo que repletos de crítica e sarcasmos.

Voltemo-nos, pois, para nossas últimas observações nesta materialidade discursiva, a nossa tese sobre os diálogos do cotidiano nas redes sociais na qual elegemos os memes para demonstrar a liquidez discursiva que flui no século XXI.

(IN) CONCLUSÃO:



Figura 81 – Hããããããã?!

Não posso chamar essas últimas palavras de conclusão, pois, senão, estaria indo de encontro com tudo que foi dito aqui e com a Filosofia da Linguagem proposta pelo Círculo. Não há uma conclusão, fechada, acabada: é isso e pronto. É na incompletude que termino meu trabalho, por ora, pois os fios dialógicos que o perpassam e que o perpassarão serão muitos. A responsividade ativa de meus interlocutores também dará seu acabamento, imprimindo seus estilos e acentuações subjetivas. Na construção deste trabalho, a exotopia me levou até o outro e voltei a mim com um excedente de visão em relação aos discursos do cotidiano e aos memes (ainda mais apaixonada, confesso). É na transgrediência do outro que eu me (in)completo.

Não vim aqui para dar respostas completas do que é o meme e como ele se classifica dentro da questão dos gêneros discursivos. Vim até aqui para suscitar perguntas ao olhar para meu *corpus* e fazer algumas inferências. Mesmo porque meu *corpus* se encontra dentro das Ciências Humanas e a metodologia foi a heterocientífica, na qual cognoscente e cognoscível se encontram e se separam num processo dialógico e dialético. O meu cronotopo e o cronotopo do meu leitor se encontram em diferentes horizontes sociais. Como nos ensina Bakhtin, tanto as perguntas quanto as respostas suscitam uma distância recíproca. “Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal” (BAKHTIN, 2006, p. 408).

O que me permito dizer depois desta pesquisa é que os memes, enquanto fenômeno discursivo e, portanto, sócio-histórico e ideológico, de uma modernidade tecnológica e líquida, como a concebemos a partir de Bauman (2001), são produzidos por sujeitos com seus horizontes sociais e suas entonações e são altamente voláteis. Várias

são as formas com os quais se concretizam: verbal, visual, sonora etc. Estudar os memes como exemplos dos diálogos do cotidiano na perspectiva da heterociência me fez acreditar que era possível chegar ao ponto que eu considero crucial para os estudos de discurso após tantas leituras das obras do Círculo: entender como é o funcionamento do gênero nas trocas dialogais cotidianas (e não em sua estrutura) e como os sujeitos, imbuídos de criatividade e singularidade, usam e abusam das possibilidades que os gêneros do cotidiano lhes permitem. Nessa esfera ordinária, os memes ganham vida e até a pessoa mais culta, mais séria é capaz de esboçar um sorriso, afinal, todos temos o direito ao riso, que é libertador. “O perigo é sério, o riso autoriza evitar o perigo. A necessidade é séria, a liberdade ri” (BAKHTIN, 2006, p.397).

Identifiquei que nas redes sociais o cronotopo é desordenado, ou seja, tempo e espaço não caminham de forma linear, com isso, os sujeitos se comunicam nas redes sociais fluidamente, indo e voltando, refletindo e refratando. Temos os memes como exemplo dessa questão, os quais surgem, se espalham, adormecem, e voltam ressignificados, num processo dialógico que reflete a vida.

A Filosofia Marxista da Linguagem sob a ótica do Círculo me permitiu adentrar a pesquisa dos diálogos do cotidiano, com foco nos memes, de forma mais confiante. Admitindo a palavra como viva e considerando os signos como ideologemas que refletem e refratam a (s) ideologia (s), pude caminhar percebendo como a questão ideológica, de uma perspectiva histórico-materialista, é fundante para percebermos os fios ideológicos que atravessam os discursos circulantes na sociedade. Num movimento dialético, as relações intersubjetivas que provêm das práticas discursivas, se movimentam entre a superestrutura e infraestrutura, refletindo e refratando a ideologia, num jogo de forças centrípetas e centrífugas. Segundo Ponzio (2010b, p. 14), a grande revolução bakhtiniana vai da centralização do eu à centralização do outro. Os memes se propõem como discursos que fluem balançando a luta de classes e de grupos, reforçando a ideia da linguagem como arena, a busca da palavra outra, da contrapalavra que contradiz a hegemonia pelo risível.

Sem a dialogicidade, viveríamos num mundo obscuro, impensável. A dialogicidade é a dimensão constitutiva do discurso, do sujeito. São as relações que se estabelecem entre os discursos e entre os interlocutores de uma prática social discursiva que iluminam e dão cor aos projetos de dizer dos sujeitos viventes e conviventes na sociedade. Os fios dialógicos ressoam as ideologias do cotidiano que confirmam e/ou contraditam a ideologia oficial/dominante. Nos memes, essa dialogicidade é gritante, e o

discurso se constrói na hibridação de um emaranhado discursivo, em que os efeitos de sentido se relacionam com os horizontes sociais dos participantes de todo ato comunicativo. Isso acaba por revelar um plurilinguismo acentuado, no qual várias vozes se entrelaçam emergindo um discurso polifônico, na maioria das vezes, com um humor provocante.

A individualidade repleta apenas de si em si nada mais seria do que a ideologia do seu pensamento, ou seja, a ideologia de classe. Mas esta não pode ser absorvida como verdadeira, pois, como dito na citação do item 1.4: a ideologia mente. Em virtude disto é que precisamos pensar na questão ideológica a partir da interação entre os falantes e todo o seu fundo aperceptível. São nas relações sociais que a ideologia se manifesta e se torna inteligível para aqueles que enxergam a experiência objetiva concreta. Lembrando que a nossa consciência, nosso discurso interior só se concretiza pela exterioridade sógnica, pelo material verbal, ou seja, somos perpassados em todos os níveis de nosso ser pela ideologia, seja no campo da ética, da estética ou do conhecimento. Ainda é preciso considerar que temos três tipos macros de ideologia: a ideologia oficial, a dominante e a ideologia do cotidiano. Como vimos, a (ou as) ideologia(s) do cotidiano recheiam nossas falas no dia a dia não só refletindo mas também refratando as ideologias oficial/dominante, o que pode levar a uma ruptura e uma reviravolta na questão de luta de classes (ou grupos) invertendo as palavras de ordem da época. Esta situação foi vivida por nós brasileiros no ano de 2018/2019: já havíamos alcançado um certo grau de respeito às minorias (como às mulheres, aos LGBTQIA+, os negros, entre outros) e, desde as eleições de 2018, vimos borbulhar ideias radicais de preconceito que acabaram por se firmar com o presidente Bolsonaro eleito e essas ideias estão passando a ser palavras de ordem. Fato que leva o Brasil a uma regressão na questão dos Direitos Humanos.

Trabalhei com o conceito de Modernidade Líquida proposto por Bauman, apesar de ser mais aparente em países mais neoliberais e progressistas, onde há um deslocamento maior dos sólidos conceitos tradicionais, talvez pela maior liberdade individual que se desenha nessas sociedades, porém percebo que ele também se faz presente em nosso país. Mesmo com uma marcação mais contundente das classes sociais, devido a maiores problemas econômicos e sociais, podemos perceber a fluidez tanto dos sujeitos singulares quanto de grupos sociais, que transitam espontaneamente em diferentes posições de sujeito no decorrer do dia a dia especialmente nas redes sociais, com o *império da*

internet, podendo criar vários perfis de modo a ganharem diferentes possibilidades discursivas nas líquidas relações que lhes são postas, principalmente na vida virtual.

O que percebemos, nos tempos líquidos-modernos, é que vem se despontando uma nova cultura discursiva que emerge nas velozes e quase incontroláveis redes midiáticas – com destaque para as redes sociais virtuais. O que estamos refletindo aqui é sobre como a grande habilidade que os sujeitos detêm de inovarem em suas práticas discursivas é ativada e impulsionada pelo advento da internet e dos aparatos tecnológicos. Os novos gêneros que estão “bombando” nas redes, como os memes, demonstram como a instabilidade das instituições e a capacidade de adaptação rápida dos sujeitos que passam a transitar em variados espaços sociais – reais ou virtuais –, acentuadas pela nova fase da modernidade, são sentidas também nas práticas discursivas, já que estas começam a se ver recheadas de novas configurações. A autoria também se liquefaz pois os sujeitos podem replicar discursos sem nem imaginar qual é a sua fonte primeira, característica muito comum nos memes.

Sabemos que ainda há uma considerável parcela da população mundial que não tem acesso à internet e nem às tecnologias digitais como um todo. Isso, contudo, não minimiza a revolução tecnológica na qual estamos inseridos e como a internet acaba por dominar muitas das práticas sociais. Somos significados e ressignificados a todo momento pelo contato com as mídias digitais. O *império da internet* reflete e refrata as novas práticas sociais, com atenção para as práticas discursivas, que ganham novas formas arquitetônicas e composicionais no cronotopo desordenado do mundo virtual.

A liquidez discursiva se faz presente na transitoriedade dos discursos num mundo em que o *império da internet* exacerba a produção, recepção e circulação dos discursos, que passam a circular fluidamente pelo cronotopo desordenado da vida verboideológica virtual. O discurso sólido das instituições perde força e surge um discurso mais fluido, que embrenha a sociedade como um todo, e pela força centrífuga é esparramado para diversos níveis sociais, carnavalizando esse discurso nos memes que são rapidamente viralizados. A criatividade, principalmente pautada pela dialogia, faz emergir o riso. Percebemos que cada vez mais os gêneros discursivos são desafiados a um certo grau de mobilidade (maior ou menor a depender do gênero), desestabilizando a (considerada) fixidez de outrora.

Um ponto muito importante que quero deixar bem destacado em meu trabalho é a questão de que na formulação do conceito de gênero em Bakhtin está clara a afirmação

de que eles são “relativamente estáveis”, apesar de terem tema, forma composicional e estilo. Parece-me que muitos estudiosos da própria academia e professores atuantes nas escolas em geral se esquecem deste ponto. Até os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam os gêneros como se fossem manuais, cheios de regras fechadas e intransponíveis. O meme é apenas um dos incontáveis exemplos que esta forma excludente não comporta a materialidade discursiva, o acontecimento sócio-histórico.

Arrisco pensar no meme como um contraventor na nova cultura discursiva, que ri de si mesmo, que sarcasticamente critica não só acontecimentos politicossociais, mas também acontecimentos da vida cotidiana, das relações intersubjetivas no estágio primeiro do contato entre sujeitos, quer seja, nas relações que se estabelecem nas conversas informais e relaxadas do dia a dia. O meme, além de rir de si mesmo, ri da sociedade; como uma forma de crítica, o meme se coloca na contramão da própria crítica, subvertendo-se na ambivalência do discurso oficial e do não-oficial. É esrachado e crítico ao mesmo tempo. Uma outra característica que o define é a sua replicação, a fluidez que o faz se esparramar em vários grupos sociais, até a vivência de um subgrupo ou de dois sujeitos em particular. Por isso, o contexto em que está inserido é tão importante, as pessoas que não entendem um meme é porque não estão inseridos no contexto. Fora do contexto discursivo, um discurso pode deixar de indiciar o projeto de dizer do enunciador e cada coenunciador vai interpretá-lo a partir de suas vivências, de sua historicidade e de seu posicionamento ideológico. Deixo um para meus leitores sem a análise para demonstrar esta visão, certa de que, cada um de vocês, vai imaginar um contexto e atribuir sentido ao meme:



Figura 82 – Empoderada

A criatividade, fundante nos memes, se inclui no âmbito da apreciação como efeito de mudança, como sugerem Bakhtin/Volochínov (2012, p. 140): “A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma *reavaliação*: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro”. Os deslocamentos de sentido provêm do tom apreciativo. Não é possível divorciar a significação da apreciação, pois cairemos no abstrato da língua, naquele que seria o *ser ideal* e não na materialidade histórica, na qual o discurso efetivamente produz seus efeitos de sentido.

Através dos memes, a carnavalização vai às ruas, invertendo valores, dessacralizando os discursos oficiais e nos permitindo rir. Rir de nós mesmos, rir das condições sociopolíticas, rir do outro. O riso é ambivalente, nos renova: desde o sorriso mais ingênuo ao riso escrachado, debochado. Carnavalizar é trazer o riso, ressuscitar, renovar; ao rirmos somos levados para dentro do mundo em ebulição. Os memes carnavalizam não medindo a linguagem, polindo-a, ao contrário, eles são ambivalentes, invertendo o alto e o baixo, o oficial e o não-oficial, burlando a linguagem, brincando com os significantes e produzindo sentidos ressignificadores. Ajudam-nos a levar na brincadeira coisas sérias, permitindo que transitemos no ambiente social de maneira mais relaxada. Quando algo acontece na sociedade como um todo, mas principalmente no âmbito político e que não concordamos com aquela situação e ficamos inseguros quanto ao futuro, começamos a receber memes ironizando aquele acontecimento e começamos a rir, mesmo que um riso calado, interiorizado. Este riso nos ajuda a passar pelos obstáculos. Não que nos tire a criticidade, a argumentatividade e a preocupação com o presente-futuro, mas traz um pouco de leveza para suportarmos as agonias do dia a dia.

Assim como Bakhtin coloca que o riso e a visão carnavalesca do mundo estão na base do grotesco, acredito que também estão na base dos memes ao dismantelar o lado sério e aquilo que se pretende significar de forma incondicional e intemporal. A consciência é liberada, da mesma forma que o pensamento e a imaginação humana, e permitem que novas possibilidades sejam formuladas (2013, p. 43). O meme possui um tom de irreverência que desestabiliza seus significados *a priori*, permitindo a ressignificação pelos sujeitos, levando sempre em conta a posição sócio-histórica e ideológica na qual se encontram.

A autoria líquida dos memes permite que eles sejam replicados inúmeras vezes e, a cada replicação, o autor (sujeito que assume o meme naquele momento histórico) o toma para si como seu projeto de dizer, fazendo com que as partes repetíveis, ou seja, as

partes da significação, reflitam e refratem um novo tema, um discurso outro. Portanto um mesmo meme é replicado por sujeitos diferentes e cada vez que o discurso acontece, em seu momento histórico, ele é assumido por um sujeito que se propõe como seu autor, constituindo a autoria líquida. A maioria absoluta dos memes não nos permite chegar em quem foi o seu autor primeiro, o adão mítico. Porém há uma parcela em que temos uma assinatura no próprio meme, mesmo assim, ele é replicado por inúmeras pessoas que não se preocupam com essa “fonte”.

Para finalizar nossa conversa, volto à questão de que existe uma acreditação de que as redes sociais “assassinam” a Língua Portuguesa que as pessoas vão desaprender a escrever (ou até mesmo *não aprender*). Embora isto seja um ponto muito interessante de estudo, o que propus discutir neste trabalho não passa pela questão de questionar até que ponto o “internetês”, como tem sido chamada esta nova linguagem usada na internet, provoca ou não uma “desestabilização” da língua; o que pretendi aqui foi mostrar que uma nova cultura discursiva está surgindo e, com ela, uma nova postura frente às atividades discursivas. Num breve olhar, podemos citar os adolescentes que antes restringiam a atividade de escrever praticamente à esfera escolar (poucos tinham o costume de escrever com outras finalidades que não fosse “para a escola”) e hoje, eles estão o tempo quase todo *plugados* em seus *smartphones* e escrevendo freneticamente, a seus modos, a fim de fazerem parte da sociedade virtual que se edifica cada vez mais na modernidade líquida.

Sempre é preciso lembrar que a língua é móvel, viva e que ela se desenvolve conjuntamente com a vida social. As redes sociais são um exemplo concreto disso: o uso diário e constante das redes leva a um desenvolvimento da linguagem de modo a se adaptar a essa nova realidade. É preciso que tenhamos em mente que as obras do Círculo são de uma época em que não se tinha muitas formas de interação cotidiana que permitiam as trocas dialogais que não fossem o contato frente a frente. Tanto é que os exemplos dados por eles (os salões, as conversas familiares, encontros e conversas de rua, as conversas numa mesa social, entre outros) sempre se referem a pessoas que estão na presença física umas das outras, sendo os gestos, as expressões faciais, a entonação da voz, o auditório real fatores extraverbais que incidem diretamente e constitutivamente nos enunciados. Como estes fatores da oralidade então são transpostos para os discursos cotidianos escritos numa era em que a maioria dos textos se encontram na esfera digital? Reflitamos!

Não são as tecnologias que determinam as mudanças em nossas vidas, mas sim o uso que fazemos dela (BARTON e LEE, 2015, p. 13), e o uso constante das redes sociais dá vida ao plurilinguismo criando uma nova vida verboideológica com suas características peculiares no que tange a língua/linguagem. Toda língua nacional possui uma estratificação interna em cada momento histórico de sua existência na qual ela se desdobra em “dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas” (BAKHTIN, 1988, p. 74). É de admirar como uma geração nascida no século XXI e sob a égide da internet disponível nos aparelhos celulares, que os acompanha em todos os lugares, exerce uma forte influência na língua capaz de alterar os modos de falar/ouvir de outras gerações anteriores a elas (qual usuário de WhatsApp nunca reagiu a um meme? Mesmo que seja com um sorriso?!). As réplicas dialogais do cotidiano nas redes se multifacetam em novas formas linguísticas e em novos gêneros (muitos ainda em formação, como os memes e muitos ainda a se formarem), criando enunciados carregados de entonações que procuram imitar as réplicas orais.

A partir dessa reflexão, terminamos nosso trabalho dizendo que estamos imersos no *império da internet*, em que a liquidez discursiva se faz presente de forma muito expressiva criando discursos plurivocais e híbridos que se esparramam rapidamente pelas redes sociais. Neste cenário líquido-moderno, temos os memes como um exemplo de uma contrapalavra que surge na intenção de romper com as forças centrípetas e, num movimento centrífugo, esparrama o sarcasmo na tentativa de rir disso tudo que está aí, porque é um dos únicos momentos em que nos tornamos superiores às autoridades e aos discursos que nos oprimem, nos inferiorizam. Esse nos parece ser um papel ideológico fundamental dos memes, dentro da ideologia do cotidiano, em sua relação dialógica com as ideologias oficiais/dominantes. Os memes são signos ideológicos, claro. E são respostas críticas, jocosas, irônicas, sarcásticas e inteligentes às ordens discursivas dos tempos que vivemos, tempos nada tranquilos, diga-se de passagem.

Para (in)concluir...

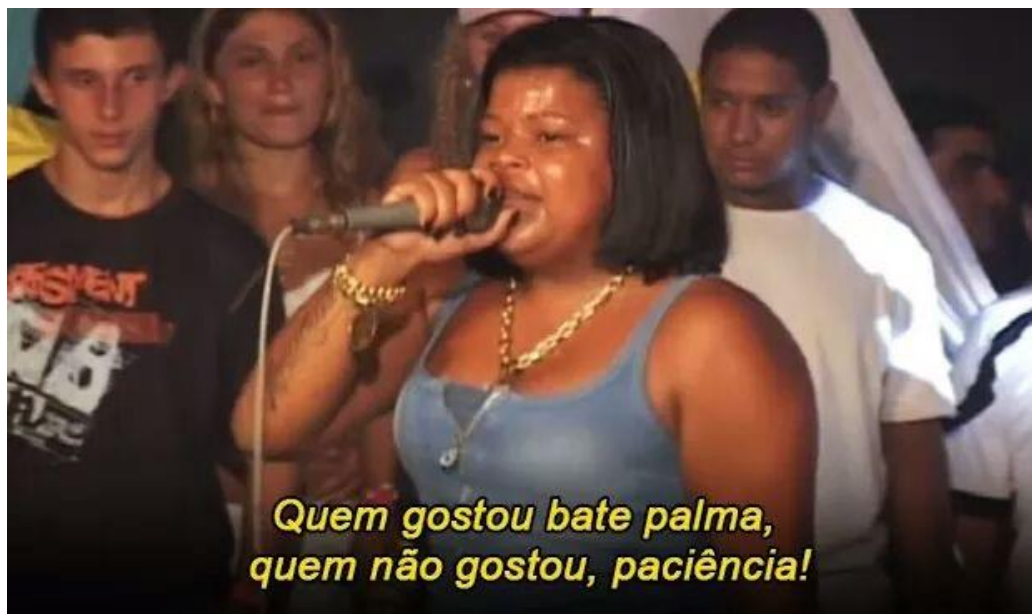


Figura 83 – Tati Quebra Barraco em: Bate palma?

Referências

- ADORNO, T. **Crítica cultural e sociedade**. In: ADORNO, T. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2015.
- ALTHUSSER, L. **Posições** – 1. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**. São Paulo: Parábola, 2016.
- BAGNO, M. Sobre peixes e linguagem. In: ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Marxismo e filosofia de linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- _____. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácios, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015
- _____. **O freudismo: um esboço crítico**. Tradução Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017a.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017b.
- BARONAS, R. **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- BARRETO, K. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. 149f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora/MG, 2015.
- BARROS, A. **A compreensão dos memes através dos comentários no Facebook**. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2016.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: _____ **O Rumor da Língua**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- _____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- _____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.
- _____. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.
- BEZERRA, P. Uma obra à prova do tempo (prefácio). In: _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999
- BRAIT, B.; **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. (Org). **Bakhtin: Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009
- _____. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 15-30.
- _____. CAMPOS, M. **Da Rússia czarista à web**. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 15-30.
- BRANDIST, C. A emergência da sociolinguística soviética das cinzas da psicologia do povo. In: ZANDWAIS, A (org.). **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2012a.
- _____. **Repensando o Círculo de Bakhtin**. Ed. Contexto, São Paulo, 2012b.
- _____. “Palavra Viva”, “ísegoria” e a política da deliberação na Rússia revolucionária. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 11, n. 16, . p. 15-22, UFRGS, 2016.
- BUBNOVA, T. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 10, p. 9-18. UFRGS, 2013.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010
- CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010.
- CHAGAS, E. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, ago. 2013.
- CHAGAS, V; *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n.47, p. 173-196, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- CHAUÍ. M. **O que é ideologia**. 8ª ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- CUNHA, D. de A. C. da. “Sobre a fala dialogal”: convergências e divergências entre Jakubinskij, Bakhtin e Volochinov. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 10, p. 23-30. UFRGS, 2013.
- COSTA, L. R. **A questão da ideologia para o Círculo de Bakhtin: e os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência Hoje**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Runino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DEBORD, G.; **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 1997.
- FARACO, C. A. **O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal**. In: Brait, B. Bakhtin: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERRAZ, D. Religiões, homossexualidades e as redes sociais: os discursos que circulam. In: TOMAZI, M.; ROCHA, L. H.; POMPEU, J.(org.). Estudos discursivos em diferentes perspectivas: mídia, sociedade e direito. São Paulo: Terracota, 2016.
- FIAD, R.; VIDON, L.N. (Orgs.). **Em(n)torno de Bakhtin**: questões e análises. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- FIGUEIRA, L. F. **O althusserianismo em linguística**: a teoria do discurso de Michel Pêcheux. 2012. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2004..
- FURTADO, R. **Uma análise do discurso publicitário em tempos de espetáculo**: cenografias e Ethos do Itaú na campanha #issomudaomundo. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/Es, 2015.
- _____. A liquidez discursiva do século XXI: os memes e seu caráter carnavalizante. **Revista Verbum**. São Paulo, v. 7, nº 1: 135-154, maio/2018.
- _____. Paródia e carnavalização em memes “Fora Temer”: analisando a Liquidez Discursiva do século XXI. In: X Congresso Internacional da ABRALIN UFF 2017, Niterói. Anais eletrônicos..., parte 2. Disponível em <<http://www.anaisabralin.uff.br/index.php/revista/issue/archive>> acesso em 03/2018.
- GARDINER, M. O carnaval de Bakhtin: a utopia como crítica. In: RIBEIRO, A.P.; SACRAMENTO, I. (Orgs.). **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L de.; STAFUZZA, G (Orgs). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- _____. **Heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In: GEGe – UFSCar. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- _____. O mundo não nos é dado, mas construído. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HORTA, N. B., **A concepção cômica do mundo a partir da linguagem dos memes da internet**. In: III Colóquio Semiótica das mídias, 2014, Alagoas. Anais eletrônicos. Alagoas: Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, 2014. Disponível em <

http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm3/CSM3_NataliaBotelhoHorta.pdf>
acesso em 20/03/2017.

JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal**. São Paulo: Parábola, 2015.

JENKINS, H.. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2008.

KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de "internetês" nos estudos da linguagem. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009.

LaCAPRA, D. Bakhtin, o marxismo e o carnavalesco. In: RIBEIRO, Ana Paula G.; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LENZ, C. A crítica ao subjetivismo idealista em "Marxismo e filosofia da linguagem". **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 10, p. 183-194. UFRGS, 2013.

LEAL-TOLEDO, G. Em busca de uma fundamentação para a memética. **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n.1, p. 187-210, jan./abr. 2013.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro 1, vol.1. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Prefácio Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1996.

MARX, K. E ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Ed. Martins Claret, 2010.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2016.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: Brait, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MIOTELLO, V., MOURA, M. (Org.). **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

NALON, C. Bakhtin é pano de fundo para a crítica ao modelo neoliberal de educação. **Revista A3**. Juiz de Fora, v. 1, nov., 2013.

NÓRA, G.; A convergência e os impressos: possibilidades contra-hegemônicas. **Revista Alterjor**. São Paulo, v. 2, n. 4, jul./dez. de 2011.

OLIVEIRA, G. **A Construção do discurso paródico na pornochanchada: uma cosmovisão carnavalesca**. 267f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2016.

ORLANDI, E. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi: Entrevista. In TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006. Entrevista Concedida à Raquel Goulart Barreto.

PAULA, L de.; STAFUZZA, G (Orgs). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

PAULA, L. de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, p. 239-257, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni. P. Orlandi et al. – 3ª ed.. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Trad. brasileira de Maria do Rosário Gregolin. Campinas: Unicamp/Mimeo, 2000.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni. P. Orlandi – 7ª Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PINTO, D. Introdução. In: BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

PONZIO, A. O pensamento dialógico de Bakhtin e do seu Círculo como inclassificável. In: **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

_____. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2010.

_____. **A revolução Bakhtiniana**. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**. Volume 3. São Paulo: Cortez, 2009.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo, Editora Parábola, 2003.

RECUERO, R. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: Dulcília Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. 1ed.Sao Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274.

_____; Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista da Famecos**, vol. 1, No 38, 2009.

_____; Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**, XXVIII(68):114-124, maio-agosto 2014

_____; Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender?. São Paulo: Parábola, 2016.

RIBEIRO, A. P.; SACRAMENTO, I. (Orgs.) **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SCHAEFER, S. Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. **Bakhtiniana**, São Paulo, V. 6 (1): 194-209, Ago./Dez. 2011.

SCHIFFLER, M. Sobre Bakhtin, quilombos e a cultura popular. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 76-95. Dez. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732017000300076&lng=en&nrm=iso > acessado em 18 julho de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457332347>.

SEMERATO, G. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v26n70/a06v2670.pdf>> acessado em 21/07/2019.

- SERIoT, P. **Língua poder e corpo**. In: ZANDWAIS, A (org.). **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2012
- SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. Editora Unisinos: São Leopoldo/RS, 2002.
- SODRÉ, M. **As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012
- VIDON, L. N.; ZANDWAIS, A. (Orgs.) **A pesquisa sob o enfoque dos estudos do Círculo de Bakhtin**. [No Prelo].
- VIDON, L. N. Um tal Bakhtin. In: Fiad, R.; Vidon, L.N. (Orgs.). **Em(n)torno de Bakhtin: questões e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. O pecado da retórica. In: **Revista Contextos Linguísticos**, nº 3, Vitória, 2009.
- VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. [CÍRCULO DE BAKHTIN]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo].
- ZANDWAIS, A. Subjetividade, sentido e linguagem: desconstruindo o mito da homogeneidade da língua. In: _____(Org). **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo Fundo, RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2012.
- ZANDWAIS, A. Contribuições de teorias de vertente marxista para os estudos da linguagem. **Revista Conexão Letras**, v. 8, n. 10. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2013.
- _____. O sistema da língua, o diálogo e o discurso. **Revista Conexão Letras**, v. 11, n. 16. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2016.